UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

KARLENE ROBERTO BRAGA DE MEDEIROS

DESCORTINANDO BASTIDORES:
o olhar dos usuários internos dos museus paraibanos

João Pessoa
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

KARLENE ROBERTO BRAGA DE MEDEIROS

DESCORTINANDO BASTIDORES:
o olhar dos usuários internos dos museus paraibanos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. José Mauro Matheus Loureiro

João Pessoa
2013

KARLENE ROBERTO BRAGA DE MEDEIROS

DESCORTINANDO BASTIDORES:
o olhar dos usuários internos dos museus paraibanos

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Bernardina Maria Juvenal de Oliveira Freire (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

_____
Prof. Dr. José Mauro Matheus Loureiro (Coorientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

_____
Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto (Membro Interno)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

_____
Profª. Dr.ª Maria Lúcia de Niemeyer Matheus Loureiro (Membro Externo)
Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST

_____
Profª Dr.ª Francisca Arruda Ramalho (Suplente Interno)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

_____
Prof. Dr. Marcos Galindo Lima (Suplente Externo)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Aos meus pilares, sempre presentes diante das turbulências: Jesus e Nossa Senhora de Fátima, minha família, amigos e professores.

Foi nos bailes da vida, ou num bar em troca de pão
Que muita gente boa pôs o pé na profissão
De tocar um instrumento e de cantar
Não importando se quem pagou quis ouvir,
Foi assim...
Cantar era buscar o caminho que vai dar no sol
Tenho comigo as lembranças do que eu era
Para cantar nada era longe, tudo tão bom
'Té a estrada de terra na boléia de caminhão,
Era assim...
Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão
Todo artista tem de ir aonde o povo está
Se foi assim, assim será
Cantando me disfarço e não me canso de viver nem de cantar

(Bailes da Vida, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant)

AGRADECIMENTOS

A Jesus e a Nossa Senhora de Fátima, sempre presentes espiritualmente, sinalizando os caminhos que eu devia seguir, me cobrindo com seus mantos, confortando-me diante das angústias e, assim, impedindo-me de desistir dos meus objetivos. Por mais tortuosos e de difícil entendimento que os percursos tenham sido até aqui, algo me tranquilizava: meus Anjos de Luz agiam para além da minha compreensão, conduzindo-me por trilhas iluminadas. Por isso, confiava que, apesar de algumas vezes parecer improvável, o êxito seria alcançado.

Às minhas famílias. Tenho duas: uma consanguínea e outra adquirida. A primeira participa do ambiente doméstico, me conhece mais intensamente, ao ponto de relevar defeitos cotidianos. A eles, tão companheiros, desculpo-me por tantas ausências. Em especial à minha filha, Larissa, que apesar de tão jovem teve maturidade para aceitar meus impedimentos e aprendeu a brincar sozinha, mesmo nutrindo esperanças e formulando novos convites para brincadeiras, sempre seguidos de um "Já sei... você não tem tempo, não é, mamãe?". Certamente estes, e outros, eram momentos difíceis e, para aliviá-los, continuo meus agradecimentos ao

restante dos familiares. Assim, agradeço a todos que me ‘substituíram’ no papel de mãe/babá/motorista/médica/recreadora/nutricionista/cabeleireira: Humberto, Brenda, Ozana, Tia Ivete, Tio Chico, Geórgia, Jonathas e Edineide, Kalyane e Marcelo, Jullyano e Amanda, Márcia Félix e meus pais. A Humberto, especialmente, por ter sido além de marido, também crítico, parceiro, pai, amigo, namorado... enfim, meu grande companheiro!

À minha família ‘adquirida’, pessoas tão queridas que me deram a honra de compartilhar momentos de suas vidas e que tanto me auxiliaram na construção deste trabalho, com palavras de carinho e força e com significativas observações profissionais. Nesta família estão meus amigos Derek, Yurika, Renan, Rosane, Janete e Davi, Brenda Andrade, Sr. Paulo, João Francisco, Antonio Lima, Bertrand, Thaís Catoira, Ana Córdula...

Aos meus ‘Amigos do Mundo Intelectual (AMIs)’: Alini, Adriana, Claudialyne, Danielle, Fellipe, Ivandro, Jorge, Josivan, Vânia, Thaís e, especialmente, Aline (por sua alegria permanente diante das dificuldades), Glícia (pelo carinho, escuta, conselhos, torcida e companheirismo de ‘irmã’), Sandra (por sua amizade, incentivo, partilha de um sonho e otimismo) e Tatiana (pelo conforto fundamentado na fé em Deus). O mestrado me deu vários ‘presentes’ e, certamente, um deles foi a amizade de pessoas tão especiais. Neste período tive a oportunidade de estar cercada por amigos que respeitavam as diferenças dos colegas, mas que sempre pensavam no conjunto. Enfrentamos diversos desafios, mas no instante em que resolvemos nos ajudar e transformar os obstáculos individualizados em problemas coletivos tornamo-nos fortes. Assistir as aulas era sempre um imenso prazer, pois havia algo além da teoria, percebíamos nos sorrisos dos AMIs que não estávamos sós e que teríamos suporte emocional para discutir problemas domésticos ou profissionais. Nossos encontros eram sempre regados por muitos sorrisos e, da parte que me cabia, por orações a Nossa Senhora de Fátima, principalmente nos momentos críticos. Tive a certeza que estava diante de pessoas especiais ao receber, de um dos AMIs, uma mensagem que dizia: *"Pude observar que Deus nos prepara e coloca em lugares e situações que nós nem podemos imaginar. Ainda não sei o porquê de termos nos encontrado, mas sei que vocês fazem parte de uma ótima fase em minha vida! E representam muito para mim. Para mim amigos não se substituem, mas se agregam! Fiquei muito feliz em saber que posso contar com vocês e quero que vocês saibam que podem contar comigo também. Não sei se consegui dizer tudo que há em meu coração nesta noite, mas espero que vocês tenham entendido que AMO MUITO VOCÊS!"* Por isto, por tanto carinho, compartilhamento, torcida e companheirismo, sei que esta turma foi especial. Conheci várias turmas, mas em nenhuma havia tanta vibração com a vitória do colega e tanta preocupação em ajudá-lo a superar obstáculos. Assim, sou grata a Deus por ter

me encaminhado para junto destas pessoas. Espero que consigamos contrariar Vinícius de Moraes: “ Faremos promessas de nos encontrar mais vezes daquele dia em diante. Por fim, cada um vai para o seu lado para continuar a viver a sua vidinha isolada do passado... E nos perderemos no tempo.”

Aos meus professores. No Curso de Artes Visuais, agradeço especialmente a Silvino Espínola pelo incentivo ao mergulho no mundo da Arte, a Gabriel Bechara, profundo conhecedor da Arte e dos museus brasileiros e internacionais e à Marta Penner, referência em Arte Contemporânea, por tanto me incentivar a buscar caminhos de mais estudos sobre os museus, sempre acreditando no meu êxito. No PPGCI, agradeço a atenção de todos os professores que ministraram disciplinas: Prof.ª Bernardina Freire, Prof. Carlos Xavier, Prof. Edvaldo Carvalho, Prof.ª Elizabeth Baltar, Prof.ª Francisca Ramalho e Prof. Gustavo Freire. Neste programa, ainda agradeço à Prof.ª. Joana Coeli que, apesar de não ter sido minha professora, esteve presente com palavras amigas e incentivadoras. E, especialmente, ao Prof. Xavier por ter descoberto, segundo a teoria de seu filho, todo carinho que tem por mim. Retribuo o afeto, pois tenho enorme apreço pelo senhor. Assim, proponho a mudança da sigla TSAP para TCAP. À Prof.ª Francisca por tantos ‘socorros’ atendidos em encontros onde suas palavras abrandavam meu coração, encaminhando meus pensamentos. À Prof.ª Beth pela certeza do sorriso na disciplina dos ‘pró-ativos’.

Aos professores da Banca Examinadora, pelo aceite, disponibilidade e contribuição.

Aos funcionários do PPGCI, Antonio, Elton Bruno e Franklin Kobayashi por tanto esmero, simpatia e presteza para com minha pessoa. Sentirei saudades de vocês!

Ao GECIMP, por aumentar meu encanto com o estudo da memória e, consequentemente, dos museus.

Aos meus ‘pais intelectuais’ (termo usado nos bastidores do PPGCI para definir os orientadores). À Berna, por ser tão amiga, por ter permitido a manutenção do projeto inicial com o tema que eu desejava trabalhar, por direcionar minhas buscas, florear minha escrita e exigir sempre mais. O tempo de convívio com você foi riquíssimo! Observei muito seu diálogo com os alunos, sua postura firme, mas simpática e disponível com eles. Mesmo com a agenda cheia de compromissos, arranjava tempo para escutá-los com um sorriso no rosto, iluminando não só sua face, como também as das pessoas que ficavam ao seu redor. Você é uma pessoa ‘florida’ a quem admiro muito! Serei eternamente grata pela sua dedicação e carinho comigo, pois você me orientou para além do projeto. A José Mauro, por aceitar

participar do projeto já em andamento, contribuindo com o envio de textos, requintes na minha escrita, correções linha a linha e controlando meus ‘pitacos’. Tudo isto feito de forma delicada, tratando com muito carinho e, acima de tudo, irreverência. Sou feliz por ter tido a chance de trabalhar com o senhor, uma pessoa que eu já admirava por seu trabalho acadêmico, antes de conhecê-lo pessoalmente. Muito obrigada!

Aos membros internos da REM/PB, pela defesa dos museus paraibanos e por acreditarem na minha pesquisa. Agradeço à Coordenação (Sandra Valéria e Fabiana Almeida) e ao Conselho (Átila Tolentino e Penha Teixeira), pela permissão da pesquisa e torcida quanto aos resultados e, especialmente, aos membros que se dispuseram a participar deste trabalho, confiando no êxito do mesmo e na esperança de que, a partir dele, possa haver alguma reflexão em suas instituições. Sem a participação de vocês, este trabalho não seria possível, por isso, mantenho o compromisso de apresentar os resultados desta pesquisa em posterior encontro da Rede.

A todos que me incentivaram e que não caberão nestas linhas seus nomes e meus agradecimentos. Foram muitas pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, na construção deste trabalho. Pessoas com as quais convivi, dialoguei e compartilhei ideias. Pessoas que encontrei no ambiente universitário, nos corredores dos museus, nas esquinas de casa... Pessoas que encontrei ‘nos bailes da vida’. Foi assim...

Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez o homem seja o único ser capaz de um esforço desse tipo." (BERGSON, 1999, p. 90)

RESUMO

Intitulada "**DESCORTINANDO BASTIDORES: O OLHAR DOS USUÁRIOS INTERNOS DOS MUSEUS PARAIBANOS",** esta dissertação foi pensada a partir de questionamentos sobre os funcionários dos museus paraibanos, através das reuniões mensais da Rede de Educadores em Museus na Paraíba – REM/PB, da qual somos membros. Tais inquietações provocaram reflexões acerca da concepção que os mesmos formulavam quanto ao seu local de trabalho e se existiriam acesso e influência de conceitos formais dominantes. Este ponto guiou a elaboração do nosso objetivo que é analisar a concepção de museu sob a ótica dos 'usuários internos' dessas instituições-memórias no Estado da Paraíba, especificamente os membros ativos da REM/PB. Aceitando a definição de Costa *et. al* (2009), sobre usuário, e Nuñez de Paula (2000), acerca de 'usuário interno', passamos a denominar 'usuários internos' os sujeitos, vinculados hierarquicamente à instituição na qual trabalham, que necessitando da informação utilizam-na. Assim, consideramos como 'usuários internos' dos museus os sujeitos que usam a informação em seu labor nestas instituições. Utilizamos nesta pesquisa documental, exploratória e propositiva o questionário autopreenchido como método de coleta de dados. Este foi aplicado após ajustes efetuados a partir do pré-teste junto aos membros ativos da REM/PB, frequentadores de no mínimo três reuniões anuais, via *internet* (forma mais comum de comunicação entre os membros da REM/PB) e também de forma presencial. Com abordagem quanti-qualitativa, os dados foram ponderados a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN; FRANCO). Para tanto, foram estabelecidas categorias e inseridas nos capítulos referentes ao seu respectivo tema. Deste modo, entendemos que o 'usuário interno' percebe a REM/PB como espaço político, informativo, cultural, simbólico e cultural. Este usuário se considera colaborador e parte integrante do museu como também seu representante, percebendo-se de forma multifuncional e, apesar de apontar diversos problemas encontrados nos museus, demonstra-se satisfeito com o seu labor. Neste sentido, os 'usuários internos' concebem o museu como espaço dinâmico, fruto das (re)construções e (re)significações dos usuários ('internos' e 'externos') para preservação da identidade e cultura de um povo a partir de práticas informacionais e educativas.

Palavras-chave: Usuários da Informação. Estudo de Usuários. Usuário interno. Museu. Rede de Educadores em Museus na Paraíba.

ABSTRACT

Named "**LETTING DOWN THE BACKSTAGE: THE LOOK OF THE 'PARAIBANOS' MUSEUMS'S INTERNAL USERS**", this dissertation was thought from the Museum staff concerns, through monthly meetings of the Network of Educators in museums in Paraíba – REM/PB, of which we are members. Such concerns led to reflections about the design they formulated of their workplace and if there was access and influence of formal and dominant concepts. This guided the elaboration of our goal which is to analyze the design of the museum from the perspective of the 'internal users' of these memory-institutions in the state of Paraiba, specifically the active members of REM/PB. Accepting the definition of Costa *et. al* (2009) about user, and the one of Nuñez de Paula (2000) about 'internal user', we then call 'internal users' the subjects hierarchically linked to the institution in which they work that, in need of information, use it. Thus, we consider as 'internal users' of museums the subjects who use the information in their work in these institutions. On this documentary, exploratory and purposeful research, we used an auto-questionnaire as data collection method. It was applied after adjustments from the pre-test with the active members of REM/PB, regulars at least three annual meetings, over the internet (the most common form of communication between the members of REM/PB) and also in attendance. With quantitative and qualitative approach, the data were weighted based on 'content analysis' (BARDIN; FRANCO). For this, categories were established and inserted in the chapters related to their respective theme. By this way, we believe that the 'internal user' notice the REM/PB as a political, informative, cultural, symbolic and cultural space. This user considers himself a collaborator, an integral part of the museum and also its representative, perceiving himself as multifunctional and, despite pointing several problems found in museums, demonstrates satisfaction with his work. By this sense, the 'internal users' conceive the museum as a dynamical space, the result of the (re) construction and (re) meanings of users ('internal' and 'external') to preserve the identity and culture of a people from informational and educational practices.

Keywords: Information users. Users´ study. Internal user. Museum. Network of Educators in Paraíba´s museums.

Sumário

1 INTRODUÇÃO 20
1.1 OBJETIVOS 30
1.1.1 Objetivo geral 30
1.1.2 Objetivos específicos 30
1.2 ALINHANDO OS (DES)CAMINHOS 31
1.2.1 Descrição da pesquisa e delimitação do campo 31
1.2.2 Escolhendo os atores 33
1.2.3 Coleta de dados 35
1.2.3.1 *Pré-teste* 38
1.2.4 Análise dos dados 39
1.2.5 Análise de conteúdo 40
1.2.5.1 *Organização da análise* 40
1.2.6 Estrutura da dissertação 43
2 TRANSITANDO POR ENTRE OS BASTIDORES DOS MUSEUS 45
2.1 MUSEUS 48
2.2 SURGIMENTO DOS PRIMEIROS MUSEUS NO BRASIL 50
2.3 MUSEUS NA PARAÍBA 54
2.4 OS 'PINTORES' ESBOÇAM OS CONTORNOS DOS MUSEUS PARAIBANOS 69
2.4.1 Categoria: Missão dos Museus 69
2.4.2 Categoria: Função dos Museus 71
2.4.3 Categoria: Sustentabilidade 72
2.4.3.1 *Subcategoria: Financiamentos* 72
2.4.3.2 *Subcategoria: Parcerias* 73
2.4.4 Categoria: Conhecimento Sobre o Acervo 74
2.4.5 Categoria: Relação Museu - Sociedade 75
2.4.6 Categoria: Problemas Percebidos nos Museus em que Atuam 77
2.4.7 Categoria: Sugestões para Melhoria dos Museus em que Atuam 78
2.4.8 Categoria: Setores do Museu 79
2.4.9 Categoria: 'Usuário Interno' 80
2.4.9.1 *Subcategoria: Capacitação Profissional* 80
2.4.9.2 *Subcategoria: Participação na REM/PB* 82
2.4.9.3 *Subcategoria: Poder Participativo no Âmbito dos Museus* 83
2.4.9.4 *Subcategoria: Satisfação com o Museu* 84
2.4.9.5 *Subcategoria: Se o Museu Fosse Seu...* 86

3 REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS 88
3.1 REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS NA PARAÍBA – REM/PB 93
3.1.1 Vozes de participantes da REM/PB: diálogos que se cruzam 117
3.1.1.1 *Categoria: Espaço político* 118
3.1.1.2 *Categoria: Espaço informacional* 125
3.1.1.3 *Categoria: Espaço cultural* 128
3.1.1.4 *Categoria: Espaço simbólico* 129
3.1.1.5 *Categoria: Espaço de memória* 131
4 USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO 136
4.1 ESTUDOS DE USUÁRIO E MUSEUS 145
4.2 'USUÁRIOS INTERNOS' DOS MUSEUS BRASILEIROS 151
4.3 ABRINDO AS CORTINAS: PERCEPÇÕES QUE REVELAM OS 'USUÁRIOS INTERNOS' DOS MUSEUS PARAIBANOS 153
4.3.1 Categoria: Caracterização dos Respondentes 154
4.3.2 Categoria: Concepção de museu sob a ótica dos 'usuários internos' 167
4.3.2.1 *Subcategoria: Conceitos formalizados* 167
4.3.2.2 *Subcategoria: Conceitos informais* 171
4.3.2.3 *Subcategoria: Finalidade do Museu* 173
4.3.2.4 *Subcategoria: Informações museais* 175
4.3.2.5 *Subcategoria: Museu e Comunidade* 177
4.3.2.6 *Subcategoria: 'Usuário interno' do museu* 178
4.3.2.6.1 Como representante dos museus 179
4.3.2.6.2 Como colaborador 179
4.3.2.6.3 Como parte integrante dos museus 180
4.3.2.6.4 Como um profissional 181
4.3.2.6.5 Como usuário da informação 181
4.3.2.7 *Subcategoria: O que é museu?* 183
4.3.2.7.1 Espaço de memórias 184
4.3.2.7.2 Espaço de cultura 185
4.3.2.7.3 Espaço de informação 185
4.3.2.7.4 Espaço educativo 186
5 RETICÊNCIAS 189
6 APÊNDICE 195
Apêndice A. Tabela demonstrativa das Redes de Educadores em Museus no Brasil. A apresentação foi efetuada conforme disponível na página *online* de cada uma das redes estaduais. 195
Apêndice B. Questionário utilizado 198
7 ANEXOS 207

Anexo A. Cadastro utilizado pela Coordenação da REM/PB para inscrição dos membros. . 207

Anexo B. Carta de princípios adotada pela REM/PB. Elaborada no II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais –ENREM, realizado no Rio de Janeiro no período de 02 a 04 de dezembro de 2009 210

Anexo C. Apresentação das demandas discutidas em encontro ordinário como sugestão de oficinas para o programa de formação e capacitação em Museologia a serem realizadas no ano seguinte (2010), no estado da Paraíba. Também apresenta a lista das pessoas consideradas membros da rede..... 215

Anexo D. Convocação dos membros para seleção de painéis para as atividades da rede durante a 9ª Semana Nacional de Museus 219

Anexo E. Circular acerca da eleição para coordenação e conselho da REM/PB realizada em outubro de 2011. Estabelece os membros aptos à votação. 221

Anexo F. Frequência de encontro da REM/PB. (07/10/2011) 223

Anexo G: Pré-minuta do Decreto de Criação do Sistema Estadual de Museus da Paraíba, proposta pela REM/PB e ajustada com os participantes do Projeto Conexões IBRAM, para a Secretária de Estado de Cultura da Paraíba. 225

Anexo H: Carta da Delegação Setorial da Paraíba para o campo dos Museus e Memórias, reivindicando a criação de políticas públicas para museus na Paraíba..... 229

Anexo I: Carta de Regina Mota enumerando as ações do IPHAEP no setor museológico.... 233

Anexo J: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências da Saúde - aprovando a pesquisa Descortinando os bastidores: o olhar dos usuários internos dos museus paraibanos. 236

REFERÊNCIAS 238

Lista de figuras

Figura 1: Gráfico da frequência dos membros da REM/PB às reuniões. 34
Figura 2 - Visita ao Gabinete de Vincent Levin no começo do século XVIII.. 51
Figura 3 - Dados sobre a cultura na Paraíba. 59
Figura 4 - Mapa dos municípios paraibanos que possuem museus cadastrados pelo IBRAM.. 61
Figura 5 - Gráfico do período de fundação dos museus paraibanos baseados em dados fornecidos pelo Cadastro de Museus (IBRAM). 62
Figura 6 - Gráfico da natureza administrativa dos museus paraibanos cadastrados pelo IBRAM.. 63
Figura 7 - Quantitativo de funcionários dos museus paraibanos cadastrados pelo IBRAM. ... 64
Figura 8 - Mapa acerca das parcerias estabelecidas pelos museus paraibanos. 73
Figura 9 - Museus que apresentam política de capacitação de pessoal. 82
Figura 10 - Mapa exibindo o panorama das REMs, no Brasil 90
Figura 11 - Premiação de ação educativa. Iniciativa da REMIC/DF. 91
Figura 12 - Reunião para avaliação das atividades da REM/RJ. 91
Figura 13 - Explanação de Herry Carriery durante a criação da Rede de Educadores em Museus na Paraíba. 94
Figura 14 - Parte dos participantes da REM/PB ao final da reunião com a Coordenadora da REM/RJ. 96
Figura 15 - Mapa apresentado durante o II ENREM, 2009.. 96
Figura 16 - Mapa demonstrativo dos municípios paraibanos que participaram de encontros da REM/PB nos anos de 2009, 2010 e 2011. 97
Figura 17 - Comunicado da REM/PB para escolha da prioridade de oficinas a serem realizadas na Paraíba 99
Figura 18 - Reunião da REM/PB com Camila Geracelly. R. dos Santos. 101
Figura 19 - Maíra Dias (REM/PB) lendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba para os presentes durante o Projeto Conexões IBRAM..... 102
Figura 20 - Rafaela Felício, técnica em Assuntos Culturais (IBRAM), recebendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba da Coordenadora da REM/PB 103

Figura 21 - Membros da REM/PB apresentando a coletânea de informações acerca dos Acordos de Cooperação entre IBRAM e alguns estados e lendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba para os presentes durante o Projeto Conexões IBRAM, em Campina Grande. 104
Figura 22 - *Slide* comparativo do Acordo de Cooperação Técnica assinado pelo IBRAM com os Estados da Bahia e do Rio Grande do Norte já publicados no D.O.U. 104
Figura 23 - *Slide* realçando os pontos de maior comprometimento do Estado da Bahia durante a assinatura do Acordo de Cooperação Técnica. 105
Figura 24 - *Slide* realçando os pontos de maior comprometimento do Estado da Bahia durante a assinatura do Acordo de Cooperação Técnica. 106
Figura 25 - Reunião com o Secretário de Estado de Cultura acerca da criação do Sistema Estadual de Museus. 107
Figura 26 - Secretário de Estado de Cultura recebendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba. 107
Figura 27 - Frequência de membros da REM/PB às reuniões durante o ano de 2009. 108
Figura 28 - Frequência de membros da REM/PB às reuniões durante o ano de 2010. 109
Figura 29 - Frequência de membros da REM/PB às reuniões durante o ano de 2011. 109
Figura 30 - Gráfico da média de frequência anual dos membros da REM/PB às reuniões.... 110
Figura 31 - Características da REM/PB 134
Figura 32 - Tabela de porcentagem dos museus brasileiros, âmbito nacional e com recorte regional, que realizam pesquisa de público, considerando também a regularidade de aplicação da mesma 147
Figura 33 - Modelo comunicativo aplicado à exposição. 148
Figura 34 - Quadro dos dez museus brasileiros com maior número de funcionários. 151
Figura 35 - Quadro de funcionários, por setor, dos museus brasileiros cadastrados. 152
Figura 36 - Quadro de funcionários, por setor, dos museus brasileiros cadastrados. 152
Figura 37 - Gráfico com as profissões dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos. 154
Figura 38 - Escolaridade dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos. 155
Figura 39 - Escolaridade dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos quanto à realização de pós-graduação. 155
Figura 40 - Tipos de pós-graduações dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos. 156
Figura 41 - Vínculo de trabalho que os usuários mantêm com os museus e a média de anos mantida nesta condição. 157
Figura 42 - Gráfico apresentando a permanência dos ‘usuários internos’ nos museus. 158

Figura 43 - Unicidade de setores nos quais os ‘usuários internos’ dos museus paraibanos trabalham. 158
Figura 44 - Setores nos quais os ‘usuários internos’ dos museus paraibanos trabalham de forma associada. 159
Figura 45 - Distribuição dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos de acordo com a quantidade de associação dos setores nos quais trabalham de modo simultâneo. 160
Figura 46 - Motivos que levaram os ‘usuários internos’ dos museus a trabalharem nos museus. 162
Figura 47 - Esquema de caracterização do 'usuário interno'. 164
Figura 48 - Esquema da metáfora da ponte (Dervin). 165
Figura 49 - Esquema de construção compartilhada da informação. 166
Figura 50 - Caracterização do funcionário do museu. 182
Figura 51 - Caracterização do museu. 187
Figura 52 - Sátira com a dificuldade de ler as informações representadas nos museus. 190

Lista de tabelas

Tabela 1: Relação entre respondentes e código dos pintores 37
Tabela 2: Relação entre questionário e análise da categoria 41
Tabela 3: Categorias analíticas acerca dos museus. 42
Tabela 4: Categorias analíticas referentes à Rede de Educadores em Museus na Paraíba. 42
Tabela 5: Categorias analíticas referentes aos usuários da informação. 43
Tabela 6: Conceitos formais de museus. 117

Lista de Siglas

AECI – Agência Espanhola de Cooperação Internacional

AMAR – Associação dos Amigos de Areia

CEC – Conselho Estadual de Cultura

CI – Ciência da Informação

CONPEC – Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais

COPAC-JP – Coordenadoria do Patrimônio Cultural de João Pessoa

D.O.U. – Diário Oficial da União

DCI – Departamento de Ciência da Informação

DEMU – Departamento de Museus e Centros Culturais

DPHAN – Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ENREM – Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais

EVOT – Escola Viva Olho do Tempo

FNM – Fórum Nacional de Museus

FURNE – Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

GECIMP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Informação, Memória e Patrimônio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – *International Council of Museums* (Comitê Internacional de Museus)

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

IPHAEP – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MAAC – Museu de Arte Assis Chateaubriand

MASP – Museu de Arte de São Paulo

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

MinC – Ministério da Cultura

NAC /UFPB – Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba

NUPPO – Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular

OMCC – Observatório de Museus e Centros Culturais

PB – Paraíba

PMCG – Prefeitura Municipal de Campina Grande

PNM – Política Nacional de Museus

PPGCI – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

REM – Rede de Educadores em Museus

REM/PB - Rede de Educadores em Museus na Paraíba

REM/RJ – Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro

REMIC/DF – Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais do Distrito Federal

REMP-MT – Rede de Educadores em Museus e Patrimônio do Mato Grosso

SECULT – Secretaria de Estado da Cultura

SEM – Sistema Estadual de Museus

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UDN – União Democrática Nacional

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura)

Eu atravesso as coisas — e no meio da travessia não vejo!
— só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada.
Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa;
mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo,
bem diverso do que em primeiro se pensou [...]
o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia...

(ROSA, Guimarães, 1986, p.26-52).

---

1 INTRODUÇÃO

As palavras de João Guimarães Rosa, epigrafadas no início deste capítulo, incitam questionamentos sobre o percurso dessa dissertação e como o percebemos. Para o autor, o 'real' encontra-se no meio da travessia. Afirmativa reiterada em nosso campo empírico e ainda reafirmada em nossa própria prática.

Nesse sentido, continuamos nossa reflexão considerando metaforicamente as águas que passaram como de alguma forma nos atingiram/'molharam' e tornaram-se importantes para os diversos processos do percurso subjetivo, o que nos conduz a compreender as experiências enquanto processo.

Pensar sob essa ótica nos desloca de volta ao passado e à sua importância em nossas formações pessoais e profissionais. A valorização dos processos em busca do aperfeiçoamento da qualidade do produto final foi um ponto comum às nossas graduações, inicialmente em Odontologia e, posteriormente, em Artes Visuais. Em Odontologia, a percepção do processo poderia ser responsável pelo sucesso ou fracasso dos procedimentos, podendo comprometer a saúde bucal dos pacientes. No campo das Artes Visuais, a busca do aprimoramento do produto final justifica a poética na qual se fundamenta a obra. Portanto, estarmos atentos às modificações ocorridas durante os processos foi indispensável na busca pelo êxito dos produtos. Nesta pesquisa, não seria diferente. Fez-se necessário retomar do ponto de onde, em algum momento, havia nos escapado.

A graduação em Odontologia conduziu-nos por entre regiões geográficas distintas no país, ora em busca de melhores condições de trabalho, ora em busca do aperfeiçoamento profissional. Com este propósito, nos estabelecemos nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e no Distrito Federal. Em cada local percebíamos que, embora houvesse laços em comum que unissem as populações locais a uma identidade nacional, havia também aspectos que os diferenciavam e que, muitas vezes, eram enaltecidos, tornando latentes suas peculiaridades. Em Holambra, município de São Paulo, percebemos de forma mais intensa essa relação entre a identidade local através da luta para manter vivo o vínculo com o passado e os costumes holandeses, diferenciando-se da população de origem brasileira. A tentativa de manter a identidade do país europeu dava-se pela conservação do idioma entre os holandeses e seus descendentes, da sua gastronomia, das suas tradições e de espaços de memória que reproduziam aquele país.

Esta percepção adveio do contato direto no interior do consultório odontológico em que atuávamos. Empiricamente, percebemos a força da inter-relação entre identidade e memória social e/ou coletiva. Assim, despertamos um interesse pessoal por museus compreendendo-os como sendo espaços de memória e construção de identidades. Frequentá-los tornou-se uma prática recorrente em todas as oportunidades. Buscamos museus em diversos países, em diferentes cidades e de distintas temáticas. A cada museu visitado, buscávamos entender como aqueles espaços se relacionavam com as identidades locais ou mesmo regionais. Por outro lado, a rotina adotada em visitas a esses espaços culturais permitiu-nos aguçar nosso olhar sob uma perspectiva crítica, possibilitando vislumbrar, em alguns casos, o enaltecimento e a tentativa de reiterar o discurso de alguns segmentos sociopolíticos e economicamente privilegiados, aumentando o fosso intencional do esquecimento.

Retornamos ao estado da Paraíba em 2002, e ingressamos, em 2008, no curso de graduação em Artes Visuais, o que consideramos um divisor de águas. Envolvidos com o novo fazer, juntamo-nos a outros estudantes para atuar no "Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba (NAC /UFPB)", instituição que possui rico acervo artístico em sua maioria de arte contemporânea. O NAC[1]é cadastrado como museu e sua edificação é

[1]A respeito do NAC consultar: CATOIRA, Thaís. Informação e arte: memórias e representações do acervo do Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba. Orientador: Carlos Xavier de Azevedo Netto. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCSA. João Pessoa, 2012

tombada[2] pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual. Foi através deste núcleo que tivemos contato com as instituições patrimoniais tais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) e a Coordenadoria do Patrimônio Cultural de João Pessoa (COPAC-JP). A relação de proximidade com essas entidades permitiu-nos participar de oficinas promovidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) no estado da Paraíba.

Essas oficinas acerca dos museus realizaram-se a partir de parceria entre o IBRAM e o IPHAEP, tendo sido divulgadas para os municípios paraibanos que enviaram seus representantes. Tivemos oportunidade de ouvir relatos de funcionários que expuseram os problemas referentes aos museus aos quais estavam vinculados e seus empenhos para conseguirem desenvolver e manter estas instituições. Os relatos de dificuldades e de lutas acerca da sobrevivência destes espaços nos conduziram ao caminho desta pesquisa.

Nesse caminhar, testemunhamos alguns desses funcionários que, unidos, realizaram esforços para tentar fortalecer a educação em museus no estado tornando possível a criação da "Rede de Educadores da Paraíba" (REM/PB) da qual fazemos parte. A criação da REM foi também incentivada por uma das palestrantes do IBRAM ao ministrar o curso na cidade de Campina Grande/PB.

A partir de inquietações sobre a educação em museus, surgem redes de discussões entre os profissionais do setor museológico centradas no referido tema. Em âmbito nacional, o estado do Rio de Janeiro foi pioneiro na criação da Rede de Educadores em Museus (REM), em 2004, e, atualmente, onze estados brasileiros compartilham da mesma ideia, que tem o objetivo de proporcionar maior aproximação entre os profissionais, possibilitando um espaço para reflexão e construção de conhecimento sobre a educação em museus.

A REM/PB funciona com encontros mensais, de forma itinerante, alternando municípios e instituições para que as pessoas envolvidas com os museus no estado conheçam uns aos outros e compartilhem problemas e soluções encontrados. Assim, em vários encontros percebemos, empiricamente, a pouca familiaridade dos funcionários atuantes nos museus paraibanos, com aspectos referentes à conservação, representação da informação, museografia ou mesmo aquisição de objetos - em sua maioria, escolhidos privilegiando o critério de antiguidade. Outros aspectos podem ser evidenciados, a exemplo da própria concepção de

[2] O documento comprobatório do tombamento, pelo IPHAEP, do edifício onde funciona o NAC é o Decreto 8629 de 26 de agosto de 1980 que foi publicado no Diário Oficial do Estado da Paraíba em 05 de setembro de 1980.

museus e mesmo da falta de domínio dos termos técnicos mais usuais como: exposições itinerantes, reserva técnica, entre tantos outros.

Essa realidade pode ser exemplificada quando da visita da diretora de um museu nacional à cidade de Areia/PB, ocasião em que proferiu palestra sobre segurança em museus e reiteradamente mencionou a reserva técnica, momento em que foi perceptível o desconforto que provocou em algumas pessoas. Ao observar a cena, não foi possível detectar de imediato a causa, exceto quando um dos participantes indagou: "O que é reserva técnica?". O questionamento causou estremecimento, tornando claro que ambas falavam de realidades diferentes, de lugares distintos.

Segundo Michael Keeble Buckland (1991, p. 353), referindo-se ao Direito, a pertinência da informação é insuficiente caso esta não seja socialmente inserida. Essa afirmação pôde ser constatada neste momento, pois aquele grupo, por desconhecimento dos termos técnicos, não compartilhava das mesmas informações. O universo dos museus nacionais estava distante do universo paraibano. Isso reforçou as dificuldades dos museus paraibanos frente ao desafio de se tornarem, na prática, o que preconiza o campo oficializado.

Outro fator que corrobora nosso intento ocorreu durante encontro ordinário da REM/PB. Quando da abertura da reunião, um dos membros tratou sobre futuras alterações na Lei de Incentivo à Cultura[3], mais popularmente conhecida como "Lei Rouanet", e suas consequências para os museus. O desconhecimento acerca do que estava sendo discutido provocou tumulto ofuscando a pauta programada para a reunião. É oportuno ressaltar que a realidade exemplificada anteriormente, apesar de espelhar a maioria dos museus paraibanos, ainda registra exceções verificadas em alguns museus com domínio técnico do campo museológico.

Os acontecimentos descritos parecem ser também reflexos da falta de estrutura

[3] " [...] conhecida principalmente por sua política de incentivos fiscais. Esse mecanismo possibilita que cidadãos (pessoa física) e empresas (pessoa jurídica) apliquem parte do Imposto de Renda devido em ações culturais. Assim, além de ter benefícios fiscais sobre o valor do incentivo, esses apoiadores fortalecem iniciativas culturais que não se enquadram em programas do Ministério da Cultura (MinC).

Como o incentivo pode ser feito?

O incentivo às iniciativas culturais pode ser feito por meio de doação ou patrocínio. Somente pessoas físicas ou pessoas jurídicas sem fins lucrativos podem receber doações e, nessa modalidade, qualquer tipo de promoção do doador é proibido.

No patrocínio, do qual qualquer proposta pode se beneficiar, é permitida a publicidade do apoio, com identificação do patrocinador, que também pode receber um percentual do produto resultante do projeto, como CDs, ingressos e revistas, para distribuição gratuita." Disponível em: http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet ; acesso em: 12 de outubro de 2012.

específica para o setor museológico no Estado. A Paraíba possui, segundo Cadastro do IBRAM, 63 (sessenta e três) museus e conta com apenas 03 (três) museólogas, das quais 02 (duas) estão lotadas na Universidade Federal da Paraíba e a terceira no Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC), órgão subordinado à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O referido estado não possui sistema estadual de museus, nem qualquer outra forma de organização do setor. A inserção do IBRAM no estado se deu por meio de parcerias com o IPHAEP e o IPHAN, produzindo frutos como a realização de oficinas de capacitação a partir da articulação entre IBRAM e IPHAEP. Na relação IBRAM e IPHAN, realizou-se o Cadastro Nacional de Museus no referido estado.

A carência de apoio de entidades privadas e públicas, dos governos estadual e municipal, além da pouca articulação do setor museológico na Paraíba, influenciou a REM/PB, forçando uma mudança do seu perfil. Desta forma, a Rede ampliou seus objetivos, inicialmente vinculados à educação em museus. Esta ampliação pôde ser verificada na diversidade de suas pautas de trabalho. Durante os encontros, os membros pediam esclarecimentos sobre temas diversos, desde financiamentos para museus (explicação/elaboração de projetos para editais) a auxílio na preparação de exposições. Uma reclamação constante referia-se à pouca valorização e participação da sociedade, considerando-as pequenas e pouco participativas. Mas se os funcionários que conduzem os museus apresentam tantas dificuldades, como o museu poderá caminhar dentro de seus objetivos? Como poderá despertar o interesse desta sociedade?

A aproximação com os funcionários dos museus nos fez perceber como era importante reconhecê-los como parte integrante desses espaços museísticos, uma vez que, além de guiar os rumos institucionais, também influenciam diretamente na construção da informação divulgada nestes espaços e, consequentemente, na comunicação entre museu e sociedade. Era necessário escutar os funcionários dos museus por serem ‘usuários internos’, sujeitos que, além de gerir os processos de tratamento da informação, utilizam-na com vistas às suas perspectivas de trabalho. Neste aspecto, estes ‘usuários internos’ possuem necessidades informacionais específicas, uma vez que são também produtores e divulgadores das informações referentes aos museus. A movimentação destes usuários através do contato com a REM/PB demonstra que existe a necessidade, por parte destas instituições, de esclarecimento acerca de diversos domínios teóricos e técnicos referentes ao campo museológico. Diante desta constatação, ponderamos acerca das noções que estes usuários possuem sobre museus e compreendemos que deveríamos procurar pesquisas nesta área, pois tais necessidades

poderiam ser refletidas nesta conceituação.

Foi através deste percurso que resolvemos efetuar esta pesquisa. Tivemos como foco o que passamos a denominar 'usuário interno', isto é, o sujeito vinculado à instituição que, necessitando de informação dentro destes espaços, utiliza-a. Para tanto, seguimos o pensamento de Luciana Ferreira da Costa, Alan Curcino Pedreira da Silva e Francisca Arruda Ramalho (2009), sobre usuários, e Israel A. Nuñez Paula (2000), acerca de 'usuário interno'. De modo mais preciso, consideramos como prioridade conhecer qual é a concepção de museu que os 'usuários internos' dos museus paraibanos possuem. O uso do termo 'usuário interno', nesta pesquisa, é empregado de modo inédito no campo dos estudos em museus. Assim, analisamos a forma como esses 'usuários internos' concebem o museu, buscando relacionar estas concepções com a influência das informações disseminadas nas conceituações dessas instituições culturais.

A contemporaneidade permitiu, por intermédio das novas tecnologias, um incremento na velocidade da informação, maior facilidade de acesso e, para alguns autores, o seu excesso, como marcas de um novo contexto sócio-histórico. Entre algumas previsões estava a massificação da cultura e a produção de uma identidade cultural única[4]. No entanto, a *desterritorialização* fez emergir a busca por laços comuns que fortalecessem as identidades, pois o acesso às informações de culturas diferentes motivou processos de constantes atualizações e reatualizações dos quadros informacionais.

Neste contexto, os museus brasileiros se proliferaram. Os governos incentivaram a criação e financiaram a modernização de espaços de memória, afinal**:** "Sob a tutela de aparelhos estatais, as informações são matérias-primas para a construção de memórias institucionalizadas, implicando em domínios de saber e discursos legitimadores das práticas do Estado". (LOUREIRO; SOUZA, p. 183).

O índice de exclusão cultural relativo aos museus brasileiros, segundo dados oficiais do Ministério da Cultura é de 92%.[5] Desta forma, observamos que apenas uma parcela reduzida da população brasileira, menos de 10%, tem acesso a estas instituições. Um índice tão elevado suscita questionamentos e requer pesquisas, tornando-se necessário refletir sobre as causas que estão relacionadas a este afastamento. Dentro desta sociedade contemporânea, como o 'usuário interno' percebe este espaço no qual trabalha? Como se percebem neste

[4]A 'cultura de massas' tinha sido prevista pela Escola de Frankfurt.

[5]Dado divulgado em 2008 pelo Ministério da Cultura – MINC. Disponível em: http://blogs.cultura.gov.br/blogdarouanet/a-lei-rouanet-na-berlinda/

espaço? Que relação de identificação mantém com essas instituições?

Esclarecemos que, para esta pesquisa, consideramos 'usuários internos' de museus os sujeitos que, independente da formação profissional, fazem uso da informação para desenvolver suas atividades laborais nos museus. Os 'usuários internos' de museus paraibanos, atores de interesse específico deste estudo, estão vinculados à REM/PB. Mas, quem são esses usuários que compõem as REMs? Qual a concepção que possuem sobre o tema museus? O que buscam? Acreditamos que devemos enriquecer a construção do conceito de museu com as afirmações de quem os projeta: o sujeito ativo que convive em seu cotidiano com os museus, trabalhando nestes espaços. Portanto, torna-se necessário ampliar a investigação, incluindo a pesquisa qualitativa, permitindo o registro de suas percepções na construção da conceituação de museus.

A área museal já possui alguns conceitos de museu formalizados e divulgados por entidades especializadas neste campo. No entanto, empiricamente, percebemos que nem todos os usuários internos destas instituições conhecem e/ou aceitam e/ou compartilham estas ideias. A existência destes conceitos causou alguma resistência quanto à possibilidade de reflexão sobre a elaboração de um novo entendimento. Afinal, como afirma Buckland (1991, p. 357), "Onde há um consenso de julgamento, o consenso é, às vezes, tão forte que o status de objetos, especialmente de documentos, torna a informação inquestionável (...)". No entanto, o mesmo autor traz em sua análise sobre informação, colocando-a como situacional e consequentemente variável de acordo com as circunstâncias. É neste ponto que inserimos esta pesquisa, considerando a diversidade de sujeitos e de seus contextos.

Ainda conforme a visão de Buckland, a informação possui três usos: informação como "processo", "coisa" ou "conhecimento". A *informação-como-processo* configura o ato de informar, onde o autor considera que acontecem alterações no conhecimento quando alguém é informado. A *informação-como-conhecimento* assinala o que foi alterado pela *informação-como-processo*. Por fim, a *informação-como-coisa* ocorre quando o termo informação é utilizado para se referir a objetos, dados e documentos. Diante destes três usos, podemos perceber que há uma alargamento da visão do que é informação (o autor também amplia o conceito de documento ao permitir maior abrangência dos mesmos a partir dos valores que os consideram como tais). Tal fato exibe um aspecto significativo referente à tangibilidade da informação. Desta forma, a *informação-como-processo* e a *informação-como-conhecimento* estariam voltadas ao intangível, enquanto a *informação-como-coisa,* ao tangível. Outro ponto significativo discutido por Buckland (1991, p. 356 -357) trata do caráter circunstancial da

informação, onde tanto a *informação-como-processo* quanto a *informação-como-coisa* são situacionais. Neste sentido, são as combinações de circunstâncias que envolvem a subjetividade e julgamentos dos sujeitos que darão a alguns objetos e documentos o devido valor informativo. Essa subjetividade individual passa a ser decisiva para uma construção social de aceitação de determinados objetos/documentos, considerados inquestionáveis.

Proporcionar visibilidade científica ao analisar as concepções do 'usuário interno' desses museus é ratificar a ruptura paradigmática pela qual a Ciência da Informação passou, inserindo o sujeito no centro da análise, considerando-o integrante de diversos contextos. Analisando a Ciência da Informação, Rafael Capurro (2003) discute sobre os três paradigmas: "físico" que considerava a existência de um objeto físico transmitido do emissor ao receptor, "cognitivo" e "social". Desta forma, nos paradigmas físico e cognitivo, a informação mantém-se desvinculada do usuário. Neste sentido, Bernd Frohmann (1992) reflete quanto à separação proporcionada pelo paradigma cognitivo. A partir da análise de Carlos Alberto Ávila Araújo (2009) sobre esta crítica, entendemos que a informação não estaria isolada do usuário. A forma estática como a abordagem cognitivista era percebida é, então, repensada e torna-se parte no processo dinâmico, no qual o usuário é sujeito ativo, sendo responsável na construção da informação.

> [...] desenha-se uma perspectiva nova de estudos da informação, que a entende não mais como coisa, mas como processo – algo construído, essencialmente histórico e cultural, que só pode ser apreendido na perspectiva dos sujeitos que a produzem, a disseminam e a utilizam. A informação deixa de ser apreendida como um objeto físico, com a mesma natureza de uma cadeira, uma pedra, um elemento químico, e passa a ser entendida como um fenômeno humano (portanto, cultural e histórico) tal como o poder, a ideologia, a felicidade, entre outros. (ARAÚJO, 2009, p. 203)

Trazendo considerações importantes acerca dos paradigmas, Blaise Cronin (2008) defende a ideia que o paradigma social é responsável pelas seleções que realizamos ao produzirmos informações, inclusive em pesquisas positivistas.

> Os textos que escrevemos e os textos que citamos levam as marcas das culturas epistêmicas, redes sócio-cognitivas e espaços físicos a que pertencemos em diferentes fases da nossa vida profissional (CRONIN, 2008 p. 7, tradução nossa).

Deste modo, somos integrantes de contextos diversos que estão presentes em nossas produções. Enquanto produtores de informação, não podemos separar a informação do

usuário e, consequentemente, de seus contextos, afinal os diversos contextos do indivíduo orientam suas seleções e escolhas. Desta forma, o usuário, sujeito ativo, realizaria intervenções na informação, selecionando, produzindo e apresentando as informações sob influência de distintas relações sociais no tempo.

O 'usuário externo' dos museus, denominado no âmbito museológico como 'visitante' ou 'público', constrói a informação a partir de seus contextos e também por interação com o 'usuário interno' destas instituições, que também estão inseridos em seus próprios contextos. A forma como este 'usuário interno' produz a informação que será exposta, devido às suas influências em determinado período, repercute diretamente na construção da informação do 'usuário externo'. Além disso, essa construção realizada pelos usuários, 'interno' e 'externo', pode variar posteriormente, por estar relacionada aos fatores tempo e espaço. Deste modo, vemos a construção da informação como um processo dinâmico e sua utilização caracteriza o sujeito como usuário, sujeito que faz uso. Este usuário pode ser 'externo', sem vínculo institucional, ou "interno", apresentando subordinação hierárquica.

As pesquisas que estudam os usuários são, na Ciência da Informação, denominadas de "Estudos de Usuário". Nos quadros museológicos, tais análises são designadas "Estudos de Público" e são realizadas com os visitantes/público que aqui chamamos de 'usuários externos'.

A aplicação de recursos elevados requer elevadas quantidades de 'usuários externos' e, para fundamentar este investimento no setor museológico, pesquisas quantitativas são intensificadas. No Brasil, uma das pesquisas de maior representatividade é a Pesquisa Perfil-Opinião realizada pelo Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC)[6]. É necessário conhecer o perfil do visitante nessas instituições, reconhecendo suas particularidades, em âmbitos nacional, estadual e municipal. A pesquisa citada tem cunho quantitativo, direcionada

[6] O OMCC foi implantado através da parceria entre o Instituto Brasileiro de Museus/MinC, a Fundação Oswaldo Cruz/MS, o Museu de Astronomia e Ciências Afins/MCT e a Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE. Tem como objetivos:

- Realizar e estimular a produção periódica de dados sobre os museus.
- Mapear e divulgar conhecimentos, práticas, abordagens teóricas e metodológicas variadas sobre a realidade dos museus.
- Contribuir para a ampliação do debate e da reflexão sobre o papel dos museus na sociedade.

Disponível em: http://www.fiocruz.br/omcc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=59&query=simple&search_by_authorname=all&search_by_field=tax&search_by_headline=false&search_by_keywords=any&search_by_priority=all&search_by_section=all&search_by_state=all&search_text_options=all&sid=2&site=fio&text=objetivo

aos visitantes com idade superior a quinze anos e aplicada na forma de questionário com a pretensão de:

> [...] conhecer os contextos, pessoal e social da visita, e como estes incidem na caracterização das diversas práticas de visita. Além disso, a pesquisa busca permitir ao visitante expressar sua opinião sobre a qualidade dos serviços oferecidos pelos museus e apresentar suas expectativas com relação a estas instituições. (OMCC/ CADERNO DE CAMPO, p.2)

Percebemos como necessário conhecer e entender os elementos que interferem nas relações entre o usuário e o museu. No entanto, dentro do museu também há um elemento dinâmico que utiliza a informação, construindo outras informações que serão utilizadas por outros usuários: são os 'usuários internos'. Deste modo, de forma equivalente, é necessária uma apreciação da concepção que os 'usuários internos' formulam sobre os museus, pois são os responsáveis pelo trabalho direcionado aos 'usuários externos', intervindo na relação entre o 'usuário externo' e a instituição museológica.

No Brasil, observa-se uma escassez de trabalhos abordando estudos com 'usuários internos' nas pesquisas referentes a museus. Por isso, esperamos que a discussão nos "Estudos de Usuário" comece a perceber a relevância dos 'usuários internos' em museus. Conforme ratificado por Gabriela Figurelli (2011, p. 2), "[...] as inquietações relacionadas à compreensão do funcionário do museu, como um dos públicos da instituição museal, não encontram respaldo na produção acadêmica da Museologia".

Deste modo, além da pesquisa em si, este trabalho também pretende propor outras discussões acerca dos 'usuários internos'. Pensando na responsabilidade, reiteramos que esta pesquisa justifica-se não apenas em face de seu ineditismo, mas, sobretudo, por trazer para além do beneficio teórico, os questionamentos das práticas museológicas no estado da Paraíba, a ampliação das perspectivas reflexivas sobre a área e, em especial, o papel que pode e deve ser exercido nas REMs, assim como asseverar a importância de dar voz aos usuários internos compreendendo-os na qualidade de sujeitos ativos do processo. Nesse sentido, questionamos**:** Qual a concepção dos usuários internos de museus, no caso desta pesquisa, membros ativos da REM/PB, acerca de museus? Assim, como modo de abordar os questionamentos norteadores deste estudo, traçamos os objetivos que se seguem.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as noções acerca dos museus do estado da Paraíba a partir da ótica de seus 'usuários internos'. Privilegiam-se, para tanto, os membros ativos da REM/PB intentando desenvolver uma cartografia conceitual a partir de suas visões e experiências no interior dos espaços museológicos.

1.1.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a REM/PB e os 'usuários internos' de museus, membros ativos que participam desta rede, refletindo acerca das influências políticas e culturais oriundas do Estado Brasileiro sobre as instituições museológicas paraibanas;
- Refletir acerca do papel e das potencialidades da REM nos quadros socioculturais do estado da Paraíba;
- Mapear os museus para identificar o perfil dos 'usuários internos' que participam da REM/PB;
- Descrever as diferentes noções de museus formuladas pelos 'usuários internos' dos museus paraibanos;
- Propor um conceito de museu a partir da ótica dos sujeitos/'usuários internos' dos museus paraibanos.

1.2 ALINHANDO OS (DES)CAMINHOS

Sigo, simultaneamente, pela rua, pela tarde e pela leitura sonhada, e os caminhos são verdadeiramente percorridos. Emigro e repouso, como se estivesse a bordo com o navio já no mar alto.

Fernando Pessoa

1.2.1 Descrição da pesquisa e delimitação do campo

A grande concentração das pesquisas de usuários em museus é direcionada ao 'usuário externo', o sujeito que utiliza a informação produzida no museu, mas que não mantém vínculo institucional com o mesmo. Tal constatação gera uma lacuna quanto aos estudos com o 'usuário interno' que também integra o processo de informação e comunicação nos museus. O esquecimento das investigações científicas, tanto na Museologia quanto na Ciência da Informação acerca dos 'usuários internos' é uma das nossas maiores inquietações. Assim, procuramos descortinar sua imagem, dando-lhes visibilidade para expor seus pensamentos acerca dos museus. Neste sentido, Álvaro Pires (2008, p.51) esclarece: "Nas ciências sociais, descobre-se, frequentemente, o que se tornou invisível por excesso de visibilidade".

Nossa pesquisa é do tipo exploratória, documental e propositiva, e tem como objetivo ampliar o conhecimento acerca do entendimento que os 'usuários internos' dos museus possuem sobre essas instituições. A limitada literatura nesta área específica ratifica a necessidade de uma maior exploração, uma vez que a quase totalidade das pesquisas de usuários em museus é direcionada ao 'usuário externo', enevoando as considerações dos 'usuários internos'. Conforme elucidam Roberto H. Sampieri, Carlos Fernández Collado e Pilar Baptista Lucio, na realização dos estudos exploratórios, o objetivo deve ser a análise de um problema ainda não abordado ou pouco estudado. São utilizados "[...] para obter informações sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa mais completa sobre um contexto particular [...]"(SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 100). Acerca dos estudos exploratórios ressalta ainda o autor que: "As pesquisas qualitativas normalmente estão associadas com os estudos exploratórios" (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 100).

A caracterização da pesquisa como propositiva tornou-se essencial para atingir o

objetivo geral, uma vez que tivemos como foco propor uma conceituação de museu a partir da ótica dos 'usuários internos' dos museus paraibanos. Sua caracterização como documental é devida à análise dos documentos da REM/PB. Conforme se verifica nos anexos, foi realizado um levantamento entre as comunicações efetuadas pela Rede direcionadas aos seus membros bem como em comunicações oficiais com o governo e outras entidades. O levantamento realizado nos documentos da REM/PB teve a finalidade de coletar os dados para que pudéssemos estabelecer quais os membros da Rede eram ativos e qual o quantitativo de membros presentes às reuniões nos referidos anos do nosso recorte, quais sejam, 2009, 2010 e 2011. Além disto, também foi possível analisar o declínio dos participantes regulares (membros ativos).

Quanto à abordagem, esta pesquisa é de cunho *quanti-qualitativo*. Definida por Vera Maria Rodrigues Ponte, Marcelle Colares Oliveira, Heber José Moura, João Victor Ponte Barbosa (2006), "A pesquisa quanti-quali compreende a utilização de ambas as naturezas, quantitativa e qualitativa, numa pesquisa científica". Considerando que estamos propondo uma conceituação de museus a partir da ótica dos seus 'usuários internos', classificamos como quantitativa por percebermos a necessidade de mensuração de dados referentes ao perfil do 'usuário interno', aos museus nos quais trabalham e à participação daqueles na REM/PB. Também é qualitativa, por acreditarmos ser essencial que a pesquisa proporcione a inserção das considerações destes usuários. Maria Cecília de S. Minayo (1993 p. 245) pondera que: "O material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos". São essas falas, relacionadas ao cotidiano desses usuários internos, nosso objeto de estudo. Deste modo, a maneira como os 'usuários internos' dos museus paraibanos, membros da REM/PB, concebem o museu, se relaciona ao seu cotidiano sociocultural. Este também foi o motivo que nos conduziu à decisão de manter a maior parte desses registros escritos, pois acreditamos que a riqueza de seu conteúdo, além de essencial neste estudo, poderá despertar o interesse de outros pesquisadores.

Uma vez que a abordagem quantitativa e a qualitativa podem ser complementares (MINAYO, 1993), restringir a pesquisa à abordagem quantitativa traria apenas o aspecto numérico da questão, e comprometeria a diversidade de dados relevantes oriundos das perspectivas dos 'usuários internos' dos museus. Tratamos de uma pesquisa de cunho social, na qual necessitamos da pluralidade de conceitos elaborados por estes usuários. Igualmente danosa seria escolher unicamente a abordagem qualitativa, pois, mesmo reconhecidas as

vantagens citadas, não teríamos um panorama mais amplo e prático da realidade destes usuários. Assim, utilizamos as abordagens quantitativa e qualitativa, uma vez que a conexão entre ambas trouxe relevantes acréscimos ao estudo, produzindo frutíferas contribuições.

Por oportuno, ressaltamos que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, por meio do preenchimento dos formulários eletrônicos da Plataforma Brasil, tendo sido aprovada em 28 de novembro de 2012, conforme consta no Anexo J.

1.2.2 Escolhendo os atores

Como mencionado anteriormente, nesta pesquisa analisamos os 'usuários internos' dos museus paraibanos. No entanto, tornou-se necessário efetuar uma seleção acerca de quais instituições iríamos focar o nosso trabalho. Tivemos várias opções ao pensarmos, por exemplo, em realizar a pesquisa apenas nas instituições da capital, João Pessoa-PB. No entanto, optou-se por um universo empírico mais abrangente para permitir a inserção de uma gama heterogênea de museus. Então, escolhemos como campo a Rede de Educadores em Museus na Paraíba, através de seus membros ativos. A opção pela Rede deu-se porque a mesma possui boa representatividade quanto às regiões do estado e seus membros, 'usuários internos' dos museus paraibanos, abrangendo também uma significativa variedade de funções e, consequentemente, de conhecimento técnico da área museal. Considerando que, desta forma, iremos coletar dados com maior relação com a realidade dos museus paraibanos, concentramos esta pesquisa nos 'usuários internos' dos museus da Paraíba, que são membros ativos da REM/PB.

Pela REM/PB passaram, desde a sua fundação até o ano de 2011, um total de 180 (cento e oitenta) pessoas. Para fins desta pesquisa, dentre esta totalidade, estabelecemos o seguinte critério para a escolha da seleção de 'usuários internos': ser considerado membro ativo da REM/PB, com 03 (três) frequências às reuniões por ano, no período de 2009, 2010 ou 2011. A escolha deste critério foi fundamentada no entendimento estipulado pela coordenação da REM/PB para aptidão à votação/eleição do seu conselho e coordenação. Conforme documento em anexo, verifica-se que: "Poderão se candidatar e votar os membros

da REM/PB que participaram de no mínimo três encontros, no período de um ano, conforme atas de frequência.” (ANEXO F).

A partir do critério citado foi realizado um levantamento das frequências dos anos de 2009 a 2011, originando os dados, conforme exposto no gráfico da Figura 1.

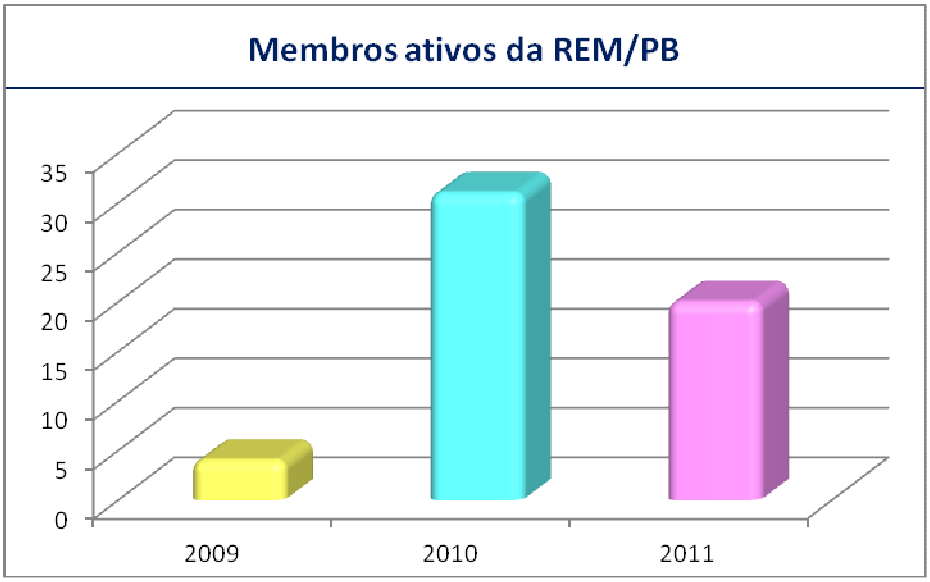


Figura 1: Gráfico da frequência dos membros da REM/PB às reuniões.

Assim, os usuários foram escolhidos após levantamento da frequência às reuniões, ordinárias ou extraordinárias, durante os respectivos anos, buscando um mínimo de 03 (três) participações, tendo sido 2010 o ano de maior participação de membros ativos, com 31 (trinta e uma) pessoas. Na frequência do ano de 2011 houve uma pequena queda, quando 20 (vinte) membros puderam ser considerados ativos na REM/PB. O ano de 2009 apresenta o menor número, apenas 04 (quatro). No entanto, há um dado relevante: este foi o ano de criação da REM/PB, que havia sido fundada em outubro. Então, nos três últimos meses do ano de 2009 (outubro, novembro e dezembro), apenas quatro pessoas participaram das três reuniões. Neste caso, as 03 (três) reuniões são equivalentes à totalidade de reuniões existentes durante o ano em questão.

Quando analisamos as frequências percebemos que, dentre as pessoas consideradas membros ativos, algumas estavam presentes em mais de 01 (um) ano. Assim, removendo o caráter de repetição, pudemos observar que o número de membros foi estabelecido em 41 (quarenta e um). No entanto, neste número está incluída a participação desta pesquisadora. Sendo descartada esta última, passamos a trabalhar com a possibilidade de um total de 40 (quarenta) membros. Desta forma, nossa seleção foi intencional.

1.2.3 Coleta de dados

Para a coleta de dados, a técnica utilizada foi a de observação direta extensiva, por meio da aplicação de um questionário elaborado especificamente para esta pesquisa. Murilo Bastos da Cunha e Sofia Galvão Baptista (2007, p. 177) esclarecem que o questionário é um dos métodos mais usados em estudos de usuário.

Para manter a comunicação com os 'usuários internos' que participaram desta pesquisa tivemos disponíveis duas modalidades: pessoalmente, com horário curto e limitado às reuniões itinerantes e mensais, ou eletronicamente. Assim, escolhemos o uso do questionário, uma vez que este apresenta como vantagens (MARCONI; LAKATOS, 2002): economia de tempo, maior amplitude geográfica, considerando a diversidade de municípios a que pertencem os usuários, e maior comodidade de resposta dos mesmos.

Quanto ao tipo de questões, o questionário foi composto por: questões fechadas (múltipla escolha), com alternativas "coletivamente exaustivas e mutuamente exclusivas" (SOUZA, 2005, p. 163), questões abertas e questões mistas, que consistem no imbricamento da fechada com a aberta. Nesta pesquisa utilizamos os três tipos de questões.

Acerca do tipo de questionário utilizado, a escolha deu-se pelo questionário autopreenchido, com e sem a presença do pesquisador. Foi autopreenchido para evitar possíveis inibições por parte do respondente durante o preenchimento. Sua aplicação aconteceu de duas formas: presencialmente, durante as reuniões ordinárias e quando requerida a presença da equipe de pesquisa (sem que acontecessem interferências da mesma no processo de preenchimento do questionário), e eletronicamente, através de envio pelo correio eletrônico, para que desta forma conseguíssemos atingir o maior número de membros ativos, inclusive os que se encontram no interior do estado. Uma das desvantagens do uso de questionários eletrônicos é não saber se os respondentes possuem equipamentos que permitam o retorno das respostas. No caso desta pesquisa, esta desvantagem fica amenizada, pois a comunicação efetuada pela REM/PB com seus membros é realizada de forma eletrônica, ocasião em que estes demonstram familiaridade com a utilização de endereço eletrônico e acesso à *internet*. Para acompanhamento dos questionários solicitados por "*e-mail*", será elaborada uma tabela, atualizada semanalmente, para registrar o recebimento dos questionários respondidos.

Para a utilização dos questionários por *e-mail*, nos apropriamos do alerta efetuado por Uwe Flick (2009), acerca dos cuidados com a ética da preservação dos dados dos respondentes por meio eletrônico. O autor também aponta as vantagens de utilização da *internet* para a pesquisa, esclarecendo que:

> O pesquisador pode conseguir entrevistar pessoas distantes sem a necessidade de viagens, economiza tempo e dinheiro gastos com transcrições, pode acessar grupos existentes de pessoas interessadas em um determinado assunto, pode manter mais facilmente o anonimato de seus participantes, pode acessar todos os tipos de documentos diretamente de sua mesa e de seu computador. (FLICK, 2009, p. 251)

Os questionários foram enviados por *e-mail* para 36 (trinta e seis) pessoas, pois 04 (quatro) não registraram seus *e-mails* nas frequências. Dos remetidos, 03 (três) foram devolvidos. Outras 04 (quatro) pessoas se dispuseram a responder, mas alegaram que, por falta de tempo, não poderiam fazê-lo dentro do prazo. Assim, dos 29 (vinte e nove) restantes, 15 (quinze) membros ativos responderam e devolveram o questionário em tempo hábil. Foram então considerados aptos cerca de 52 % (cinquenta e dois) dos questionários enviados.

Para acompanhamento das devoluções dos questionários, elaboramos uma planilha na qual cada devolução era anotada. Também registrávamos as pendências que dificultavam a resolução do questionário. Desta forma, conhecíamos os motivos que estavam embaraçando o processo da maioria dos membros internos e personalizamos as mensagens eletrônicas ao convidá-los, mais uma vez, a responder.

A maior dificuldade encontrada durante a elaboração de um questionário é quanto à eficiência do mesmo, uma vez que "é fácil elaborar um questionário, mas não é fácil elaborar um bom questionário". (HILL E HILL, 1998, p. 3). Seguindo as recomendações de Andrew Hill e Manuela Magalhães Hill, alguns cuidados foram tomados durante sua elaboração, dentre eles: uso de linguagem clara e simples, uma vez que nosso público-alvo é composto por pessoas de vários níveis de escolaridade, folha de rosto com boa apresentação da pesquisa, pedido de colaboração justificando a importância da pesquisa para o setor, e as instruções para seu preenchimento. Além do mais, deixamos à escolha do entrevistado a opção de ficar, ou não, no anonimato. O final do questionário conteve os contatos dos pesquisadores, conforme pode ser verificado no Apêndice B.

A utilização do questionário, assim como outros dados de documentos referentes aos usuários da REM/PB, foram preservados para resguardar suas privacidades. Neste sentido, elaboramos um código alfabético simples, à medida que os questionários foram sendo

respondidos. Encerrado o prazo, criamos uma tabela de equivalência entre este código simples e uma lista de artistas, pintores famosos, já falecidos, na História da Arte, escolhidos aleatoriamente. A atribuição a nomes de pintores veio por meio do conhecimento a partir do nosso contato com as Artes Visuais e por considerar que as obras de arte da maioria destes pintores encontram-se em museus. Desta forma, não há relação direta entre estes pintores e os nomes reais dos 'usuários internos', ou com qualquer característica dos respondentes, inclusive questões de gênero da pesquisa. Assim, estes passam a ser nomeados neste trabalho da seguinte forma:

RESPONDENTES (CÓDIGO ALFABÉTICO DO QUESTIONÁRIO)	NOME FICTÍCIO (PINTORES)
A	ARTEMISIA
B	BOTTICELLI
C	CÉZANNE
D	DUCHAMP
E	EDGAR DEGAS
F	FRIDA
G	GOGH
H	HENRI MATISSE
I	INGRES
J	JAN VAN EYCK
K	KANDINSKY
L	LEONARDO
M	MICHELANGELO
N	NAVARRETE
O	OGGIONO

Tabela 1: Relação entre respondentes e código dos pintores

1.2.3.1 *Pré-teste*

A fim de aumentar a possibilidade de sucesso do questionário, realizamos o pré-teste, uma vez que, observando o alerta, "Sem o pré-teste, pode-se perder tempo, dinheiro e credibilidade [...]" (MINAYO, 2005, p. 153).

A primeira tentativa de verificação do pré-teste aconteceu após uma reunião ordinária da REM/PB. Pretendíamos confirmar se a execução do questionário seria realmente mais produtiva por *e-mail* ou se, contrariamente ao previsto, na forma presencial. Constatamos que a resolução seria mais interessante por *e-mail*. De outro modo seria difícil devido à questão do tempo, uma vez que após a reunião, os membros precisavam retornar aos seus empregos.

Em um segundo momento, conseguimos realizar contato (*e-mail* e/ou telefone). Alguns membros, após agendamento específico para este fim e, mesmo ressaltando o pouco tempo que dispunham, preferiram marcar um encontro, pois consideraram que os comentários após o preenchimento aumentariam a eficiência do pré-teste. De fato, foi o que aconteceu. Houve grande empenho por parte dos respondentes, buscando apontar possíveis falhas, lapsos ou questões dúbias. Apenas um manteve o posicionamento de responder por *e-mail*.

O pré-teste foi realizado com o equivalente a 10% (dez) dos membros ativos aptos a esta pesquisa. Os membros da REM-PB foram escolhidos aleatoriamente observando a necessidade de exclusão dos inseridos na amostra desta pesquisa, e a dos membros quanto à disponibilidade/cooperação para realizar esta etapa. Desta forma, aplicamos o pré-teste com quatro membros, sendo:

- 01 (um) estudante de Arquivologia;
- 01 (uma) Professora Substituta do Departamento de Ciência da Informação da UFPB;
- 02 (duas) Museólogas.

O processo de execução do pré-teste foi imprescindível, pois apontou algumas dificuldades em seu preenchimento que culminaram em considerações sobre o questionário gerando sugestões quanto à disposição e (re)agrupamentos das questões, exposição de questões ambíguas, repetitivas e/ou desnecessárias.

Após concluído o pré-teste, realizamos uma avaliação para analisar alguns pontos,

dentre os que destacamos: quais questões apresentaram dificuldades e/ou ambiguidades, comprometimento do questionário devido à sua extensão pela quantidade de questões, possibilidade de aperfeiçoá-las, e análise do alcance dos objetivos propostos pelas questões do questionário.

Diante destes critérios, executamos ajustes que levaram à produção do questionário definitivo. (APÊNDICE B)

1.2.4 Análise dos dados

Para realização da análise dos dados desta pesquisa, usaremos "o conjunto de técnicas de análise das comunicações" (BARDIN, 2010, p. 29) denominado análise de conteúdo. Laurence Bardin define a análise de conteúdo como:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2010, p. 29)

Ratificando a definição de Bardin, Maria Laura P. B. Franco afirma que a mensagem é o ponto inicial da análise de conteúdo. A autora, ainda esclarece que, "[...] a análise de conteúdo passou a ser utilizada para produzir inferências acerca de dados, verbais e/ou simbólicos, mas obtidos a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador" (FRANCO, 2007, p. 17).

Pelo exposto, realizamos a análise de conteúdo a partir da aplicação final dos questionários, já pré-testados, recolhidos e avaliados. Os dados são oriundos das mensagens registradas nos questionários tabulados e utilizados para realização da análise e descritos, categorizados, inferidos e interpretados uma vez que "o que está escrito [...] sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo, seja ele explícito e/ou latente. A análise e a interpretação dos conteúdos obtidos são passos (ou processos) a serem seguidos." (FRANCO, 2007, p. 17).

1.2.5 Análise de conteúdo

1.2.5.1 *Organização da análise*

Nesta etapa da pesquisa, buscamos organizar a análise, seguindo o pensamento de Bardin, através das fases de pré-análise, exploração do material e do tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A fase da pré-análise é composta inicialmente pela leitura flutuante, elemento que consistiu em nosso contato inicial com os questionários, onde fizemos uma análise rápida dos mesmos. Em seguida, selecionados os questionários, formou-se o *corpus* que seguiu as regras de exaustividade, incluindo todos os seus elementos, bem como homogeneidade na qual os questionários tiveram todas as perguntas padronizadas para alcançar os objetivos da pesquisa e pertinência para o cumprimento desta regra. Uma vez que nesta pesquisa tratamos de um baixo número de questionários, praticamente inexistiu a regra da representatividade (constitui a possibilidade, diante um volume elevado, de escolha de uma amostra). Durante a elaboração do questionário, direcionamos a relação entre estes e o objeto da pesquisa, raciocínio também mantido durante a pré-análise (BARDIN, 2010; FRANCO, 2007).

A partir da leitura flutuante e do *corpus* estabelecido, realizamos agrupamentos de respostas de acordo com a pergunta. Desta forma, para cada pergunta, agrupamos as 15 (quinze) respostas respectivas. Em seguida, traçamos os objetivos e elaboramos os índices e indicadores que serviram de suporte para a posterior categorização, durante a análise. A pré-análise foi encerrada com a preparação do material.

Na fase de análise realizamos a categorização, a qual para Franco é considerada o principal momento. A autora define a categorização como sendo "[...] uma operação de classificação de elementos, constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos." (FRANCO, 2007, p. 59) O critério que nos conduziu a estabelecer tais categorias derivou das respostas dos questionários, juntamente com as inferências que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, relacionaram-se aos índices.

Nossa análise apresenta-se de maneira descentralizada, em 03 (três) capítulos (2, 3 e 4), com a finalidade de manter o tema das respostas no capítulo equivalente. O questionário aplicado é composto de 04 (quatro) partes: 'Perfil'; 'Sobre o museu que possui vínculo'; 'Sobre a REM...'; 'Sobre museus...' Deste modo, separamos a análise das respostas, categorizando-as, e distribuindo-as desta forma:

TEMA DO QUESTIONÁRIO	ANÁLISE DA CATEGORIA
Perfil	Capítulo 4: Usuários da Informação
Sobre o museu que possui vínculo	Capítulo 2: Transitando por entre os bastidores dos museus
Sobre a REM...	Capítulo 3: Rede de Educadores em Museus
Sobre museus...	Capítulo 4: Usuários da Informação

Tabela 2: Relação entre questionário e análise da categoria

Assim, no capítulo que trata da Rede de Educadores em Museus (capítulo 3), inserimos a análise e os registros acerca deste tema. O capítulo que aborda os museus brasileiros e paraibanos recebeu a análise das considerações dos 'usuários internos' sobre as instituições paraibanas a que estão vinculadas. Enquanto o capítulo de Usuários da Informação abrangeu o perfil destes 'usuários internos' e, também, suas considerações para conceituação de museus, cerne da pesquisa.

Ao estabelecermos as categorias representativas, seguimos o pensamento de Bardin (2010, p. 147-148), considerando nosso objetivo de analisar os conceitos que possuem acerca dos museus, identificamos seus 'usuários internos' observando os seguintes critérios:

- Exclusão mútua: cada elemento só pode ser constituinte de uma categoria.
- Homogeneidade: consiste na unicidade de classificação.
- Pertinência: a categoria é pertinente quando converge com o objetivo/questionamentos da pesquisa.
- Objetividade e fidelidade: referente à uniformidade de categorização.
- Produtividade: a categoria é produtiva quando gera bons frutos.

Neste sentido, conforme observado na sequência, ficaram estabelecidas as seguintes

categorias, e subcategorias, discriminadas por capítulo:

TRANSITANDO POR ENTRE OS BASTIDORES DOS MUSEUS	
CATEGORIA	**SUBCATEGORIA**
Missão do Museu	
Função do Museu	
Sustentabilidade	Financiamentos
	Parcerias
Conhecimento sobre o acervo	
Relação Museu-Comunidade	
Problemas percebidos nos museus em que atuam	
Sugestões para melhoria dos museus em que atuam	
Setores do Museu	
'Usuário interno'	Capacitação profissional
	Participação na REM/PB
	Poder participativo no âmbito dos museus
	Satisfação com o museu
	Se o museu fosse seu...

Tabela 3: Categorias analíticas acerca dos museus.

REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS NA PARAÍBA (REM/PB) CATEGORIAS
Espaço político
Espaço informativo
Espaço cultural
Espaço simbólico
Espaço de memória

Tabela 4: Categorias analíticas referentes à Rede de Educadores em Museus na Paraíba.

USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO		
CATEGORIA	**SUBCATEGORIA**	**SUBCATEGORIA**
Caracterização dos respondentes	Gênero	
	Faixa etária	
	Profissão	
	Escolaridade	
	Área de atuação profissional	
	Vínculo com o museu	
	Permanência de atuação no museu	
	Permanência de atuação no setor	
	Motivos que os levaram a trabalhar em museus	
	Satisfação com o trabalho	
Concepção de museu sob a ótica dos 'usuários internos'	Conceitos formalizados	
	Conceitos informais	
	Finalidade do Museu	Cultural
		Informativa
		Educativa
		Preservadora da memória
	Informações museais	
	Museu e comunidade	
	'Usuário interno' do museu	Representante do museu
		Colaborador
		Parte integrante do museu
		Profissional
		Usuário da informação
	O que é museu?	Espaço de memória
		Espaço de cultura
		Espaço de informação
		Espaço de educação

Tabela 5: categorias analíticas referentes aos usuários da informação.

1.2.6 Estrutura da dissertação

Para melhor exposição do arcabouço desta pesquisa, apresentamos de modo resumido sua estrutura, composta pelos seguintes capítulos:

Primeiro capítulo – Introdução: expõe nossas inquietações, esclarecendo alguns dos caminhos que nos conduziram até a composição do objeto de estudo. Também são apresentados nossos objetivos e os procedimentos metodológicos para que estes sejam alcançados.

Segundo capítulo – Transitando por entre os bastidores dos museus. Contextualiza a história dos museus e suas origens no exterior, no Brasil e na Paraíba. Para tanto são estabelecidas relações entre a Ciência da Informação e os estudos em museus, centrando o 'usuário interno' como significativo elemento de pesquisa. Neste capítulo, se encontram as considerações dos 'usuários internos' sobre os museus aos quais estão vinculados.

Terceiro capítulo – Rede de Educadores em Museus: apresenta estas Redes, esclarecendo sobre sua origem e finalidade, atendo-se com maior veemência ao estado da Paraíba, uma vez que este é o recorte da pesquisa. Para tanto, trouxemos a situação da política pública no estado a fim de contextualizarmos as feições que a REM/PB assume, principalmente a informacional. Aqui foram registradas e analisadas as expressões dos 'usuários internos' acerca da referida Rede.

Quarto capítulo – Usuários da informação: discute de modo geral sobre os estudos de usuários da informação, considerando os paradigmas de Capurro, expondo o entendimento de Araújo quanto à necessidade de movimentação, no sentido de introduzir tais estudos utilizando os paradigmas (físico, cognitivo e social) de forma complementar. Também são apresentados dados sobre os 'usuários internos' dos museus brasileiros e analisados os dados coletados nesta pesquisa acerca dos 'usuários internos' dos museus paraibanos.

Ao final do texto, são apresentadas nossas considerações. Acreditando que estamos começando outros 'inícios' e, na expectativa que mais pesquisas sejam realizadas inserindo o 'usuário interno', como objeto de estudo, deixamos o trabalho aberto à possibilidade de continuação por outros pesquisadores.

"[...] o verdadeiro museu não ensina a repetir o passado, porém a tirar dele tudo o quanto ele nós dá dinamicamente para avançar em cultura dentro de nós [...]

Mário de Andrade

---

2 TRANSITANDO POR ENTRE OS BASTIDORES DOS MUSEUS

Estamos convictos que a inter-relação entre Ciência da Informação e os estudos sobre museus possibilita uma diversidade de estudos, inclusive de caráter exploratório ou mesmo inéditos. No entanto, nesta pesquisa buscamos destacar um dos pontos considerados, em nossa realidade empírica, significativos desta inter-relação: a aproximação com o usuário.

Na Ciência da Informação, Capurro (2003) critica o paradigma cognitivo quando este tenta separar a informação do usuário, ou ainda, quando este paradigma visualiza o usuário apenas como um sujeito cognoscente, sem considerar os condicionantes sociais, materiais e históricos a que este está submetido. Ao considerar este aspecto, o autor realça o paradigma social e destaca a relevância do contexto do usuário e dos sistemas de informação. Neste sentido, Durval de Lara Filho afirma que "A informação se mostra, assim, como um objeto que tem uma face social e outra subjetiva que se complementam". (LARA FILHO, 2009, p. 168).

Semelhante ao movimento ocorrido na relação contexto social, cognitivo e físico, apontado por Capurro (2003) e Frhomman (1992), os estudos sobre os museus também passaram por mudanças em seu foco. No século XX, o objeto museal que até então era o cerne da atenção do museu se afasta para dar lugar ao público (PRIMO, 1999). Assim, o museu insere o público no centro de sua 'vocação institucional'(KÖPTCKE, 2012). Esta mudança de foco deve ser considerada com mais intensidade dentro dos museus, espaço de relações sociais, educativas, culturais, informacionais. Nesse sentido, Lara Filho (2009, p. 168), nos adverte que no caso dos museus, estas preocupações:

> [...] ao invés de promover a reificação dos objetos baseando-se em categorias de objetos, os museus têm de observar que operam nas dimensões

> do tempo e do espaço, com campos do conhecimento, com o simbólico, com os problemas humanos e, enfim, com a articulação entre todos esses elementos. (LARA FILHO, 2009, p. 168)

Os museus como espaços de preservação e exposição dos patrimônios tangíveis e intangíveis constituem-se instituições de memória que disseminam informação para a sociedade. Sendo espaços de memórias, e como a memória se relaciona intimamente com o esquecimento, os museus também são espaços de esquecimento. "O museu é um mar de esquecimento, de onde pescamos algumas memórias.[7]"

No campo das memórias, Marcos José de Araújo Pinheiro (2004, p. 92) enfatiza que "[...] o homem elege o que deve ser lembrado, e com isso determina o que deve ser esquecido." Estas instituições vivem a dialética entre memória e esquecimento através das intervenções de seus 'usuários internos', das seleções que, sob influência de seus contextos (físico, social e pessoal), constroem. O 'usuário interno' é o principal responsável pela execução das atividades informacionais do museu e, consequentemente, da apresentação de suas memórias, tornando-se, assim, objeto de interesse desta pesquisa.

Neste sentido, considerar o contexto social do usuário da informação nos permite observar a importância do 'usuário interno' na construção da informação nos museus. Se o 'usuário interno', também usuário da informação, elabora a informação que será exposta, a forma como realiza as pesquisas está diretamente relacionada com seu contexto que, por sua vez, irá interferir na interação com o 'usuário externo', também inserido em seu contexto.

Desta forma, acreditamos que a metáfora de Brenda Dervin (1998), na qual o usuário constrói uma ponte[8] sobre lacunas (vazio cognitivo) em direção ao uso, deve inserir o usuário produtor da informação ('usuário interno') como elemento auxiliador no processo desta construção, pois este usuário, também assentado em seus contextos, irá fortalecer ou enfraquecer a estrutura desta ponte interferindo na travessia do usuário (externo). Incluir o 'usuário interno' nesta discussão, pode ser confundido com a participação do museu, como emissor. No entanto, centramos a discussão não na instituição, mas entre os dois usuários (externo e interno), ambos com seus contextos, pois o museu, como instituição física, sem a interferência e participação do 'usuário interno' não seria, sozinho, responsável pela comunicação da informação a que se destina.

---

[7] Frase proferida oralmente pela Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro durante a qualificação do projeto desta pesquisa.

[8] A metáfora da ponte de Brenda Dervin está ilustrada no capítulo 4.

Neste sentido, podemos procurar modos de perceber como os museus são operados em relação à sociedade e como esta se comporta com aqueles. Os estudos de usuário nos dão uma ideia desta percepção, porém estes estudos voltam-se apenas à opinião do público, e deixam à margem, com raríssimas exceções, um elemento importante: o 'usuário interno', aquele que está trabalhando no museu.

Na literatura desenvolvida sobre o tema no Brasil, encontramos dois trabalhos voltados ao 'usuário interno', embora as autoras não adotem o termo 'usuários internos' e sim profissionais ou funcionários. A pesquisa realizada por Figurelli (2010) analisa a implantação de um programa educativo, pela Pinacoteca de São Paulo, para os funcionários desta instituição. No entanto, o objetivo da pesquisa não é o 'usuário interno', mas "[...] investigar a importância de ações educativas voltadas aos trabalhadores de museu, para o funcionamento da instituição" (FIGURELLI, 2010, p. 139). A pesquisa desenvolvida por Marília Xavier Cury (2005), por outro lado, preocupa-se com a comunicação museológica envolvendo os profissionais de museus para serem observados quanto à fundamentação teórica de suas práticas.

Os museus também não possuem informações sobre a relação de seus 'usuários internos' com as respectivas instituições, e desconhecem qual a compreensão que essas pessoas têm sobre o museu, pois ainda não foi realizado nenhum trabalho tendo como objetivo principal, este usuário. A ausência da pesquisa mencionada acrescenta a esta pesquisa um caráter inovador**.**

Durante as reuniões da Rede de Educadores em Museus na Paraíba, os 'usuários internos' expuseram inquietação com a pouca interação das comunidades dos respectivos municípios com os museus, apresentaram a necessidade de enfrentar árduas barreiras para conseguirem permanecer na área e para manterem o funcionamento das instituições. Os 'usuários internos' conhecem o museu, seu funcionamento, sua relação com o público, seus problemas, etc.

2.1 MUSEUS

Ao nos debruçarmos sobre os museus, é essencial que também mantenhamos um olhar voltado para a memória coletiva, afinal essas instituições lidam com este tema e funcionam com a finalidade de preservá-la. Estes espaços são provocadores das lembranças, rememorações e comemorações e podem incentivar as representações de épocas anteriores. Desta forma, a memória apresenta a característica desta atividade onde o presente se relaciona com os passados, ressignificando-os. Conforme definem Bernardina M. J. Freire de Oliveira e Carlos Xavier de Azevedo Netto,

> Entende-se por memória aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detêm experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007, p. 32)

Outras duas características marcantes da memória são sua relação dialética com o esquecimento e a seletividade que lhe são inerentes. Para tentar evitar que o esquecimento seja mais eficaz do que a memória foram estruturados espaços que privilegiam a memória. No entanto, seguindo a mesma lógica da memória, nestes espaços a seletividade é encontrada e, desta forma, intensifica-se o esquecimento das demais memórias.

Na esfera da preservação da memória coletiva, a seletividade do lembrado e a condenação do esquecido alcançam posições de interesse ao poder, com quem passam a dialogar. Neste sentido, acrescentamos o pensamento de Paul Ricoeur (2007, p. 129) ao considerar a memória coletiva como ‘‘[...] uma coletânea dos rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos [...]”. Assim, escolher o que deve ser lembrado, muitas vezes de forma enaltecedora para favorecer interesses dominantes, e o que deve ser esquecido, fortalecendo esta dominação, é acontecimento frequente quando se trabalha com memória, comprometendo a formação da memória coletiva de determinados grupos. Segundo Fernando Catroga (2001, p. 19),“[...] se a memória é instância construtora e solidificadora de identidades, a sua expressão coletiva também atua como instrumento e objeto de poder, quer mediante a seleção do que se recordar, quer do que, consciente ou inconscientemente, se silencia”.

Para Eduardo Ismael Murguia (2010), os espaços/lugares de memória têm duas

funções: simbólica, por representar uma recordação social, e informacional, pois apresentam provas da existência passada de determinados acontecimentos. A estes, além das funções explicitadas por Murguia (2010), Ana Lúcia Siaines de Castro (2002, p. 102) acrescenta a comunicacional e, realçando a importância social do museu, afirma que:

> Dentre as chamadas instituições de memória, o museu tem um papel ímpar na sociedade moderna como mediador entre o público e o acervo, e de comunicador e produtor de discurso. A forma pela qual o público recebe o conteúdo e a mensagem da exposição proposta assegura e garante a legitimidade da função social do museu. Talvez seja essa a possibilidade de perceber que a associação entre museu, comunicação e informação configura-se tão estreita e legítima quanto a solidificação das instituições sociais.

Diante destas funções, os museus se tornam produtores, ou muitas vezes reprodutores, de discursos. Quanto à neutralidade do museu, Castro (2002, p. 108) esclarece que: "Definido na acepção básica de recolher, organizar, expor aquilo que deve ser mantido e preservado, o museu em seu perfil institucional não é um espaço neutro". A autora ainda elucida que a origem das instituições-memória estaria relacionada com "a função de dar visibilidade ao poder constituído e de servir à instrução de seus cidadãos." (CASTRO, 2002, p. 102).

Mais enfático quanto ao diálogo entre os museus e o poder, Loureiro, através de relações que efetua entre estes e o olhar *foucaultiano*, nos explica que o museu, de forma não coercitiva e, "operando organizadamente em bloco e de acordo com demandas conjunturais, será capaz de imputar uma postura controladora aos indivíduos na esfera social sem que se faça senti-la". (LOUREIRO; SOUZA, [20?] p. 177).

Os museus, na condição de espaços de (co)memoração, lidam com interesses de poder e seus discursos, pois estes espaços de memória tanto influenciam como são influenciados. Impondo comportamentos, esquecimentos e realçando memórias, não estão isentos de controles estatais, direta ou indiretamente, e, da mesma forma de domínio de seus usuários.

Atualmente, o campo museal efetua tentativas de inserir o museu em discussões mais amplas e menos presas às histórias oficiais, considerando-o como espaço reflexivo. Para Figurelli (2011, p.15), "a mudança de paradigma da Museologia", a partir da segunda metade do século XX, deslocando o foco do objeto para o indivíduo, reforça a característica social dos museus como elemento importante para o desenvolvimento social da população.

A contribuição/influência que o museu oferece não está restrita apenas à população, como "usuário externo", mas também é fonte de desenvolvimento dos seus funcionários,

"usuários internos", pois estes fazem uso, duplamente, da informação museal, uma vez que a utilizam com fins profissionais para produzi-la e, de modo simultâneo, também são consumidores desta informação, por serem indivíduos integrantes e partícipes culturais da sociedade na qual o museu está inserido. Nesta perspectiva de influências, quanto à contribuição social, Figurelli (2011, p. 2) ressalta que tal "capacidade pode ser potencializada junto aos diferentes públicos do museu, a começar pelo seu interior, cooperando para o desenvolvimento profissional, social e pessoal dos colaboradores que formam a equipe de um museu." Em seus estudos, a autora constata que as informações compartilhadas com os 'usuários internos' repercutiram na comunicação entre eles, na rotina dos museus e no atendimento destes com os 'usuários externos', uma vez que passaram a trabalhar de modo mais consciente.

Neste sentido, a memória, a comunicação e a informação nos museus são compartilhadas e construídas não apenas por/para um tipo de usuário, mas por ambos os usuários, 'internos' e 'externos'.

2.2 SURGIMENTO DOS PRIMEIROS MUSEUS NO BRASIL

Os museus tal como concebemos hoje são oriundos da Revolução Francesa, tendo também como raízes o *colecionismo* da Idade Média. Inicialmente, e sem muita ordenação, as coleções tinham seu acesso restrito e eram reservadas aos nobres convidados dos proprietários. Não só a nobreza, mas a Igreja também mantinha sob sua guarda coleções privadas. "Durante a Idade Média, os tesouros das igrejas e mosteiros reuniram principalmente objetos de adoração e obras de arte religiosa; raras são as ocasiões para mostrá-los ao público de fiéis e peregrinos" (GOB; DROUGUET, 2010, p. 20, tradução nossa). O acesso torna-se público no final do séc. XVIII (Figura 2), "marcando o surgimento dos grandes museus nacionais". (JULIÃO, 2006, p. 20).



Figura 2 - Visita ao Gabinete de Vincent Levin no começo do século XVIII. Fonte: Dictionaire Encyclopédique de muséologie.

Letícia Julião (2006) ainda esclarece que o museu, da forma como é concebido na atualidade, teve origem durante a Revolução Francesa, pois:

> Para preservar a totalidade e diversidade de um patrimônio nacionalizado, no contexto da Revolução, foram desenvolvidos métodos para proceder ao seu inventário e gestão. (...) No caso dos bens móveis, estes deveriam ser transferidos para depósitos abertos ao público, denominados, a partir de então, de museus. A intenção era instruir a nação, difundir o civismo e a história, instalando museus em todo o território francês, pretensão que não se efetivou [...] (JULIÃO, 2006, p. 20 -21).

Após este período, surgidos da necessidade de incentivar o nacionalismo, são criados grandes museus europeus durante o século XIX. Vinculados à questão da educação da população para o culto à nação, através das memórias do passado, eram:

> Concebidos dentro do "espírito nacional", esses museus nasciam imbuídos de uma ambição pedagógica — formar o cidadão, através do conhecimento do passado — participando de maneira decisiva do processo de construção das nacionalidades. Conferiam um sentido de antiguidade à nação, legitimando simbolicamente os Estados nacionais emergentes. (JULIÃO, 2006, p. 21)

É desta forma, a partir do *colecionismo* e seu caráter enciclopédico (ICOM, 2004), que os museus públicos são formados. No continente sul-americano, o Brasil é reconhecido como o país que cria um dos primeiros museus. Referimo-nos ao Museu Nacional, fundado em 1818, na cidade do Rio de Janeiro.

> Na América do Sul, são as cidades do Rio de Janeiro (Museu Nacional, 1818), Buenos Aires (Museu Nacional de História Natural, 1823) e Bogotá (1823), que veem surgir os primeiros assentamentos do continente. (MAIRESSE, 2011, p. 280, tradução nossa).

No século XX, os museus se renovaram, principalmente após a metade do século em questão. Segundo François Mairesse (2011), no final da década de 60, os museus entram em crise e veem sua missão clássica em conflito, conduzindo a redefinições destas instituições. Então, durante o século XX acontecem várias movimentações, recriando estes espaços a partir de ideias de valorização do coletivo, da identidade e cultura da comunidade.

> No espaço de um século, a ideia do museu é, assim, desenvolvida para além do continente europeu, cruzando os mares e oceanos para gradualmente cobrir todos os pontos do globo. (MAIRESSE, 2011, p. 280, tradução nossa).

Essa renovação acontece em vários continentes, incluindo a América Latina. Segundo André Gob e Noémie Drouguet (2010), juntamente com os africanos e os asiáticos, os primeiros países da América Latina buscavam valorizar, através dos museus, suas identidades nacionais.

Apesar dos primeiros museus brasileiros terem suas fundações relacionadas com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, é possível verificar que alguns foram criados a partir do século XVII. No entanto, na literatura não são tratados como museus, mas como 'experiências museológicas'.

> A mais antiga experiência museológica de que se tem notícia no Brasil remonta ao século XVII e foi desenvolvida durante o período da dominação holandesa, em Pernambuco. Consistiu na implantação de um museu (incluindo jardim botânico, jardim zoológico e observatório astronômico) no grande parque do Palácio de Vrijburg. Mais adiante, já na segunda metade do século XVIII, no Rio de Janeiro, surgiria a famosa Casa de Xavier dos Pássaros – na verdade, um museu de história natural – cuja existência prolongou-se até o início do século XIX.
>
> Ainda que essas duas experiências museológicas não tenham se perpetuado, elas são ainda hoje notáveis evidências de que, pela via dos museus, ações de caráter preservacionista foram levadas a efeito durante o período colonial.

> De qualquer modo, acontecimentos museais capazes de se enraizar na vida social e cultural brasileira só seriam perpetrados após a chegada da família real portuguesa, em 1808, um marco sem precedentes (BRASIL, 2006, p. 10).

A chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, foi relevante para o desenvolvimento das questões culturais na então colônia. É a partir deste momento que muitas instituições culturais são criadas, como, por exemplo, a Biblioteca Nacional. Nesta época, também por incentivo do Império, são fundados diversos museus, como por exemplo, o Museu Nacional criado em 1818. Foi neste contexto do século XIX que o Brasil começou a possuir museus.

Seguindo a tendência mundial, os museus enciclopédicos brasileiros começaram a declinar nas primeiras décadas do século XX. Conforme relaciona Julião (2006), isso se deu pela 'superação das teorias evolucionistas' nas quais estavam fundamentados. Além da característica enciclopédica, a autora acrescenta que estas instituições acabaram contribuindo para um fortalecimento nacionalista, uma vez que possuíam acervo da natureza e cultura brasileira.

É a partir da segunda metade do século XX que acontecem transformações significativas nos museus brasileiros. "Os museus passaram a ser tratados como processos e práticas culturais de relevância social." (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2006, p. 14).

As mudanças e dificuldades começam a ser observadas, e o governo percebe a necessidade de saber mais a respeito destas instituições. Conhecer os dados referentes aos museus brasileiros é uma necessidade antiga, e uma das publicações marcantes aconteceu a partir da parceria entre UNESCO e ICOM. Segundo o IBRAM (2011), esta publicação teria criado no Brasil:

> [...] uma cultura de coleta, sistematização e publicação de informações sobre os museus brasileiros, em forma de guias. Não nos parece coincidência que a data de impressão do primeiro guia de museus no Brasil [Museums of Brazil] tenha ocorrido três anos após o trabalho inicial da UNESCO, e nem que sua edição tenha sido realizada pelo Ministério das Relações Exteriores, em inglês. (BRASIL, 2011, p. 20-21)

Dentre as publicações consideradas significativas pelo IBRAM (2011) há também o *Guia dos Museus Brasileiros,* que buscava suprir as lacunas deixadas por ações pontuais realizadas de forma descontínua, e tinha o objetivo de aproximar o cidadão dos museus

brasileiros. Já a publicação *Museus em Números* valoriza os dados estatísticos referentes aos museus no Brasil.

Conforme os dados do *Guia dos Museus Brasileiros*, os museus paraibanos estão localizados em 22 (vinte e dois) municípios: Alagoa Grande, Araruna, Areia, Bananeiras, Bayeux, Cabedelo, Campina Grande, João Pessoa, Lagoa Seca, Matureia, Monteiro, Patos, Poço de José de Moura, Pombal, Prata, Princesa Isabel, Santa Luzia, Sapé, Serra Branca, Soledade, Sousa, Teixeira (BRASIL, 2006, p. 86), conforme nos mostra o item que segue.

2.3 MUSEUS NA PARAÍBA

Apesar de a capital paraibana ser quatrocentenária, os museus paraibanos só começaram a ser criados a partir do século XX. Para que possamos entender os contextos de suas criações e funcionamentos, buscamos situá-los através do diálogo entre questões socioculturais e políticas.

A relação sociocultural paraibana perpassa, obrigatoriamente, pela questão política, privilegiando investimentos que beneficiam ações elitistas. Tal herança é referenciada por Barbalh (1999 *apud* MEDEIROS, 2000, p. 59).

> Esse fator não é característica da política contemporânea, mas uma marca de herança vinda dos ditames históricos do regime ditatorial dos anos 60, cujo investimento cultural (quando do surgimento das diversas instituições da área cultural) corresponde à necessidade por parte do regime de reordenar, controlar, reter, manipular a representação da cultura mais adequadamente aos interesses.

É a partir dessa necessidade de (re)ordenação, que a cultura paraibana passa por uma reformulação importante, através da criação de um órgão colegiado voltado à cultura. Trata-se do Conselho Estadual de Cultura (CEC), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Cultura, com "[...] atribuições normativas, deliberativas, consultivas e fiscalizadoras, cuja finalidade é promover a gestão democrática da política de cultura do Estado[9]". Atualmente possui, entre titulares e suplentes, 46 (quarenta e seis) membros "contemplando representantes da

[9] Disponível em: http://www.paraiba.pb.gov.br/42927/conselho-estadual-de-cultura-realiza-primeira-reuniao-do-ano.html

sociedade organizada de várias regiões da Paraíba e de diversos segmentos artístico-culturais[10]". Tal viés participativo é contemporâneo uma vez que, quando criado, o CEC apresentou um caráter elitista. Instituído a partir do Plano de Cultura, foi estabelecido durante o Governo de Pedro Gondim[11]. No registro sobre a criação do CEC, Wills Leal narra sua proposta e o evento social que marcou a posse de seus membros.

> O Conselho nasceu inspirado na ideia de que sua composição teria de ser a soma das principais entidades ligadas às letras, artes e ciências, representando seus membros associações de atividade eminentemente intelectuais. Pretendia-se que o organismo fosse resultado operacional, uma espécie de laboratório, com apoio oficial, dos trabalhos desenvolvidos pelos diversos setores culturais do Estado. (...)
>
> A posse dos primeiros conselheiros, todos com mandato de três anos, ocorreu no Palácio da Redenção, em solenidade bastante concorrida, no dia 2 de outubro de 1965. O Governador foi claro no pronunciamento que fez na oportunidade: desejava que o instituto procurasse constituir-se em regulamentador e disciplinador da dinâmica cultural do Estado, dando nova dimensão, um caráter racional às atividades que vinham sendo feitas sem qualquer planejamento, ao sabor das ocasiões. (...) No momento foram empossados: José Américo de Almeida, representando a Academia Paraibana de Letras [...]; Virgínius da Gama e Melo, pela Associação Paraibana de Imprensa [...]; Arael Menezes Costa, como participante do Departamento Cultural da UFPB [...]; Afonso Pereira, pelo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba [...]; Wills Leal, representando a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba; Altimar de Alencar Pimentel, pela Divisão de Documentação e Cultura da SEC [...]; Luzia Simões Bartolini, participante da Divisão de Educação Artística [...]; Francisco Hugo de Lima e Moura, representante da Comissão Paraibana de Folclore [...]. Posteriormente, representando o Instituto dos Advogados da Paraíba, foi empossado Juarez da Gama Batista [...]. (LEAL, [20?], p. 5-6, grifo nosso)

Desta forma, percebemos que o CEC foi criado por intelectuais, representantes de diversas áreas, incluindo algumas que não estariam diretamente relacionadas à cultura como é o caso do Instituto dos Advogados da Paraíba, durante uma cerimônia concorrida que contou, inclusive, com a presença do governador à época. Este, então, solicitou ao recém-criado Conselho, a tarefa de 'disciplinar' a cultura paraibana. Destarte, não todas, mas apenas as principais instituições estariam submetidas à atuação do CEC, uma vez que consideravam "[...] de responsabilidade estatal, as principais instituições que no estado da Paraíba criam,

---

[10] Disponível em: http://www.paraiba.pb.gov.br/42927/conselho-estadual-de-cultura-realiza-primeira-reuniao-do-ano.html

[11] Segundo Araújo (2009), o Governo de Pedro Moreno Gondim ocorreu no período de 1958 a 1965, tendo sido caracterizado por aspectos populistas, além de buscar um equilíbrio político posicionando-se ora em defesa do povo, ora em defesa da elite.

divulgam e ministram a cultura". (LEAL, [20?] p.32).

Assim, as principais, não todas, teriam suporte e vigilância do Conselho. Sobre o apoio do estado para a atuação do Conselho, durante o governo sucessor ao de Pedro Gondim, Virginius Gama e Melo escreve:

> É sempre a velha disputa entre o verbo e as vergas, quer dizer, o apoio moral do Estado em moeda sonante que nos tem chegado, no correr desses anos todos, um tanto, já não diríamos parco, porém parcimonioso.
>
> Disso não parece culpa o governo. Antes, pelo contrário, bem que o governador João Agripino tem procurado a tudo atender com eficiência e presteza. No que aliás, diga-se de passagem, tem sido venturoso. A não ser que se nos apresente uma sêca. Mas, desta, também, ninguém escapa. (GAMA E MELO, [20?] p.3)

O autor reclama do modesto apoio proporcionado pelo estado, mas de outro lado exime o governador, culpando as possíveis adversidades climáticas. João Agripino foi escolhido candidato pela UDN e era "[...]" um dos mais atuantes líderes do Golpe Militar de 64 na Paraíba e que detinha profundo prestígio no interior do partido". (FERNANDES, 2006, p. 92) . Tal aspecto auxilia na explicação da postura autoritária do governador, da necessidade de controle através destes intelectuais e do pouco incentivo ao desenvolvimento da cultura paraibana.

Seguindo os acontecimentos nacionais, o regime da ditadura militar repercute na Paraíba, por momentos repressivos e violentos, afetando instituições sociais e populares. O governo precisava controlar as produções sociais e culturais para evitar o fortalecimento de ideais contrários à sua nova organização.

> No instante em que é deflagrado o golpe militar, imediatamente na Paraíba inicia-se um processo repressivo, tendo como objetivo alijar do meio político local os remanescentes do Estado populistas, desarticulando as organizações sociais de caráter popular ou ligadas aos grupos de esquerda (FERNANDES, 2006, p. 91).

Para que este controle funcionasse de forma eficiente, durante o regime militar, a Paraíba se viu imersa em uma política de favorecimentos por parte do governo estadual para atingir tais fins.

> [...] durante todo o período do regime militar, com suas intolerâncias para com os opositores, o uso da máquina pública se deu com o propósito de beneficiar os aliados do poder. Como também, no estado da Paraíba, o processo de desencadeamento da política, a partir da década de 1960 até 1982, seguiu o modelo nacional, com forte emprego do clientelismo visando

> a manutenção do mando por parte da classe dominante. (FERNANDES, 2006, p. 107)

A prática do clientelismo e coronelismo é intensificada e perpassa os governos, tornando-se 'hábito' entre os candidatos políticos. Tal 'herança' política atinge a contemporaneidade e é explicada por Wertevan Fernandes (2006):

> No nordeste, principal base eleitoral do governo militar, onde persiste a força dos chefes políticos, a troca de votos por recompensas materiais, o clientelismo já está arraigado na cultura-política desde os tempos mais remotos. Esse paternalismo típico populista vem sendo substituído gradativamente pelas novas relações clientelísticas que caracterizam a política local.
> [...]
> Desde seu surgimento até nossos dias, essas trocas políticas têm adquirido formas distintas, mas a natureza do fenômeno permanece. Demonstrando-se que a forma tradicional de assistencialismo foi dando lugar a um clientelismo mais ordenado, cujas características distanciam-se um pouco dos traços originais, mas se conserva a essência do fenômeno. (FERNANDES, 2006, p. 87 - 89)

Assim, de uma forma geral, a máquina estatal é utilizada para fins da manutenção da política dominante e elitista. Para a cultura paraibana, a ausência de uma política cultural agrava ainda mais o quadro instalado e a 'herança' clientelista torna escorregadia a elaboração e execução, de fato, de uma política cultural eficiente, abrangente e democrática.

> Uma política cultural de implantação, para o Estado da Paraíba, enfrenta desafios primeiros, muitas vezes fugidios quando da realização dos planos. Antes de mais nada, tatear e esclarecer diretrizes e, assim, não direcionar ações político-classistas voltadas para elite, historicamente vitoriosa. (MEDEIROS, 2000, p. 63)

A política afetou a área cultural paraibana e, obviamente, atingiu os museus. Politicamente, os museus da Paraíba tiveram apenas alguns esboços de atenção dos governantes, dentre eles podemos exemplificar: o governo de Ronaldo Cunha Lima (1991-1994), com o incentivo à implantação de um setor de restauração no Museu de Arte Assis Chateaubriand de Campina Grande (MAAC[12]), e a produção de um catálogo; o governo de Tarcísio Burity (1987-1991), com a implantação do Museu Escola Sacro do Estado da

[12] O MAAC foi fundado em 20 de outubro de 1967, como fruto da Campanha Nacional dos Museus Regionais, concebida por Assis Chateaubriand (também fundador do Museu de Arte de São Paulo –MASP) e é o maior e mais representativo museu de arte na Paraíba, constando em seu acervo obras de renomados artistas estrangeiros e brasileiros como, por exemplo, Candido Portinari. Informações disponíveis em: http://www.fundacaofurne.org.br/portal/?pg=artigo&idmenu=219#

Paraíba, que contou com um projeto museográfico considerado na época como avançado, e possuía como acervo, peças de arte popular que pertencem ao Governo Federal (emprestadas ao museu através de ação de comodato) e, por isso, circularam na Europa; o governo de Cássio Rodrigues da Cunha Lima (2003-2007 e 2007-2009), que se mostrou dedicado e criou a Casa do Artista Popular, em João Pessoa, promoveu a elaboração do projeto do Museu da Cidade de João Pessoa[13], a reinstalação do MAAC em um novo prédio, e a concepção do Museu de Arte Popular, ambos em Campina Grande. Os dois últimos foram inaugurados na atual gestão (governador Ricardo Vieira Coutinho, iniciada em 1º de janeiro de 2011).

Assim, percebemos que no governo de Cássio Rodrigues da Cunha Lima houve uma maior preocupação com os museus, ainda que esta preocupação tenha sido restrita à construção/criação. Algumas outras ações dos governos estaduais podem não estar aqui, no entanto, analisando os exemplos mencionados podemos notar que são ações episódicas e político-partidárias, chegando a se confundir com preferências pessoais, como explicamos no capítulo referente à Rede de Educadores em Museus (capítulo III). O quadro político exposto revela a fragilidade de uma política cultural direcionada aos museus paraibanos.

Percebemos que há distorção no desenvolvimento das ações voltadas a acervos ou coleções. Ao ponderarmos sobre este fato, percebemos dois pontos importantes: limitação do museu à sua edificação e à provisoriedade das ações. Neste contexto, o museu é percebido de modo restrito à ideia de edificação, no entanto, "[...] o museu, antes de ser uma coleção ou um edifício, é aqui concebido como uma organização impulsionada por homens e mulheres". (CHAUMIER; MAIRESSE, 2011, p. 476). Desta forma, o museu deve ser refletido por vários aspectos e não apenas restrito às edificações. O outro ponto trata da momentaneidade da ação. Executar determinada ação, não a torna uma política cultural e, a falta de norma estável torna o museu vulnerável à preferência de um governante e susceptível às mudanças eleitorais.

Em artigo escrito na primeira publicação do CEC, os museus são elencados por

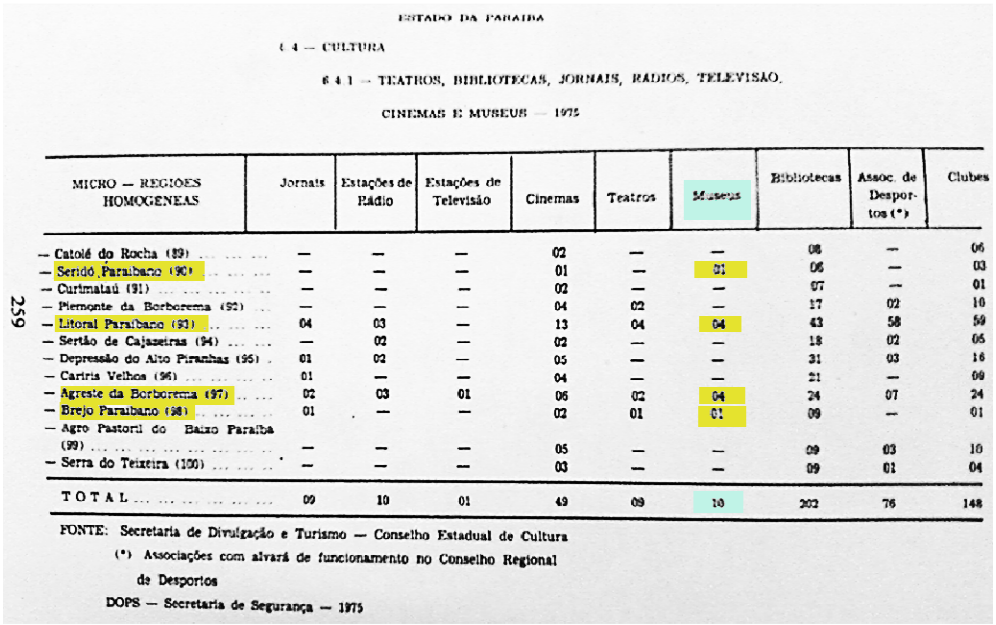
[13] O Projeto Museu da Cidade de João Pessoa–Parahyba foi elaborado através da parceria do IPHAEP, durante a gestão de Regina Mota, com a UFPB e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional – AECI. A aprovação deste Projeto pode ser conferida neste trecho reproduzido do Anexo I:

> Em 06 de setembro de 2006. Encaminhamos à Sra. Silvia Cunha Lima, Coordenadora Geral do Projeto do Museu da Cidade de João Pessoa –Parahyba informações sobre o Processo **0093/2006/IPHAEP** para conhecimento da deliberação nº. 0061/2006, do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais – CONPEC, da sessão realizada em 6/9/2006, que trata da **aprovação** do Projeto do Museu da Cidade – João Pessoa - Parahyba, situado na Praça da Independência, 92, Centro, João Pessoa/PB. (Regina Mota)

último, entre as instituições culturais e atuam de modo complementar a estas.

> Complementando a ação destas instituições, contamos com alguns museus e acervos que, em muito, oferecem condições para a pesquisa e o estudo de nossa realidade. Dos nove museus, apenas um (e o mais importante) tem realmente um sentido dinâmico: o Museu Escola e Sacro do Estado da Paraíba. Sete são estatais: Museu Escola e Sacro do Estado da Paraíba, Museu da Imagem e do Som, Museu Epitácio Pessoa, Casa Pedro Américo, Museu Mineralógico do Picuí, Museu Antropológico e Museu de Arte Moderna de Campina Grande. Os dois particulares: Museu do Índio e Museu do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. (LEAL, [20?], p.4).

O referido autor elege um dos museus como principal e enumera os demais, totalizando dez instituições no estado, sendo este número confirmado posteriormente, conforme dados fornecidos pelo Conselho Estadual de Cultura do Estado (PARAÍBA, 1975, p.259). Assim, em 1975, apresentam-se apenas 10 (dez) museus, sendo: 01 (um) no Seridó Paraibano; 04 no Litoral Paraibano; 04 no Agreste Paraibano e 01 (um) no Brejo Paraibano. As demais regiões (Catolé do Rocha, Curimataú, Piemonte da Borborema, Sertão de Cajazeiras, Depressão do Alto Piranhas, Cariris Velhos, Agro Pastoril do Baixo Paraíba e Serra do Teixeira) não apresentam nenhum museu. (Figura 3).



ESTADO DA PARAIBA

6 4 — CULTURA

6 4 1 — TEATROS, BIBLIOTECAS, JORNAIS, RADIOS, TELEVISÃO,

CINEMAS E MUSEUS — 1975

MICRO — REGIÕES HOMOGENEAS	Jornais	Estações de Rádio	Estações de Televisão	Cinemas	Teatros	Museus	Bibliotecas	Assoc. de Desportos (*)	Clubes
— Catolé do Rocha (89)	—	—	—	02	—	—	08	—	06
— Seridó Paraibano (90)	—	—	—	01	—	01	06	—	03
— Curimataú (91)	—	—	—	02	—	—	07	—	01
— Piemonte da Borborema (92)	—	—	—	04	02	—	17	02	10
— Litoral Paraibano (93)	04	03	—	13	04	04	43	58	59
— Sertão de Cajazeiras (94)	—	02	—	02	—	—	18	02	05
— Depressão do Alto Piranhas (95)	01	02	—	05	—	—	31	03	16
— Cariris Velhos (96)	01	—	—	04	—	—	21	—	09
— Agreste da Borborema (97)	02	03	01	06	02	04	24	07	24
— Brejo Paraibano (98)	01	—	—	02	01	01	09	—	01
— Agro Pastoril do Baixo Paraíba (99)	—	—	—	05	—	—	09	03	10
— Serra do Teixeira (100)	—	—	—	03	—	—	09	01	04
TOTAL	09	10	01	49	09	10	202	76	148

FONTE: Secretaria de Divulgação e Turismo — Conselho Estadual de Cultura

(*) Associações com alvará de funcionamento no Conselho Regional de Desportos

DOPS — Secretaria de Segurança — 1975

259

Figura 3 - Dados sobre a cultura na Paraíba. Fonte: Governo da Paraíba.

Na capital, posteriormente, são discriminados e eleitos pelo próprio governo como principais, os seguintes museus:

- Escola Sacro do Estado da Paraíba
- Fotográfico Walfredo Rodriguez

- Cripta Epitácio Pessoa
- Da Cultura Popular

(PARAÍBA, 1980, p.140)

Vinte anos depois, para a Universidade de São Paulo, os museus paraibanos estariam desta forma elencados:

- Areia: Museu Casa de Pedro Américo
- Campina Grande: Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC
- João Pessoa: Museu de Arte Popular – NUPPO e Museu da Cultura Popular – NUPPO.
- Lagoa Seca: Museu do Índio
- Sousa: Museu Sargento Edésio de Carvalho.

(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2000, p. 187-190)

Por outro lado, os dados cadastrais do IBRAM (2011a) revelam a expansão do setor no estado, contabilizando 63 (sessenta e três) museus[14] - o que pode ser conferido no mapa dos municípios paraibanos com museus cadastrados (Figura 4). Destes, a maior concentração (34,9%) encontra-se na capital do estado. Para o IBRAM, a proporção de museus por habitante no estado (um museu para cada 57.800 habitantes) está abaixo da média regional e nacional.

[14]Estamos considerando esses dados por serem os disponibilizados pelo IBRAM, no entanto tivemos acesso a informações que os dados divulgados estão incorretos. Uma retificação já foi pedida ao IBRAM. Segundo Sandra Valéria Félix de Santana, responsável pelo Cadastro de Museus na Paraíba, o estado dispõe de oitenta e três (83) museus. Para maior aprofundamento, consultar: SANTANA, Sandra V. F. de. Relatório de Atividades. Cadastro Nacional de Museus/ Instituto Brasileiro de Museus/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, João Pessoa, v. I – VI, 2009-2010.

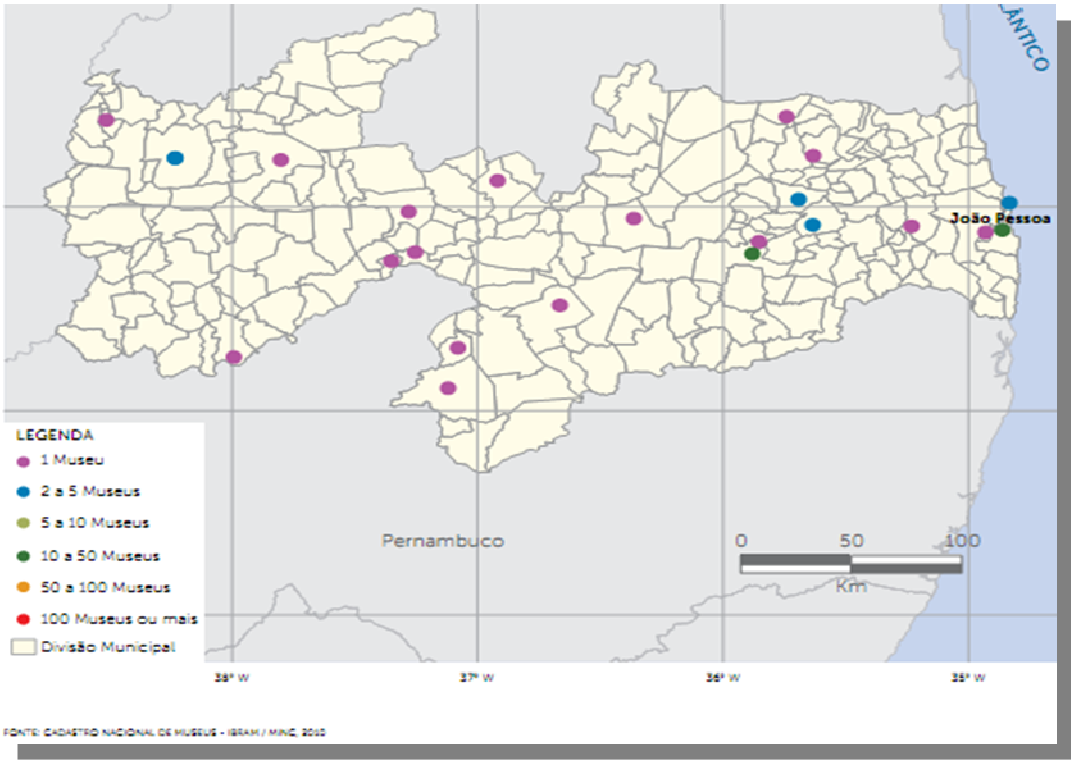


Figura 4 - Mapa dos municípios paraibanos que possuem museus cadastrados pelo IBRAM. Fonte: BRASIL, 2011a.

A concentração de museus na região de Campina Grande e João Pessoa deve-se, provavelmente, ao fato de serem as duas maiores e mais desenvolvidas cidades do estado. Sobre o desenvolvimento econômico da Paraíba, devemos considerar a explicação de Jovanka Baracuhy C. Scocuglia (2000, p.28), pelo posicionamento destas duas cidades como polos industriais.

> Na Paraíba, nas três últimas décadas, o processo de 'modernização' foi implementado a partir da formação de distritos industriais em João Pessoa e Campina Grande. Nos setores da agricultura e da pecuária, a Paraíba recebeu incentivos fiscais voltados para programas de 'modernização agrícola' [...] Como consequência desse processo, no setor agrícola e pecuário houve redução superior a 50% se compararmos os anos de 1950 e 1990 quando esses índices foram de 23,81% e 11,48%, respectivamente. Enquanto isso, o número de trabalhadores da indústria triplicou, de 1,9% passou a representar 5,91%; na administração, quase sextuplicou, passando de 0,45% da população total para 2,32% [...]

Apesar de reconhecermos a importância destes dois municípios paraibanos e dos museus que neles estão situados, é necessário contemplar os demais museus situados em todas as outras regiões do estado. Um museu situado na região metropolitana, certamente terá maior visibilidade. No entanto, as demais precisam ser consideradas integrantes da cultura paraibana, tanto pelo estado como pela sociedade, pois a Paraíba não se restringe às duas

cidades. Neste sentido, concordamos com José Washington de Morais Medeiros (2000, p. 69) que**:**

> Reconhecendo a necessidade de mapear as regiões, é preciso permitir à Paraíba a magnitude de reconhecer que, afora a centralização de suas áreas quase metropolitana (João Pessoa/Campina Grande) existem toda a dimensão e plenitude de regiões [...].

Dos museus paraibanos, de acordo com o IBRAM (2011a), o primeiro foi o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Fundado na cidade de João Pessoa, no ano de 1905, possuía como objetivo "o incentivo à cultura e às ciências no estado, além de promover o surgimento de uma produção historiográfica genuinamente paraibana, em maior contato com as práticas e os costumes locais". (IBRAM, 2011a, p. 240). Tal marco é ratificado:

> O Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, fundado no início do século (7 de setembro de 1905), funciona com sede própria e conta com uma biblioteca de mais de doze mil volumes. (...) O Instituto tem em seu acervo uma coleção de documentos históricos importantíssimos e o arquivo particular do ex-presidente João Pessoa, além do Museu de Armas. (LEAL, p.40).

Dentre os museus cadastrados pelo IBRAM no estado, podemos perceber que 42,85% destas instituições foram criadas no período entre 1971 e 1980. Na primeira década do século XX, como pode ser observado na Figura 5, também acontece um crescimento elevado de museus paraibanos, cerca de 28,57%.

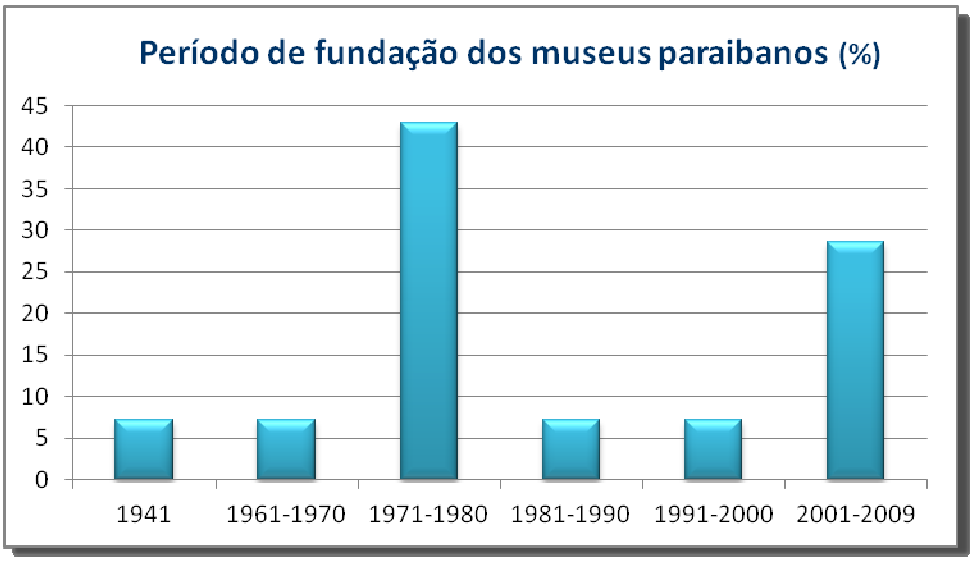


Figura 5 - Gráfico do período de fundação dos museus paraibanos baseados com dados fornecidos pelo Cadastro de Museus (BRASIL, 2011a).

Apesar da ampliação dos cursos de graduação em Museologia no Brasil, a Paraíba ainda não possui tal prerrogativa. Como reflexo da ausência desta formação, podemos observar, através do cadastro realizado pelo IBRAM, e empiricamente, o despreparo do quadro de recursos humanos comprometendo o funcionamento dos museus no estado. Para se ter uma ideia, o estado registra apenas 03 (três) museólogos dos quais 02 (dois) destes pertencem aos quadros da Universidade Federal da Paraíba.

Com base na pesquisa feita pelo cadastro, identificamos alguns pontos significativos à caracterização dos museus na Paraíba. Segundo o IBRAM, esses museus são, preponderantemente, públicos, atingindo o percentual de 85,7% dos quais 50% são municipais, 21,4% estaduais e 14,3% federais (BRASIL, 2011a, p. 241) (Figura 6).

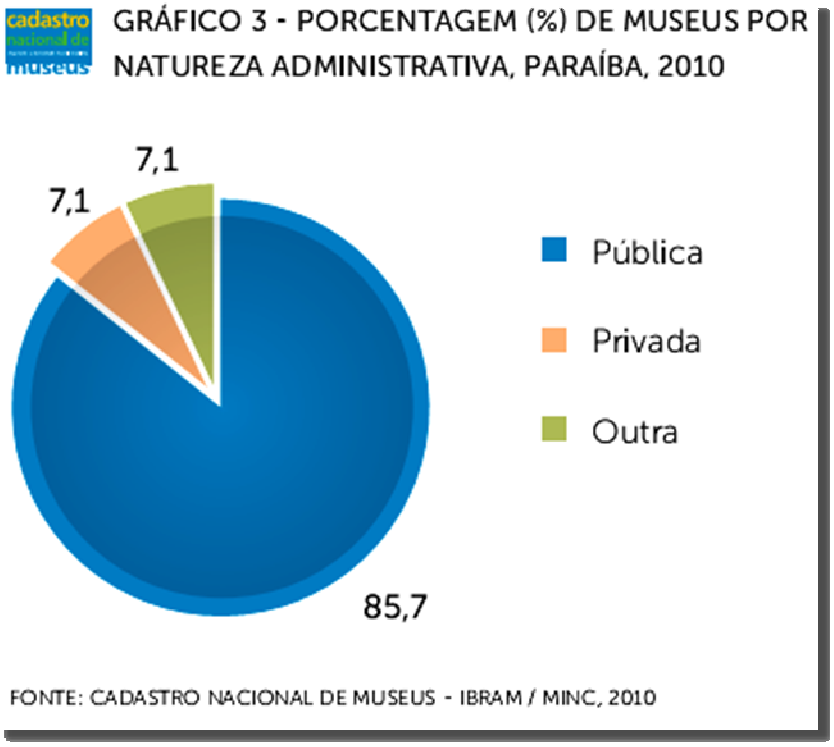


Figura 6 - Gráfico da natureza administrativa dos museus paraibanos cadastrados pelo IBRAM. Fonte: BRASIL, 2011a, p. 241.

Quanto aos instrumentos de gestão, apenas 28,6% dos museus paraibanos cadastrados pelo IBRAM declararam possuir regimento interno. A existência de plano museológico foi ainda menor, com apenas 21,4% afirmando possuí-lo. O IBRAM destaca que os museus que revelaram a posse desses instrumentos são públicos: estaduais, onde 66,7% declararam dispor dos dois instrumentos, e municipais, com 28,6% assumindo ter regimento interno e 14,3% têm o plano museológico (BRASIL, 2011a, p. 242).

Acerca dos recursos humanos, conforme pode ser observado na Figura 7, o cadastro revelou que o total de funcionários dos museus paraibanos é de 216 (duzentos e dezesseis) profissionais, dos quais 50 (cinquenta) estão inseridos no setor de limpeza, 45 (quarenta e cinco) no setor administrativo, 36 (trinta e seis) no setor de segurança e 33 (trinta e três) compõem o corpo técnico[15]. A participação de voluntários ficou abaixo da média nacional (32,1%), sendo declarada por 21,4% dos museus paraibanos (BRASIL, 2011a, p. 260). Outro dado importante é a afirmação de que 71,4% dos museus na Paraíba apresentam políticas de capacitação de pessoal, superando a média nacional (47,2%). Constatamos que esta informação não procede, e o que pudemos verificar é que não há nem formulação de política de capacitação e nem, consequentemente, sua implementação. Os 'usuários internos' destas instituições buscam, em alguns casos por iniciativa própria, formas de capacitação, mesmo considerando a escassez destas no estado. Quando estas capacitações acontecem, os museus nem sempre facilitam a liberação de seus funcionários. Desta forma, a política de capacitação é, dentro dos museus, praticamente inexistente e as capacitações que acontecem por incentivo externo têm participação dificultada.

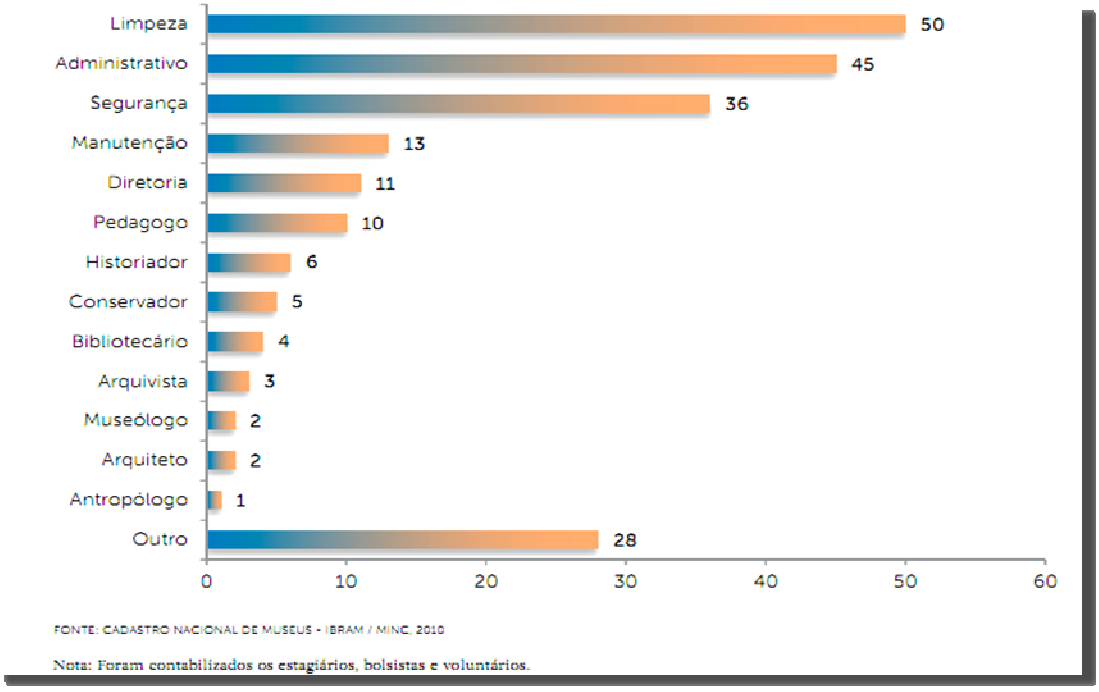


Figura 7 - Quantitativo de funcionários dos museus paraibanos cadastrados pelo IBRAM. Fonte: BRASIL, 2011a.

Nesta pesquisa estamos considerando os dados do IBRAM, e não os da Secretaria de

[15] Neste caso, o IBRAM estabeleceu a composição do corpo técnico feita por "[...] pedagogos, historiadores, conservadores, bibliotecários, arquivistas, museólogos, arquitetos e antropólogos" (IBRAM, 2011, p. 260).

Estado da Cultura da Paraíba porque, infelizmente, esta não dispõe de nenhum cadastro dos museus paraibanos. Em reunião com a REM/PB, em junho de 2012, a Secretaria questionou se a Rede possuía e poderia disponibilizar os contatos dos museus no Estado. Essas são as características dos museus paraibanos e foi com este perfil de museus que trabalhamos, não de forma direta, mas a partir dos seus 'usuários internos'.

Conforme esclarece Adriana Mortara Almeida (2004), os estudos de usuário em museus foram fortemente incentivados pelos setores ligados à educação que, a partir do século XX é considerada "uma das principais funções dos museus e foi até utilizada para justificar sua manutenção". (ALMEIDA, 2004, p. 328).

A relação do museu com a educação não foi estudada neste projeto. No entanto, precisamos expor que é a partir da movimentação ocorrida no setor educativo dos museus paraibanos, que nasce a preocupação com a organização de discussões acerca destas instituições, incluindo os 'estudos de público' que pesquisam sobre os sujeitos que fazem, os que podem fazer e os que não fazem uso da informação museal, aqui entendida como a informação produzida no âmbito do museu. Estes estudos são descritos:

> [...] como processos de obtenção de conhecimento sistemático sobre os visitantes de museus, atuais ou potenciais, com o propósito de empregar o dito conhecimento na planificação e pôr em marcha atividades relacionadas com os distintos grupos de visitantes. (KÖPTCKE, 2012, p. 215-216)

Apesar do Estudo de Público não ser objeto de estudo desta pesquisa, percebemos que há na Paraíba, uma preocupação por parte dos 'usuários internos', com os sujeitos que poderão utilizar os museus, ou seja, com os sujeitos que poderão tornar-se usuários da informação museal. É durante esta movimentação, fortalecida no seio do setor educativo dos museus paraibanos, que surge a REM/PB, temática abordada no capítulo 4.

No estado, duas instituições têm oferecido apoio aos museus - são os órgãos de defesa do patrimônio: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (IPHAEP) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

No Brasil, os museus estiveram vinculados aos órgãos de proteção patrimonial desde a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937. Neste período, a atuação do órgão estava restrita ao combate e 'evasão dos acervos' e à 'implementação de uma política de criação dos museus nacionais'(JULIÃO, 2006, p. 24). Em 1946, o SPHAN passou a ser denominado de Departamento do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional (DPHAN), para em 1970 se transformar no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O IPHAN assumiu a responsabilidade de suporte aos museus brasileiros e, em 2003, como parte da Política Nacional de Museus, passou a abrigar em sua estrutura, um departamento específico para museus: Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU).

> Um dos primeiros desdobramentos da Política Nacional de Museus foi a criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) no âmbito do IPHAN, em 2003. A singularidade do conjunto de museus do IPHAN e a inexistência formal de um setor na área federal voltado às ações no campo da museologia, eram motivos suficientes para a criação do DEMU. (BRASIL, 2006, p. 17)

Então, até a criação do IBRAM, em 2009, o DEMU tratou das questões referentes aos museus brasileiros. Por este motivo, há uma forte relação entre IPHAN e IBRAM. Como o IBRAM ainda não possui representações nos estados, a forma encontrada para estreitar laços com os mesmos foi através da continuidade da relação com os órgãos patrimoniais.

Assim, a Superintendência do IPHAN na Paraíba que, anteriormente à criação do IBRAM, já atuava junto aos museus paraibanos continuou fornecendo apoio aos museus que os procuravam. Dentre estas destacamos: a concretização do Cadastro Nacional de Museus nos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte; o apoio (técnico e financeiro) aos museus do município de Areia (PB), através da parceria com a Associação dos Amigos de Areia – AMAR; coordenação do projeto de implantação do Museu Arqueológico de Pilões (PB); apoio técnico ao Memorial do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba e apoio à exposição das memórias do Vale do Gramame, através da parceria com a Escola Viva Olho do Tempo (EVOT), em João Pessoa-PB. Pela sua vinculação anterior com o DEMU, o IPHAN é procurado também como fonte de auxílio pelos museus paraibanos.

Quanto à atuação do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado da Paraíba (IPHAEP), é necessário destacarmos a movimentação realizada sob o comando de Silvia Regina Mota Rocha, que parecem ter sido as primeiras manifestações rumo à efetivação de políticas notadamente públicas para o setor no estado. Em março de 2005, durante a gestão de Regina Mota[16] (2005 – 2008), foi elaborada, e iniciada, a Política de Preservação do Patrimônio Cultural Material e Imaterial do IPHAEP. Como parte desta Política, foi criada a Política Estadual de Preservação Museológica que delineou os seguintes

[16] Silvia Regina Mota Rocha é Mestre em Ciência da Informação e atualmente é Coordenadora de Museologia do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte – MG.

eixos:

> - A Implantação do cadastro das unidades museísticas do estado da Paraíba.
> - Capacitação e Formação de quadros técnicos para atuação em museus, arquivos e bibliotecas.
> - A Elaboração da proposta preliminar do Sistema Estadual de Museus Paraibanos a ser discutido com o seguimento museológico no início de 2008.
> - A reestruturação de museus existentes e a criação de novas instituições museísticas no estado da Paraíba
>
> (Carta de Regina Mota Rocha, Anexo I)

Para execução do primeiro eixo, o IPHAEP buscou realizar o cadastro iniciando o trabalho pelas instituições da capital. Infelizmente, após a mudança de gestão, não houve prosseguimento e as demais cidades não foram agraciadas.

Quanto à capacitação do quadro de funcionários do setor, o IPHAEP foi o responsável pelo estabelecimento da parceria com o governo federal para a vinda de oficinas de capacitação na Paraíba:

> Em 25 de janeiro de 2008, encaminhei ao Senhor Átila Tolentino[17], Gerente de Gestão Museológica, Departamento de Museus e Centros Culturais - DEMU/IPHAN a relação das oficinas de capacitação para profissionais de museus e instituições culturais paraibanas. (Carta de Regina Mota, Anexo I)

Assim, juntamente como parte da Política Nacional de Museus, governo federal e estadual estabelecem parcerias e realizam as oficinas nos estados do país. Na Paraíba, estas oficinas foram acordadas a partir da movimentação ocorrida no IPHAEP.

> A Política Nacional de Museus está disseminada por todo o território nacional e vem, de forma sistemática, se enraizando na vida cultural brasileira. Sua capilaridade é notável: em todas as unidades federativas existem agentes sintonizados e comprometidos com o seu desenvolvimento. Além disso, ações de capacitação e formação profissional estão sendo realizadas por todo o país; o Programa de Formação e Capacitação, ao longo de quatro anos, atendeu mais de 10 mil profissionais e estudantes; sistemas estaduais de museus estão sendo criados ou revitalizados; fóruns, seminários, jornadas e encontros são levados a efeito por todo o canto (BRASIL, 2006, p. 17).

Quanto à elaboração da minuta do Sistema Estadual de Museus, o IPHAEP realizou uma oficina específica. Fazendo parte deste último eixo constavam a 'elaboração e

[17] Atualmente, Átila Tolentino trabalha na Superintendência do IPHAN na Paraíba.

implantação do Museu da Cidade de João Pessoa-Parahyba'[18], tendo havido movimentação intensa e parcerias importantes com a UFPB[19] e com o governo espanhol, através da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI), onde 'a equipe técnica do Projeto foi capacitada por especialistas espanhóis do Museu da América de Madrid (ES) e da Universidade Federal de Barcelona - ES' (Carta de Regina Mota, Anexo I); e 'elaboração do Projeto Construção da nova Sede e Reestruturação do Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC/UEPB' que funcionaria como piloto para a Política Estadual de Preservação Museológica (Carta de Regina Mota, Anexo I).

Durante a gestão 2005-2008, o IPHAEP buscou criar uma política que desenvolvesse: um censo dos museus paraibanos, seu corpo técnico, a criação e reestruturação destas instituições, além do Sistema Estadual de Museus.

Apesar do esforço produzido pelo IPHAEP, na prática, poucas ações foram tomadas e/ou continuadas. As oficinas aconteceram, mas não tiveram continuação. O Sistema Estadual de Museus não teve progresso, apenas sendo retomado no segundo semestre de 2012, contando com o esforço da REM/PB, e a reestruturação dos museus priorizou apenas uma instituição: o MAAC.

Neste período, o IPHAEP buscou o desenvolvimento dos museus paraibanos plantando sementes. No entanto, suas ações não tiveram continuidade e não progrediram. Quanto à atuação do IPHAN, é essencial, mas ainda limitada, justamente por não ser o responsável pelos museus. São ações pontuais que não visam o desenvolvimento simultâneo das demais instituições. Da mesma forma, precisamos valorizar suas ações, uma vez que este órgão oferece apoio técnico a alguns museus no estado.

Na verdade, o que fica evidente é que, apesar do esforço e empenho dos dois órgãos no estado, sem o interesse do governo da Paraíba as ações não progridem, não sendo tão eficientes quanto à abrangência.

---

[18] A "[...] deliberação nº. 0061/2006, do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais – CONPEC, da sessão realizada em 6/9/2006, que trata da aprovação do Projeto do Museu da Cidade – João Pessoa - Parahyba, situado na Praça da Independência, 92, Centro, João Pessoa/PB." (Carta de Regina Mota, Anexo I)

[19] Incluindo-se o Departamento de Ciência da Informação, por intermédio da Profª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira que ocupou a função de Coordenadora de Documentação, além da Profª Rosa Maria Godoy da Silveira, responsável pela área de História, entre tantos outros profissionais envolvidos.

2.4 OS ‘PINTORES’ ESBOÇAM OS CONTORNOS DOS MUSEUS PARAIBANOS

Dominique Poulot (2012), ancorado nas ideias de Michel Conforti, elencou 04(quatro) elementos que em sua visão possibilitariam a estabilidade do museu frente às mutações pelas quais atravessa. O primeiro elemento trata da *definição da missão* durante a fundação, ou seja, ainda durante sua estruturação, devendo esta missão ser readequada, mantida e revisitada durante toda a existência do museu. Ao reportar-se a este elemento, o autor alerta para que a missão traçada seja absorvida por todos os que fazem a instituição, a fim de que seus objetivos sejam alcançados. O segundo elemento diz respeito à *estrutura administrativa e profissional dos museus*, sem descuidar do aparato ético e organizacional. O terceiro refere-se à *natureza das coleções permanentes,* enquanto o quarto elemento diz respeito à *estrutura da edificação*.

A partir das narrativas dos ‘usuários internos’, delineamos a silhueta de suas instituições considerando suas expressões essenciais às descrições destas, de seus problemas e soluções, de seu funcionamento e de suas relações. Para tanto, traçamos as seguintes categorias analíticas: missão dos museus, função dos museus, sustentabilidade (com as subcategorias parcerias e financiamentos), conhecimento sobre o acervo, relação museu-sociedade, problemas percebidos nos museus em que atuam, sugestões para a melhoria dos museus em que atuam, setores do museu, ‘usuário interno’ (contando com as subcategorias de capacitação profissional, participação na REM/PB, poder participativo no âmbito dos museus, satisfação com o museu e ‘se o museu fosse seu...’).

2.4.1 Categoria: Missão dos Museus

Ao serem interrogados sobre suas visões acerca da missão dos museus em que atuam, nossos respondentes elegeram as missões de seus museus voltadas à educação, preservação, pesquisa e comunicação.

Botticelli registrou que a instituição em que atua, situada em João Pessoa-PB, tem

como missão principal "*promover ações de Educação Patrimonial com vistas à promoção e valorização do patrimônio cultural da Paraíba*". Já Duchamp, ao responder à mesma questão, reproduziu a resposta por ele concedida por ocasião da realização do cadastro do IBRAM, ou seja, adotou o princípio da citação registrando: "*Preservar, pesquisar e comunicar seu patrimônio museológico, com a finalidade de ensinar e divulgar especialmente as artes visuais, em busca do benefício à transformação social pela democratização do bem cultural, e do incentivo à arte contemporânea*".

Ainda na perspectiva da missão institucional, Navarrete reproduziu a formalização da missão institucional citando inclusive o regulamento de criação do NAC. Segundo este regulamento, ficam estabelecidos os seguintes objetivos:

> *a) Contribuir na assistência técnico-cultural das Artes Visuais na universidade, nas instituições culturais do estado e particulares. Promover intercâmbio cultural com órgãos nacionais e internacionais.*
> *b) Estudar, promover e difundir as Artes Visuais Contemporâneas na universidade em geral.*
> *c) Executar e/ou promover, participar de programas interdisciplinares compatíveis com seus objetivos.*
> *d) Manter uma infraestrutura de produção e documentação artística ligada ao ensino, à pesquisa e à extensão.* (NAVARRETE)

Na mesma vertente de raciocínio, Oggiono defende que a missão dos museus "[...] *consiste em conservar, pesquisar, comunicar a produção existente em seu acervo e de demais artistas. Oportunizar à sociedade em geral, a vivência do espaço, da produção artística lá exposta e de demais ações culturais desenvolvidas no museu*".

Diante destas respostas, é possível verificarmos que alguns respondentes buscaram a missão formalizada de suas instituições. Neste sentido, ponderamos que o que é ressaltado como missão, parece não estar interiorizado e sentido por seus 'usuários internos'; ao contrário: é tratado como algo mais formal, gráfico, escrito e nem sempre explícito.

2.4.2 Categoria: Função dos Museus

A missão dos museus possui um intenso imbricamento com suas funções que devem atuar sem hierarquização, de forma harmoniosa, pois o estabelecimento de preferências entre as funções compromete o funcionamento da instituição. Assim,

> [...] atitudes que se preocupam de modo muito excessivo com apenas uma das funções, colocam em risco a sobrevivência da mesma instituição museal: para certificar-se plenamente da sua missão, o museu deve respeitar um equilíbrio entre as diferentes funções sem negligenciar nenhuma. (GOB; DROUGUET, 2010, p. 65, tradução nossa).

Neste sentido, cerca de 57% dos 'usuários internos' afirmam que as instituições nas quais trabalham cumprem sua função, enquanto os demais narram tal atividade, relacionando-a a momentos pontuais.

> Sim, cotidianamente, além de atendermos à comunidade temos dentro dele todos os dias da semana 150 crianças e adolescentes que participam da dinâmica deste espaço, por meio de vivências com os Griôs e Mestres do Vale do Gramame, oficinas de educação patrimonial entre outras que dialogam com os espaços do Museu Vivo. (LEONARDO)

> Tentamos através dos projetos conseguir recursos para dar continuidade aos trabalhos e tentar valorizar a importância dos museus junto à comunidade (FRIDA)

> Em parte. Com certeza ele preserva, pesquisa e comunica seu patrimônio museológico. (DUCHAMP)

> Em alguns momentos pontuais. (OGGIONO)

Assim, compreendemos que, se a função do museu é cumprida de modo temporário, então, sua missão se encontra comprometida, uma vez que missão e função estão intimamente relacionadas.

2.4.3 Categoria: Sustentabilidade

2.4.3.1 *Subcategoria: Financiamentos*

Há um consenso sacralizado na literatura que o museu é uma instituição sem fins lucrativos. Ao os considerarmos desta forma, trazemos um problema à tona: Como se sustentam? Os museus não têm fins lucrativos, mas necessitam se manter e, para isso, assumir despesas. Considerando tal questão, André Gob e Noémie Drouguet (2010) provocam ao concluírem que "Sua finalidade não é o lucro. Mas seu funcionamento se encaixa em uma atividade econômica: salários, despesas de funcionamento [...] (GOB; DROUGUET, 2010, p. 278, tradução nossa)". Neste sentido, os autores apontam que os recursos financeiros possuem origem diversificada, de acordo com vários fatores e classificam tais recursos: subsídios públicos, doações e legados, receitas próprias e patrocínio. Os museus paraibanos são mencionados quanto aos financiamentos de suas instituições, primordialmente subsídios públicos. Alguns destes financiamentos são estabelecidos provisoriamente, como menciona Frida: "*Atualmente, o Museu Regional se sustenta com o Prêmio Rodrigo Melo Franco*[20]", referindo-se ao prêmio no valor de R$ 20.000,00 (vinte mil reais) que recebeu do IPHAN, na categoria de 'Preservação de Bens Móveis', no ano de 2012.

Da mesma situação compartilha a instituição referida por Navarrete ao dizer que, apesar dos órgãos estarem vinculados às instituições públicas, para o "*financiamento das atividades, os recursos são conseguidos através de editais específicos para as Artes Visuais ou quando são financiados com recursos dos próprios coordenadores do NAC*".

O Estado aparece nos financiamentos dos museus de forma direta, como citado por Edgar Degas 'Governo do Estado' ou através de fundações como elucida Oggiono: "*Através de*

[20] O Prêmio Rodrigo Melo Franco foi criado em 1987 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como forma de 'reconhecimento a ações de proteção, preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro'.

recursos oriundos de cursos de graduação e pós-graduação oferecidos pela FURNE[21], fundação que administra o museu''.

Em menor número, estão outras formas de financiamento. Leonardo expõe que a situação financeira da instituição na qual possui vínculo é mantida por diversas fontes: '*Por meio das várias ações da instituição*'.

2.4.3.2 *Subcategoria: Parcerias*

Os museus paraibanos, como visto, encontram-se subordinados ao governo, o que, também pode ser constatado através das parcerias. Cerca de 63% das instituições pesquisadas conseguem estabelecer parcerias, sendo 50% públicas, confrontando com 12,5% privadas. Enquanto 37,5% não mantêm nenhum tipo de parceria.

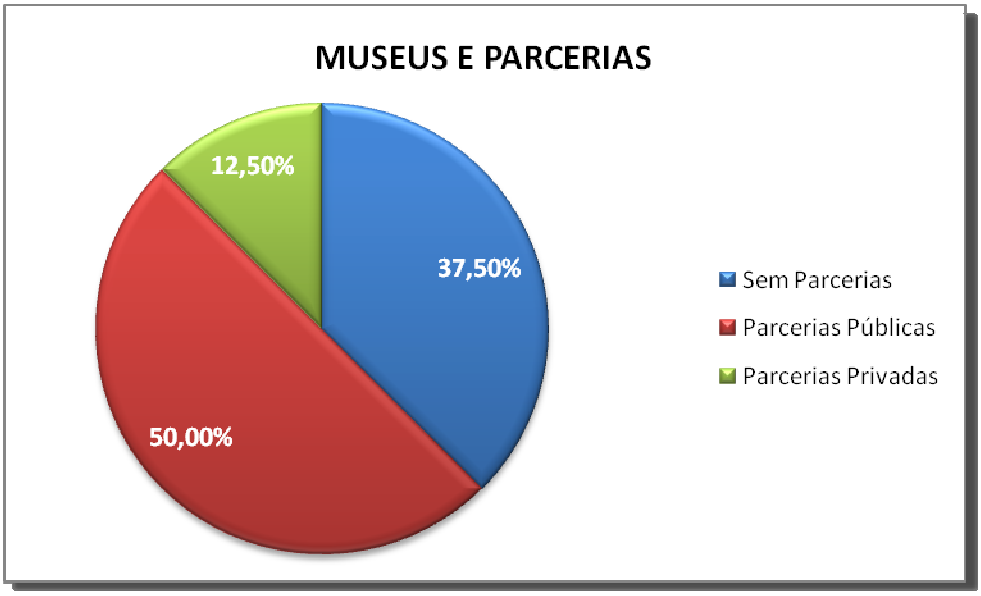


Figura 8 - Mapa acerca das parcerias estabelecidas pelos museus paraibanos.

A busca por parcerias e por garantia de financiamentos é constante entre os museus, sendo motivo recorrente de reclamação. A dificuldade de obtenção destes recursos é um dos

[21] Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FURNE).

desafios do gerenciamento dos museus.

> Dirigir e gerenciar os museus é hoje em dia, portanto, uma tarefa cada vez mais complexa, não somente pela necessidade de atender às crescentes demandas sociais mediante a realização e utilização de novos recursos financeiros, mas especialmente desde a perspectiva da modernização destas instituições. Relacionado à sua organização, ao uso e conservação dos bens patrimoniais, com a constituição de uma competente equipe multidisciplinar, com a preparação e reciclagem dos profissionais que o integram, com a geração de recursos próprios, a qualidade e eficiência da difusão de suas atividades (FERNÁNDEZ, 2006, p. 322, tradução nossa).

Como Luís Alonso Fernández (2006), alguns autores concebem que os museus devem gerar receitas e possuírem seus próprios recursos para investir na melhoria de seus serviços, inclusive contratação e capacitação de pessoal, além de preservação e conservação dos acervos.

2.4.4 Categoria: Conhecimento Sobre o Acervo

Os museus paraibanos apresentam diversos, e sérios, problemas. Alguns deles são referentes à: representação da informação, preservação, conservação e restauração. Demonstrando conhecer o acervo com o qual trabalham, os 'usuários internos' explicam:

> O acervo, no momento, esta sendo inventariado e consiste basicamente de peças de mobiliario, obras de arte diversas (em fase de doaçao) e uma obra de arte integrada na arquitetura e o proprio edifício. (CÉZANNE)

> Temos Acervo Fotográfico, Obras de Arte, Objetos Pessoais e um rica biblioteca particular com obras raras. (EDGAR DEGAS)

> O museu que trabalho tem um acervo riquíssimo, onde reune diversas categorias, desde as quais destacamos: arte sacra, artes decorativas, artes visuais, etnologia, mineralogia, paleontologia,etc. (FRIDA)

> *Ele é composto por peças e utensílios e artesanatos dos Mestres e moradores do Vale do Gramame, com essas peças acontecem a transmissão dos saberes e fazeres local por meio da contação e da vivências com os Griôs e mestres do Vale*. (LEONARDO)

> *O acervo é composto por 566 obras de arte (desenhos, esculturas, gravuras, pinturas e construções artísticas), referentes a diferentes e significativos períodos da produção artística de brasileiros e estrangeiros*. (OGGIONO)

Podemos verificar nestas respostas que os 'usuários internos' têm contato com o acervo e o apresentam com precisão numérica. Ao demonstrarem, em sua maioria, conhecimento sobre os acervos dos museus onde trabalham, os 'usuários internos' denunciam problemas de tratamento nos acervos, descrevendo-os. Aqui, registramos.

> *Pela falta de tratamento do acervo e de sua documentação, não conheci todos os bens culturais que o NAC possuía. Mas é composto por pedras litográficas, impressões de litografias, coletânea de cartazes, livros de artes, obras de arte, pastas de artistas, catálogos, fotografias e vídeos. É um acervo de relevância para a história da Arte Contemporânea no Brasil.* (NAVARRETE)

A falta de catalogação dos bens dos museus é um dos sérios problemas encontrados no estado. Este lapso no controle dos bens patrimoniais os torna vulneráveis, facilitando seu desaparecimento por apropriações indevidas.

2.4.5 Categoria: Relação Museu - Sociedade

Consideramos a sociedade como principal fundamento do museu uma vez que é feito por ela e para ela, e sua movimentação nestas instituições confere vivacidade a estas instituições, afinal: "Um museu sem visitantes não é um museu digno desse nome." (GOB; DROUGUET, 2010, p. 90, tradução nossa). Neste sentido, a unanimidade dos 'usuários internos' reconhecendo o papel dos museus, como vinculado essencialmente à comunidade,

enumera as diversas ações que suas instituições realizam:

> *As ações da CPJP são desenvolvidas com a participação das comunidades desenvolvidas nos projetos.* (BOTTICELLI)

> *Através da exposição e do atendimento ao escolar e pesquisador, entre outras situações.* (DUCHAMP)

> *Com distribuição de folders, com avisos na igreja, com visitas dirigidas através dos alunos que fazem parte do projeto, etc...* (FRIDA)

> **Por meio das ações que são construídas na roda com os moradores, as crianças, adolescentes e mestres, as ações que além de acontecerem na sede do museu acontecem também nos quintais dos moradores e mestres e nos lugares de memória reconhecidos pela comunidade**. (LEONARDO)

> *O curso de Artes Visuais da UFPB, em período de estagio, levam suas turmas para o NAC para ver alguma exposição ou para realizar alguma atividade no espaço; nos cursos e palestras abertos ao público.* (NAVARRETE)

> De que forma este contato ocorre? Através das ações desenvolvidas em oficinas de artes, palestras, visitações às exposições por parte de alunos do ensino formal do fundamental ao superior, alunos de pós-graduação, grupos de jovens e idosos, pacientes de hospitais psiquiátricos (espontâneas ou agendadas previamente), projeto cineclube, participação em cursos diversificados oferecidos pelo museu em parceria com outras instituições. (OGGIONO)

Assim, percebemos a variedade de ações que os museus paraibanos realizam para abranger a comunidade, intensificando a relação com esta. Nesta movimentação, podemos analisar que a maior parte das informações direcionadas à comunidade possui um viés educativo ou informativo, por meios impressos ou orais.

2.4.6 Categoria: Problemas Percebidos nos Museus em que Atuam

Assumindo uma responsabilidade de atuação em diversas áreas, e por se posicionar na fronteira entre a instituição e a comunidade, os 'usuários internos' elencam diversos problemas percebidos em suas instituições quanto à conservação dos bens, ao pessoal e aos recursos financeiros, expostos nesta ordem:

> Por se tratar de um museu localizado na beira mar, problemas com a maresia. (EDGAR DEGAS)

> A falta de um corpo técnico de profissionais especializados, de recursos para equipar e manter em pleno funcionamento os diferentes setores, de conhecimento da área por parte dos gestores, de interesse político em investir em recursos humanos e financeiros, de recursos financeiros... (OGGIONO)

> *Ausência de um quadro funcional suficiente e estruturado conforme o Estatuto de Museus, que possa abordar todas as questões necessárias ao cumprimento de sua missão.* (DUCHAMP)

> *O maior problema dos museus são as instituições que administram, pois não há um conhecimento profundo da importância dos museus, onde todos podem trabalhar sem ter capacitação para tal função.* (FRIDA)

> *Sem apoio não há recursos financeiros, não há tratamento do acervo, não há equipe necessária para o funcionamento da instituição museológica, não há capacitação técnica, não há conservação do edifício que abriga o museu.* (NAVARRETE)

> *Hoje percebo a falta de recurso para desenvolvermos ações nas áreas mais distantes, montar equipe, assim como para montarmos as exposições.* (LEONARDO)

Assim, são enumerados problemas das mais diversas áreas do museu, problemas graves e comprometedores da função e missão destas instituições. Entre as dificuldades encontradas nos museus paraibanos, os 'usuários internos' percebem sua própria importância

para a instituição, ao divulgarem o problema da falta de pessoal qualificado e da falta de investimento em capacitações.

2.4.7 Categoria: Sugestões para Melhoria dos Museus em que Atuam

Cientes dos problemas que dificultam o funcionamento dos museus, os 'usuários internos' sugerem como soluções: concursos e/ou capacitações de pessoal, elaboração de plano museológico, maior investimento financeiro e uma real apropriação das entidades mantenedoras. Aqui, registramos suas propostas:

> São resolvidos com a pronta atuacao da equipe de funcionarios, dentre eles especialistas em restauração. (EDGAR DEGAS)
>
> *Com a estruturação da instituição e contratação por concurso de funcionários.* (DUCHAMP)
>
> *Fazer concursos ou capacitar as pessoas que já trabalham nos museus.* (FRIDA)
>
> *Com a capacitação dos seus gestores para trabalhar num espaço como um museu.* (NAVARRETE)
>
> *Elaboração e cumprimento de um Plano Museológico, entre outras questões.* (DUCHAMP)
>
> *Por meio de aprovações em editais, parcerias e apadrinhamentos.* (LEONARDO)
>
> *Com a UFPB assumindo a responsabilidade do museu de arte contemporânea que possui.* (NAVARRETE)

Desta forma, os respondentes provocam reflexões acerca dos museus paraibanos, admitindo a necessidade de reestruturação destes espaços, do uso de elementos museológicos e, principalmente, quanto à equipe de pessoal. Assim, reforçam a necessidade de valorização dos 'usuários internos', através de capacitações e aperfeiçoamentos, mas também quanto à seleção de profissionais, afastando os cargos nos museus dos apadrinhamentos políticos tão

frequentes na Paraíba.

2.4.8 Categoria: Setores do Museu

Percebendo a necessidade de interatividade intersetorial, de forma harmônica, os 'usuários internos' concebem a equipe do museu como integrada, devendo agir de forma simbiótica. Em sua imensa maioria, os usuários acreditam que não há hierarquia de setores, necessitando que haja um trabalho em conjunto para desenvolver o potencial do museu.

> *Acho que todos os setores são importantes. Não se deve priorizar um em detrimento do outro.* (BOTTICELLI)

> *Todos. O museu é uma instituição interdisciplinar* (DUCHAMP)

> Todos. Sao partes de um todo. (EDGAR DEGAS)

> *O Conjunto, percebo que assim ele caminha melhor.* (LEONARDO)

> *Todos os setores são importantes num museu. Nenhum setor pode existir isoladamente. Para que o museu funcione adequadamente, cumprindo sua missão, é necessário que haja uma relação entre seus setores. No caso do NAC, ele precisa de uma total reestruturação, precisa de um plano museológico, de pessoas que acreditem na causa e de recursos financeiros.* (NAVARRETE)

> *Eu não diria que existe um setor mais importante que outro. Os setores se complementam e apresentam significados específicos para que a função maior exista. A disponibilização ao público do patrimônio cultural a ser comunicado. O acervo de um museu é o seu objeto essencial.* (OGGIONO)

As narrativas dos 'usuários internos' nos trazem a percepção do museu como instituição sistêmica, cujo completo funcionamento depende do equilíbrio entre setores,

devendo atuar de forma solidária e consonante, em busca de um desempenho eficiente destas instituições.

2.4.9 Categoria: 'Usuário Interno'

2.4.9.1 *Subcategoria: Capacitação Profissional*

Dentro de cada setor, a(s) equipe(s) de 'usuários internos' merece(m) destaque, uma vez que são os responsáveis por desenvolver(em) as atividades inerentes às funções específicas. Assim, consequentemente, deve haver prioridade para seus aperfeiçoamentos e capacitações, mantendo-os ágeis com as mudanças culturais, políticas e sociais a que estão submetidos os museus. Ponderando acerca do Código de Ética do ICOM, constatamos que quanto à formação de pessoal:

> Deve-se promover oportunidades adequadas de formação continuada e de desenvolvimento profissional para todo o pessoal do museu a fim de manter sua eficiência. (ICOM/BR, 2009, p. 13).

Na Paraíba, algumas instituições estimulam seus 'usuários internos' para capacitações na área específica, ou em áreas afins, como podemos verificar nas narrativas abaixo:

> *SEMPRE. A equipe da CPJP/IPHAN/PB é estimulada a participar de mecanismos de capacitação (cursos, oficinas, encontros etc.) ofertados pelo IPHAN e outras instituições.* (BOTTICELLI)

> SEMPRE. Reuniões, encontros, cursos e encontros da REM. (EDGAR DEGAS)

> SEMPRE. Formações continuada na área pedagógica que na verdade é uma formação que não é especifica para área do museu. (LEONARDO)

Algumas instituições permitem que seus 'usuários internos' sejam liberados de suas

atividades cotidianas apenas de forma esporádica, de acordo com ajustes internos para não prejudicar o funcionamento das mesmas:

> *ÀS VEZES. Com mais ênfase através das oficinas promovidas pelo IBRAM.* (DUCHAMP)

> *ÀS VEZES. No nosso caso, sempre que podemos estamos fazendo alguns cursos que possam oferecer melhores condições de conhecimento e de preparo aos alunos e alguns funcionários. Isso faz com que o atendimento ao turista seja mais satisfatório e todos aprendem a valorizar cada vez mais os museus.* (FRIDA)

> ÀS VEZES. Quando os profissionais buscam meios de formação e capacitação existe um discreto apoio financeiro e disponibilidade dentro do horário de trabalho. (OGGIONO)

Percebemos na narrativa dos usuários que estes são, com mais ou com menos frequência, liberados para capacitações, no entanto, o museu não aparece como promotor de tais atividades, não se responsabilizando pelas capacitações. Podemos encontrar pistas dos motivos para tal fato, a partir do seguinte escrito:

> *NUNCA. Não há apoio da sua mantenedora, a UFPB; nem os próprios gestores eram capacitados para administrar essa ferramenta (são professores da UFPB, possuíam toda boa vontade e experiência em outras áreas, mas não estavam preparados para esse tipo de atividade específica).* (NAVARRETE)

Tal constatação confronta os dados fornecidos pelos museus paraibanos ao Cadastro de Museus, onde constam que 71% destas instituições possuem políticas de capacitação de pessoal (Figura 9). Não foi registrada nenhuma política, mas ações pontuais consistindo na liberação de funcionários para participação de capacitações promovidas por outras entidades.

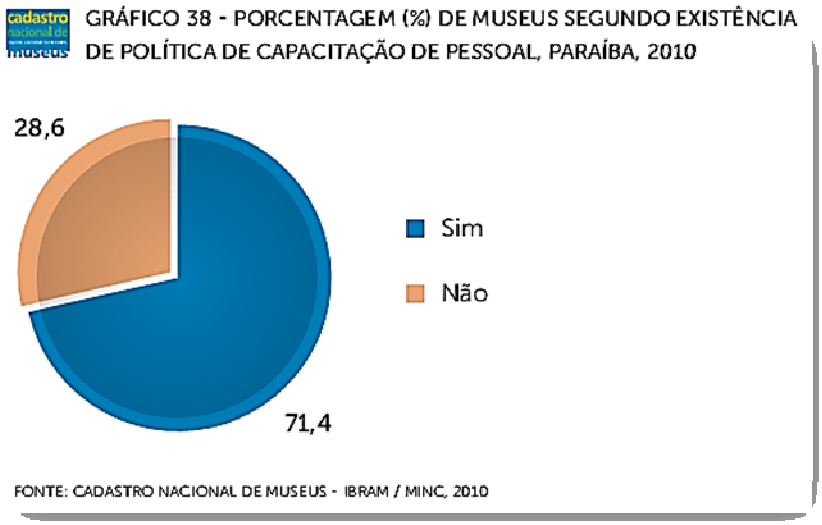


Figura 9 - Museus que apresentam política de capacitação de pessoal. Fonte: BRASIL, 2011a, p. 261).

2.4.9.2 *Subcategoria: Participação na REM/PB*

Como fonte informacional, a REM/PB surge, suprindo a lacuna deixada pelas próprias instituições, como local de capacitação. Para as reuniões da Rede, 70% dos 'usuários internos' informaram possuir facilidade na liberação por parte de suas instituições museais. Os demais justificaram desta forma:

> *ÀS VEZES. Ainda não é prioridade... Acho que falta ainda um melhor entendimento sobre a importância desses encontros de formação e troca de saberes.* (HENRI MATISSE)

> *ÀS VEZES. O número de funcionários é reduzido. Quando um sai, o outro tem que ficar para ajudar o público.* (MICHELANGELO)

> *ÀS VEZES. Nunca precisei de permissão porque eu fui colaboradora da instituição museológica, apenas. Contudo, a pedido da então coordenadora do NAC, durante os encontros da REM-PB eu representava o museu quando a coordenação não podia participar.* (NAVARRETE).

Desta forma, alguns não são autorizados para não comprometer o funcionamento do museu devido ao número reduzido de funcionários. Apesar disto, a resposta formulada por Henri Matisse chama a atenção por, ao justificar a esporadicidade de liberação aos encontros, valorar tais reuniões como importantes, conferindo necessidade de maior aprofundamento sobre a Rede, reconhecendo seu aspecto informacional.

2.4.9.3 *Subcategoria: Poder Participativo no Âmbito dos Museus*

Os 'usuários internos' desta pesquisa se consideram partícipes nas decisões de suas instituições e, desta maneira, demonstram suas formas de atuação, que acontecem de modo diversificado.

> *Sim, as decisões são formadas de forma coletiva.* (BOTTICELLI)

> *O MAAC só possui três funcionários que trabalham em acordo, cada qual responsável por sua função e que compartilham tarefas.* (DUCHAMP)

> *CLARO! Nós sempre nos reunimos nas sextas-feiras, onde todos podem expressar suas ideias e assim poder participar da construção do museu. Isso faz com que todos trabalhem mais satisfeitos e aprendam o quanto é importante preservar a memória.* (FRIDA)

> **Sim, ele é um museu vivo construído coletivamente por uma gestão compartilhada**. (LEONARDO)

> Atualmente sim. Sempre os diferentes assuntos são discutidos com toda a equipe de trabalho. (OGGIONO)

Apesar desta partilha ser considerada, por alguns, como evidente, em outras instituições, tal ação não ocorre de maneira equivalente. O desabafo revela a situação caótica, desarmônica e verticalizada.

> *No NAC não havia reunião com os funcionários. Havia uma irregularidade na frequência dos poucos funcionários que eram lotados no NAC. Por cultura gerada durante gestões anteriores, não havia abertura para diálogos entre coordenação e funcionários.* (NAVARRETE)

A situação denunciada pelo 'usuário interno' da instituição mencionada explicita o descaso tanto da coordenação, quanto dos 'usuários internos'. Ambos parecem não perceber e não se apropriar do museu no qual trabalham. Naturalmente, esta desarmonia é refletida no cumprimento da missão do museu e, consequentemente, em seu funcionamento.

2.4.9.4 *Subcategoria: Satisfação com o Museu*

Mesmo conscientes dos problemas de suas instituições, a maioria dos 'usuários internos' (88,9%) asseguram que frequentariam tais espaços, ainda que ali não trabalhassem e justificam:

> Porque acredito que todo e qualquer museu tem algo a contribuir e construir. (CÉZANNE)

> *No museu eu me reporto ao passado e me dá satisfação ver e sentir como viviam nossos antepassados.* (FRIDA)

> *Por ser um lugar educativo; adquire mais conhecimento e proporciona lazer e cultura.* (KANDINSKY)

> Um espaço rico em cultura. (EDGAR DEGAS)

Enquanto a menor parte (11,1%) destes usuários afirma que se não tivessem contato com o museu, não o frequentaria por diversos motivos, entre eles a falta de divulgação e dinamicidade destas instituições.

> *Se eu não fosse do curso de Artes Visuais e não tivesse sido colaboradora, dificilmente eu o visitaria. Porque: não há*

> *uma ampla divulgação das suas atividades (e quando há atividades); seu acervo não recebe tratamento técnico adequado (documentação, conservação, etc.); não há exposição permanente do seu acervo de arte contemporânea ou do histórico da instituição. O NAC não tem vida para a comunidade em geral. Ele funciona apenas para algumas ações isoladas.* (NAVARRETE)

Acerca da falta de divulgação é necessário lembrar que apesar de possuir 83 (oitenta e três) museus, a imensa maioria da população paraibana os desconhece e demonstra surpresa quando apresentados a esta quantidade. Este desconhecimento não está restrito apenas à população, pois, também, os órgãos de cultura do estado não conhecem suas instituições, nem, consequentemente, sabem sua localização e necessidades. Desta forma, ignorados pelo Estado e pela população, não é difícil que haja problemas em seu funcionamento e em sua frequência. Quanto à frequência de 'usuários externos', os museus paraibanos apresentam uma grande preocupação com um tipo específico: os escolares. Este 'usuário externo' é sempre referido quando as ações dos museus são refletidas, e são eles que justificam a permanência da abertura de muitos museus no estado.

Mesmo diante de todas as dificuldades dos museus, no cumprimento de suas atividades, os 'usuários internos' ainda conseguem apresentar satisfação em seu labor e demonstram como se sentem nestes espaços:

> *Apesar das dificuldades, me sinto satisfeito com as ações realizadas.* (BOTTICELLI)

> Sinto-me com uma grande carga de responsabilidade e realizaçao profissional. (CÉZANNE)

> *Realizada por estar sempre resgatando a minha história.* (FRIDA)

> **Gente, e ainda realizada, museu para mim antes era algo muito distante até ser despertado em mim que museu pode ser o quintal do meu avó que guarda e cuida de tanta coisa valiosa que antes eu não percebia**. (LEONARDO)

> *Apesar do amor que alimentava as ações que eram realizadas no NAC, quando eu era colaboradora do museu*

> *tinha a sensação de estar "remando contra a maré". Quando não se tem apoio da própria instituição mantenedora e do curso acadêmico do qual faz parte, no caso, o curso de Artes Visuais, é difícil trabalhar.* (NAVARRETE)

> *Com a responsabilidade de fazer com que o Museu cumpra com o seu papel social.* (OGGIONO)

Deste modo, assumindo muitas vezes responsabilidades que não seriam suas, ou não apenas suas, estes usuários desenvolvem intensas relações com as instituições museais nas quais trabalham e narram sentimentos de pertencimento e de apropriação. Demonstram que possuem vínculos fortes e que percebem o museu como espaço de construções, de transformações.

2.4.9.5 *Subcategoria: Se o Museu Fosse Seu...*

Ao provocarmos quanto à apropriação do museu por seus 'usuários internos', podemos verificar que eles possuem sentimento de pertencimento com estes espaços e, por este motivo, sugerem pontos que devem ser repensados para que os museus paraibanos possam, de fato, cumprir dignamente sua missão.

> *Eu sinto que o museu já é meu e que faço parte dele.* (BOTTICELLI)

> Por estar tendo a oportunidade de propor sua criaçao, planejar e executa-lo, me aproprio dele e o trato com todo o preciosismo, dentro das minhas limitaçoes e principalmente da ética, como se fosse realmente meu. (CÉZANNE)

> *Ele é meu, ele é seu, ele é nosso...* (DUCHAMP)

> Aumentaria o número de funcionários. (EDGAR DEGAS)

> *Não mudaria muito, apenas incentivaria e estimularia*

> *mais visitas da própria comunidade.* (FRIDA)

> *Buscaria reestruturá-lo. Rediscutir sua missão, fazer o plano museológico, documentar e tratar o acervo, capacitar os funcionários, voluntários, bolsistas e colaboradores e buscar parcerias.* (NAVARRETE)

> *Toda a proposta de atuação.* (OGGIONO)

A apropriação registrada em suas narrativas justifica os motivos que, mesmo percebendo problemas, ainda que não reconhecidos da forma como deveriam e, apesar de se considerarem muitas vezes impotentes na resolução dos problemas de suas instituições, estes usuários desenvolveram sentimento de pertencimento por elas. Tal sentimento, provavelmente, é um dos responsáveis pela permanência destas pessoas nestes espaços, algo que lhes dá forças para lutar pela sobrevivência destas instituições.

Diante deste quadro que se formou, buscando caracterizar o perfil dos museus paraibanos, reforçamos o pensamento de que estas instituições sofrem influências e moldam comportamentos, manipulando memórias e provocando esquecimentos. Muitas vezes funcionando como difusor de plataforma política e, neste sentido, comprometendo a qualidade da instituição, seu desenvolvimento e funcionamento. Neste sentido, ponderamos a necessidade da elaboração de políticas públicas culturais voltadas aos museus paraibanos. Falamos em políticas culturais reais e abrangentes da diversidade destas instituições sob sua circunscrição, que atue de forma democrática e não por preferências pessoais, tampouco de modo pontual e efêmero.

> Reconhecer a diversidade contida nesse pequeno Estado seria uma prática consensual de respeitabilidade ao ser humano, reconhecendo esta feita como ferramenta de (trans)formação de uma nova ordem social. (MEDEIROS, 2000, p. 63)

Tal evidência nos auxilia a reforçar o pensamento de que o museu é território de compartilhamento de informação, comunicação e conhecimento. Nessa perspectiva, seus usuários, internos e externos, contribuem para as (re)construções pelas quais os museus estão submetidos e, diante destas transformações percebemos como os sujeitos são importantes, afinal: “A museologia não existe sem os homens e as mulheres que a renovam.” (MAIRESSE, 2011, tradução nossa).

A criatura é limitada.
O tempo, o espaço,
normas e costumes.
Erros e acertos.
A criação é ilimitada.
Excede o tempo e o meio.

Cora Coralina

---

3 REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS

Por vezes elaboramos projetos baseados em um ideal específico, e nos surpreendemos com as proporções atingidas pelos mesmos. A criação, como processo construtivo e susceptível de influências, é mais ampla e flexível do que o produto final, limitado pelo tempo. Na epígrafe que introduz este capítulo, Coralina, sabiamente, nos traz essa reflexão que se adapta perfeitamente à Rede de Educadores em Museus. A criação das REMs provocou diversas e abrangentes reflexões no setor museal. Especificamente no caso da REM/PB, houve transposição de seus objetivos iniciais.

Esta pesquisa debruça-se sobre o 'usuário interno' dos museus paraibanos que são membros ativos da REM, na Paraíba. Para tanto, torna-se necessário conhecer a REM, sobretudo os aspectos históricos de sua formação, condição *sine qua non* para compreender os movimentos que a originaram, inicialmente em âmbito nacional e, posteriormente estadual, delineando seus princípios e fundamentação.

Interessados em educação em museus, buscando um debate mais intenso nos setores educativos dos museus cria-se em 2004, na cidade do Rio de Janeiro, a Rede de Educadores em Museus[22]. A REM/RJ é desta forma, a pioneira entre os estados brasileiros na criação de um espaço para essa discussão específica. Puderam, e ainda podem, fazer parte dessa discussão os profissionais de museus ou demais centros culturais que tenham interesse na temática da educação nestas instituições.

[22] Dados disponíveis no endereço eletrônico: http://www.rem.org.br

Inicialmente, com apenas 10 (dez) membros, a REM/RJ se expandiu e hoje já ultrapassou os 150 (cento e cinquenta). Mas essa expansão não foi apenas interna. Pelo seu pioneirismo, a REM/RJ assume um caráter representativo, em nível nacional, pois em encontros na área museológica começou a incentivar outros estados a pensarem na criação de redes com estruturas similares. O apoio foi fundamental. Em pouco tempo, outros estados criaram as suas redes, seguindo a mesma estrutura da rede carioca, constituindo-se um espaço para discussão da educação em museus, com reuniões mensais e itinerantes.

Além do suporte a distância em assuntos diversos relativos à Rede, a REM/RJ, com o auxílio do Instituto Brasileiro de Museus, passou a visitar os estados interessados apresentando seu funcionamento, princípios e estrutura. Esse apoio aconteceu como parte da estratégia da Política Nacional de Museus – PNM – para o estabelecimento de parcerias e promoção de diálogo no setor museal, e foi fundamental para toda a movimentação nos estados brasileiros, despertando um otimismo intenso com a proposta apresentada. Percebeu-se que existia uma lacuna neste setor e uma carência de seus profissionais, para discutir suas experiências. Este apoio é relatado na página da Rede de Educadores em Museus e Patrimônio de Mato Grosso (REMP-MT), em sua apresentação, conforme pode ser observado no Apêndice A.

Há, atualmente, no Brasil, 11 (onze) Redes de Educadores em Museus, distribuídas pelos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Distrito Federal, Mato Grosso, Espírito Santo, Goiás, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Considerando as individualidades encontradas em cada estado, de certo modo as Redes mantiveram o padrão da REM/RJ quanto à itinerância de seus encontros, promoção de discussão sobre educação em museus e no apoio aos seus membros.

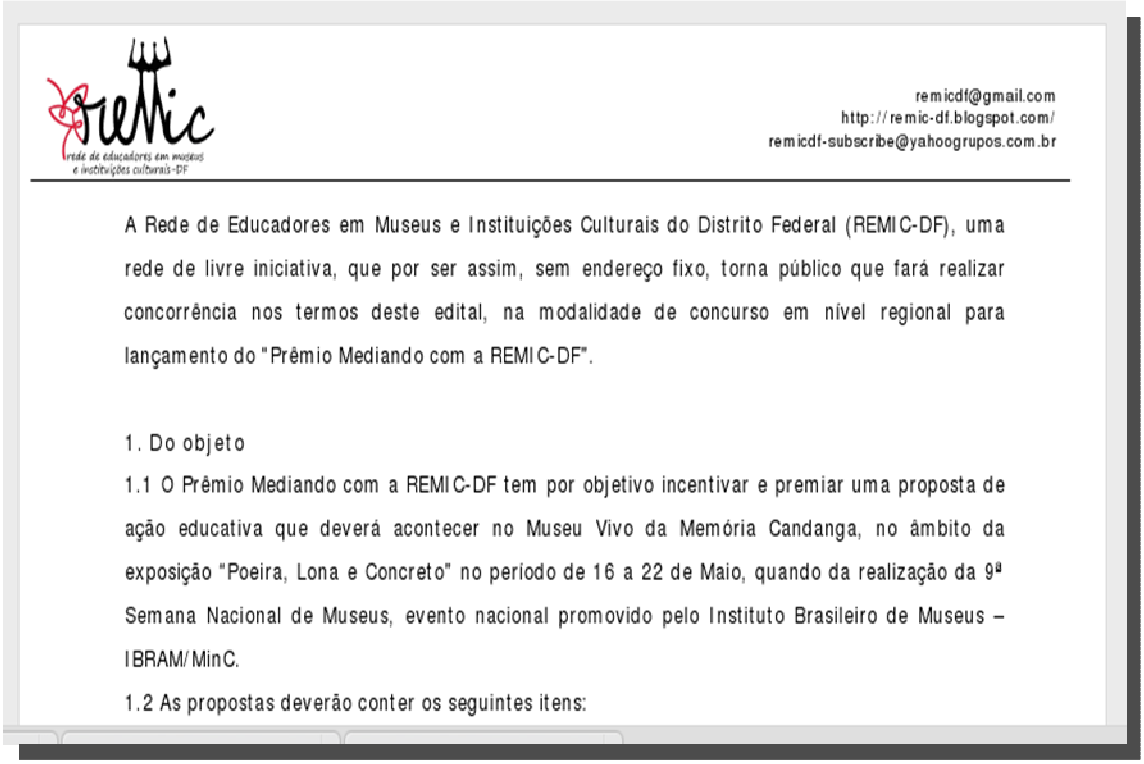
Na página da REM nacional, há um mapa demonstrando os estados brasileiros e suas respectivas redes. No entanto, este mapa não está devidamente atualizado, ainda não tendo sido inseridos os estados do Rio Grande do Sul, Goiás e Bahia. Utilizando o mapa exposto no referido sítio eletrônico, realizamos o acréscimo dos estados, atualizando o mapa que pode ser conferido na Figura 10.



Figura 10 - Mapa exibindo o panorama das REMs, no Brasil (Atualização nossa). Fonte : http://www.rem.org.br/.

De uma forma geral, apesar de independentes entre si, estas Redes mantêm um intenso contato. Eletronicamente, cada uma mantém, em suas páginas, *links* para as demais Redes. A comunicação entre as redes, e destas com seus membros, é significativa, corroborando o princípio efetivo de rede.

As experiências individuais são consideradas e discutidas, mas não apenas elas. Textos científicos são usados para estudo dos membros e posterior discussão durante os encontros mensais. Esta aproximação com a ciência também acontece por intermédio de convite às universidades para palestras com seus docentes, além da promoção de seminários, do incentivo à produção de artigos científicos e até premiação.



remicdf@gmail.com
http://remic-df.blogspot.com/
remicdf-subscribe@yahoogrupos.com.br

A Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais do Distrito Federal (REMIC-DF), uma rede de livre iniciativa, que por ser assim, sem endereço fixo, torna público que fará realizar concorrência nos termos deste edital, na modalidade de concurso em nível regional para lançamento do "Prêmio Mediando com a REMIC-DF".

1. Do objeto

1.1 O Prêmio Mediando com a REMIC-DF tem por objetivo incentivar e premiar uma proposta de ação educativa que deverá acontecer no Museu Vivo da Memória Candanga, no âmbito da exposição "Poeira, Lona e Concreto" no período de 16 a 22 de Maio, quando da realização da 9ª Semana Nacional de Museus, evento nacional promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM/ MinC.

1.2 As propostas deverão conter os seguintes itens:

Figura 11 - Premiação de ação educativa. Iniciativa da REMIC/DF. Fonte: http://remic-df.blogspot.com.br/2011/03/edital-premio-mediando-com-remic-df.html.

Outro ponto de fundamental importância são as avaliações realizadas, ao final de cada ano, conforme constatado na Figura 12, efetuando um levantamento dos pontos positivos, negativos e das sugestões de mudanças para o ano seguinte. Tais procedimentos favorecem o planejamento das futuras atividades.



Figura 12 - Reunião para avaliação das atividades da REM/RJ. Fonte: http://remrj.blogspot.com.br/2011/12/proxima-reuniao-da-rem-rj.html.

As avaliações, acrescidas de outras discussões, são compartilhadas através de encontros nacionais, na forma presencial. O ENREM, Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais, apoiado, oficialmente, pelo IBRAM, é realizado com o objetivo de:

> [...] ampliar o debate em torno do tema "Educação em Museus" e proporcionar aos educadores, que atuam em instituições museais e espaços culturais, em todo Brasil, oportunidade para a troca de experiências, bem como ser meio para a discussão de questões que permeiam os trabalhos desenvolvidos nesta área. (II ENREM, 2009. Programação)

O II ENREM, realizado de 02 a 04 de dezembro de 2009, intitulado "A Dimensão Educativa nos Museus: uma forma de olhar", contou com a participação de palestrantes docentes de universidades nacionais e internacionais, resultando na elaboração da Carta de Princípios que consta no Anexo B. Estes princípios estabelecem os olhares que as REMs devem considerar: o olhar do educador, o olhar das políticas públicas, o olhar institucional, o olhar do público, o olhar acadêmico.

A movimentação das REMs tem sido intensa, tanto que durante o 5º Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis–RJ, em novembro de 2012, a programação contemplou espaço específico para discussão entre as REMs, conforme pode ser observado na sequência.

> O Fórum Nacional de Museus também acolhe a agenda do campo museal, aproveitado do potencial mobilizador do evento:
>
> a) Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia;
> b) Reunião de Professores de Museologia;
> c) **Reunião de Educadores de Museus – REM;**
> d) Reunião do ICOM;
> e) Reunião dos Sistemas e Redes Estaduais.
>
> (5ºFNM – grifo nosso)

Dividindo espaço com a Academia, por intermédio de docentes e discentes, com o organismo de maior representatividade internacional e com os sistemas estaduais, as REMs alçam uma posição significativa dentro da movimentação no setor museal. Tal inserção demonstra o reconhecimento que as Redes atingiram durante o pouco tempo de suas criações. As discussões que aconteceram no fórum caminharam no sentido de intensificar a articulação entre as Redes para que estas consigam cumprir seus objetivos. Para tanto, foram eleitos articuladores, responsáveis por cada região.

3.1 REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS NA PARAÍBA – REM/PB

No estado da Paraíba, a necessidade de discussão acerca das questões museais foi percebida anteriormente à criação da REM/PB de duas maneiras: isoladamente nos museus e, formalmente, através de órgãos como o IPHAEP, durante a Coordenação de Silvia Regina da Mota Rocha. Através de uma das parcerias entre o governo federal e o IPHAEP, foram trazidas à Paraíba algumas oficinas, entre elas uma específica acerca de educação em museus.

Como a maior parte das REMs, a REM/PB foi pensada a partir do incentivo da REM/RJ. Barbara Harduim, REM/RJ, esteve na cidade de Campina Grande (PB), para ministrar uma das oficinas promovidas pelo IBRAM, cujo tema era Ação Educativa em Museus, no período de 26 a 28 de agosto de 2009. Durante a realização desta oficina com os interessados em museus no estado, além da explanação referente ao tema da mesma, foi apresentada a REM/RJ com sua estrutura e proposta. Plantou-se a semente.

Menos de 02 (dois) meses depois, em 06 de outubro de 2009, no Museu de Arte Assis Chateaubriand, em Campina Grande/PB, reuniram-se funcionários e demais interessados neste setor, com o propósito de criar a Rede de Educadores em Museus na Paraíba. O nascimento da REM/PB foi testemunhado por 37 (trinta e sete) membros (membros fundadores) e é na presença destas pessoas, como representantes de suas instituições ou por empenho pessoal, que surge um movimento organizado e articulado para as questões museais no Estado da Paraíba. Fizeram parte da criação da REM/PB: Alana Paola L. S.S. Ferreira (Museu Histórico de Campina Grande); Alcides Ramos de Brito (Museu de Minerais e Gemas da UFCG); Ana Maria Barros (Sociedade Civil - PMCG (professora); Angelina S. C. Umbelino (Museu Histórico de Campina Grande); Átila Tolentino (IPHAN); Claudia S. dos M. Alves (Museu de Soledade); Edward Guedes (Museu do Esporte); Eliane de A. Lima (Escola Municipal São Clemente); Fabiana A. de Vasconcellos (Museu do Esporte – Campina Grande); Fabiana de Almeida Araújo (MAAC – Campina Grande); Fernando Moraes de Araújo (Museu Histórico de Campina Grande); Francisca A. de Sousa (Museu Histórico de Campina Grande); Halana A. dos Santos (Museu do Esporte – Campina Grande); Herry Charriery da C. Santos (Museu Histórico de Campina Grande); Iaponira[23]; Isolda Lúcia A. Cardoso (Museu do Algodão); José Alberto Costa (Mano) (Museu do Esporte – Campina

[23] Iaponira, Lúcia e Roberta não assinaram seus respectivos sobrenomes na frequência de criação da REM/PB. Lúcia e Roberta registraram as instituições às quais estão vinculadas, mas Iaponira não o efetuou.

Grande); José Carlos Pereira (Museu de Soledade); José Reneudo da Silva (PMCG - professor- e Governo do Estado - professor); Kamyla D. Porto Duarte (Museu Interativo do Semiárido - MISA); Karlene R. Braga de Medeiros (Prefeitura Municipal de Nazarezinho); Laís A. Miguel (Museu Interativo do Semiárido - MISA); Lúcia (Guarabira/PMCG); Luciana Maria da Silva (Museu do Algodão); Luzinete C. dos Santos (Museu Histórico de Campina Grande); Marcela Borges Lucas (SEDUC – Pref. Campina Grande); Márcia Maria Barbosa de Menezes (PMCG - professora de artes); Maria Cristina de F. Gomes (MAAC – Campina Grande); Maria das Dores A. Cruz (Museu Histórico de Campina Grande); Milton Jorge Vieira de Souza (C.C. Quebramar); Monalisa G. R. de Figueiredo (Pref. de Campina Grande-Educação); Otávio Cássio (MAAC); Patrícia Barbosa dos Santos (MAAC); Regiane Régea de Araújo Batista (Museu do Algodão); Roberta (Museu Histórico); Sandra Valéria Felix de Santana (IBRAM/ Cadastro Nacional de Museus) e Woxson G. da Cunha (Museu Histórico de Campina Grande).



Figura 13 - Explanação de Herry Carriery durante a criação da Rede de Educadores em Museus na Paraíba. Local: MAAC (antigo), Campina Grande – PB. Dia: 06 de outubro de 2009. Fonte: Arquivo da REM/PB.

A cidade de Campina Grande-PB foi escolhida para sediar a criação da REM/PB por ter sido onde aconteceu a oficina do IBRAM (Ação Educativa em Museus), pela sua posição geográfica mais central no estado e por motivos de articulação entre uma de suas idealizadoras e os museus da cidade. A influência desta oficina foi citada como motivo determinante para que 26,6% dos respondentes desta pesquisa se tornassem membros da

REM/PB.

> *Quando fui apresentada a idéia da REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS na fala de Bárbara Harduim em uma Oficina de Educação em Museus oferecida pelo IBRAM na cidade de Campina Grande, imediatamente questionei Bárbara sobre a possibilidade de iniciarmos a Rede na Paraíba. Em uma conversa sobre o assunto com Bárbara, após sua oficina, anotei todas as diretrizes para articulação do primeiro encontro. Com o apoio dela e o encaminhamento de alguns documentos sobre o que era a Rede e como era feita a organização das ações no Rio de Janeiro, fiz o contato com os profissionais da Paraíba que sempre participavam das oficinas do IBRAM e profissionais de outros museus que eu tinha conhecimento e agendei o 1º Encontro da Rede de Educadores em Museus da Paraíba no MAAC em outubro de 2009.* (OGGIONO)

É, então, desta forma, que a Rede de Educadores em Museus na Paraíba passa a existir. Em sua página eletrônica[24], a REM/PB se apresenta:

> A Rede de Educadores em Museus da Paraíba, REM Paraíba, é composta por um grupo de membros que buscam crescimento na área da Educação em Museus. As informações estudadas são discutidas em reuniões itinerantes, no Estado da Paraíba, com a finalidade de construir um processo de estudos em Educação em Museus. A REM Paraíba também está conectada aos acontecimentos nacionais, mantendo-se em contato com outras redes de educadores no país. Seja bem vindo a esta rede!

Já no segundo encontro, o apoio da REM/RJ foi efetivado: sua coordenadora, Marcelle Pereira, veio à capital da Paraíba (Figura 14). A visita da REM/RJ foi patrocinada pelo IBRAM. Durante a reunião com a coordenação foram esclarecidas a estrutura da Rede fluminense, as ideias norteadoras para uma carta de princípios, as metas da REM/RJ (curto, médio e longo prazo), a organização das reuniões, a listagem dos educadores membros da REM/RJ e a página eletrônica da Rede.

[24] www.remparaiba.blogspot.com



Figura 14 - Parte dos participantes da REM/PB ao final da reunião com a Coordenadora da REM/RJ. Dia: 10 de novembro de 2009. Fonte: Arquivo da REM/PB.

Na reunião mencionada, estiveram presentes 35 (trinta e cinco) membros da REM/PB, com representação de 07 (sete) municípios paraibanos (João Pessoa, Campina Grande, Pilar, Bananeiras, Soledade, Nazarezinho e Poço de José de Moura), conforme se observa na Figura 15.

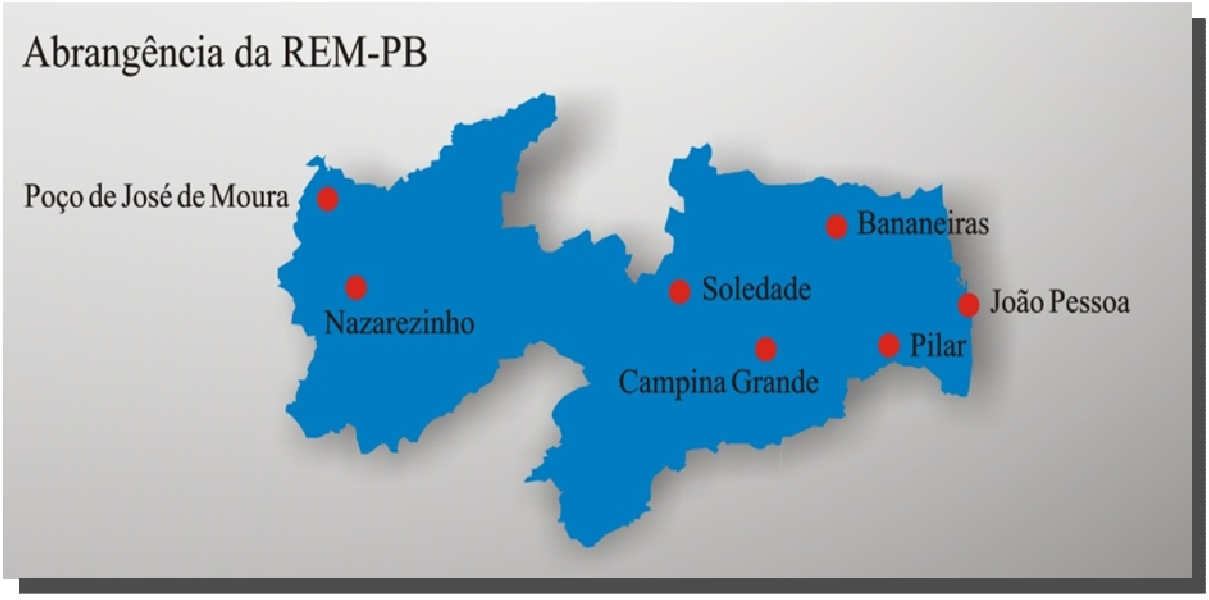


Figura 15 - Mapa apresentado durante o II ENREM, 2009. Fonte: Arquivo da REM/PB.

O mapa da Figura 15 apresenta os municípios apenas do ano de 2009, refletindo o momento inicial da Rede que, nesta época, estava com apenas 02 (dois) meses de criação. Durante a pesquisa realizamos um levantamento dos municípios que estiveram presentes nos encontros nos anos de 2010 e 2011, relacionando os dados destes com os do ano de 2009.

Utilizando o mapa apresentado no II ENREM, acrescentamos os municípios paraibanos que ingressaram na REM/PB até 2011.

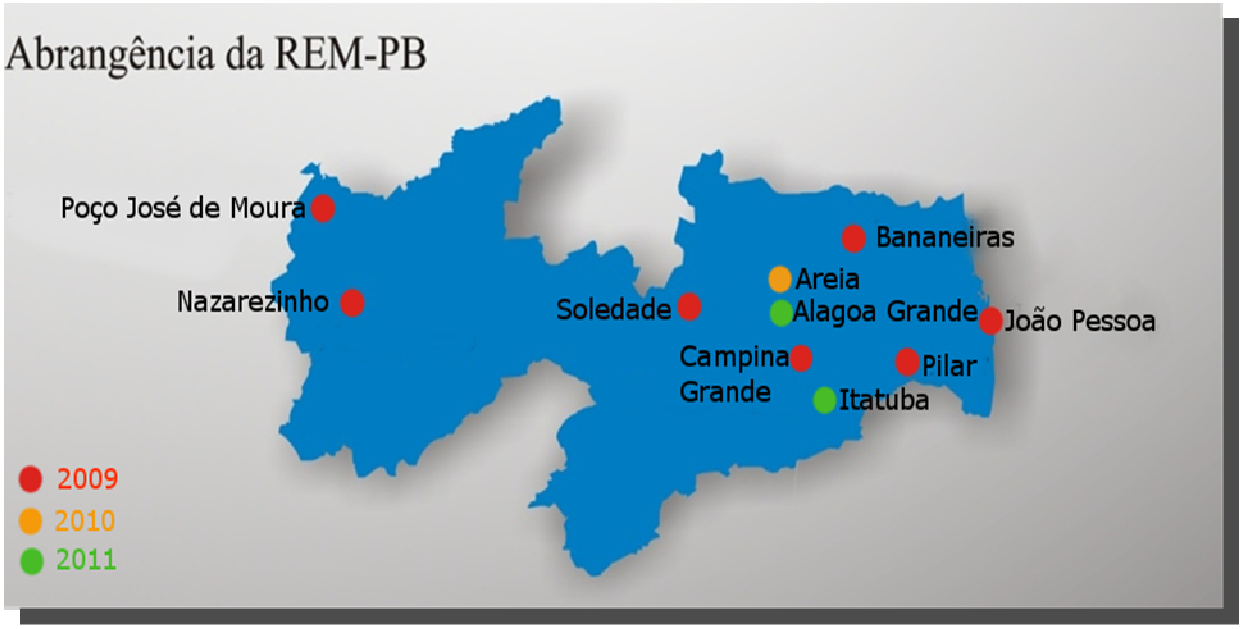


Figura 16 - Mapa demonstrativo dos municípios paraibanos que participaram de encontros da REM/PB nos anos de 2009, 2010 e 2011.

Tendo em vista o mapa acima, pudemos observar que a concentração dos municípios envolvidos deu-se em torno das cidades de Campina Grande e João Pessoa. Também são nestas 02 (duas) cidades que há a maior concentração de museus paraibanos. No entanto, torna-se evidente a redução da participação dos municípios do sertão do estado.

Para a participação do II ENREM, a REM/PB apresentou seus princípios:

- Reconhecer a ação educativa do museu como primordial para a instituição;
- Incentivar e fortalecer o desenvolvimento das Redes de Educadores em Museus dos Estados, reconhecendo-as como instâncias definidoras de diretrizes para a área;
- Incentivar a formação e a qualificação dos profissionais que atuam no campo da educação em museus;
- Valorizar o profissional que atua com ação educativa dos museus;

- Promover a reflexão, a produção e a difusão de conhecimento sobre Educação em Museus (REM/PB, 2009).

Com base nestes princípios, começa o percurso da REM/PB. As reuniões acontecem em diferentes cidades do estado, de forma itinerante. A comunicação com os membros, acerca das reuniões e outros temas, efetiva-se de 02 (duas) formas: através da página da rede e, principalmente, via *e-mail*. Inicialmente era fornecido um cadastro de inscrição para os membros que ali registravam seus dados, suas expectativas e seus contatos. Este cadastro (Anexo A), similar ao cadastro usado pela REM/RJ, não foi aproveitado em toda a sua potencialidade, deixando de ser utilizado. Desta forma, o registro dos membros passa a ser efetuado a partir da frequência que também armazena os endereços eletrônicos dos membros.

Os agendamentos para as cidades que seriam anfitriãs aconteciam por candidatura na reunião antecedente à visita. Em 2011, foi feito o agendamento anual, também por candidaturas.

No princípio, as reuniões eram realizadas mensalmente no período da tarde. No entanto, adaptando-se às solicitações de seus membros, a Rede passou a utilizar-se do dia inteiro para os encontros. A justificativa fundamentou-se, de início, no desejo de conhecer os museus que estavam recebendo a reunião naquele dia. Desta forma, no período da manhã, os membros conheciam o museu anfitrião, seu acervo, a edificação e os funcionários e conversavam sobre seus problemas e/ou dificuldades em resolvê-los.

Devido ao apoio do IBRAM, a REM/PB passou a ser reconhecida, em âmbito estadual, como conhecedora das dificuldades dos museus paraibanos. Desta forma, passou a expor os anseios dos membros que a mesma representa. Foi o caso, por exemplo, da indicação de temas para oficinas ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, órgão com o qual o IBRAM mantém contato para efetivação de suas ações no estado.

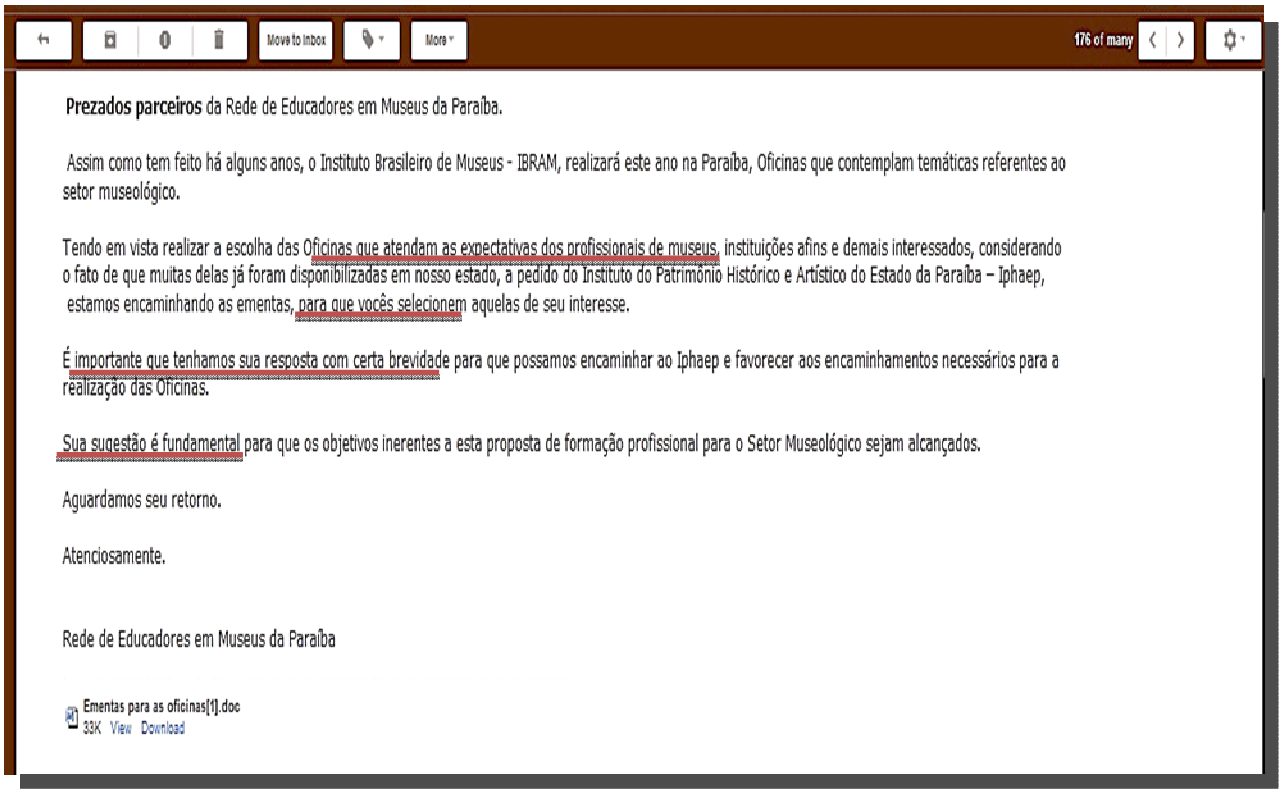


Figura 17 - Comunicado da REM/PB para escolha da prioridade de oficinas a serem realizadas na Paraíba, com grifo nosso. Fonte: MEDEIROS, Karlene R. Braga de. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por karlenebraga@gmail.com em: 28 fev. 2011.

A Figura 17 revela uma comunicação eletrônica onde consta a convocação para que sejam analisadas as propostas da coordenação, e sugeridas indicações de outras de acordo com as necessidades que os membros da REM/PB julgarem pertinentes. Esta é uma demonstração de que a Rede está interessada em escutar seus membros – os 'usuários internos' dos museus paraibanos. Para esta pesquisa, torna-se necessário destacar que, dentre as 05 (cinco) demandas elaboradas pela Rede, a quarta era referente ao Estudo de Público (Anexo C). O total de 64 (sessenta e quatro) membros da REM/PB reforçou esse documento.

Desta forma, a REM/PB vai estabelecendo e fortalecendo seu caráter político. A referida Rede também foi requisitada para, em caráter de urgência, realizar as eleições para delegados aptos a representarem os museus paraibanos na Pré-Conferência Setorial de Museus e Memórias, que foi realizada nos dias 26, 27 e 28 de fevereiro de 2010, no Palácio Capanema, Auditório Gilberto Freire, na cidade do Rio de Janeiro. A eleição dos delegados (03 eleitos como representantes da sociedade civil, também respectivos suplentes, e 01 indicado pelo poder público) aconteceu, em assembleia, no dia 15 de janeiro de 2010, nas dependências da Casa do Artista Popular, localizada na Praça da Independência na cidade de João Pessoa/PB. Além da REM/PB, a eleição contou com o apoio da Superintendência do

IPHAN na Paraíba e do IPHAEP. A partir deste encontro, foram pensadas as diretrizes paraibanas que poderiam contribuir com a Pré-Conferência Setorial de Museus, tendo sido enviadas ao Ministério da Cultura (MinC) e apresentadas em encontro ordinário da REM/PB (realizado no dia 04 de fevereiro, no Museu do Esporte José Aurino de Barros Filho, na cidade de Campina Grande/PB). Foram estas as diretrizes do estado da Paraíba:

> DIRETRIZES PARA A ÁREA MUSEOLÓGICA ESTADO DA PARAÍBA
>
> 1 - Fortalecer os Sistemas e Redes de Museus existentes nos estados e municípios, bem como incentivar a criação de outros, reconhecendo-os como instâncias definidoras de diretrizes para a área. (Eixo: Gestão e Institucionalidade da Cultura);
>
> 2 – Instituir o Fundo de Proteção do Patrimônio Museológico Brasileiro, de modo a garantir a sua valorização, preservação e fomento. (Eixo: Cultura e Economia Criativa);
>
> 3 – Propiciar o efetivo cumprimento do Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009), em todas as regiões do país, qualificando as instituições museológicas e contribuindo para a formação e capacitação dos profissionais da área. (Eixo: Cultura e Economia Criativa);
>
> 4 – Reconhecer os museus como espaço de contribuição para a transformação social e desenvolvimento, representativos da diversidade cultural brasileira. (Eixo: Cultura, Cidade e Cidadania).
>
> Fonte: MEDEIROS, Karlene R. Braga de. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por karlenebraga@gmail.com em: 15 fev. 2010.

Como podemos verificar, a primeira diretriz já tratava da possível criação do Sistema de Museus e da necessidade de fortalecimento das organizações museais no estado. Mas, ao contrário da recomendação do IBRAM e do que vem acontecendo em diversos estados brasileiros, a Paraíba não possui políticas públicas locais voltadas aos museus e não demonstrava movimentação para implementação do Sistema Estadual de Museus. Durante o segundo semestre de 2012, por iniciativa do IBRAM e da REM/PB, o Governo do Estado se dispôs a ouvir as reivindicações dos museus (Figura 18).



Figura 18 - Reunião da REM/PB com Camila Geracelly. R. dos Santos, funcionária da Secretaria de Estado de Cultura responsável pelo apoio logístico à realização do Projeto Conexões IBRAM, na Paraíba, em 03 de julho de 2012 Fonte: Arquivo da REM/PB.

Houve algumas reuniões e ficou acertada a vinda do IBRAM à Paraíba, através do Projeto Conexões IBRAM, para assinar "o termo de Cooperação Técnica entre o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e a Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba, com fins de fomentar a criação de políticas públicas para o setor (IBRAM[25])." A Paraíba foi o último estado, entre 17 (dezessete), a receber o Projeto que ocorreu no período de 05 a 07 de dezembro de 2012, na cidade de Campina Grande.

A abertura do Projeto Conexões IBRAM contou com os interessados em museus e algumas autoridades. Compondo a mesa de abertura estavam[26] Silvia Cunha Lima, assessora técnica representando o governador da Paraíba, Ricardo Coutinho; Angelo Rafael de Farias, diretor do MAAC; Rangel Junior, Pró-reitor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Francisco César, Secretário de Estado da Cultura da Paraíba; Cassia Bandeira de Melo, representante do presidente do IBRAM. As falas das autoridades incomodaram boa parte dos presentes durante a apresentação de alguns projetos, pois estes envolveram grandes recursos financeiros. Dirigido para poucos museus, estes valores incitaram questionamentos dos

[25] Disponível em: http://www.museus.gov.br/noticias/campina-grande-ate-sexta-feira-7/

[26] Disponível em: http://www.museus.gov.br/noticias/campina-grande-ate-sexta-feira-7/

participantes do encontro quanto à distribuição equilibrada de financiamentos por parte do estado. Enquanto poucos estavam recebendo um incentivo elevado, a maioria dos museus no estado não era contemplada. As reflexões surgidas a partir dessa discussão ratificaram a necessidade de criação de políticas públicas voltadas aos museus paraibanos e à criação do Sistema Estadual de Museu.

Neste contexto, a REM/PB se pronunciou em diversos momentos, questionando e expondo a fragilidade da situação dos museus no estado. Ao final do encontro, a Rede divulgou a carta elaborada pelos delegados setoriais reivindicando a criação do Sistema Estadual de Museus. A carta de reivindicação de políticas públicas no estado (Anexo H) foi lida para os presentes (Figura 19), ratificada pela assinatura de 28 (vinte e oito) pessoas e emitida em três vias sendo dirigidas: a José do Nascimento Júnior (Presidente do IBRAM), através dos representantes do IBRAM (Figura 20), e a Francisco César Gonçalves (Secretário de Estado da Cultura) recebida em mãos durante reunião posterior com o mesmo. Uma cópia permaneceu com a Coordenação da REM/PB.



Figura 19 - Maíra Dias (REM/PB) lendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba para os presentes durante o Projeto Conexões IBRAM, em Campina Grande. Fonte: Arquivo da REM/PB.



Figura 20 - Rafaela Felício, técnica em Assuntos Culturais (IBRAM), recebendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba das mãos de Sandra Valéria Félix de Santana, Coordenadora da REM/PB. Dia: 07 de dezembro de 2012. Fonte: Arquivo da REM/PB.

No último dia do Projeto Conexões IBRAM, a REM/PB novamente pediu permissão para pronunciamento, e apresentou uma coletânea preparada pela Coordenação e Conselho, sobre outros Sistemas de Museus no Brasil. A apresentação teve início com a exibição de um comparativo entre os termos de Cooperação Técnica efetivados entre o IBRAM e os estados da Bahia e Rio Grande do Norte. Tal necessidade surgiu a partir do inquietamento ocorrido após a assinatura do acordo de Cooperação Técnica entre a Paraíba, através da SeCult, e o IBRAM. Os participantes reivindicaram o conhecimento do termo, uma vez que não havia sido explicado qual o teor do documento ao qual estavam testemunhando a assinatura, que consequências esse acordo traria às instituições do estado, e que tipo de comprometimento o governo estadual estava assumindo. Desta forma, a comparação apresentada teve a finalidade de tornar público o conteúdo do termo que havia sido assinado na presença de todos os participantes, destacando os pontos comuns e a finalidade dos documentos, conforme pode ser visto nas Figuras 21, 22 e 23.



Figura 21 - Membros da REM/PB apresentando a coletânea de informações acerca dos Acordos de Cooperação entre IBRAM e alguns estados, e lendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba, para os presentes durante o Projeto Conexões IBRAM, em Campina Grande. Fonte: Arquivo da REM/PB.

ESTADO	INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS EXTRATO DE ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA
BAHIA No-1/2012 Processo n 01415.006024/2012-13-ESPÉCIE:	Acordo de Cooperação Técnica que entre si celebram o Instituto Brasileiro de Museus e o Governo do Estado da Bahia, por intermédio da Secretaria de Cultura da Bahia OBJETO DO ACORDO: integração de competências e de recursos institucionais para o desenvolvimento de ações conjuntas e coordenadas que contribuam para o reconhecimento, o fortalecimento, a difusão, o fomento e o incentivo do setor museal no Estado, em especial: o fortalecimento do Sistema Brasileiro de Museus e do Sistema Estadual de Museus e sua articulação; a implantação, monitoramento e avaliação do Plano Nacional Setorial de Museus e dos Planos Estaduais e Municipais de Museus, entre outros. DATA DA ASSINATURA: 21 de março de 2012 - VIGÊNCIA: 60 meses, a partir da data de sua assinatura, podendo ser prorrogado por 12 meses, mediante a celebração de Termo Aditivo, com a devida justificativa, sem alteração do objeto. SIGNATÁRIOS: Presidente do Instituto Brasileiro de Museus, JOSÉ DO NASCIMENTO JÚNIOR; Secretário de Estado da Cultura da Bahia, ALTÔNIO ALBINO CANELAS.
Rio Grande do Norte No-2/2012 Processo n 01415.004921/2012-84 -ESPÉCIE:	Acordo de Cooperação Técnica que entre si celebram o Instituto Brasileiro de Museus e o Governo do Estado do Rio Grande do Norte OBJETO DO ACORDO: integração de competências e de recursos institucionais para o desenvolvimento de ações conjuntas e coordenadas que contribuam para o reconhecimento, o fortalecimento, a difusão, o fomento e o incentivo do setor museal no Estado, em especial: o fortalecimento do Sistema Brasileiro de Museus e do Sistema Estadual de Museus e sua articulação; a implantação, monitoramento e avaliação do Plano Nacional Setorial de Museus e dos Planos Estaduais e Municipais de Museus, entre outros. DATA DA ASSINATURA: 18 de Abril de 2012 - VIGÊNCIA: 60 meses, a partir da data de sua assinatura, podendo ser prorrogado por 12 meses, mediante a celebração de Termo Aditivo, com a devida justificativa, sem alteração do objeto. SIGNATÁRIOS: Presidente Substituta do Instituto Brasileiro de Museus, ENEIDA BRAGA ROCHA DE LEMOS; Governadora do Estado do Rio Grande do Norte, ROSALBA CIARLINI ROSADO.

Figura 22 - Slide comparativo do Acordo de Cooperação Técnica assinado pelo IBRAM com os estados da Bahia de do Rio Grande do Norte já publicados no D.O.U. Fonte: REM/PB.

A utilização dos modelos da Bahia e do Rio Grande do Norte deu-se apenas como exemplificativa, e ambos foram escolhidos de forma aleatória dentre 08 (oito) extratos de acordos de Cooperação Técnica entre o IBRAM e os estados da Bahia, Rio Grande do Norte, Ceará, Espírito Santo, Piauí, Alagoas, Pernambuco e Goiás. Todos estes extratos foram publicados no Diário Oficial da União, no dia 8 de agosto de 2012, Nº 153, Seção 3, páginas 17 e 18.

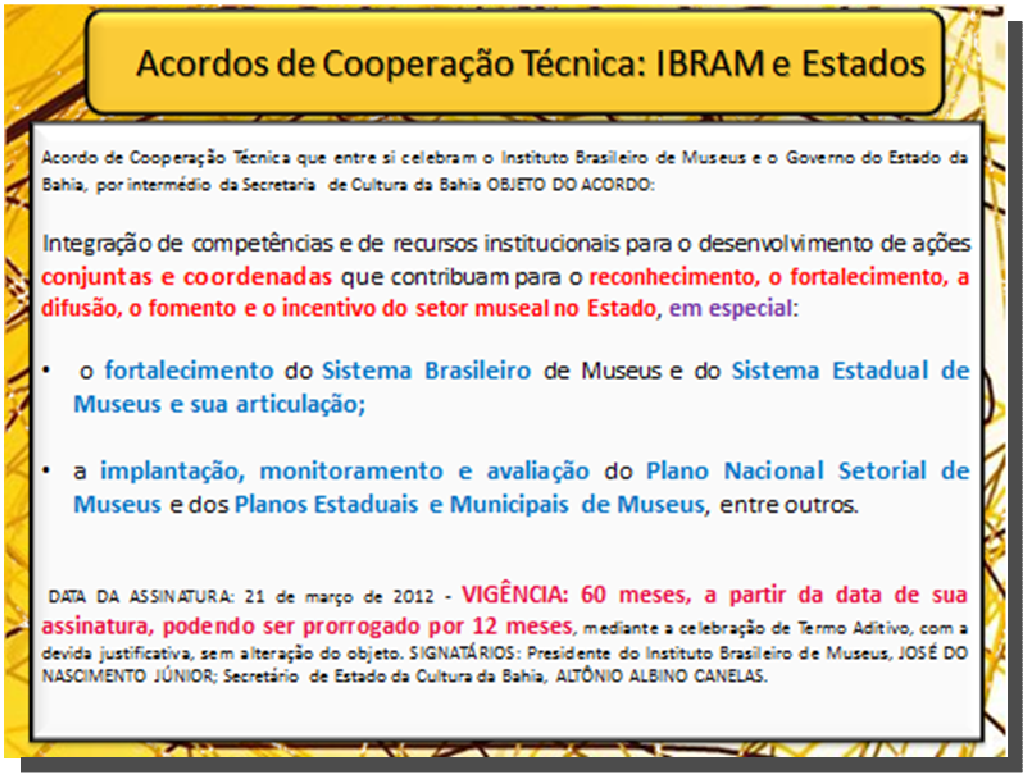


Figura 23 - Slide realçando os pontos de maior comprometimento do estado da Bahia durante a assinatura do Acordo de Cooperação Técnica. Fonte: Arquivo da REM/PB.

Conforme observado na Figura 23, durante a explicação mais detalhada do Acordo, pode-se verificar que a principal finalidade do mesmo é o fortalecimento das políticas públicas para museus, inclusive explicitando a questão dos Sistemas Estaduais. Então, a apresentação caminhou buscando analisar outros sistemas estaduais.



Figura 24 - *Slide* realçando os pontos de maior comprometimento do estado da Bahia durante a assinatura do Acordo de Cooperação Técnica. Fonte: Arquivo da REM/PB.

Com o propósito de exibir uma estrutura genérica de vinculação de alguns sistemas estaduais foi apresentado o *slide* constante na Figura 24, onde pode ser observado que os sistemas estaduais são compostos tanto pelo governo quanto pela sociedade civil. Dentro do governo estadual, cada estado agiu de forma própria quanto à submissão hierárquica interna.

Provocada pelas discussões originadas pela apresentação da REM/PB, começou-se a pensar em uma pré-minuta. A partir do modelo de Santa Catarina, foi elaborada a pré-minuta do Sistema de Museus do Estado da Paraíba (Anexo G). Durante o andamento do segundo dia do Projeto, os presentes foram comunicados do agendamento de uma nova reunião com o Secretário de Cultura para que os participantes expusessem as demandas do setor. Participaram desta reunião, a Secretaria de Cultura, representantes do IPHAN e do IPHAEP e membros da REM/PB. Nesta reunião, a Coordenadora da REM/PB, Sandra Valéria Félix de Santana (Gestão 2011-2013) entregou a pré-minuta ao Secretário que se comprometeu publicamente em analisá-la, após a submissão ao Departamento Jurídico (Figuras 25 e 26).



Figura 25 - Reunião com o Secretário de Estado de Cultura da Paraíba acerca da criação do Sistema Estadual de Museus. 13 de dezembro de 2012. Fonte: Arquivo da REM/PB.



Figura 26 - Secretário de Estado de Cultura da Paraíba recebendo a Carta de Reivindicação de Políticas Públicas para os Museus no Estado da Paraíba. 13 de dezembro de 2012. Fonte: Arquivo da REM/PB.

A partir das relações estabelecidas entre a REM/PB e a política estadual surgem os questionamentos: Se a REM/PB possui sua concentração de esforços na educação em museus, por que estaria envolvida em outros setores? Por que assumir esse caráter político? Para responder a esta pergunta, buscamos conhecer melhor a Rede e seus membros. Inicialmente, analisamos as frequências de participação destes membros às reuniões (ordinárias e/ou extraordinárias) e, posteriormente, suas impressões sobre a REM/PB.

No ano de sua fundação, a REM causou empolgação entre os envolvidos com os museus no estado. Desta forma, em 2009, a Rede apresentou a seguinte frequência de membros:

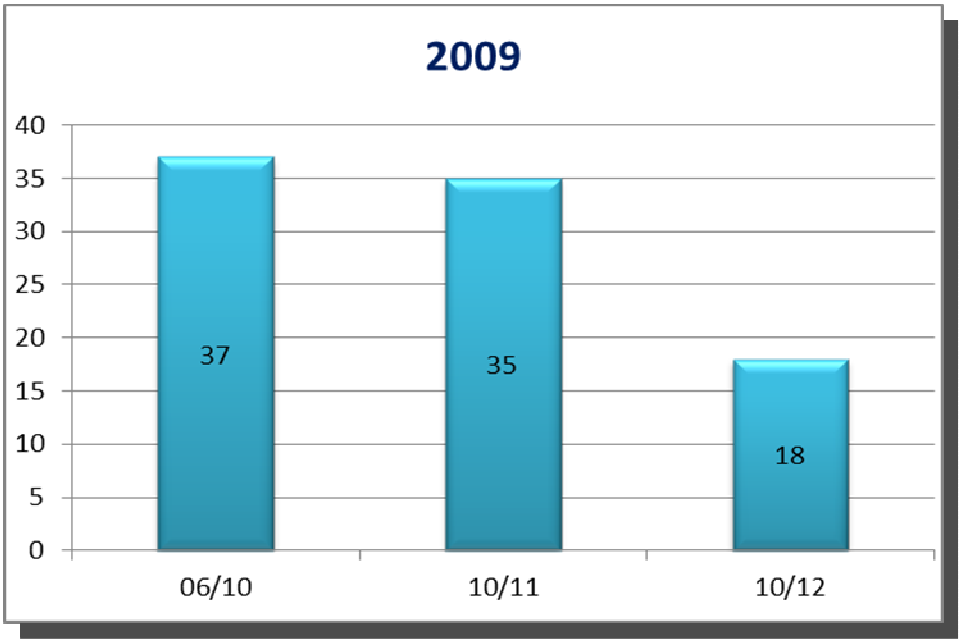


Figura 27 - Gráfico da frequência de membros da REM/PB às reuniões durante o ano de 2009.
Fonte: Dados da pesquisa.

Com apenas três encontros, a REM/PB manteve um total anual de 90 (noventa) participantes, o que conferiu ao ano de 2009 uma média de 30 (trinta) pessoas por encontro. Em 2010, as frequências disponibilizadas pela coordenação da Rede permitiram verificar que o total foi de 146 (cento e quarenta e seis) participantes, sendo a média por encontro de 24,33. O detalhamento da relação entre os meses e o quantitativo de participantes pode ser observado na Figura 28. Neste gráfico, o mês de dezembro, como ocorrido em 2009, também foi o menos representativo.

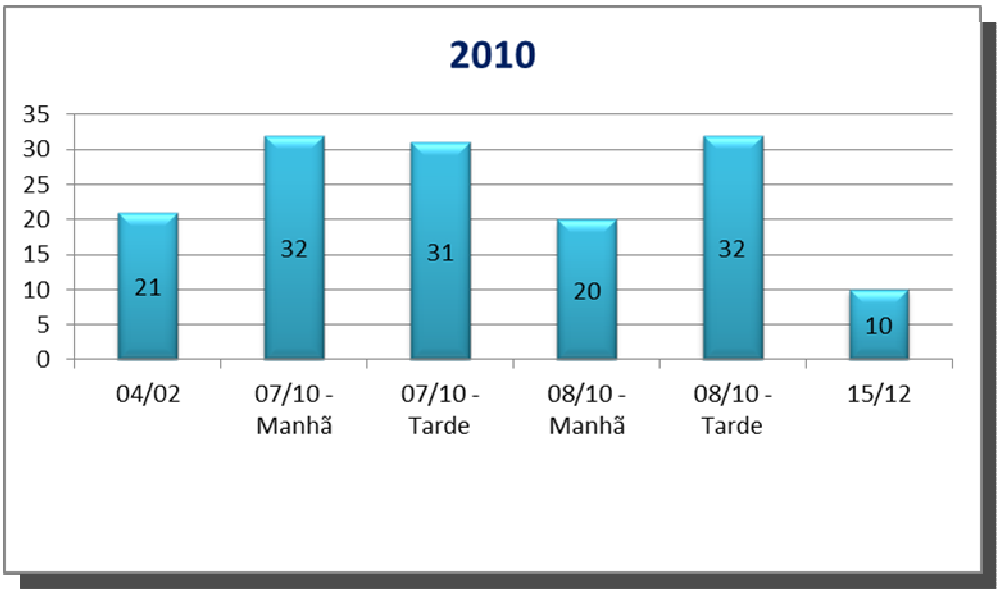


Figura 28 - Gráfico da frequência de membros da REM/PB às reuniões durante o ano de 2010.
Fonte: Dados da pesquisa.

Em 2011 (Figura 29), o total de participantes foi bem mais elevado: 229 (duzentos e vinte e nove). No entanto, este montante apresenta-se distribuído em um número maior de encontros. Analisando a média das onze reuniões, poderemos verificar que compareceram aos encontros 20,81 pessoas.

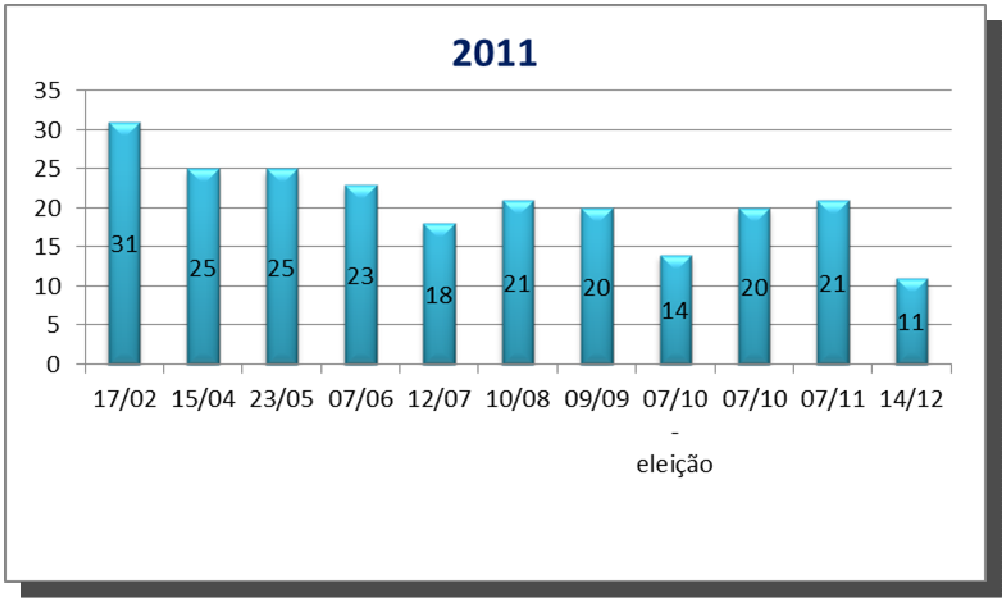


Figura 29 - Gráfico da frequência de membros da REM/PB às reuniões durante o ano de 2011.
Fonte: Dados da pesquisa.

Se observarmos as frequências da Rede, dentre os meses analisados, o último encontro anual permaneceu na posição de menor participação. Tal fato deve ter, provavelmente, origem

no excesso de atribuições características dos finais de ano, em função de compromissos institucionais, férias, recesso, entre tantos outros fatores que podem ocasionar tal evasão.

Também podemos constatar que, nos três anos estudados nesta pesquisa, o ano que teve maior média de representatividade foi o ano de 2009. Da criação da REM/PB até o ano de 2011, a média de participantes por encontros caiu de 30 para 20,81.

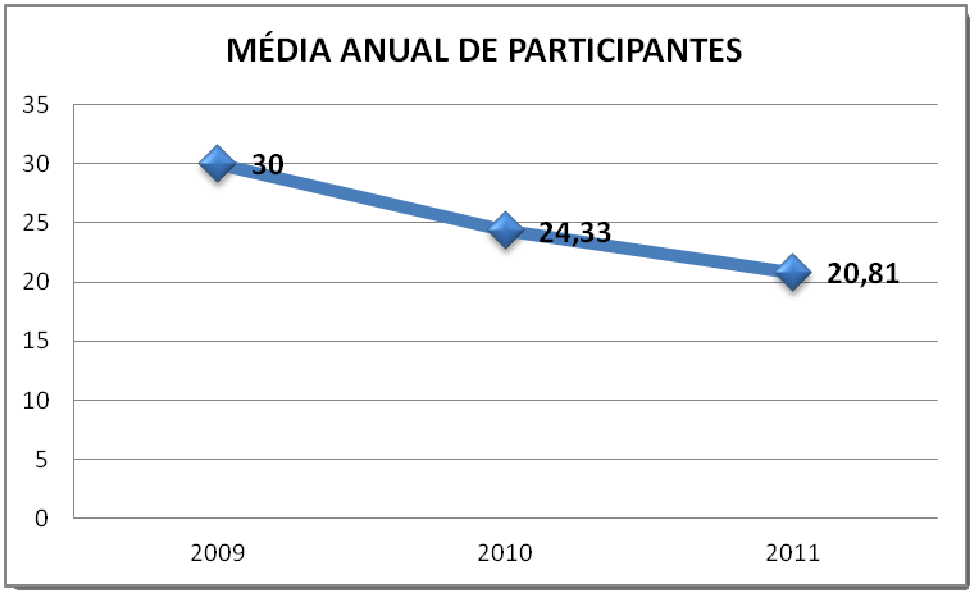


Figura 30 - Gráfico da média de frequência anual dos membros da REM/PB às reuniões.
Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando o gráfico das médias anuais de participantes (Figura 30), podemos verificar que a linha correspondente às médias representa o declínio do número de participantes. A comprovação desta significativa redução motiva questionamentos. Quais motivos teriam provocado esta diminuição? Teria sido a presença dos membros durante o primeiro ano apenas empolgação inicial, originando um afastamento natural ou haveria motivos de insatisfação relacionados a essa redução nas frequências?

A REM/PB não tem regimento próprio e sua atuação, apesar de planejada, ainda é insuficiente, assumindo o perfil da Coordenação e do seu Conselho nas propostas de atuação. Apesar de todas as proposições serem decididas em reunião ordinária aberta, de forma democrática, alguns membros reclamam de autoritarismos.

Como motivo de reclamação, também detectamos o não cumprimento do calendário de atividades de forma mais rigorosa. A queixa quanto ao adiamento de reuniões próximo ao dia reservado é repetida. No entanto, devido à sua itinerância, a Rede precisa se ajustar às datas de agendamento das instituições anfitriãs e, se, por quaisquer motivos, estas instituições

alteram sua agenda, a Rede, inevitavelmente, terá que alterar a sua agenda também - fato que gera dissabores. Talvez devesse ficar mais claro para os membros, os motivos que levaram a Coordenação a efetuar o adiamento. O problema não é a falta de comunicação entre a Rede e seus membros - comprovamos ser bastante intensa - mas o maior esclarecimento dos motivos das decisões. Acreditamos que este elemento seja a causa para alguns membros apontarem a Rede como centralizadora e autoritária.

Ao analisarmos as respostas dos membros ativos da REM/PB, coletadas nesta pesquisa, percebemos vários aspectos da relação que estes mantêm com a Rede. Para entendermos seus contextos, fizemos questionamentos sobre o que pensam sobre a REM/PB, os motivos que os levaram a procurar a Rede, suas concepções sobre a mesma, apontando as finalidades que esta teria, seus pontos positivos e negativos, elaborando sugestões de mudanças e, a partir de toda esta reflexão, se os mesmos estavam satisfeitos com a condição de membros da REM/PB.

Em apenas 26,6% das respostas, o principal objetivo da REM/PB foi mencionado - a busca por conhecimento/aprofundamento na educação em museus, ficando no mesmo patamar que o interesse em museus, como as categorias mais representativas. O objetivo educativo foi pouco mencionado e os membros ativos da REM/PB, em sua maioria (73,4%), não a procuram com a finalidade de refletir acerca das ações educativas. Tal comprovação revela um quadro de carência de organizações (formais ou informais) capazes de discutir sobre os museus paraibanos. Se a REM/PB foi originada com o foco na educação de museus, inclusive é o que está no seu nome (Rede de Educadores em Museus na Paraíba), a heterogeneidade de interesses de seus membros pode ter relação com a mudança de objetivo pela qual a REM/PB vem passando.

No contexto em que a REM/PB foi criada, dificilmente conseguiria cumprir seus objetivos iniciais, pois a situação caótica em que os museus paraibanos se encontram, a criação de uma entidade articulada e organizada, ainda que não seja a organização desejada, foi motivo de atração do pessoal envolvido com os museus. Desta forma, a REM/PB passou a assumir um perfil de 'salvadora' dos museus paraibanos, o lugar ao qual os membros recorrem em busca de soluções para seus problemas práticos.

Alguns aspectos da rede foram motivos de elogios. Dentre eles sua organização, seus membros e o caráter político. Liderando as respostas está o fato de os membros considerarem a Rede como espaço de partilha de experiência e construção de conhecimentos (27,59%). Este seria o ponto que recebeu mais elogios, seguido pelo compromisso que a mesma apresenta

com a educação em museus (13,79%) e pelo fortalecimento das relações interpessoais de seus membros (13,79%). Quanto à organização da REM/PB, foram consagrados a itinerância peculiar aos encontros (6,90%), a manutenção de abertura para novos participantes (3,45%), a promoção de cursos e palestras (3,45%), da liberdade de expressão durante as reuniões (3,45%), da democracia na tomada de decisões (3,45%), e do interesse de seus membros pelo desenvolvimento dos museus (6,90%). Quanto ao aspecto político que a REM/PB vem assumindo, foram enaltecidos a manutenção da sua autonomia (3,45%), a promoção da interação entre instituições, pessoas, lugares (3,45%), com uma articulação intensa no setor museal paraibano (3,45%), inclusive quanto à luta por melhorias no setor museal diante das autoridades políticas (3,45%). Tais fatos demonstram a abrangência de atuação que a Rede efetua na tentativa de auxiliar seus membros para suprir a lacuna deixada pelo estado para o desenvolvimento dos museus paraibanos (3,45%).

Diante do quadro exposto, algumas mudanças foram sugeridas pelos membros. Apesar de 18,75% evidenciar que não mudaria nada, alguns assuntos foram apresentados como carecedores de mudanças. Considerando que as mudanças devem estar em sintonia com as necessidades do grupo (12,50%), deve haver uma melhor organização da equipe (12,50%) e do tratamento da documentação da caminhada da REM/PB (6,25%), além da promoção de ações para despertar mais interesse dos funcionários de museus (12,50%) e do fortalecimento do vínculo com o poder público - sem perder a autonomia (6,25%). Também é considerada relevante a necessidade de prezar pela discussão de textos e outras experiências - nacionais e internacionais (6,25%).

Quanto aos encontros, alguns acreditam que se deve realizar uma reflexão acerca da periodicidade dos mesmos (6,25%), enquanto que, para outros, deve haver aumento no número (6,25%). Desconsiderando a opinião em questões anteriores, que declaram a REM/PB como um espaço democrático (18,18%), é elaborada crítica quanto à necessidade de implantação de uma gestão democrática onde os membros se sintam incluídos (6,25%). Não responderam nada 6,25% dos membros.

Mesmo diante de tantos pontos conflituosos, avaliaram-se como satisfeitos como membros da REM/PB 86,67% dos respondentes. Justificando tal satisfação por reconhecerem que a Rede colabora com a prática (13,33%), e que nela é possível aprender/ ensinar (20%) e trocar experiências (6,67%). Além do mais, o acolhimento (6,67%), o sentimento de pertencimento pela REM (6,67%), a busca de diálogo que esta mantém com seus membros (6,67%) e o comprometimento dos mesmos (6,67%) são lembrados como relevantes. A

capacitação que a REM/PB proporciona aos seus membros foi mencionada por (6,67%). Outros membros apontaram satisfação quanto ao atendimento de suas expectativas (6,67%), também porque acreditam na Rede (6,67%), além do reconhecimento à contribuição com a cultura do estado (6,67%) e do incentivo para ter orgulho em trabalhar com a memória do povo paraibano (6,67%).

Durante a análise da REM/PB, pudemos observar que as necessidades intensamente abrangentes modificaram o perfil e sua proposta primeira. Inicialmente voltada para a questão educacional nos museus, a Rede, atualmente, funciona como suporte ao setor museal no estado. Apenas uma parte de seus membros a procuraram por interesses concernentes às questões educacionais. A imensa maioria buscava na Rede um suporte, um espaço para compartilhar problemas em busca de soluções para suas instituições. Neste sentido, Navarrete ainda justifica.

> *A REM foi criada para favorecer a discussão sobre a importância das ações educativas nos museus. O setor educativo e os profissionais que atuam nesse setor precisavam conquistar mais espaço, voz, dentro dos museus. A REM-PB, durante seus três anos de existência, tenta conhecer essa realidade nos museus paraibanos, tenta dar apoio aos representantes das instituições museológicas que participam dos encontros, mas esse apoio precisou ir além do tema basilar da Rede. Apesar de muitas discussões sobre se a REM-PB está fugindo das metas de origem, nela partilhamos as dificuldades das instituições, partilhamos as experiências vividas nas instituições. Ainda, infelizmente, é o único espaço para isso e a REM-PB não pode fechar os olhos para essas necessidades.*

Sobre a REM/PB, os membros ativos escolhidos para esta pesquisa ressaltaram que é um espaço democrático (18,18%), de partilha de experiência na área de museus (9,09%), de luta (9,09%), voltado para atividades educativas (9,09%), independente do Estado (4,54%). São estas características que definem a REM/PB e é a partir delas que passamos a considerá-la como espaço simbólico, de democracia, de política, de memória e de apoio. Tantos aspectos caracterizam a Rede como espaço único para toda a demanda das necessidades das pessoas envolvidas com os museus no estado.

Como a Paraíba não dispõe de nenhuma outra forma organizada/articulada para o setor museal, a REM/PB acabou preenchendo esta lacuna, muitas vezes assumindo o posicionamento que caberia aos governos.

> *Espaço importante para reflexão e ação voltado às atividades educativas nos museus. Mas, no caso da Paraíba, que não possui um Sistema Estadual de Museus, a REM-PB tornou-se o único espaço organizado que discute questões variadas relacionadas ao universo dos museus.* (NAVARRETE)

Apesar da autonomia da Rede ter sido enaltecida, muitos membros reivindicam uma maior participação do Estado para o desenvolvimento das instituições museológicas. Acerca da influência do Estado nos museus, Loureiro esclarece:

> Em seu curso histórico, as instituições museológicas brasileiras apresentam-se, de maneira geral, como iniciativa do Estado e, portanto, subordinadas a seus contextos políticos e ideológicos. Desse modo, os museus brasileiros são, via de regra, a expressão dependente da política cultural desse Estado. (LOUREIRO, 2000, p. 92).

A dependência dos museus quanto ao Estado se apresenta por diversas feições: criação, natureza, manutenção, aperfeiçoamento, dependência financeira e ligação política de funcionários de diversos setores e, principalmente, de cargos de direção. Muitos museus, nacionais e paraibanos, dependem financeiramente de incentivo dos órgãos públicos, quer por participação de editais e/ou parcerias.

Empiricamente, durante o preenchimento do Cadastro de Museus, alguns 'usuários internos' demonstraram desconfiança quanto à sua utilização, externando o receio deste não ter apenas uma função censitária. De fato, o temor se confirmou. O preenchimento do Cadastro passou a ser condição de participação em editais do IBRAM. Como exemplo, temos o edital Mais Museus[27]2011 que excluía da condição de participante, as instituições que não houvessem preenchido o Cadastro. Quanto a este, também foi interessante a reclamação de diversos usuários acerca da terminologia adotada. Como não há formação específica em Museologia no estado, inúmeros foram os usuários que afirmaram não entender o preenchimento. Acreditamos que, com a inserção da condição deste preenchimento para concorrer a editais públicos específicos, esta terminologia será, se não no todo, mas em partes, absorvida pelos museus paraibanos. Desta forma, o governo vai moldando os museus, criando padrões.

Segundo o IBRAM, a Paraíba está acima da média nacional quanto aos museus de

[27]O Mais Museus é um edital de financiamento de projetos publicado pelo IBRAM.

natureza pública, caracterizados por 85,7% dos museus do mencionado estado (BRASIL, 2011a, p. 241). Este dado intensifica a dependência estatal dos museus. Em muitas destas instituições, o cargo de direção e a manutenção de alguns outros cargos, a liberação para capacitação, entre outros, estão condicionados a acordos políticos com o governo.

A frágil estrutura da Paraíba para o setor de museus não oferece o suporte necessário e eficiente aos mesmos, ficando vinculados à ideologia do governo e sofrendo alterações a cada mudança de chefia política nacional, estadual e municipal. No referido estado, o governador Ricardo Coutinho criou uma pasta administrativa específica para o setor de museus, denominada Programa de Fomento e Revitalização dos Museus da Paraíba. Este programa, coordenado por Silvia Cunha Lima, ex-primeira-dama do estado, já não existe e teve seu funcionamento distante e pouco aberto ao diálogo com os museus paraibanos.

É inserida neste contexto de dependência que a REM/PB amplia, tacitamente, seus objetivos na condição de representante de seus membros. Além dos objetivos já expostos, a Rede é requisitada para auxílio de seus membros nas mais diversas áreas dos museus. Empiricamente, observa-se que este acontecimento é devido à fragilidade mencionada, além de problemas na qualificação dos recursos humanos dos museus. A ausência de graduação em Museologia no estado também repercute na qualidade dos museus.

Com essa estrutura defasada, a definição de museus e/ou de seus termos técnicos importados de órgãos regionais, nacionais ou internacionais não parece ser tão conhecida pelos ‘usuários internos’ na Paraíba.

Os conceitos de museu mais difundidos são os do Comitê Internacional de Museus (ICOM), IPHAN e IBRAM. No quadro seguinte podemos conferir os principais conceitos de museu.

ENTIDADE	CONCEITO
ICOM	Uma instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e seu meio ambiente. (artigo 2§1º,)
IPHAN	O museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de

	seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer.
IBRAM	Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose. O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características: I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações; II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer; III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social; IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações; V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa

	humana; VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais. Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas.

Tabela 6: Conceitos formais de museus.

Pode ser percebida uma forte influência do conceito do ICOM na definição elaborada pelo IPHAN. O IBRAM apresenta dois conceitos: um mais romântico - exalta as relações entre o museu, tempo, pessoas e cultura metaforicamente - e outro mais operacional.

Independentemente da vinculação/conhecimento/partilha destes conceitos e, apesar de todos os fatos anteriormente expostos, os museus estão funcionando. O 'usuário externo' está frequentando estes espaços e os 'usuários internos' estão trabalhando para que isto aconteça. A busca do 'usuário interno' pelo suporte oferecido pela Rede demonstra que ele percebe problemas e acredita que precisa encontrar soluções. Os museus paraibanos, através da movimentação de seus 'usuários internos', exigem respeito e clamam por auxílio.

3.1.1 Vozes de participantes da REM/PB: diálogos que se cruzam

Perceber as 'vozes' dos participantes da REM/PB é gerar um movimento fértil de possibilidades de compreensão que se revelam no conjunto das narrativas possibilitando teorizações sobre o processo de construção do papel da REM/PB, assim como um campo fértil das memórias que possibilitam entender dimensões diferenciadas, ou seja, um conjunto de informações que permitem análises individuais e coletivas, simultaneamente. Estas vozes são aqui registradas como a impressão pessoal dos membros da REM/PB sobre o trabalho desta Rede.

Diante destas narrativas, analisamos a REM/PB caracterizando-a como espaço político, informacional, cultural, simbólico e de memória.

3.1.1.1 *Categoria: Espaço político*

Dentre as características da REM/PB, uma das que mais se sobressaíram foi sua atuação política. Perante as necessidades ditadas por seus membros e, levando-se em consideração o contexto político em que foi criada, a Rede nasceu no momento oportuno, não para a discussão educacional apenas, mas para assumir uma finalidade política. Além de algumas anotações sobre a educação em museus podemos visualizar, através de críticas e elogios, a confusão causada pela 'mudança de objetivos' da Rede ao assumir este caráter político.

> *Uma organização de interessados e profissionais destinados a estudar e divulgar o assunto Educação em Museus.* (DUCHAMP)

> A REM-PB precisa definir seus objetivos. (OGGIONO)

> [...] quando vejo a falta de rumo, o objetivo atualmente buscado está fora do seu propósito original, ela não deveria agir como movimento sindical, não foi para isso que a criamos. Não que eu não ache importantes as lutas e reivindicações, mas para isso deveria ser criado um outro organismo [...] (INGRES)

> ***O fortalecimento de vínculos com o poder público por meio da comunicação, sem perder a autonomia.*** (HENRI MATISSE)

> *Ótima iniciativa para promover e melhorar os museus do estado.* (JAN VAN EYCK)

A ampliação dos objetivos é percebida e ratificada como necessária pela ausência de outra organização com tais possibilidades no Estado:

> *Espaço importante para reflexão e ação voltado às*

> atividades educativas nos museus. Mas, no caso da Paraíba, que não possui um Sistema Estadual de Museus, a REM-PB tornou-se o único espaço organizado que discute questões variadas relacionadas ao universo dos museus. (NAVARRETE)

> Acho que atualmente é a principal organização no estado da Paraíba para debater temas importantes no campo de atuação dos museus. (BOTTICELLI)

A manifestação política da REM/PB se dá em duas maneiras: internamente nas tomadas de decisões e na representação escolhida de coordenadores e conselheiros; e, externamente, na representação dos mesmos perante o Estado para a implantação de políticas públicas para o setor museal.

Em sua atuação interna, a Rede se configura em espaço democrático por dialogar com seus membros em busca de um consenso, entendendo que "A democracia é um sistema de direitos fundamentais: direito de participar, de se expressar, de votar, de escolher, de decidir, etc..." (SILVA, 2008, p. 35). Assim, podemos observar os indícios de tal percepção por parte dos membros:

> Muito importante por escutar todos e ser um espaço democrático. (EDGAR DEGAS)

> A REM/PB é um espaço valioso, democrático, independente, de reivindicação, de luta, onde se podem discutir as ações que envolvem a área cultural; ela ultrapassa as questões específicas sobre museus. (GOGH)

Apesar do reconhecimento de sua característica democrática, severas críticas são desenhadas como questionamento de tal democracia, apontando sinais de autoritarismo.

> A princípio acreditei que podia servir de apoio para os profissionais que trabalham em museus. Nesse momento, ela perdeu a essência. Quando não estabeleceu as normas de funcionamento e criou o estatuto. Centralizou poder e determinação. O que a princípio era decidido com o grande grupo e todos eram ouvidos passou para ser decidido pela "cúpula" eleita, e a opinião das pessoas deixou de ser aceita ou ignorada. Prevalecendo a opinião das mesmas pessoas, isto é, centralizou! Mesmo que alguém tenha opinião para expressar não é ouvido. (MICHELANGELO)

> *A centralização do poder: as determinações e/ou decisões já chegam às reuniões aprovadas. Isto é: são impostas*. (MICHELANGELO)

A constatação de falhas no processo de comunicação da Coordenação com seus membros e a ausência de um regimento próprio que direcione o foco e o funcionamento da Rede causam discordâncias e provocam incômodo. No centro do duelo entre democracia e autoritarismo, encontra-se a equipe coordenadora da REM/PB. Elogiados e também criticados, a Coordenação e o Conselho são considerados indispensáveis, mas também impositivos e necessitados de maior, e melhor, organização.

> *Existe uma equipe formada pelo coordenador, vice-coordenador e três conselheiros, mas as decisões são tomadas no grande grupo. A REM-PB luta para colocar na prática o ideal de democracia. É difícil, muito difícil, mas não impossível.* (NAVARRETE)

> [...] pelo fato de ser uma rede, é sempre muito aberta, democrática, acabar gerando muita discussão nas reuniões. [...] penso que deva sim existir sempre uma diretoria, que preze sobretudo pelo cumprimento do regimento formato, e que de fato, as reuniões sejam produtivas, cumprindo o previsto e sempre fomentando a capacitação e o conhecimento compartilhado. (ARTEMISIA)

> A falta de uma sistematizaçao e o planejamento de objetivos e metas mais específicas. [...] pauta mais planejada e estruturada com objetivos mais específicos. (CÉZANNE)

> *A REM-PB não é uma instituição, não tem CNPJ. Ninguém é remunerado para fazer parte da sua coordenação. Por isso precisa da cooperação de todos. A REM-PB é de todos que dela participa.* (NAVARRETE)

> *A equipe é competente, se esforça para desenvolver um bom trabalho, mas precisa se organizar melhor como equipe.* (FRIDA)

Apesar da percepção destas falhas, os membros não a desprezam. A Rede é

reconhecida, e exaltada, como espaço organizado e composta de pessoas que buscam desenvolver o setor museal na Paraíba.

> Uma organizaçao composta por pessoas idôneas, compromissadas, mas com pouca visibilidade e apoio concreto do poder publico. (CÉZANNE)

> Porque, com todas as limitaçoes, a REM busca um dialogo com pessoas compromissadas e formadoras de opiniao. (CÉZANNE)

Através deste reconhecimento, a REM/PB é incentivada a permanecer como representante na construção de políticas públicas para o campo museal paraibano.

> *A REM/PB tem sido importante para articular as instituições museais na PB e tem suprido uma lacuna devido à falta de um Sistema Estadual de Museus*. (BOTTICELLI)

> [...] a REM vem se desdobrando nesse desejo de chamar a atenção da sociedade e das instituições para a importância dos museus. (KANDINSKY)

> Até o momento, dentro desta caminhada de três anos, só enxergo pontos positivos, a exemplo do que vem acontecendo neste momento com a contribuição para o sistema estadual de museus. (KANDINSKY)

> Para fortalecer as lutas em prol das ações educativas dos museus, por uma política pública de museus em que o acesso aos mesmos atinja todas as classes sociais; Para reflexão das práticas educativas. (GOGH)

> Ainda, infelizmente, é o único espaço para isso e a REM/PB não pode fechar os olhos para essas necessidades. Não dá para apenas discutir sobre ações educativas em museus se nossos colegas, nos museus, não sabem nem o que é uma reserva técnica, não sabem da importância e da necessidade de se documentar o acervo da instituição, etc. (NAVARRETE)

A REM/PB foi criada a partir da política pública implantada pelo IBRAM, uma vez que na Política Nacional de Museus (PNM) havia um direcionamento para o estabelecimento

de parcerias. Esta estratégia tinha a finalidade de promover discussões democráticas sobre o setor para cooperação no desenvolvimento das instituições museológicas brasileiras.

> A Política Nacional de Museus está disseminada por todo o território nacional e vem, de forma sistemática, se enraizando na vida cultural brasileira. Sua capilaridade é notável: em todas as unidades federativas existem agentes sintonizados e comprometidos com o seu desenvolvimento. Além disso, ações de capacitação e formação profissional estão sendo realizadas por todo o país; o Programa de Formação e Capacitação, ao longo de quatro anos, atendeu mais de 10 mil profissionais e estudantes; sistemas estaduais de museus estão sendo criados ou revitalizados; fóruns, seminários, jornadas e encontros são levados a efeito por todo o canto. (BRASIL, 2006, p. 17).

No processo de criação destas redes de parceiros, as REMs passam a ter papel fundamental para a construção da política pública museal, uma vez que discutem acerca deste temário. Tal importância é incluída na proposta do governo federal quando este considera que "Na construção de políticas públicas, no regime democrático em que vivemos, a constituição de parcerias representa uma estratégia de ampliação da ação do Estado." (BRASIL, 2006, p. 27).

Neste contexto, e, como interesse da PNM, através da abertura ao diálogo com estados, municípios e sociedade civil, são criadas as REMs. Estas Redes passam a ter apoio do IBRAM, incluindo a divulgação das mesmas. No caso da Paraíba, este apoio veio, inicialmente, através da Oficina de Ação Educativa, que conquistou membros para que, no estado, também fosse fundada uma Rede de Educadores em Museus, seguindo o exemplo da REM/RJ.

> *Participo da REM-PB desde a sua criação. Resultado da oficina Ação Educativa em Museus oferecida pelo IBRAM, em 2009. A oficina foi realizada no Museu de Artes Assis Chateaubriand, em Campina Grande-PB. Achei a proposta da REM maravilhosa e importante.* (NAVARRETE)

Como fruto da 'estratégia de ampliação da ação' do IBRAM, a REM/PB se configura em espaço político. Tal desenho acarreta a representação de seus membros no campo estadual e nacional, sendo permitida pelos mesmos. Caracterizando-se como espaço político, a Rede é palco de conflitos e de busca por resultados homogêneos. Desta forma, ela contribui para o aprimoramento do desenvolvimento nacional e a criação de uma política pública estadual, afinal:

> Uma política pública não é apenas um conjunto de decisões. Uma política

> pública é concebida, formulada e implementada a partir de personagens que se relacionam, que se influenciam mutuamente, em um ambiente de conflitos e consensos. (SILVA, 2008, p. 65)

Os membros da REM/PB identificam os conflitos gerados em seu seio e a movimentação na qual a mesma está inserida.

> *Algumas vezes surgem conflitos que extrapolam o campo de atuação da REM.* (BOTTICELLI)

> ***Espaço democrático de partilha e socialização de experiências, de compartilhamento de saberes, de construção de saberes específicos vinculados ao tema do patrimônio cultural, cultura, legislação e normatização, atualidades ligadas ao temário, dentre muitos outros...*** (HENRI MATISSE)

> *É um espaço que possibilita discutir assuntos da área museológica, sem ser necessário representar nenhuma instituição, o que facilita ver alguns problemas sem ter nenhum comprometimento institucional.* (KANDINSKY)

> ***A presença de algumas pessoas que demonstram competição e a falta de união, que acaba atrapalhando o bom andamento das reuniões.*** (JAN VAN EYCK)

> ***A força da comunidade em busca de melhorias perante as autoridades políticas para trazer recursos que adequem nossos museus aos padrões estabelecidos, como também promoção de curso e palestras para resgatar o sentimento de patrimônio da comunidade.*** (JAN VAN EYCK)

> A REM me surpreendeu, primeiro por não dispor de nenhum incentivo governamental, e mesmo assim, conseguir motivar tantas pessoas a permanecerem na rede e disputarem por trabalhos e atividades. Minha visão hoje, é que a mesma tem se apresentado como um divisor de águas no âmbito das políticas públicas para o setor. Não que tenha ocorrido grandes feitos em relação aos museus da Paraíba, mas sobretudo, porque ao que parece, os órgãos da cultura têm pouco a pouco "percebido" a existência e o potencial que essas

instituições dispõe. (ARTEMISIA)

Uma vez que a REM/PB foi criada por incentivo de uma estratégia política, ela foi se transformando e assumindo também seu papel político, exigindo posicionamento governamental para seus temas de interesse. Sérgio Conde de A. Silva (2008) analisa que o Estado é considerado como ponto de partida e de chegada para a discussão de políticas públicas.

> De partida, por que o Estado pode e deve ser entendido como o terreno onde interesses, fragmentos e segmentos se entrechocam, disputam, compartilham e cooperam. É neste cenário de luta que a definição das questões podem ser buscadas e onde posições hegemônicas se alternam na busca de influência e domínio. Estão aí envolvidas dimensões como legitimação e consenso, coação e consentimento, sociedade política e sociedade civil, todos conceitos circunscritos e delimitados pela idéia de Estado.
>
> De chegada, por que a formulação de políticas públicas pode ser percebida como resultado e produto desses embates. (SILVA, 2008, p. 24-25)

A REM/PB foi criada a partir da motivação política e agora expõe ao estado seus interesses. No entanto, apesar de tamanho envolvimento com políticas públicas, a REM/PB ainda não possui planejamento específico de atuação em longo prazo, nem regimento próprio, contrariamente ao que busca para os museus paraibanos, podendo ser requisitado como necessidade de mudança.

[...] *a falta de um marco legal.* (INGRES)

Considerando-se o elemento tempo, também caracteriza as políticas públicas como dinâmicas e mutantes (SILVA, 2008). Estas podem ser compreendidas como abrangentes e planejadas em longo prazo. A real atuação de políticas públicas é diferenciada da simples denominação de ações pontuais na reflexão do autor.

> Empiricamente, observa-se que muitas ações empreendidas por diversas instituições públicas brasileiras não podem ser consideradas como políticas públicas, *stricto sensu*, justamente porque são, na maioria das vezes, intervenções específicas e singulares, intermitentes e de curto alcance, formuladas e promovidas de forma não sistemática e restrita. Tentam resolver problemas imediatos e emergenciais em curto prazo, em um processo reativo a uma situação posta (SILVA, 2008, p. 65).

Desta forma, torna-se essencial que haja clareza por parte da REM/PB e de seus

membros sobre o posicionamento que a Rede assume e seus reflexos para tais planejamentos, necessidades e sugestões, uma vez que a mesma está assumindo a principal representação da sociedade civil na participação da política pública museal paraibana.

3.1.1.2 *Categoria: Espaço informacional*

Na condição de espaço político e com a finalidade de caminhar ao lado da democracia e da cidadania, a REM/PB assume um importante aspecto informacional. Sua relação com os governos (federal, estaduais e municipais) acontece porque a partilha das informações entre seus membros a coloca como articuladora do setor museal paraibano. Com o enfoque de desenvolvimento político, Silva (2008) considera que a "informação é um recurso estratégico para as tomadas de decisão na administração pública e para a consolidação da cidadania, sendo, pois, um recurso fundamental para o desenvolvimento individual e das sociedades. (SILVA, 2008, p. 25)".

> [...] *articulação entre os funcionários dos museus é muito importante para troca de experiências e aprimoramento das ações* (BOTTICELLI)

> [...] a grande contribuição da REM está em aproximar os profissionais com os museus, os profissionais com as pessoas, as pessoas com o museu e os museus com os museus. (ARTEMISIA)

Na Rede, a comunicação interpessoal na busca de informação e na partilha de experiências, teóricas e práticas, fortalece a construção do conhecimento individual e coletivo, conferindo à REM/PB, a configuração de espaço informacional.

> *Penso que é um lugar de troca e aprendizado de experiências na área de museus.* (KANDINSKY)

> *Penso que ela na sua formação é transformadora, constrói e amplia conceitos, das possibilidades, na íntegra se constituiu em um espaço de formação e diálogo*. (LEONARDO)

> *Uma instituição de troca e partilha teóricas, práticas, de realizações, lutas, invenções e descobertas, de socialização, de exercício democrático e, principalmente, de pessoas com um mesmo interesse – o patrimônio cultural e a apropriação desses patrimônios pelas populações locais.* (HENRI MATISSE)

> *Porque nela aprendo e ensino. Todos podem cooperar com seus saberes e fazeres. Porque a caminhada não está sendo em vão.* (NAVARRETE)

> *A possibilidade de discutir acerca das ações educativas realizadas em espaços de cultura. O desejo de partilhar com outras pessoas, questões que envolvessem Patrimônio Cultural e Processo Educativo.* (HENRI MATISSE)

Inserida em um contexto no qual a sociedade está em busca de informações de modo cada vez mais rápido, as instituições paraibanas, através de seus 'usuários internos' apresentam à REM/PB, necessidades de respostas específicas e igualmente rápidas, ágeis, úteis e práticas.

> [...] estou aprendendo muito sobre o museu de uma maneira geral e isso tem colaborado muito com a minha prática pedagógica. (GOGH)

> *Das pessoas que participam apenas para escutar ou para resolver o problema da sua instituição em particular e/ou não se envolvem com nenhuma atividade, não ajudam para a realização dos encontros.* (NAVARRETE)

> Sobretudo para estimular os profissionais dos museus ao trabalho e o desafio que é trabalhar com a cultura. Além de capacitar muitos destes profissionais que foram colocados à disposição do museu sem muito conhecimento técnico e de envolvimento com a área. (ARTEMISIA)

A Rede, muitas vezes, é a primeira/principal fonte na obtenção de informações específicas para seus membros. Por isto, as respostas, ou a tentativa de respostas, às buscas de seus membros projetam a REM/PB, conferindo-lhe certificação. A Rede passa a ser um suporte de informação. Ainda que não haja a resposta imediata, ela é procurada como auxílio de busca, uma vez que há uma movimentação dos outros membros, da Coordenação e do

Conselho no sentido de pesquisar as possíveis respostas.

> Sobretudo curiosidade em conhecer mais esse universo que ostentava tanto estilo e classe, com um pseudo-consenso de que dispor e conhecer sobre ele [museu] era para poucos e apenas para determinadas pessoas. (ARTEMISIA)

> As minhas formações exigem que as ações educativas estejam presentes no dia a dia. Assim, ao saber da REM e da criação dela na PB, resolvi participar da criação e implantação. (MICHELANGELO)

> A REM veio tirar os museus do marasmo dando condições para que todos tenham acesso ao conhecimento e proporcionando cursos que antes jamais teríamos oportunidade de fazer. (FRIDA)

> Importante para o desenvolvimento das ações na área da museologia, como forma de suprir a carência de profissionais especializados. (INGRES)

A relação dialógica estabelecida entre a REM/PB e seus membros, a situa como espaço informacional, transcendendo sua pretensão inicial, construindo práticas informacionais.

> [...] a informação, quando trazida para o plano material das práticas sociais e aparatos institucionais deixa de ser apenas um veículo das ideologias, elaborado pela modernidade, para se inserir no contexto político das negociações e regulações em torno dos sentidos: a dinâmica das práticas informacionais. (MARTELETO, 1995, p. 21).

Também podemos ratificar tal aspecto a partir das solicitações feitas pela Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba, ao requisitar da Rede, a apresentação das demandas dos museus paraibanos e seus contatos. O Governo do Estado desconhece as instituições museológicas presentes em seu território e busca na Rede, as informações que necessita. Neste momento, investida no papel de principal organização articuladora do setor museal paraibano, a REM/PB passa a ser considerada pelo estado da Paraíba como fonte de informação e de consulta.

A partilha de informações entre a Rede, seus membros e o governo tem a finalidade de promover o desenvolvimento museal no estado da Paraíba. Para isso, a promoção da abertura de diálogo entre estes elementos é imprescindível para o crescimento de todos, como bem diz o poeta nos versos que seguem.

> O trocar de experiência
> Só resulta em mais valor,
> Todos lucram com saber
> No debate acolhedor [...]
>
> (MEDEIROS BRAGA, 2010, p. 11)

3.1.1.3 *Categoria: Espaço cultural*

O termo *cultura*, conforme esclarecido por Norbert Elias (1994), é originado do conceito alemão *kultur,* o qual estaria relacionado a produtos criados pelos humanos, individualizando-os. Para os franceses, no século XVIII, o termo estava relacionado à ideia de patrimônio da humanidade (GOMES, 2007, p. 31). Ainda segundo a autora "Conhecer a cultura significa, então, conhecer os modelos e a forma como os grupos e as pessoas, em sua vida, de fato se reportam a ele". (GOMES, 2007, p. 33). Passamos a considerar como importante o conhecimento dos sentidos que são dados aos produtos e às formas de vida das pessoas.

Neste sentido, a REM/PB se estabelece como espaço cultural, uma vez que é neste espaço que constatamos as especificidades como os membros se comportam, articulando, buscando informações, discutindo, concordando, argumentando, criando eventos, produzindo conhecimento, etc. e, assim, tentando alterar suas instituições e suas práticas culturais e profissionais. A interatividade e dinamicidade deste espaço cultural são consideradas respeitáveis nos registros de seus membros.

> *Porque sinto que de algum modo contribui e aprendi com a cultura do meu estado.* (ARTEMISIA)

> *A interação entre as instituições, pessoas e lugares, a dinâmica de*

> *encontros em espaços diferentes, à liberdade de expressão de quem estiver na roda*. (LEONARDO)
>
> *As amizades e conhecimentos pessoais*. (MICHELANGELO)
>
> *A oportunidade das pessoas que gostam de trabalhar com museus se encontrarem para se ajudar, dar força um ao outro nesse difícil cotidiano dos museus da Paraíba. É um momento no qual percebemos que não estamos sozinhos com as nossas dificuldades e que, juntos, somos fortes.* (NAVARRETE)
>
> *Para fortalecer em diversas dimensões (humanas, teórico e metodológica, legal, social, política e econômica) a relação em educação e patrimônio e suas práticas.* (HENRI MATISSE)
>
> Outro ponto que me chama atenção é a troca de conhecimentos e experiências, principalmente pelo fato de sempre intercalarem os encontros de modo a favorecer essa troca. (ARTEMISIA)

Neste sentido, a partir da dinamicidade das ligações pessoais, buscando também aperfeiçoamento prático, a Rede passa a presenciar interações culturais e a expor à sociedade paraibana seus produtos culturais por meio das afinidades com as instituições museológicas.

3.1.1.4 *Categoria: Espaço simbólico*

Além de cultural, a REM/PB também pode ser percebida como espaço de criação de significados, como espaço simbólico que é definido como "[...] conjunto de práticas e preferências constituidoras dos 'signos distintivos' por meio dos quais os agentes sociais se reconhecem (CATANI, 2002, p. 114)".

O perfil da REM/PB com sua articulação, itinerância, seus encontros mensais, sua postura em defesa do aperfeiçoamento do campo museal e do patrimônio cultural, sua promoção pela partilha entre seus membros reforça este espaço como simbólico, uma vez que

tais práticas tornam-se comuns aos membros que frequentam as reuniões.

Apesar de estarmos caracterizando a REM/PB como espaço multidimensional, a Rede passa a ser representada para seus membros como espaço único. Parece contraditório, mas as duas ideias são convergentes. Por ser multidimensional e se apresentar como única forma organizada para discussão museal, as mais variadas formas de auxílio lhe são atribuídas. Muitas vezes tendo sido considerada como única esperança, como 'salvadora' dos museus paraibanos.

> A procura pela REM, desde o primeiro momento para mim foi como "a luz possível através das frestas da caverna". (OGGIONO)

O perfil de defensora e lutadora dos museus assumido pela Rede transcende sua constituição e contagia também seus membros que, em seus escritos e falas, ratificam-se como guerreiros.

> A luta pela melhoria da educação museal, a socialização de saberes, a troca de experiências, a provocação, os questionamentos, a avaliação, o planejamento; a construção coletiva de saberes referentes ao Patrimônio Cultural, a reflexão sobre a prática educativa, o fortalecimento das relações entre os partícipantes, as reuniões itinerantes, a eleição para a Coordenação e Conselheiros, a autonomia, e a possibilidade de qualquer pessoa que tenha interesse poder participar. (GOGH)

> *Para debater assuntos pertinentes aos museus do estado, com intuito de melhorar os serviços dos mesmos, como também divulgá-los e melhorar a estrutura física e funcional dos museus.* (JAN VAN EYCK)

> A atuação nos espaços museais, para quem sabe o que quer deste trabalho é sempre muito solitária em vários aspectos. (OGGIONO)

> [...] o envolvimento dos agentes que compõe a rede. Sabemos todos da realidade destes profissionais, e que na sua grande maioria, não recebem nenhum tipo de incentivo em compor a rede, pelo contrário. Mas mesmo assim a periodicidade tem sido uma constante nas reuniões e atividades propostas pelo grupo. (ARTEMISIA)

Não estamos aqui dizendo que tais profissionais possuem uma rotina fácil. Pelo contrário: reconhecemos sua determinação e esforço em busca de um ideal maior. No entanto, é interessante que tais pontos estejam claros para que o rendimento crítico de cada membro possa ser ampliado.

Se perceber como realizando um 'trabalho de Sísifo' não ajuda os membros a aprimorarem a criticidade de sua atuação. Os 'usuários internos' são parte de um todo, não sendo os únicos responsáveis por falhas, nem tampouco os únicos 'heróis'. Nutrir discussões acerca de quem é mais sacrificado pode conduzir a discussões desertas e reuniões improdutivas.

3.1.1.5 *Categoria: Espaço de memória*

Como local de práticas informacionais, de partilha de experiências, de embates políticos, de auxílio aos seus membros, de fonte de pesquisa, dentre outros aspectos, a REM/PB acrescenta ao seu perfil um caráter memorialístico, uma vez que nela são disseminadas inúmeras informações acerca da memória paraibana, inseridas a partir dos 'usuários internos' dos museus no estado que são membros da Rede.

> *Para refletirmos, estudarmos e construirmos uma Paraíba de memória coletiva em ação permanente*. (LEONARDO)

> *Pelo fato de sempre estar me capacitando e isso faz com que a cada dia, eu me orgulhe de trabalhar com a memória de um povo que está aprendendo a se apropriar da sua história*. (FRIDA)

A exposição do cotidiano das instituições e das atividades (problemas, soluções, etc.) encontradas é um permanente trabalho de evocação. Seus membros também passam a estabelecer com a Rede conexões que os incentiva a se perceberem como parte integrante de um grupo. Muitos membros têm orgulho em se identificar com a REM. Esta relação de identidade estabelecida pelos membros conduz ao sentimento de pertencimento.

> *Para pensar e apresentar encaminhamentos sobre o cotidiano dos espaços e das ações museais.* (OGGIONO)

> *Me sinto acolhida neste local e posso aprender cada vez mais e trocar experiências.* (JAN VAN EYCK)

> *Tenho sentimento de pertencimento por ela, é um espaço que desde minha primeira vivência quis continuar a participar por perceber seu fundamento.* (LEONARDO)

A sociedade contemporânea se esforça a cada dia para estabelecer laços identitários e de pertencimento de determinados grupos. Neste processo, a memória torna-se o principal fundamento e, por isso, é tão atrativa ao poder. É a partir desta percepção que a memória passa a ser alvo de controle e disputa.

> A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia (LE GOFF, 1984, p. 44).

Neste sentido, acrescidos ao sentimento de pertencimento pelo grupo, podemos perceber a aproximação da Rede com a memória e passamos a considerá-la como espaço de memória. Alguns membros já a percebem como lugar de memória e demonstram preocupação com o registro das memórias da Rede.

> *Ela deve sempre estar se avaliando e se adaptando às necessidades do grupo. A mudança deve ser contínua, como resultado de uma ação atenta às necessidades dos seus integrantes. Mas uma coisa que vejo como importante e ainda não recebeu toda a atenção devida é a documentação da caminhada da REM-PB. Isso precisa ser aperfeiçoado.* (LEONARDO)

Margarida de Souza Neves (2008), seguindo o pensamento de Pierre Nora, considera como lugar de memória os espaços que "devem ser, primeiramente*, lugares* dotados de alguma *materialidade*, de forma a serem acessíveis aos sentidos; devem ser, também, *lugares* revestidos da *função de construir memória*; e devem ser, ainda, *lugares* de forte conteúdo *simbólico*" (NEVES, 2008, p. 61-62). Os três elementos mencionados necessitam existir de forma simultânea. Com caráter explicativo, Nora (1993) ilustra com mais clareza o que são os

lugares de memória.

> São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA 1993, p.21-22).

A REM/PB possui estes três elementos considerando principalmente as reuniões, onde a Rede se materializa durante o encontro provocando evocações de seus membros sobre a memória de suas respectivas instituições, tornando-se um forte espaço simbólico.

Independentemente da formalização ou reconhecimento, o desejo de memória é o que guiará a criação de *lugares de memória*. Trata-se de reconhecer a vulnerabilidade à qual a memória está submetida. Esta vontade de memória está presente na Rede e a constitui como espaço de memória, uma vez que nela existe a conscientização pela possibilidade/risco de sua extinção.

> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA 1993, p. 13).

Assim, antes que a história distorça os rastros da memória, deixamos aqui registrados recortes de uma organização autônoma, sem fins lucrativos, formada por interessados nos museus paraibanos, criada a partir do incentivo da política pública nacional de museus, que busca dar suporte (informacional, político, cultural, simbólico e memorialístico) aos ‘usuários

internos' das instituições museológicas na Paraíba.



Figura 31 - Características da REM/PB

Diante de tantos aspectos, a maioria dos membros demonstra-se satisfeita com a atuação da REM/PB, apontando poucas necessidades de mudanças que, quando necessárias, sejam realizadas a partir das demandas do grupo.

> A REM/PB está em fase de construção de seu alicerce. É cedo para mudar. É necessário ouvir os participantes e juntos, de forma democrática estruturar suas diretrizes. (OGGIONO)

> *Não mudaria, mas acrescentaria formas de atrair mais funcionários dos museus para integrar a REM, promover mais palestras nos museus para incentivar o interesse dos donos e funcionários a perceberem a importância de debater assuntos pertinentes aos museus.* (JAN VAN EYCK)

> As mudanças devem ter origem na insatisfação (quando houver) da maioria, na busca de melhor atingir os objetivos propostos. (INGRES)

Desta forma, consideramos como ponto principal, fundamental e característico da REM/PB, o envolvimento de seus membros que reconhecem as limitações, lutam e discutem para proporcionar o crescimento individual e coletivo, vibrando com as pequenas e/ou

grandes vitórias conquistadas, sem esmorecer com as derrotas arquivadas. Tudo isto porque acreditam que "[...] *a caminhada é um trabalho de formiguinha, mas as pessoas que são membros têm um compromisso com esse processo* (KANDINSKY)".

Acredito na importância e na finalidade da REM.

(BOTTICELLI)

Quem vê nas velhas sacadas
de ferro forjado
as sombras debruçadas?
Quem é que está ouvindo
o clamor, o adeus, o chamado?...

Cora Coralina

---

4 USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

Ver, ouvir e ler as narrativas dos sujeitos é sempre uma experiência privilegiada, uma vez que nestas podem ser analisadas suas percepções. No caso da presente pesquisa, fomos agraciados com a possibilidade de trabalhar com os relatos dos 'usuários internos' que, de modo quase afônico, buscam ser percebidos pela sociedade, pelas autoridades e pela ciência. Neste sentido, e esperando amplificar o eco destas vozes, pesquisamos os 'usuários internos' dos museus paraibanos. Com esta finalidade, torna-se necessário realizar um breve histórico sobre os estudos de usuário e os estudos sobre museus.

Da forma como os conhecemos atualmente, os estudos de usuários têm uma história relativamente recente. São considerados os dois principais símbolos do início dos estudos de usuários, a Universidade de Chicago, nos anos 30, e a Conferência sobre Informação Científica da *Royal Society* de Londres, já ao final da década de 40 (CHOO, 2003; ARAÚJO, 2008; ARAÚJO, 2012). Os estudos realizados na Universidade de Chicago foram direcionados aos usuários das bibliotecas e, rapidamente "[...] percebeu-se o potencial que pesquisas com usuários possuíam para a avaliação das fontes de informação disponíveis, e dos serviços oferecidos pelas bibliotecas." (ARAÚJO, 2012, p. 146).

No entanto, é a partir da Conferência sobre Informação Científica da *Royal Society* de Londres, que os estudos de usuários "[...] passam a ser de usuários da informação." (ARAÚJO, 2012, p. 147). Tal consideração é devida à ampliação dos tipos de usuários que passavam a não estar mais restritos aos de bibliotecas. Segundo Chun Wei Choo (2003) e Carlos Alberto Ávila Araújo (2012), nesta Conferência, os estudos voltaram-se à comunidade científica, através de busca e obtenção das informações inerentes às áreas específicas.

A partir destes símbolos, cria-se uma vinculação entre estudos de usuário da informação e utilidade quanto à análise de produtos.

> Uma pesquisa no campo dos estudos de usuários precisa ser "útil", entendendo-se essa utilidade como a produção de um conhecimento não apenas sobre a realidade, mas um conhecimento que necessariamente seja válido para avaliar produtos ou otimizar processos. (ARAÚJO, 2008, p. 5-6)

O autor ainda considera que a relação que os estudos de usuários mantiveram com a produtividade alterou tanto o tipo de estudo (voltado à utilidade) quanto, consequentemente, a forma de percepção do usuário dentro destes estudos, os quais se firmam no campo e passam a ser realizados pela maioria dos pesquisadores da área, passando a ser considerados posteriormente como 'tradicionais'.

Na Ciência da Informação, os estudos de usuários são considerados como:

> [...] um campo desenvolvido ao longo de algumas décadas, com forte caráter empiricista, voltado para a aplicação de métodos prioritariamente quantitativos na busca de padrões e regularidades do comportamento dos usuários para o estabelecimento de leis "científicas" sobre o uso da informação. (ARAÚJO, 2010, p. 25)

Conforme explica Araújo, inicialmente estes estudos tinham um caráter mais sistêmico e eram "denominados como 'estudos de comunidade' ou de perfil de usuários", cuja finalidade era o mapeamento de características de uma população, de forma a facilitar o planejamento de ações educativas e sociais. Em seguida, vieram os 'estudos de uso' que verificavam indicadores e grau de satisfação na utilização dos sistemas de informação. Entre as décadas de 40 a 50, do século XX, os estudos estavam relacionados ao fluxo de informação.

> [...] no caso dos estudos de usuários conduzidos desde a década de 1940, o que se percebeu é que os usuários foram sempre estudados de forma "desencaixada", recortados de toda e qualquer possível inserção cultural, política, afetiva, etc. – isto é, considerados apenas de um ponto de vista tecnicista, como processadores de informação apresentando determinada demanda. (ARAÚJO, 2008, p. 6).

Essa percepção perdura também da década de 60 até o final da década de 70 do século passado, onde as pesquisas eram quantitativas e buscavam a relação entre os "perfis

sociodemográficos dos usuários com padrões de comportamento informacional". (ARAÚJO, 2009, p.199). Apesar de criarem um padrão dominante, este modelo também foi fonte de estudo e alvo de críticas desenvolvidas com questionamentos incisivos, que originaram novas propostas.

> Talvez a mais forte delas (críticas) tenha vindo de Dervin e Nilan. [...] analisaram mais de 300 artigos pertencentes ao campo e detectaram, neles, diversas insatisfações quanto à qualidade da produção científica deste campo e quanto ao direcionamento dado às pesquisas. (ARAÚJO, 2008, p. 6).

Foi na década de 70 do século XX que, de fato, os estudos voltaram seu olhar ao usuário, destacando os seguintes estudos, todos de caráter cognitivista: "estado anômalo do conhecimento (Belkin), construção do sentido (Dervin), valor agregado (Taylor) e construtivista (Kuhlthau)" (ARAÚJO, 2009, p.199 - 200). Dentre estes, Araújo reverencia Brenda Dervin e Michael Nilan (1986), porque:

> [...] perceberam que os estudos tidos como "tradicionais" se caracterizavam por um modelo em que a informação é vista como objetiva e os usuários como processadores de informação; (...) que faz isso enfocando as dimensões externamente observáveis do comportamento. (ARAÚJO, 2008, p.6).

Neste momento, o usuário entra em cena na pesquisa científica como foco principal e é diante do modelo cognitivista que serão realçadas "as percepções dos usuários em relação à sua própria ausência de conhecimento, os passos trilhados para solucionar essa ausência (em direção à informação) e o uso da informação para a execução de determinada tarefa ou problema". (ARAÚJO, 2009, p.200).

Considerando o início da fase cognitivista como posterior à década de 80 do século XX, Sofia Galvão Baptista e Murilo Bastos Cunha (2007) a denominam como fase qualitativa. Segundo os autores, o percurso do estudo de usuário também pode ser dividido em duas fases: fase quantitativa e fase qualitativa. A fase quantitativa é caracterizada pelo uso de técnicas estatísticas cuja finalidade era acentuar a exatidão dos resultados, e delimita seu período de maior utilização, como situado entre as décadas de 1960 a 1980. Na década de 60, os estudos de usuário concentravam esforços na frequência e dados estatísticos de usos. Baptista esclarece que na década de 70, os estudos sofreram alteração de foco, direcionando-se à identificação das formas de acesso e uso da informação, relacionando este à facilidade de

acesso. Já na década de 80, Ademir Benedito Alves de Lima, *apud* Baptista e Cunha (2007), explica que a preocupação dos estudos de usuário era acerca do funcionamento das unidades de informação, e não foi intensificada a discussão sobre as necessidades específicas dos usuários.

Seguindo ainda os autores, o baixo desempenho dos resultados das pesquisas quantitativas em relação às necessidades dos usuários e destas com os sistemas de informação, aliado a uma nova visão dos estudiosos quanto ao caráter social da Ciência da Informação teriam contribuído para a utilização das pesquisas qualitativas nos estudos de usuário, uma vez que este tipo de pesquisa "dá mais atenção aos aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano". (CUNHA; BAPTISTA, 2007, p.173).

O deslocamento do posicionamento do usuário nas pesquisas científicas, afastando-se da margem, provoca rupturas, e esta mudança paradigmática insere o usuário no centro do modelo de pesquisa. (FIGUEIREDO, 1999, p. 13).

Acerca desta movimentação, Choo (2003) ratifica que, quanto à orientação da pesquisa de usuário, a movimentação ocorreu saindo da centralidade do sistema, passando a ser ocupado pelo usuário. O autor ainda acrescenta que, quanto aos objetivos, os estudos de usuário moveram-se da pesquisa orientada por tarefas em direção à pesquisa integrativa que "vê a busca de informação como um processo dinâmico, que se constitui das ações e necessidades do indivíduo, assim como das características físicas e sociais do ambiente no qual o indivíduo, reúne e usa a informação". (CHOO, 2003, p. 71)

Neste sentido, o contexto do usuário passa a ser inserido como elemento relevante à necessidade, busca e uso da informação. A influência do ambiente interfere nos caminhos e nos resultados referentes à informação obtida pelo usuário. Reforçando esta movimentação, ainda podemos observar na sequência que quanto:

> [...] à finalidade da pesquisa, os estudos deixaram de se concentrar em determinadas tarefas ou atividades de informação [...] para [...] tentar entender a situação pessoal, social ou organizacional na qual a informação precisa surgir e na qual a informação adquirida será posta em prática. (CHOO, 2003, p. 82).

Quanto à classificação, Sueli Mara Soares Pinto Ferreira (1995, p. 3) dispõe os estudos de usuários como: abordagem tradicional e a alternativa. A autora ilustra que, no contexto tradicional, a informação é considerada exterior ao indivíduo e critica esta abordagem porque:

> [...] não tem examinado os fatores que geram o encontro do usuário com

> sistemas de informação ou as consequências de tal confronto. Limita-se à tarefa de localizar fontes de informação, não levando em consideração as tarefas de interpretação, formulação e aprendizagem envolvidas no processo de busca da informação.

Distinguindo-se da abordagem tradicional, a abordagem alternativa dá aos usuários participação no processo de informação, considerando seus aspectos cognitivos.

> A abordagem alternativa ao posicionar informação como algo construído pelo ser humano está visualizando o indivíduo em constante processo de construção, livre para criar o que quiser junto aos sistemas ou situações. Essa abordagem se preocupa em entender como pessoas chegam à compreensão das coisas, pesquisando por dimensões passíveis de generalizações dessa tomada de consciência (ou de compreensão) e ainda se preocupa em identificar o processo de uso da informação em situações particulares. (FERREIRA, 1995)

Outra contribuição oriunda da abordagem alternativa é formulada por Araújo (2012), ao considerá-la promotora de uma ampliação do universo de usuários possíveis à pesquisa. Nesta abordagem, qualquer usuário pode ser objeto de pesquisa e não somente usuários ligados às bibliotecas ou à ciência. Apesar deste reconhecimento, o autor critica a abordagem alternativa pelo seu caráter cognitivista:

> A informação nessa perspectiva deixa de ser entendida enquanto documento ou item informacional usado/acessado pelos usuários e passa a ser definida em termos de sua relação com o conhecimento – ou melhor, com a ausência de conhecimento. (…) Neste tipo de abordagem, as maneiras (ou "tipos", como colocaria Weber) dos usuários perceberem suas lacunas é considerada uma variável mais importante para explicar seu comportamento informacional do que as variáveis sociodemográficas. (ARAÚJO, 2012, p. 147 -148)

Corroborando Ferreira (1995), Costa *et al* consideram as duas abordagens (alternativa e tradicional) como dirigidas aos estudos de usuários. No entanto provocam a distinção quando relacionam o foco da abordagem tradicional com os "estudos dirigidos ao sistema de informação" e o ponto central da abordagem alternativa com os "estudos dirigidos ao próprio usuário da informação (COSTA *et al*, 2009, p. 7)."

Considerando as abordagens tradicional e alternativa, a década de 90 se finda com significativas movimentações para os estudos de usuários e sinaliza inovações:

> **A partir de finais da década de 1990, novos estudos e perspectivas desenvolvidas no campo dos estudos de usuários começaram a tentar conciliar as duas tradições de estudos, buscando superar as tendências que ora viam o usuário como nulo**, totalmente determinado pelo seu

> pertencimento a um perfil sociodemográfico (como na abordagem tradicional), **ora viam o usuário como ser isolado**, dotado de critérios únicos (totalmente individuais) para julgar a informação, sentindo e definindo isoladamente na sua mente algo como "necessidade de informação" (tal como na abordagem alternativa). (ARAÚJO, 2012, p. 148, grifo nosso)

Desta forma, começam a ser realizadas pesquisas onde o usuário se apresenta mais ativamente, considerando a importância de seus contextos em suas práticas informacionais. Para tanto, há uma aproximação com diversas teorias. Araújo destaca a proposta relacionada à Fenomenologia, idealizada por Thomas Wilson, que compreende o fenômeno pesquisado "[...] no contexto vivo das pessoas vivendo na situação concreta de interações com outras pessoas." (ARAÚJO, 2012, p. 149) e a proposta de Tuominen, Talja e Savolainen (2005), fundamentada no Construcionismo Social, que considera a busca informacional como um processo construtivo no qual os "[...] usuários são ativos no processo de escolher, determinar os sentidos e usar as fontes de informação; e, por meio da ideia de 'social', enfatizar o caráter coletivo, determinado no seio das interações, desse processo". (ARAÚJO, 2012, p. 149).

Desta forma, passamos a perceber uma sinalização na qual a ciência ratifica o usuário como elemento ativo, influenciado por seus contextos e capazes de produzir suas práticas informacionais conforme estes processos interativos.

Traçando comparações entre a Ciência da Informação, baseado nos paradigmas de Capurro (físico, cognitivo e social) e as abordagens dos estudos de usuários, Araújo (2010) elabora o seguinte esquema:

> a) A **abordagem tradicional** de estudos de usuários **corresponderia ao paradigma físico** de Capurro (2003). A informação é tida como algo objetivo, um objeto da realidade cujo sentido independe do usuário que se relaciona com ela, dotada de propriedades objetivas, isto é, inerentes (tais como relevância, exatidão, qualidade, etc.). Fazer estudos de usuários na perspectiva do paradigma físico consiste justamente em determinar as taxas de uso de cada tipo ou fonte de informação e correlacioná-las com os dados de perfil sociodemográfico dos usuários. Tais estudos proporcionarão padrões previsíveis sobre o uso da informação que podem ser utilizados como mecanismos de avaliação dos serviços e sistemas de informação.
>
> b) A **abordagem alternativa** de estudos de usuários **corresponderia ao paradigma cognitivo** de Capurro (2003). A informação é entendida como um recurso usado por um sujeito diante de uma situação de lacuna ou estado vazio de conhecimento. As diferentes formas como um sujeito percebe essa lacuna determinarão os tipos de ação desencadeada por ele para buscar a informação necessária. Os diferentes usos previstos para a informação também intervêm no processo. Tipologias das necessidades, dos processos de busca e dos usos são, pois, os resultados dos estudos empíricos feitos nessa abordagem. Daí terem proliferado diferentes modelos para compreender o "comportamento informacional".

> c) O **paradigma social descrito por Capurro (2003) não teria ainda uma manifestação muito nítida no campo de estudos de usuários**. A maneira como diferentes pesquisadores têm desenvolvido esse paradigma, contudo, fornece importantes pistas de como poderia se dar sua aplicação nos estudos de usuários (ARAÚJO, 2010, p. 26, grifo nosso).

Desta forma, percebemos que, apesar de o paradigma social já estar consolidado na Ciência da Informação, os estudos de usuários há pouco tempo vêm se inclinando nesta direção. Araújo, durante sua análise, propõe uma nova abordagem, afinada com o paradigma social a quem denomina de "[…] abordagem interacionista de estudos de usuários da informação (ARAÚJO, 2012, p. 145)." Desvalorizando a escolha entre uma das abordagens, o autor acredita que estas coexistem, simultaneamente, e explica:

> Mais do que apontar dicotomias, a tendência de todos os estudos parece apontar para sua integração dinâmica, para a indicação de que os fenômenos estudados são, ao mesmo tempo, uma coisa e a outra [...]. Nesse sentido, "interação" parece emergir como o conceito-chave de uma nova abordagem para os estudos de usuários capaz de integrar os avanços realizados nas discussões contemporâneas dos estudos de usuários e de comportamento informacional com o paradigma social da CI (ARAÚJO, 2012, p. 149).

O autor parte do pressuposto da existência dinâmica de ambos os paradigmas aplicados aos estudos de usuários, e do conceito de 'interação' para definir sua proposta. Acerca deste conceito o autor discorre:

> Interação significa "ação recíproca". O conceito põe em relevo o fato de uma ação ou influência exercida por algo ser também afetada por esse algo. Pensando nas questões em discussão aqui, teríamos que, numa perspectiva interacionista, o usuário não é totalmente determinado pelo contexto no [qual se] insere, nem é totalmente isolado ou alheio a ele; a determinação que o contexto exerce existe, é real, mas **não é mecânica nem absoluta**, é interpretada e alterada pelo sujeito. O mesmo vale para o significado da informação: ele não está totalmente dado pelo documento material, pelos elementos que compõem a "mensagem", nem é dado totalmente pelo usuário – o sentido da informação é resultado tanto de determinações da informação como "coisa" quanto das estratégias cognitivas operadas pelo usuário na interpretação dessa "coisa". Igualmente, o usuário é social, mas isso não significa nem que ele seja totalmente determinado pelo coletivo, nem isolado deste: ele é ao mesmo tempo construtor desse coletivo (o coletivo é construído pelos sujeitos concretos que pertencem a ele) e também construído por ele. E, por fim, acessar e usar informação é tanto uma ação cognitiva quanto, também, uma ação emocional, cultural, contextual – o usuário não é apenas uma "mente cognitiva", mas o é também (ARAÚJO, 2012, p. 149-150, grifo nosso).

Partilhamos deste pensamento e acreditamos que foi dado um importante passo para a

construção de uma abordagem mais ampla e dinâmica. Como o próprio autor esclarece, nem a informação, nem o usuário são determinados por um único contexto, mas vinculados aos processos de construção, através de ações ativas. Os processos de construção das práticas informacionais e das abordagens não apenas acontecem mecanicamente, mas como fruto de atividades. O usuário afeta e é afetado, e como ser ativo reconstrói os significados de tais afecções, podendo, e devendo, demonstrar, além da ação mecânica, atividade intelectual (estética, artística, filosófica, cultural, informacional...) durante a *inter* - atividade.

Não acreditamos na supremacia de apenas um dos paradigmas, mas em sua relação *inter*, pois em cada proposta há percepções diferentes que podem, e devem ser complementares.

> Não se trata, pois, de comparar os paradigmas para determinar qual o melhor. Cada modelo teórico apreende alguns aspectos da realidade e deixa de fora outros. Aquilo que não era respondido pelo paradigma físico da CI tornou-se parte das preocupações do paradigma cognitivo. Igualmente, o paradigma social surgiu para iluminar questões não compreendidas pelo cognitivo. No caso dos estudos de usuários da informação, o paradigma social vem para problematizar aspectos de como a definição de critérios de qualidade e valor da informação é construída socialmente, e atravessada por fatores históricos, culturais, políticos, sociais e econômicos. (ARAÚJO, 2010, p. 36).

Diante do exposto, nossa pesquisa dialoga com os três paradigmas - os dois já consagrados e o terceiro como proposta. Apresenta características da abordagem tradicional, ao considerarmos dados quantitativos, incluindo perfil demográfico. Também se insere como abordagem alternativa, por se relacionar com os entendimentos que os usuários elaboram acerca dos museus, posicionando-os no centro da pesquisa e por haver uma consciência dos 'usuários internos' dos museus paraibanos, em busca do suporte informacional proporcionado pela REM/PB, sendo tal necessidade considerada neste texto como principal elemento para caracterizar a Rede. Também estabelece estreitos laços com o paradigma social, através da proposta 'interacionista' sugerida por Araújo (2012), por fundamentarmos as considerações dos 'usuários internos', suas provocações, cobranças e construções relacionadas às suas interatividades contextuais. Neste aspecto, concordamos com o autor quando este fala do sujeito como ser interativo.

> O sujeito nunca é vazio, ele possui vários conhecimentos e também estruturas nas quais cada novo conhecimento se acomoda, não numa lógica cumulativa, mas num processo interativo, de alterar-se e ser alterado (ARAÚJO, 2010, p. 27).

Dar voz a estas pessoas nos permitiu perceber diversas relações entre elas, com as instituições e com os 'usuários externos'. Neste contexto, fundamentamos esta pesquisa de forma mista entre as abordagens, apresentando caráter quantitativo e qualitativo, pois acreditamos que a aliança entre os métodos enriquecerá a pesquisa.

Mas, a que se refere o termo usuário? O "[...] usuário da informação ou grupo de usuários pode ser definido como aquele indivíduo ou coletivo que, necessitando de informação, utiliza-a (COSTA *et. al*, 2009, p.4)." Estes usuários apresentam necessidades e usos da informação conforme seu interesse, o que os move à busca de informação. Conforme exposto pelos autores, "as necessidades de informação dos indivíduos e de seus grupos podem variar de acordo com as suas funções ou com os papéis que eles exercem no seu dia a dia". (COSTA *et. al*, 2009, p.4). Percebe-se a influência do cotidiano no processo de busca, podendo verificar que a informação, incluindo esse processo, é influenciada pelo contexto em que o usuário se encontra. Diante deste fato, encontramos outro elemento importante: outros sujeitos, os produtores de informações que influenciam e são influenciados, e que também são usuários da informação.

Para Israel A. Nuñez Paula, "[...] o termo usuário é relativo, e se refere a todos os que utilizam a informação [...]" (NUÑEZ PAULA, 2000, p. 109, tradução nossa). Uma das classificações apresentadas pelo autor diferencia 'usuário externo' de 'usuário interno', definindo este como "[...] toda pessoa, grupo ou entidade, que se encontra subordinada administrativa ou metodologicamente à mesma gerência que a entidade de informação e que não tem uma entidade intermediária de informação" (NUÑEZ PAULA, 2000, p. 111, tradução nossa). Desta forma, usamos nesta pesquisa a denominação 'usuário interno' dos museus para nos referirmos às pessoas que têm o museu como ocupação e que utilizam a informação dentro destes espaços para cumprir os objetivos dos museus.

Ratificando as teorias expostas, realizamos a presente pesquisa acerca das percepções do 'usuário interno' dos museus enfatizando a relação destes com as instituições e membros ativos integrantes da REM/PB, na construção de uma definição para museu.

4.1 ESTUDOS DE USUÁRIO E MUSEUS

Os estudos de usuário foram discutidos, e sua importância ressaltada anteriormente. Como unidade de informação, os museus também necessitam conhecer seu público, descobrir como seus usuários utilizam e constroem a informação nestes espaços, e analisar como estas informações interferem na sua compreensão e funcionamento. Por conseguinte, elaboramos um breve histórico das pesquisas de público[28] em museus que será exposto, seguido da caracterização destes no Brasil. Também será vista a relação destes estudos com a comunicação e a inserção do 'usuário interno' neste contexto. Finalizando, veremos o panorama quantitativo dos 'usuários internos' dos museus, segundo dados do IBRAM.

Nas pesquisas sobre museus, os estudos de usuário também são recentes, tendo iniciado no princípio do século XX. Segundo esclarece Eloísa Pérez Santos, nesta época, os museus norte-americanos objetivavam analisar os "comportamentos impactados pelo desenho expográfico e o tempo despendido nas exposições" (SANTOS, *apud* BRASIL ,2011a, p. 93). Santos ainda elucida que foi a partir deste período que questionários foram usados para delinear o perfil do usuário, visitante do museu, por nós denominado 'usuário externo'.

A utilização de estudos de usuário em museus ocorre com maior intensidade, conforme expõe Rosane Maria Rocha de Carvalho (1998), no Hemisfério Norte e se concentram no usuário (externo) que é o centro, através de seu perfil e preferências. A partir da década de 60 do século passado, esses museus passam a realizar estudos com grandes públicos nesta área. Estes estudos eram quantitativos e auxiliados por computadores (SILVA[29]*apud* CARVALHO, 1998 p. 137). Um exemplo deste tipo de pesquisa, para esta época, foi a pesquisa dirigida por Pierre Bourdieu e Alain Darbel que utilizaram um questionário considerado simples, claro e breve, buscando analisar a expectativa dos visitantes quanto à pedagogia dos museus. O questionário foi aplicado entre os anos de 1964 e 1965, de modo padronizado, em 5 (cinco) países europeus (Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia) buscando uma homogeneidade de categorias para a análise. Carvalho acrescenta que

[28] Na Museologia o termo mais usado é estudo de público, mas para fins desta pesquisa usaremos "estudos de usuário", uma vez que este considera as pessoas que estão fazendo uso da informação. O estudo de público abrange diversos segmentos: o público (visitantes e frequentadores), o público potencial (grupos que podem vir a ser público de determinada instituição), o não-público (grupos que não frequentam museus) e a população (referência para estudo dos grupos). (KÖPTCKE, 2012, p. 217-218)

[29]LIMA, João Filgueiras. Texto publicado no Jornal do Arquiteto, ano I, n.5, novembro de 1996.

é neste período, década de 60 e 70 do século XX, que os estudos de usuários em museus, começam a "revelar, além do perfil do visitante de museus, aspectos relacionados às motivações e ao comportamento do seu público". (CARVALHO, 2000, p. 137).

Mais recentes que as pesquisas internacionais, as pesquisas de usuário em museus no Brasil buscam, em sua maioria, traçar o perfil do visitante ('usuário externo'). No cenário nacional surgem ações governamentais específicas para o setor. Com o intuito de traçar um perfil do usuário de museu, o governo federal estabelece parceria com o Departamento de Museus e Centros Culturais/IPHAN, Fundação Oswaldo Cruz e o Museu de Astronomia e Ciências Afins, e cria o Observatório de Museus e Centros Culturais - OMCC – "programa de pesquisa e serviços sobre os museus e instituições afins". O OMCC realizou uma pesquisa quantitativa em 2006/2007, Pesquisa Perfil Opinião, que obteve repercussão nacional. Apesar de restrita à região sudeste, esta pesquisa proporcionou a análise de dados relevantes sobre os museus.

Ainda como ação governamental, é criado o Cadastro Nacional de Museus, do Instituto Brasileiro de Museus, IBRAM. Com caráter censitário, o Cadastro é responsável pelo mapeamento nacional das instituições de memória no país, possuindo informações, até então desconhecidas, sobre estas. Seu espectro de atuação poderá exibir a diversidade dos museus brasileiros. O Cadastro buscou informações acerca da existência e frequência de pesquisa de público realizada pelas instituições e da verificação do quantitativo de visitantes a esses museus. Conforme dados do IBRAM, 74,7% dos museus afirmaram realizar pesquisas voltadas ao usuário. Destes, 53,5% declaram manter regularidade na sua execução (BRASIL, 2011a, p. 94). A Figura 32 exibe a tabela elaborada pelo IBRAM acerca desses dados. Um elemento intrigante nesta tabela é a posição do estado da Paraíba. Dos 92,9% dos seus museus que afirmam realizar estudos de usuários, 48,6% acrescentaram que realizam com regularidade. Empiricamente, estes dados referentes aos museus paraibanos não se confirmam.

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	REALIZA PESQUISA DE PÚBLICO	REGULARIDADE DA PESQUISA DE PÚBLICO	
		REGULAR	OCASIONAL
Brasil	**74,7**	**53,5**	**46,5**

Nordeste	75,1	47,8	52,2
Maranhão	81,8	83,3	16,7
Piauí	60,0	41,0	59,0
Ceará	72,7	54,5	45,5
Rio Grande do Norte	73,3	69,2	30,8
Paraíba	92,9	48,6	51,4
Pernambuco	80,4	26,3	73,7
Alagoas	73,1	75,0	25,0
Sergipe	90,0	47,9	52,1
Bahia	70,4	54,4	45,6

Figura 32 - Tabela de porcentagem dos museus brasileiros, âmbito nacional e com recorte regional, que realizam pesquisa de público, considerando também a regularidade de aplicação da mesma (grifo nosso). Fonte: BRASIL, 2011a.

Carvalho, expondo a deficiência e traçando um panorama das pesquisas de público, que para nós assume a denominação de estudos de usuário, afirma que:

> Poucas pesquisas de público foram feitas no Brasil, sendo a maior parte quantitativa. Grandes recursos envolvem a montagem de exposições, mas ainda não contemplam estudos científicos do público que as visita. Também não foram identificadas pesquisas que privilegiassem a informação, tal como ocorre na Ciência da Informação (CARVALHO, 2000, p. 141).

Deste modo, constatamos que, de uma forma geral, os estudos de usuários em museus, no Brasil, concentram-se dentro da abordagem tradicional, de cunho quantitativo, objetivando traçar um perfil do 'usuário externo'.

Dois dos modelos de comunicação aplicados aos museus inserem o 'usuário interno' em sua constituição. São eles: o *modelo comunicativo aplicado à exposição,* de Hooper-Greenhill (1994) e o *modelo contextual de aprendizagem*, de FlarkeDierking (1992), ambos citados por Almeida (2004). O *modelo comunicativo aplicado à exposição* é apresentado por Almeida como uma adaptação do modelo comunicativo da teoria da informação de Shannon e Weaver (1949), e possui a seguinte estrutura:

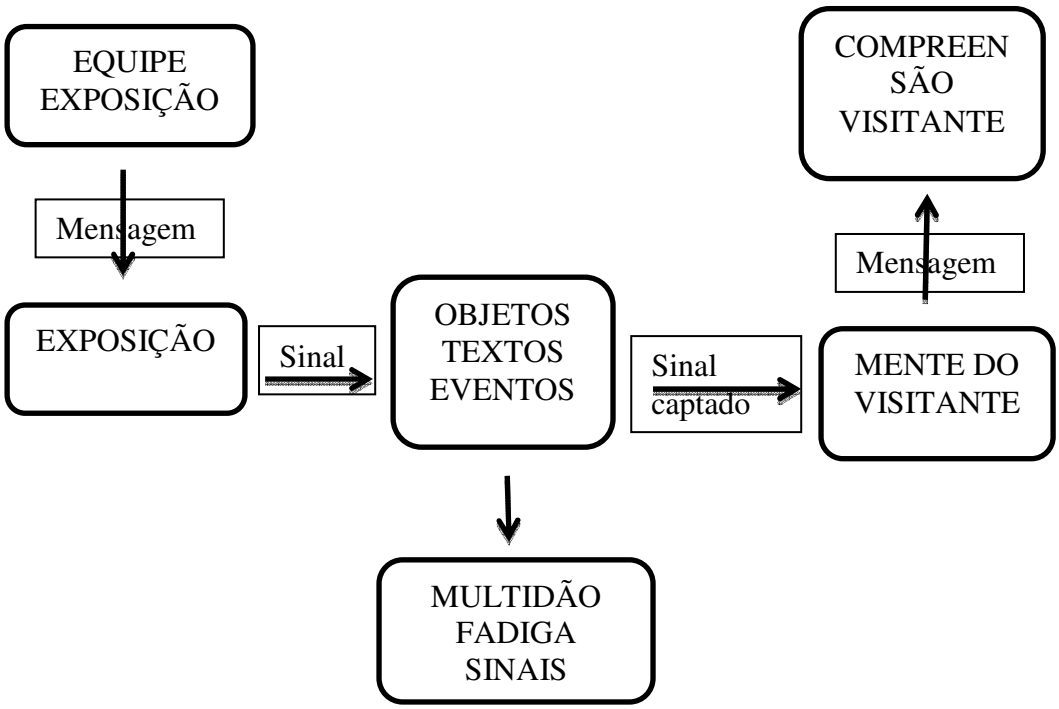


Figura 33 - Modelo comunicativo aplicado à exposição.

Neste modelo percebemos que a equipe de exposição participa do processo de comunicação entre o museu e o usuário externo. No entanto, Almeida faz críticas ao mesmo por ser unidirecional e não considerar o 'usuário externo' como capaz de realizar trocas durante o processo. Dentro da mesma análise, a autora ainda elege como melhor modelo, o denominado *modelo contextual de aprendizagem* (FlakeDierking), uma vez que :

> Nesse modelo, o contexto sociocultural envolve todos os contatos com indivíduos ou grupos envolvidos na visita, sejam aqueles dos quais o visitante participa, sejam os de visitantes com outros grupos, seja o de servidores do museu e qualquer outra pessoa com as quais o visitante possa ter contato no processo da visita (ALMEIDA, 2004, p. 333).

Além do contexto sociocultural, existem mais dois: o físico e o pessoal. Conforme o modelo, eles interagem entre si durante a experiência museológica. No entanto, acrescentaríamos o contexto físico, pessoal e sociocultural do 'usuário interno', em imbricamento com os mesmos contextos do 'usuário externo'. Afinal, quem produz a informação não é a instituição: é um elemento humano que trabalha para a mesma, mas tão passível de sofrer influências destes contextos, como o 'usuário externo'. A influência do contexto para a construção da informação pode ser investigada a partir da reflexão de Choo ao considerar que o uso da informação é situacional:

> O meio social ou profissional ao qual o indivíduo pertence, a estrutura dos problemas enfrentados pelo grupo, o ambiente onde os grupos vivem ou

> trabalham e o modo de resolver os problemas – tudo isso se combina para estabelecer um contexto para o uso da informação (CHOO, 2003, p. 111).

Neste sentido, além de situacional, o autor considera a informação como processo dinâmico, sendo construída pelo usuário conforme experiências anteriores, e as necessidades apresentadas e, também, ressignificada segundo o contexto. Desta forma, além de construir suas próprias informações a partir de seus contextos, acreditamos que o 'usuário interno' participa, direta ou indiretamente, como elemento influenciador para a construção da informação pelo 'usuário externo'. De modo equivalente, o 'usuário interno' está exposto às influências do externo, estabelecendo entre os dois uma relação dialógica.

Para os estudos em museus, o interesse com a pesquisa de público é centrado no 'usuário externo'. Este fato vem expor a necessidade de pesquisas direcionadas aos 'usuários internos', afinal estes usuários são produtores e fazem uso da informação. Gabriela Figurelli (2010, p. 6) explica que esta inserção é necessária, a "partir do entendimento de que os funcionários dos museus são também público da instituição, já que possuem direito à memória coletiva e à identidade cultural [...]".

Dentre estas pesquisas, encontramos apenas uma se referindo ao 'usuário interno'. Figurelli (2010), através da aplicação de um questionário, analisa as ações educativas do Programa Educativo Funcional da Pinacoteca do Estado de São Paulo voltadas para os funcionários deste museu, considerando estes e o público espontâneo do museu. O questionário, com trinta e nove questões (fechadas, abertas, múltipla escolha e ordenação), foi dividido em grupos: Características Sociodemográficas, para conhecer o contexto do funcionário; Práticas Culturais, de Lazer e Entretenimento; Contexto Profissional dos Entrevistados; Percepções dos Entrevistados sobre Museu, Patrimônio e Público (FIGURELLI, 2010, p. 93). Quanto ao questionamento sobre o que pensam sobre o museu, relaciona as respostas com a visão que:

> De um modo geral, os participantes da pesquisa associam ao museu o papel de proporcionar cultura, educação, conhecimento e diversão à população, através do acesso à história e à memória retratadas em seu acervo. Esta caracterização aproxima-se da imagem que a sociedade faz do museu, de acordo com investigações promovidas junto à população. (FIGURELLI, 2010, p.113).

Nos museus há um setor que demonstra preocupação com a realização de estudos de 'usuários internos', ainda que não com este fim específico. Trata-se do setor educativo. É uma

prática comum dentro destes setores a execução de processo avaliativo entre os 'usuários internos', para poder analisar o êxito de determinada exposição. Almeida enfatiza que:

> Os profissionais dos setores educativos dos museus realizam avaliações sistemáticas, seja das exposições seja dos programas educativos, visando estruturá-los, aproximá-los do interesse do público e alimentar novas programações (ALMEIDA *apud* CARVALHO, 2000, p. 140).

O setor educativo dos museus paraibanos, representado pela REM/PB, também realiza a avaliação de sua participação. Neste processo, surgem necessidades. Conforme pode ser conferido na sequência, a necessidade de estudo de usuário é percebida como uma das 5 (cinco) prioridades dos museus, para indicação de oficinas do Programa de Formação e Capacitação em Museologia:

> Os participantes da Rede de Educadores em Museus da Paraíba – REM-PB, reunidos no dia 10 de dezembro de 2009, na Escola Viva Olho do Tempo, em Gramame, João Pessoa, debateram, entre outros assuntos, o Programa de Formação e Capacitação em Museologia do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Em meio às discussões, os participantes da REM-PB apresentaram as demandas de oficinas do Programa para o ano de 2010, listadas a seguir, as quais encaminho para o conhecimento de Vossa Senhoria:
>
> a) Gestão e documentação de acervos
> b) Elaboração de projetos e fomento para a área museológica
> c) Museus e novas tecnologias de informação
> **d) Estudos de público**
> e) Plano Museológico: implantação, gestão e organização dos museus.
>
> (REM/PB, 2009, grifo nosso)

Através da reivindicação das oficinas, não podemos assegurar para qual usuário este tópico se refere, porém acreditamos que é apenas ao 'usuário externo'. No entanto, a partir das observações da relação com os membros da REM/ PB, percebemos que não podemos avançar na aproximação da instituição de memória com a população se, inicialmente, não houver a apropriação do 'usuário interno'.

4.2 'USUÁRIOS INTERNOS' DOS MUSEUS BRASILEIROS

Uma das dificuldades encontradas para realização desta pesquisa foi a escassez de estudos dirigidos aos 'usuários internos' dos museus. Desta forma, os dados que estamos apresentando, referentes a esses usuários, foram obtidos a partir do Instituto Brasileiro de Museus, através do Cadastro Nacional de Museus.

Os museus brasileiros apresentam quadros de pessoal com diversidade de áreas de formação. Segundo o IBRAM (BRASIL, 2011a), quanto à área específica para Museologia, é a partir da criação do Museu Histórico Nacional em 1922, que surge o primeiro curso no Brasil, o Curso de Museus (1932), mas a regulamentação da profissão de museólogo só acontece em 1984 com a Lei 7287/84. Ainda conforme o IBRAM, o Brasil possui 14 cursos de graduação em Museologia.

Durante o Cadastro Nacional de Museus foram registrados mais de 20 mil funcionários de museus, oriundos de áreas diversas. Esse número refere-se às pessoas que aceitaram responder aos questionários. Na Figura 34 podemos verificar, em ordem decrescente, os 10 (dez) museus brasileiros com maior número de funcionários.

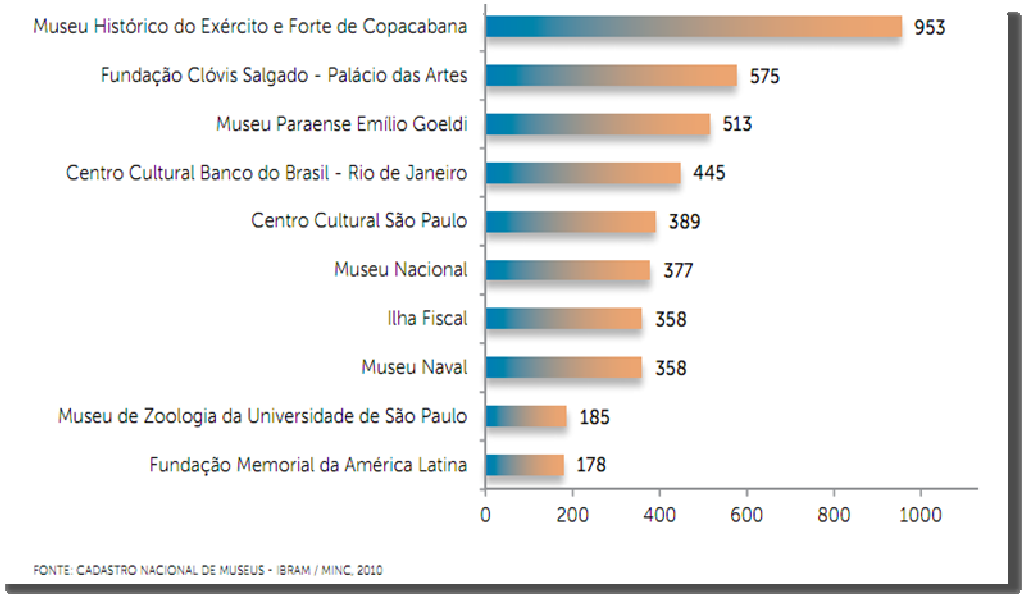


Figura 34 - Gráfico do quadro dos dez museus brasileiros com maior número de funcionários. Fonte: BRASIL, 2011a.

O gráfico nos permite analisar que, dentre os museus citados, há uma concentração na região sudeste do país. No Cadastro são considerados como funcionários "os profissionais

formados ou em processo de formação que exerçam atividades regulares na instituição museológica.” Outrossim, muitos funcionários que não possuem formação específica, mas que trabalham nos museus não foram registrados.

Se observarmos a concentração por setor, dentre os setores específicos, o administrativo é o mais significativo, representando esta posição com 3.568 funcionários.

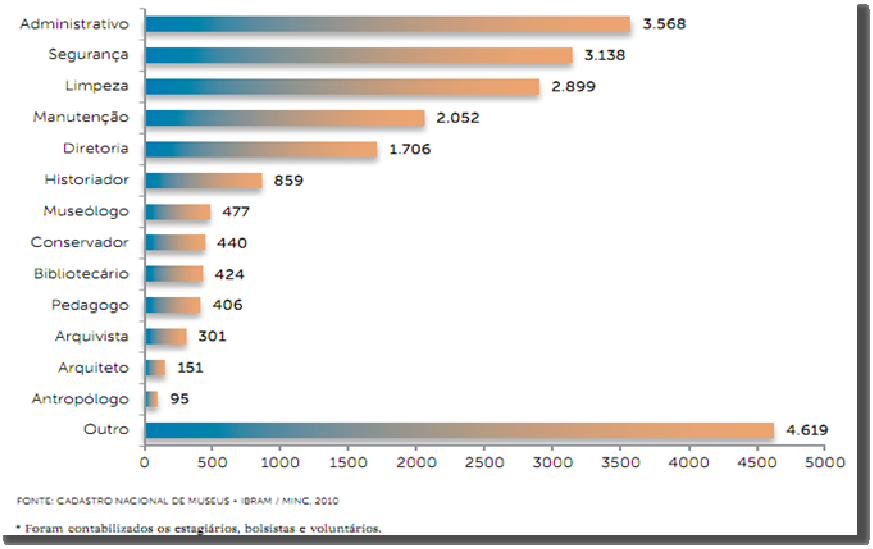


Figura 35 - Gráfico do quadro de funcionários, por setor, dos museus brasileiros cadastrados. Fonte: BRASIL, 2011a .

Quanto à vinculação funcional, o Cadastro revela a diversidade de ocupações que compõem o quadro de funcionários dos museus brasileiros. É o que pode ser observado nas Figuras 35 e 36:

SETOR/ ESPECIALIDADE	VÍNCULO							
	EFETIVO	CEDIDO	FUNÇÃO GRATIFICADA	CONTRATADO POR TEMPO DETERMINADO	TERCEIRIZADO	VOLUNTÁRIO	ESTAGIÁRIO/ BOLSISTA	OUTRO
Diretoria	627	73	335	110	37	409	38	77
Museólogo	232	23	25	33	23	49	86	6
Bibliotecário	191	37	20	29	23	33	78	13
Arquivista	153	17	7	16	12	35	59	2
Conservador	177	39	21	46	77	32	18	30
Pedagogo	166	56	14	36	34	53	44	3
Historiador	307	57	39	50	36	88	273	9
Arquiteto	48	9	6	18	15	26	22	7
Antropólogo	55	3	2	10	4	7	11	3
Administrativo	2040	153	305	261	321	99	336	53
Manutenção	1215	141	434	265	1086	160	6	45
Limpeza	1294	200	23	111	1185	45	6	35
Segurança	1190	190	40	68	1599	17	2	32
Outro	1581	134	75	281	389	476	1492	191

FONTE: CADASTRO NACIONAL DE MUSEUS - IBRAM / MINC, 2010

Figura 36 - Gráfico do quadro de funcionários, por setor, dos museus brasileiros cadastrados. Fonte: BRASIL, 2011a.

Um dos dados que chama atenção nesta tabela é o elevado índice de funcionários voluntários, em torno de 32,1%. Quanto ao incentivo à qualificação de seus funcionários, o IBRAM menciona que 47,2% dos museus declararam ter políticas voltadas para capacitação e qualificação dos seus funcionários.

Em um panorama geral, temos o quadro dos funcionários dos museus como sendo diversificado, e eles encontram-se concentrados no setor administrativo e com maior número na região sudeste do país. Destaca-se a forte participação de voluntários no funcionamento dos museus brasileiros.

Apesar dos números apresentados, da diversidade que caracterizou o quadro de funcionários dos museus brasileiros, o esquecimento destes funcionários pelos estudos só ratifica nosso esforço para estudar a relação que estas pessoas mantêm com a instituição na qual trabalham.

4.3 ABRINDO AS CORTINAS: PERCEPÇÕES QUE REVELAM OS ‘USUÁRIOS INTERNOS’ DOS MUSEUS PARAIBANOS

Com base nos dados do IBRAM, coletados durante o Cadastro, foi possível perceber parte do perfil dos funcionários, ‘usuários internos’, dos museus brasileiros. O trabalho realizado pelo Cadastro foi censitário e quantitativo.

Então percebemos a necessidade de também permitir que essas pessoas possam expor mais elementos sobre si e suas formulações sobre as instituições nas quais trabalham, considerando aspectos *quanti* e qualitativos.

Deste modo, neste subtópico, buscamos delinear o perfil dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos e, em uma segunda parte, expomos suas impressões acerca das unidades museais.

4.3.1 Categoria: Caracterização dos Respondentes

Falar sobre os ‘usuários internos’ dos museus sem lhes projetar uma imagem é não permitir que estes ‘personagens’, distantes pela ausência de uma descrição, possam ter animação por meio da provocação do nosso imaginário. Com este fim, desenharemos seu perfil e buscaremos dar-lhes vivacidade.

Os dados abordados nesta categoria são referentes à caracterização dos 15 (quinze) participantes da pesquisa compreendendo: gênero; faixa etária; profissão; escolaridade; área de atuação profissional; vínculo com o museu; permanência de atuação no museu; permanência de atuação no setor; motivos que os levaram a trabalhar em museus; e satisfação com o trabalho.

Os ‘usuários internos’ participantes desta pesquisa são, em sua maioria, do gênero feminino (93,4%), com idade entre 21 e 61 anos e possuem, predominantemente, curso superior (93,75%). Distribuímos suas profissões no gráfico que segue.

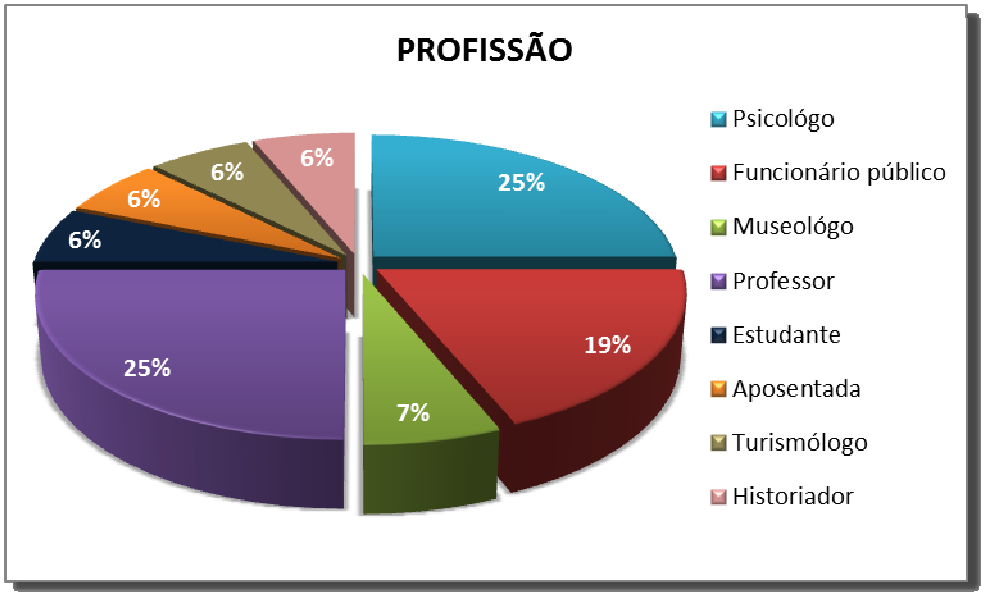


Figura 37 - Gráfico com as profissões dos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos.
Fonte: Dados da pesquisa.

Os dois percentuais mais elevados referem-se às profissões de psicólogo e professor. Entre as demais profissões, encontram-se: funcionário público, museólogo, estudante, aposentado, turismólogo e historiador.

Quanto à escolaridade, possuem ensino superior completo (84%), nos cursos de

História, Letras, Museologia, Pedagogia, Psicologia, Educação Artística, Turismo e Biblioteconomia. Os demais participantes dividem-se ao se apresentarem como possuidores de ensino superior incompleto (11%) e ensino médio completo (5%).

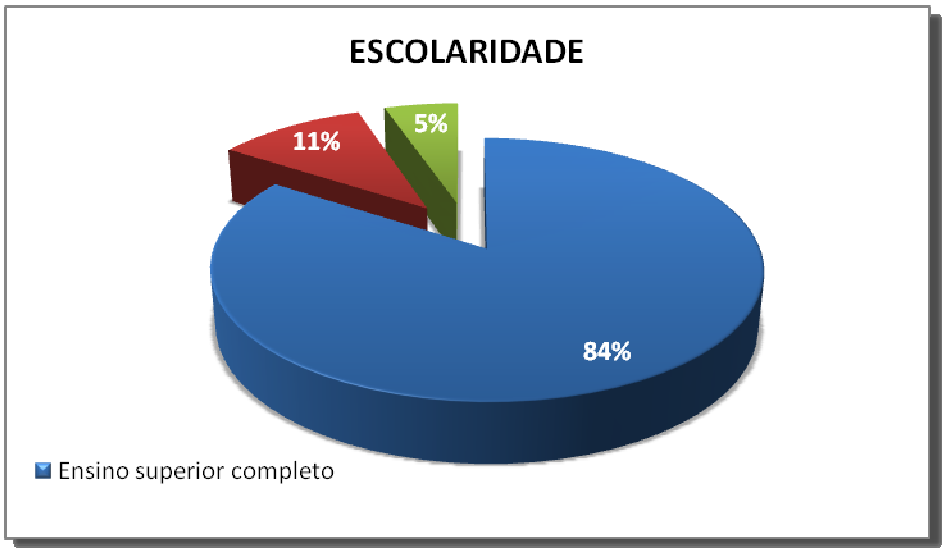


Figura 38 - Gráfico apresentando a escolaridade dos 'usuários internos' dos museus paraibanos.
Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os usuários com ensino superior completo, 76% apresentam pós-graduação, 18% não informaram e 6% não possuem esta qualificação (Figura 39).

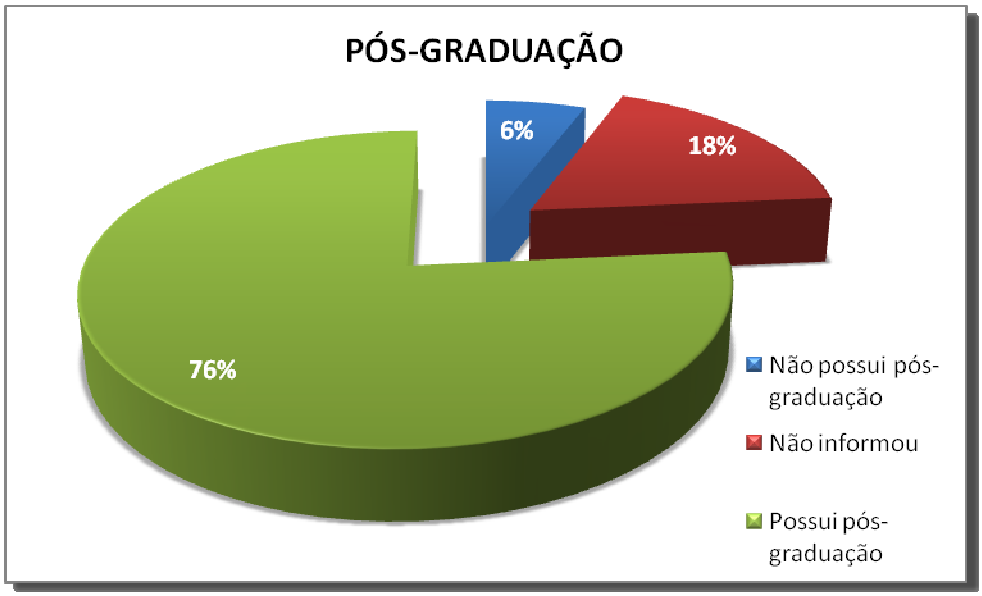


Figura 39 - Gráfico apresentando a escolaridade dos 'usuários internos' dos museus paraibanos quanto à realização de pós-graduação.
Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando os usuários que possuem pós-graduação, constatamos que 24% (Figura 40) são em nível de mestrado nas áreas de Memória Social e Patrimônio Cultural, História e

Crítica da Arte, Ciência da Informação e Ciências da Sociedade. Quando a pós-graduação é a especialização, o valor se eleva para 76%. As áreas dos especialistas são em Gestão de Políticas Públicas de Cultura, Ação Educativa e Cultural em Museus, Psicologia da Saúde, Psicologia Escolar, Didática, Artes Plásticas, Salvaguarda em Patrimônio Imaterial, Cultura Brasileira, Administração e Planejamento de Recursos Humanos, História do Brasil (Nordeste), Formação do Educador Serviço Social em Empresas e Supervisão e Orientação Profissional.

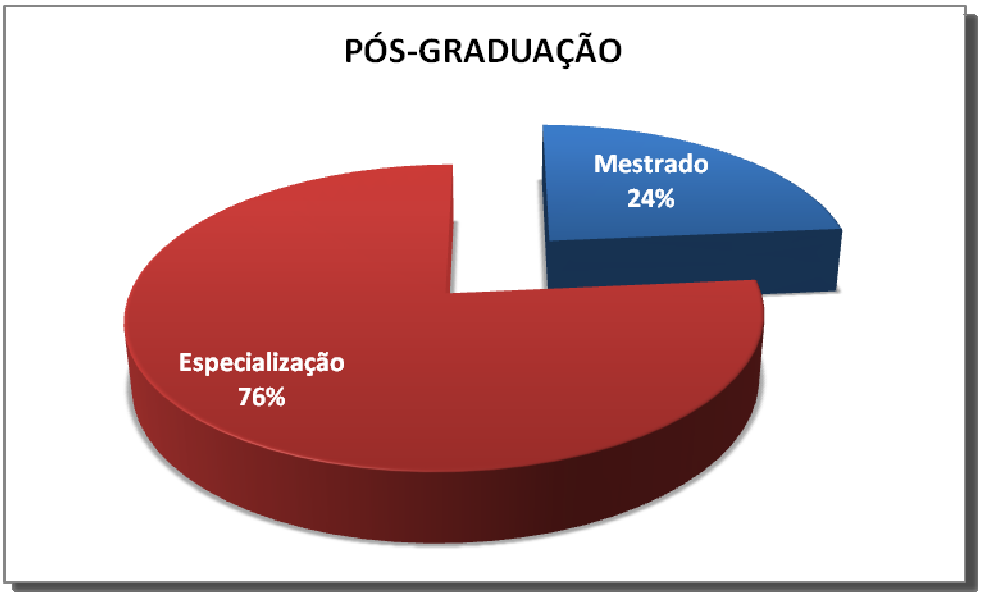


Figura 40 - Gráfico dos tipos de pós-graduações dos 'usuários internos' dos museus paraibanos.
Fonte: Dados da pesquisa.

A coleta destes dados nos proporcionou a apresentação de um usuário com elevado nível de escolaridade, contrariando o que empiricamente observamos. Tal constatação nos faz acreditar que a procura pela REM/PB, levando-os a tornarem-se membros, deu-se também pelo fato de terem, em sua formação, maior aproximação na busca de informação como fonte de pesquisas. Neste sentido, perceberam a Rede como fonte para busca de informações específicas.

A variedade de profissões que estes usuários apontaram, somadas à riqueza de áreas que trabalharam anteriormente ao museu atual, revela um corpo de profissionais esforçados e capacitados em vários campos, tendo trabalhado nas seguintes áreas: História, Arqueologia, Políticas Públicas, Administração Pública, Docência, Representação Tridimensional, Instituições Museológicas, Pesquisa, Articuladora Cultural e Educação Patrimonial.

Apesar da escolaridade elevada e da experiência em várias áreas, aproximadamente

metade dos usuários possui vínculo efetivo com suas instituições. Na figura que segue (Figura 41), possuem vínculo como terceirizados 7,69% dos 'usuários internos', tendo a média de um ano trabalhado nesta condição. Como cedidos estão 15,38%, com média de 11,5 anos. São efetivos 46,15% com média de 17,8 anos. Abaixo da média nacional e da média paraibana considerada pelo IBRAM, os voluntários caracterizam 7,69% dos usuários, tendo a média de 05 (cinco) anos de trabalho no museu.

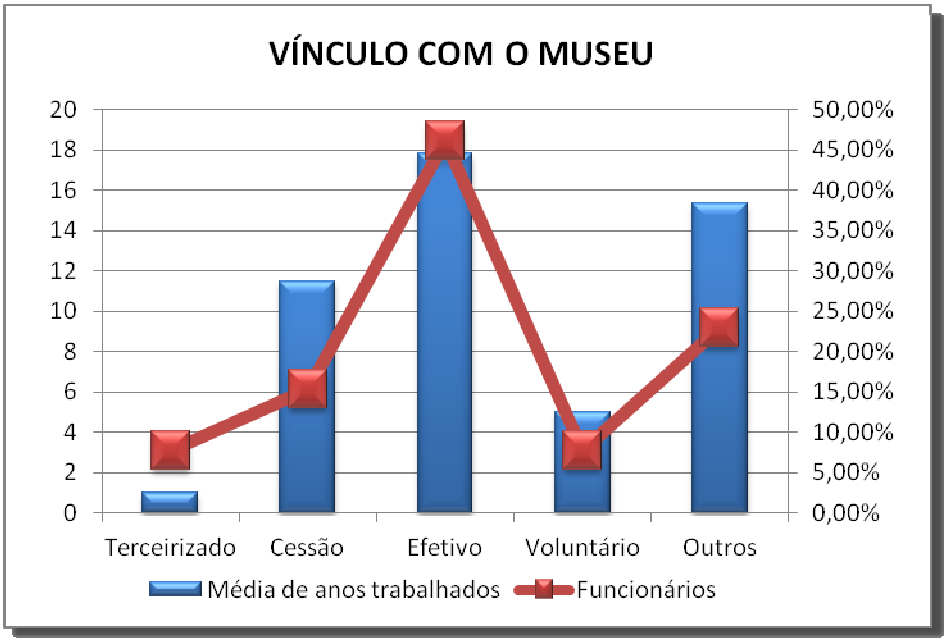


Figura 41 - Gráfico apresentando o vínculo de trabalho que os usuários mantêm com os museus e a média de anos mantida nesta condição.
Fonte: Dados da pesquisa.

Em 23% das respostas, os 'usuários internos' enquadram sua vinculação na categoria 'outros'. Ao justificarem essa eleição, os respondentes apresentam uma diversidade de funções, quais sejam: colaboradora (sem remuneração), pesquisadora, contratos por tempos determinados, cargo comissionado, trabalho (remunerado) sem vínculo empregatício formalizado. Nestas funções os usuários se mantiveram, em média, por 15,33 anos.

Também nesta perspectiva de manutenção de suas funções nos museus, permaneceram trabalhando nas mesmas instituições 73% dos usuários, enquanto os demais 27% alternaram os museus nos quais trabalharam, conforme pode ser visualizado na Figura 42.

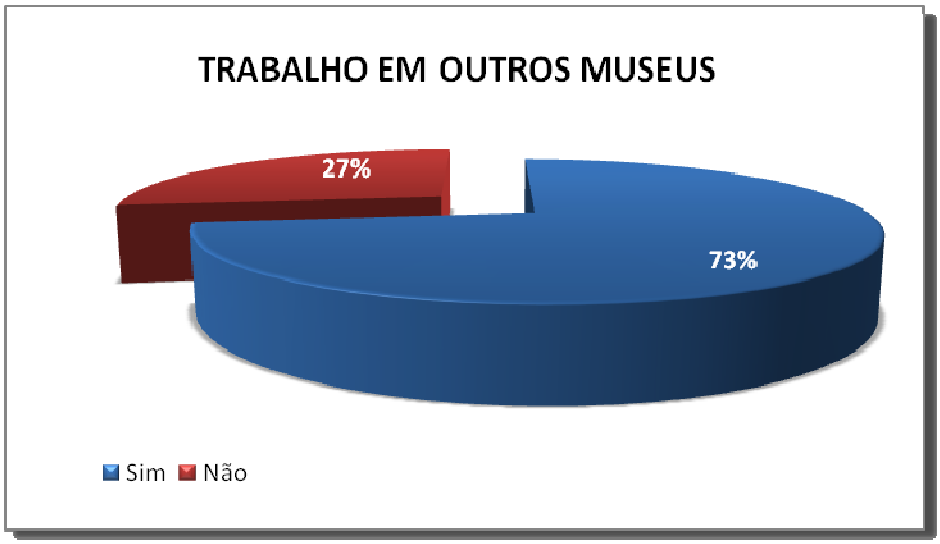


Figura 42 - Gráfico apresentando a permanência dos 'usuários internos' nos museus.
Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto à permanência do setor trabalhado nos museus, 40% dos 'usuários internos' relataram terem trabalhado em um único setor. Em posição inversa, constatamos que 60% trabalharam em vários setores, de forma simultânea (Figura 43). Tal fato corrobora o que observamos durante as reuniões da REM/PB, onde seus membros apresentam reclamação constante, por serem obrigados a assumir funções em diversos setores, por falta de pessoal e com a finalidade de garantir o funcionamento mínimo do museu. Diversas vezes, estas pessoas se autodenominaram de funcionários 'Bombril', termo usado para fazer analogia ao *slogan,* '1001 utilidades', de determinado produto comercial. A apropriação do *slogan* do produto é a forma cômica com que fazem referência às suas atuações plurais dentro destas instituições.

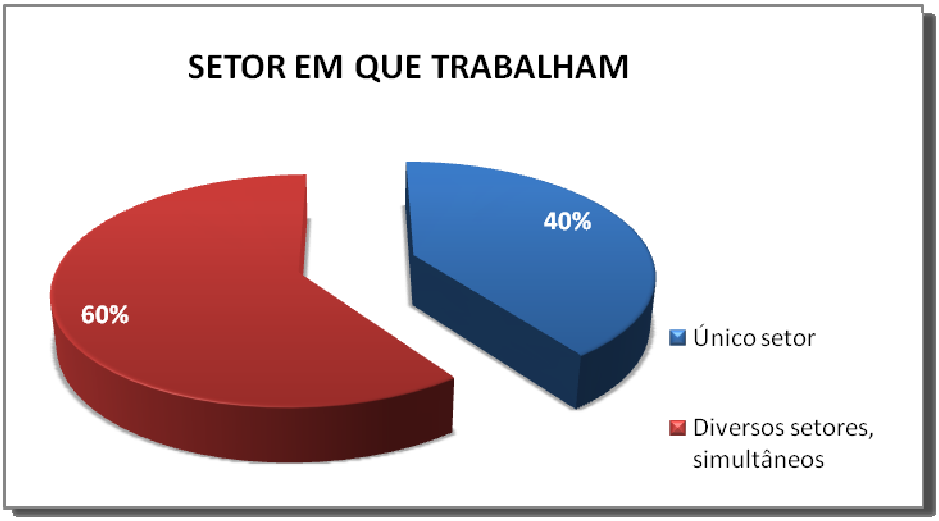


Figura 43 - Gráfico apresentando a unicidade de setores nos quais os 'usuários internos' dos museus paraibanos trabalham.
Fonte: Dados da pesquisa.

Dos setores considerados como permanência única, todos os relatos fizeram referência ao setor educativo. Deste modo, este setor abrigou os ‘usuários internos’ que não acumularam setores.

Também é o setor educativo que surge com maior frequência entre os demais setores nos quais os ‘usuários internos’ atuam, simultaneamente. É o que podemos observar na Figura 44.

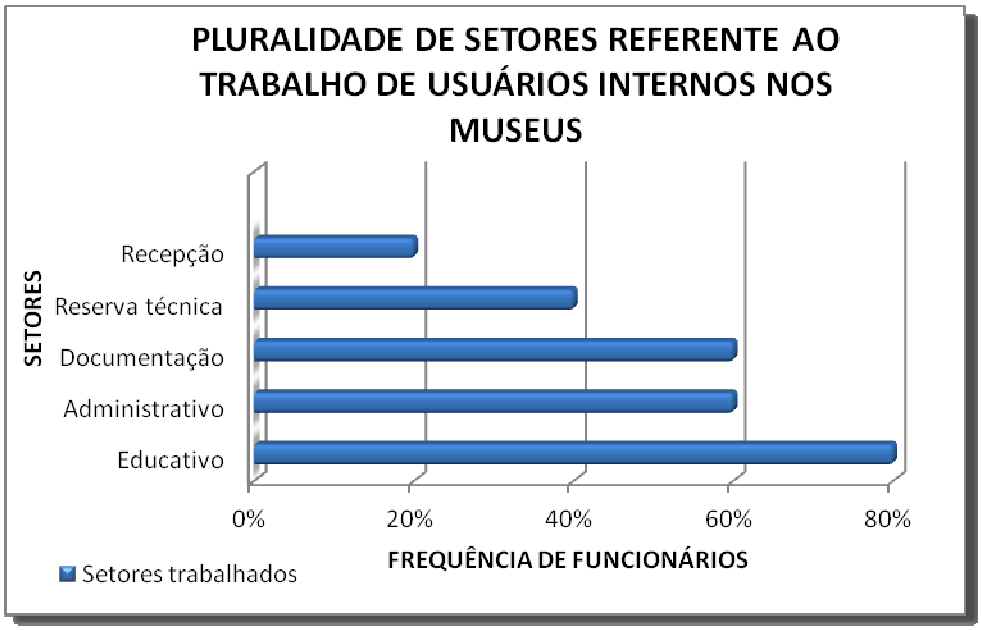


Figura 44 - Gráfico discriminando os setores nos quais os ‘usuários internos’ dos museus paraibanos trabalham de forma associada.
Fonte: Dados da pesquisa.

Desta forma, o setor educativo apresenta-se associado a outros setores em 80% das declarações dos ‘usuários internos’ seguidos pelos setores administrativo (60%), de documentação (60%), de reserva técnica (40%) e de recepção em 20%. O acúmulo de função não ocorre apenas em dois setores. Muitos ‘usuários internos’ afirmaram trabalhar em mais de dois setores (40%) (Figura 45).

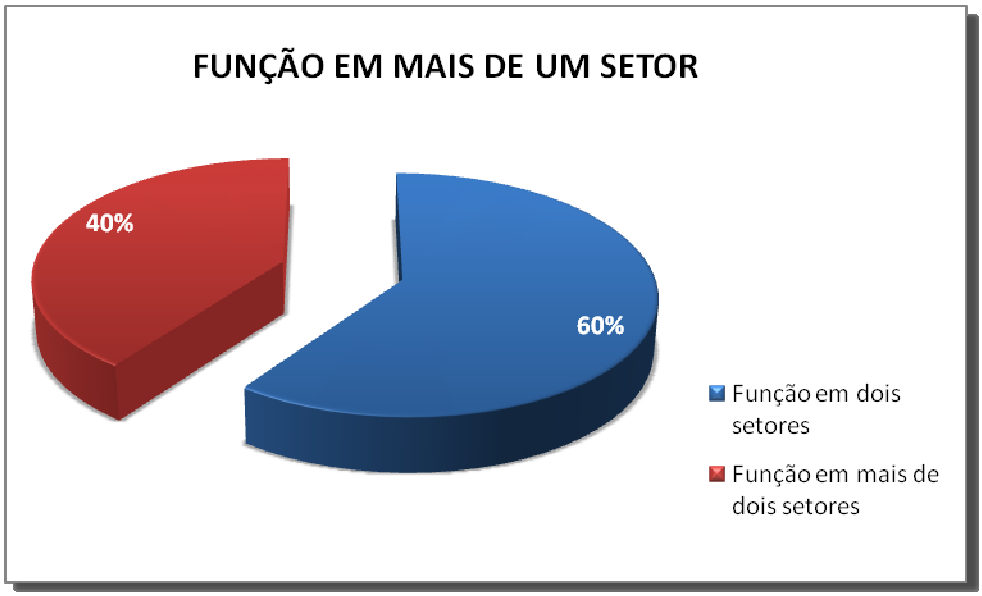


Figura 45 - Gráfico apresentando a distribuição dos 'usuários internos' dos museus paraibanos de acordo com a quantidade de associação dos setores nos quais trabalham de modo simultâneo.
Fonte: Dados da pesquisa.

O trabalho realizado nesses setores, de forma exclusiva ou simultânea, é local das mais variadas ações realizadas pelos 'usuários internos'. No entanto, há uma predominância das ações educativas e, dentre estas, principalmente as ações voltadas às questões patrimoniais.

> *Ações educativas com a população em geral, com ênfase na população escolar da rede pública, com vistas a aproximar essas populações do patrimônio cultural validado pelas instituições oficiais, patrimônios reivindicados pela própria população reconhecida ou não oficialmente, que identifiquem ou representem uma determinada população, associando memória, identidade, bens culturais e cidadania.* (HENRI MATISSE)

Como ilustração da atuação em diversos setores, podemos exemplificar, através de seus escritos, a variedade de competências necessárias para tamanho desempenho. Diante de tão intenso comprometimento, inevitavelmente, aparece outro fator: a sobrecarga de trabalho, muitas vezes encoberta pela informalidade das atividades assumidas.

> *Basicamente: Expografia, Documentação e Pesquisa Museológica, Administração, apoiando no Educativo, Elaboração de Projetos, Conservação, etc.* (DUCHAMP)

> *Visitas dirigidas, coordenando trabalhos com adolescentes no restauro de peças e envolver as escolas nas ações culturais desenvolvidas pelo museu, ETC.* (FRIDA)

- *Educativo: como montar exposição; (...) Artes Visuais e a comunidade (trabalho com crianças da Creche Lindemberg Vieira);*
- *Técnico: organização de eventos (exposições, palestras e cursos);*
- *Administrativo: (revisão de projetos para financiamento: reformas no prédio do NAC; realização de cursos).*

(NAVARRETE)

Oficialmente trabalho no setor educativo. Para desenvolver ações no setor, meu trabalho tem início com a pesquisa, realização a partir da curadoria da exposição. Realizo juntamente com a museóloga, um trabalho de pesquisa bibliográfica e documental referentes à proposta da exposição. Em seguida elaboro o material de divulgação da exposição e das ações educativas que serão realizadas. Divulgo o trabalho junto às Secretarias de Educação (municipal e estadual), faço contatos específicos com instituições e profissionais que geralmente buscam as ações realizadas no MAAC. Construo recursos didáticos a serem utilizados nas ações desenvolvidas no MAAC. Agendo e realizo encontros nas escolas entre outras instituições e no MAAC com alunos e/ou professores. Desenvolvo oficinas com alunos e/ou professores no MAAC, tendo como referência, as exposições e o Patrimônio Cultural de Campina Grande. (OGGIONO)

Tanto esforço, apesar de exposto como heroico, só nos faz refletir sobre a estrutura dos museus paraibanos. Quais motivos levariam estas instituições a manterem seu funcionamento de modo tão precário? E quais as razões que levariam estas pessoas a se submeterem a tal situação? Os usuários nos dão pistas e citam os motivos que os conduziram a trabalhar em museus (Figura 46): por realização (20%), para contribuir com o museu (10%), por encaminhamento profissional (50%) e por acreditar na função do museu como instituição capaz de preservar a memória (20%).

Porque acredito que qualquer instituiçao pode e deve dar acesso à todos a construçao e evoluçao da sua historia e preservaçao da sua memoria. (CÉZANNE)

Me sinto realizada. (EDGAR DEGAS)

Primeiro porque sou encantada com as memórias do Vale do

> *Gramame, além de ser moradora deste Vale e porque foi neste espaço que descobri que não existe povo sem memória e que a memória sendo compartilhada ela é permanente.* (LEONARDO)

> *O NAC precisava de apoio dos alunos, uma vez que não possuía apoio da própria universidade, apesar de pertencer a ela.* (NAVARRETE)

> *Entre as diferentes funções profissionais que desempenho, é lá, no MUSEU, que encontro a realização profissional.* (OGGIONO)

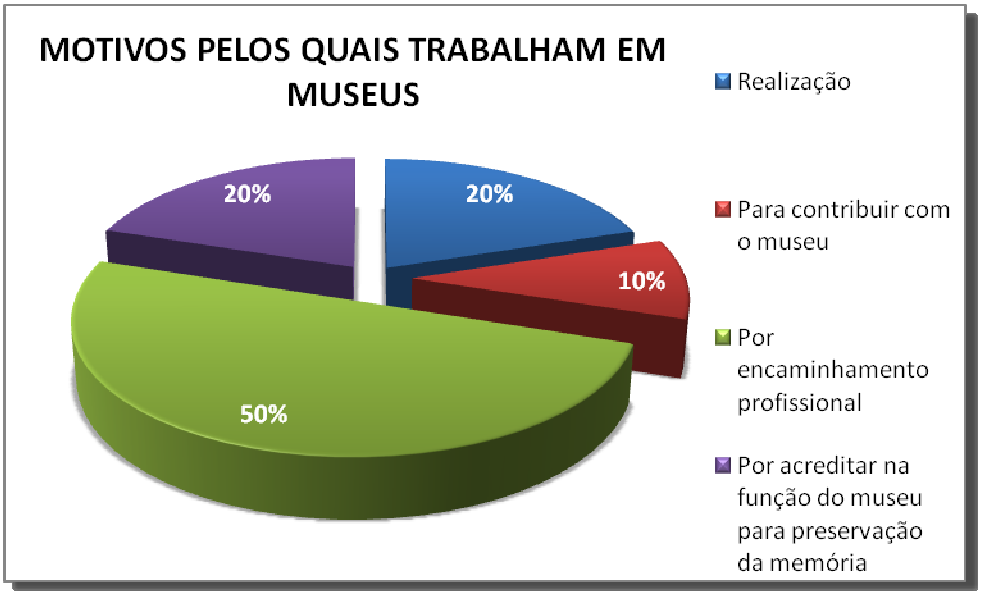


Figura 46 - Gráfico com os motivos que levaram os 'usuários internos' dos museus a trabalharem neles. Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar da diversidade de ocupações e do pouco reconhecimento dos 'usuários internos' pela sociedade, e muitas vezes por suas próprias instituições, surpreendentemente, 100% dos usuários desta pesquisa se dizem satisfeitos em trabalhar nos museus.

> [...] *é prazeroso atuar no campo do patrimônio cultural aliado à educação.* (BOTTICELLI)

> [...] por estar tendo a oportunidade de contribuir no desenvolvimento de um projeto que pode desencadear açoes similares. (CÉZANNE)

> *Realização profissional.* (DUCHAMP)

> O trabalho com a memória me fascina. (EDGAR DEGAS)

> *Me sinto realizada por ser uma das responsáveis por reavivar o museu regional de Areia e por fazer um trabalho com a comunidade tentando mostrar a importância dos museus enquanto espaços de conhecimento e que todos tenham o desejo de se apropriar da sua história.* (FRIDA)

> Amo trabalhar nesta área. Porque é uma caixinha de surpresas... Abrir possibilidades para que as pessoas possam desvendar a sua história, valorizando as suas referências culturais, conhecer e respeitar o patrimônio do local onde habita é muito gratificante. É desafio constante. (GOGH)

> *Muito. É um universo instigando, mágico, ir descortinando minha própria história, lendo "discursos" deixados e construídos hoje que se relacionam diretamente com minha vida e minha história. Ver o entrelaçar das histórias, individuais e comunitárias.* (HENRI MATISSE)

> **Sim, porque me sinto responsável por compartilhar os saberes e as memórias de encantamento junto à meninada e aos mestres do Vale do Gramame. Percebo o quanto este espaço de Memória é transformador, me refiro à autoestima das pessoas da comunidade que vivenciam este espaço construído coletivamente.** (LEONARDO)

> [...] *foi um grande espaço de aprendizado. Graças às necessidades do NAC: precisei buscar capacitação na área museal (...)era muito bom ver o NAC vivo, com alunos e pessoas da comunidade participando das atividades.* (NAVARRETE)

> Porque reconheço e acredito no potencial existente em cada espaço museal. (OGGIONO)

Por isso, ao desenharmos o perfil dos 'usuários internos' dos museus paraibanos atribuir-lhes-emos os seguintes contornos: defensor da memória e do patrimônio da comunidade, usuário pesquisador, usuário escolarizado – com pós-graduação, que trabalha no setor educativo, de forma associada ou não a outros setores.



Figura 47 - Esquema de caracterização do 'usuário interno'.

Perante a complexidade de todos estes atributos, destacamos a principal característica do ‘usuário interno’: ser usuário da informação. Para desenvolver e manter as feições mencionadas, é necessário fazer uso da informação, absorvendo-a, (re)significando-a, (re)construindo-a e disseminando-a, com a finalidade de preservar a memória da comunidade e o desenvolvimento de suas instituições. Estes usuários usam a informação como fonte de seu trabalho e, simultaneamente, também absorvem seu resultado por se tratarem de informações culturais relacionadas às memórias dos locais onde estão inseridos.

É como usuário da informação, que os ‘usuários internos’ dos museus afetam a construção das informações elaboradas pelos ‘usuários externos’, com ou sem necessidades específicas. Ao esboçarmos os contornos do ‘usuário interno’ de museu, podemos percebê-lo como agente ativo, dotado de várias características dinâmicas. Assim, torna-se mais fácil visualizá-los como seres possuidores de contextos, percebendo que a pluralidade destes influenciará para que a produção da informação aconteça de uma forma e não de outra. Então, a informação construída pelo ‘usuário externo’ passa pelo processo conjunto de coprodução

com o ‘usuário interno’.

Tal constatação é convergente com o paradigma social de Rafael Capurro (2003). Ratificando-o, Blaise Cronin (2008) esclarece que as escolhas realizadas pelos sujeitos informacionais são produzidas sob influência de seus contextos. Se considerarmos o modelo cognitivista de Brenda Dervin (1998), temos:

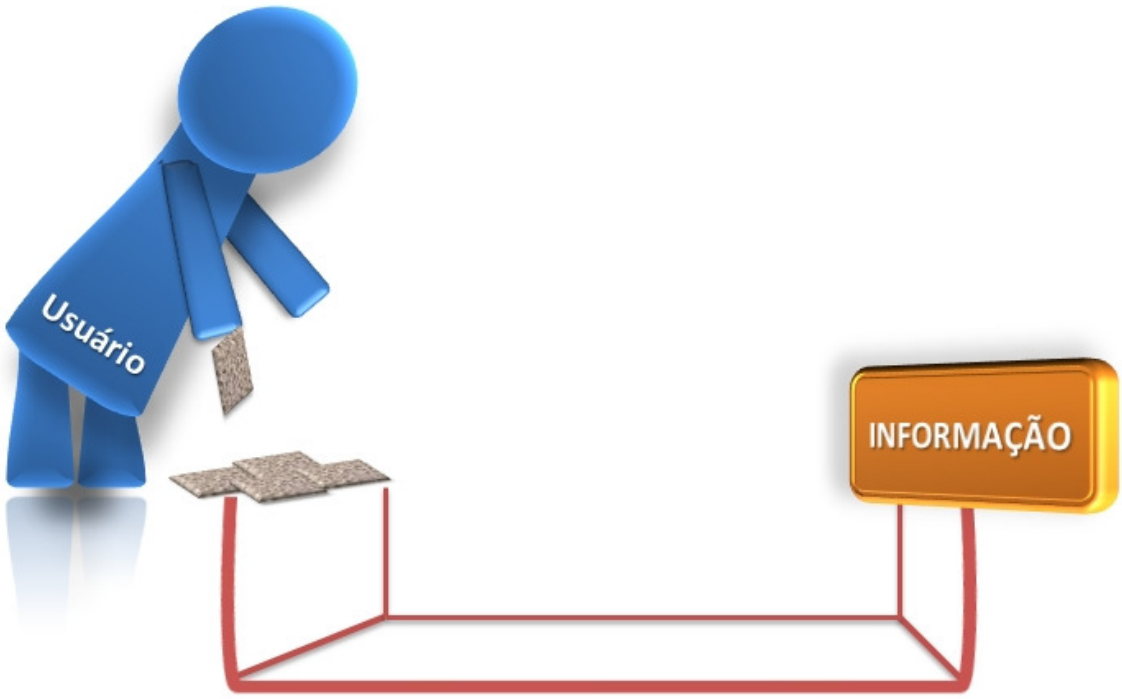


Figura 48 - Esquema da metáfora da ponte (Dervin).

Assim, o usuário, a partir de uma necessidade, ultrapassaria esta lacuna através da construção de uma ponte em direção à informação (uso). Consideramos que nesta abordagem (alternativa), o aspecto cognitivo do usuário é essencial. No entanto, esse é apenas um dos aspectos. Para Araújo (2012), seria necessário percebermos também o aspecto cognitivo, de modo complementar. Assim, o usuário construiria suas informações a partir dos paradigmas físico, cognitivo e pessoal. Concordamos com tal pensamento, porque compartilhamos da ideia que não podemos isolar estes aspectos, mas inter-relacioná-los. No entanto, ainda acrescentaríamos que a construção da informação não é unilateral. Deste modo, devemos considerar estes mesmos aspectos também do ‘usuário interno’, pois a informação será apresentada ao ‘usuário externo’ daquela forma, e não de outra, porque aquele ‘usuário

interno' a concebeu assim. Então teríamos algo como o apresentado na figura seguinte.

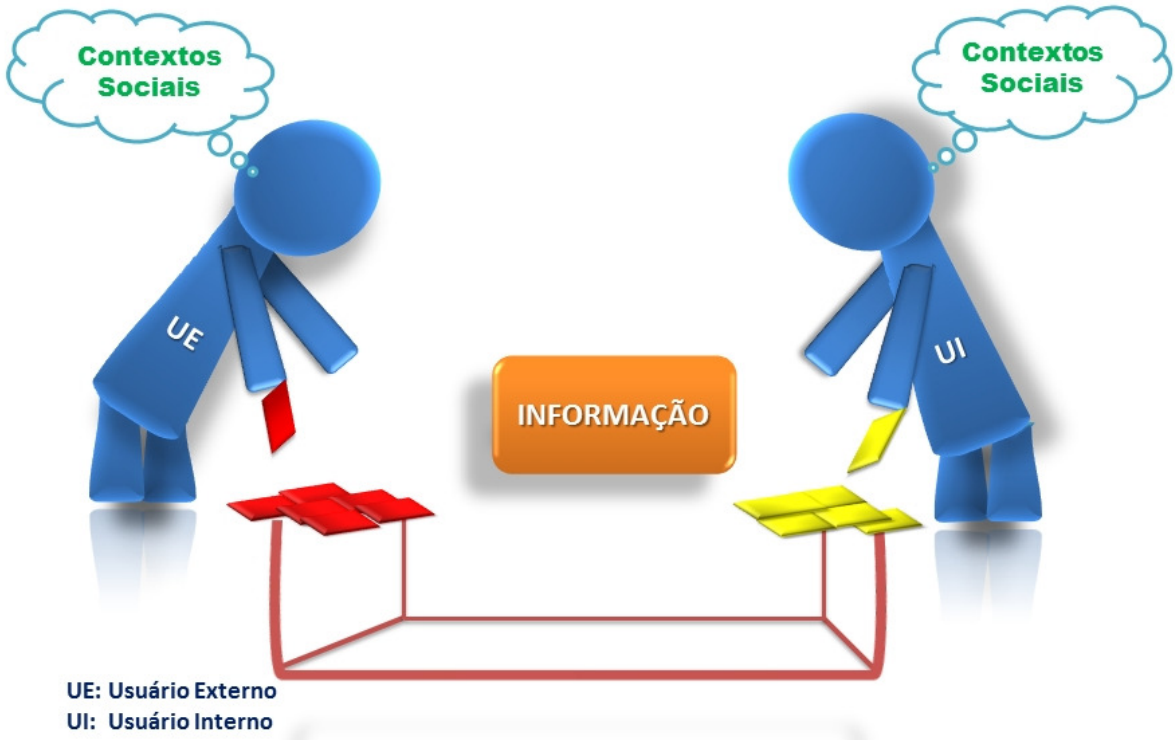


Figura 49 - Esquema de construção compartilhada da informação, onde o 'usuário externo' (UE) em conjunto com o 'usuário interno' (UI) constroem a informação, a partir de seus contextos.

Acreditamos, então, que a informação é fruto de um processo construtivo que é afetado pelos diversos contextos dos sujeitos envolvidos em sua produção. Quando falamos em contextos, não estamos restringindo apenas aos formais, uma vez que na informalidade também são realizadas práticas informacionais. Realizando pesquisas juntamente com seus alunos, Araújo (2010) pôde constatar que a "importância das 'fontes informais', ou do 'colégio invisível', é então confirmada, tanto no sentido de fornecimento de informações para a tomada de decisão quanto, também, no de indicar outras fontes de informação". (ARAÚJO, 2010, p. 34).

Neste sentido, além dos contextos formais, também devemos considerar os informais e a consequente interatividade para a construção da informação através da produção conjunta entre 'usuário externo' e 'usuário interno'. Diante de tantos elementos, torna-se difícil rotular o usuário apenas como cognitivo. Ele é plural e através das interatividades, constrói informações específicas para aquele momento, sob influência dos contextos dos agentes construtores.

4.3.2 Categoria: Concepção de museu sob a ótica dos 'usuários internos'

Ao buscarmos a concepção dos 'usuários internos' acerca de museus, pudemos verificar que algumas influências das organizações nacionais e internacionais estiveram presentes. Apesar desta presença, também pudemos perceber a visão que estes usuários expõem da sociedade, as questões relacionadas a estas instituições (finalidade, informações e relação com a comunidade), além de elementos reflexivos quanto ao próprio usuário interno e suas considerações acerca do que é museu.

4.3.2.1 *Subcategoria: Conceitos formalizados*

Há vários conceitos de museus. No Brasil, dentre os formais, os que são mais difundidos são os elaborados pelo ICOM, IBRAM e IPHAN. A dúvida sobre o contato dos 'usuários internos' com estes conceitos é afastada quando, em seus escritos, estes perceberam e expuseram essa diversidade conceitual, formalizada. Mostrando que possuem acesso às estas informações, os 'usuários internos' realizam buscas e efetuam pesquisas para apontar exatamente o que é definido pelos especialistas.

- ***Pelo IBRAM:***
  - *Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.*

- ***Pelo Departamento de Museus e Centros Culturais – IPHAN/MinC*** *– outubro/2005*

  "O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada à outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:"

[...]

- ***Pelo Comitê Internacional de Museus – ICOM***
  - *Definição de 1956: Museu é um estabelecimento de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de conservar, estudar, valorizar de diversas maneiras o conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos, zoológicos e aquários.*
  - *Definição aprovada pela 20ª Assembleia Geral. Barcelona, Espanha, 6 de julho de 2001: Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.*

Além das instituições designadas como "Museus", se considerarão incluídas nesta definição:

- *Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos;*
- *Os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquirem, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno;*
- *As instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais – como os jardins zoológicos, botânicos, aquários e viviários;*
- *Os centros de ciência e planetários;*
- *As galerias de exposição não comerciais;*
- *Os institutos de conservação e galerias de exposição, que dependam de bibliotecas e centros arquivísticos;*
- *Os parques naturais;*
- *As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus;*
- *Os ministérios ou as administrações sem fins lucrativos, que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo, relacionadas aos museus e à museologia;*
- *Os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais;*
- *Qualquer outra instituição que reúna algumas ou todas as características do museu, ou que ofereça aos museus e aos profissionais de museus os meios para realizar pesquisas nos campos da Museologia, da*

Educação ou da Formação.

Segundo o IBRAM, "O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada à outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

(...)

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas." (HENRI MATISSE, grifo e abreviações nossos)

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.(ICOM) (INGRES, grifo nosso)

Segundo o ICOM, "*O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que promove pesquisas relativas aos testemunhos materiais do homem e do seu ambiente, adquire-os, conserva-os, comunica-os e expõe-nos para estudo, educação e prazer*". (LEONARDO, grifo nosso)

Segundo o Estatuto de Museus (Lei 11.904, de 04 de janeiro de 2009):

- *Art. 1o Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.* [...]

(NAVARRETE, grifo e abreviações nossos)

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra Instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.... IBRAM. (GOGH)

Além das respostas exatas e, considerando a diversidade conceitual, os 'usuários internos' dos museus paraibanos mencionaram também outras definições originadas por especialistas no campo museal.

> *Poderíamos trazer aqui diversos pontos de vista sobre o que é um museu, sobretudo, a grande maioria define os museus como instituições de caráter jurídico que têm entre outras funções perante a sociedade, guardar, preservar e divulgar o patrimônio cultural*. (OGGIONO)

Nestes registros podemos ver o museu como espaço relacionado à preservação da memória, da identidade de um povo, da história, da educação, estando a serviço da sociedade. São também referidos como espaços informacionais.

> Costumam dizer que trata-se de uma instituição que presa pela preservação da memória, atuando sobretudo, através da pratica de aquisição, conservação, preservação e exibição de objetos que compõe a história. (ARTEMISIA)
>
> Espaço de preservaçao da memoria, construçao e transformaçao da identidade da sociedade organizada. (CÉZANNE)
>
> ***Lugar para conservar e promover a memória de uma localidade com objetivo de ensinar, divertir e incentivar a preservação dos patrimônios materiais e imateriais do lugar em que o museu está inserido***. (JAN VAN EYCK)
>
> Espaço educativo de preservação e difusão da historia. (EDGAR DEGAS)
>
> *Instituição informacional que conta história de um povo, de uma pessoa, de uma família*. (MICHELANGELO)
>
> *É uma instituição a serviço da sociedade, voltada para a educação, pesquisa, deleite, preservação e promoção do patrimônio cultural*. (BOTTICELLI)
>
> ***Uma instituição com personalidade jurídica, própria ou vinculada à outra instituição, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento***. (FRIDA)

Sobre a conceituação dos especialistas, os 'usuários internos' não só demonstraram que conhecem os conceitos formais, como tiveram algum acesso às informações sobre a história da conceituação dos mesmos.

> [...] *segundo alguns conceitos antigos, museu seria apenas um espaço de exposição de coisas antigas. Atualmente o conceito de museus se ampliou e tornou-se um espaço não só de coisas antigas, mas um lugar dinâmico com perspectivas educativas do patrimônio cultural brasileiro*. (KANDINSKY)

Assim, além do relato de um conceito mais antigo, Kandinsky realiza uma atualização do conceito relacionando à dinamicidade do museu.

4.3.2.2 *Subcategoria: Conceitos informais*

Conscientes dos conceitos formais (elaborados por especialistas), os 'usuários internos' passam a narrar seus testemunhos quanto à avaliação da sociedade. Praticamente por unanimidade, o museu foi dito pelos 'usuários internos' como relacionado pela sociedade à 'lugar de coisa velha'.

> A sociedade costuma dizer que é um lugar de coisas antigas, uma espécie de mausoléu que tem que existir para lembramos do passado. (ARTEMISIA)

> *De uma forma geral é infelizmente é isso que o povo pensa: lugar onde se guarda coisas velhas.* (FRIDA)

> Lugar de coisas do passado e lugar de "velharia". (GOGH)

> *Lugar onde se guarda "coisas velhas", valiosas (no sentido financeiro, para o poder público ou para o interessado) do passado de uma pessoa ou lugar.* (HENRI MATISSE)

> *Local de coisas velhas.* (INGRES)

> *Lugar de guardar coisas velhas, lugar chato e sem graça.* (JAN VAN EYCK)

Se a sociedade se apresenta deste modo aos 'usuários internos', esta não terá interesse em frequentar tais espaços. O tom pejorativo que descrevem o museu justifica, em parte, o afastamento da sociedade nestes espaços.

> Museu é lugar de coisa velha, de coisa antiga. Esta frase não surpreende os profissionais de museus, pois se refere à imagem que muitas pessoas ainda têm dessas instituições. Mas reflete uma distância entre essas instituições e a sociedade, da mesma forma que sugere que essas instituições atuam com referenciais pouco inteligíveis por serem diferentes daqueles do público (CURY, 2005, p. 366).

O contato entre sociedade e museu passa a ser um obstáculo para atualização do mesmo, como referido acima. Desta forma, analisamos que, se houve uma conceituação anterior que considerava os museus de forma pejorativa e se a maior parte da sociedade não está frequentando estes espaços para ressignificá-los, indagamos: Como é possível que esta (re)pense o museu de forma diferente, positiva? O alto índice de exclusão cultural relativo aos museus é acidamente notificado pelos respondentes.

> *A sociedade? Muitos nunca nem entraram num museu. Como falar de algo que não se conhece? Pensam que um museu é um depósito de coisas ou objetos velhos*. (MICHELANGELO)

Apesar dessas referências negativas, os 'usuários internos' também percebem movimentações direcionadas a aproximações mais animadoras, principalmente após um contato mais intenso com estas instituições.

> *Acho que a sociedade como um todo ainda assume esse conceito antigo, embora muitas crianças já curtem visitas a museus.* (KANDINSKY)

> *Já escutei muita coisa sobre o conceito de Museu pela sociedade, primeiro que museu* **é lugar de coisa velha e antiga**, *e ainda que museu é um lugar que vive de passado, essas expressões tem algum sentido, quando se trata de pessoas que nunca visitaram um museu,* **após a visita ou até depois deu**

> *vivência e um museu, escuto de outra forma, como museu como espaço de transformação de opinião, museu como casa de memória e até museu como o quintal de minha voinha.* (LEONARDO)

Considerando a definição como alvo de elementos diversificados, observamos que alguns dos 'usuários internos' relacionaram o conceito elaborado pela sociedade com várias percepções, de modo simultâneo. Tal diversidade, certamente, é devida à variação contextual à qual os usuários são submetidos, e sinaliza que esses conceitos podem ser construídos a partir do contato com diferentes grupos.

> *Acho que é bastante diversificado, desde o senso comum de que museu é lugar para a guarda de coisas velhas e também de preservação e exposição de acervos culturais.* (BOTTICELLI)

> *O que já pensei também, um dia, e o que escuto: lugar de coisa velha; vive de passado; só os com educação frequentam; lugar de muita cultura; guarda a história do país; lugar para não se esquecer das suas origens; lugar das grandes obras de arte; lugar grande, bonito e chique; lugar de aprender coisas novas* (NAVARRETE)

Assim, entrelaçados em suas narrativas, percebemos a presença de várias heranças conceituais, pois como sujeitos ativos "Somos conformados por consensos coletivos, os quais também não se impõem mecanicamente sobre nós – pois somos nós que os construímos". (ARAÚJO, 2010, p. 27).

4.3.2.3 *Subcategoria: Finalidade do Museu*

Quanto às finalidades dos museus, os 'usuários internos' o apresentam como dialogando com 04 (quatro) categorias e consideram o museu como cultural, informativo, educativo e preservador da memória. Para tanto, o museu deve funcionar como instituição que facilita o acesso da informação museal, colaborando para o crescimento do cidadão.

Para aproximar as pessoas da sua própria história e da sua cultura. Preservando memórias e identidades. (ARTEMISIA)

O museu é uma instituição que tem pelo menos três funções básicas: a- preservação, b – pesquisa e c – comunicação. Mas o importante é que essas funções estejam atreladas à função social do museu, de desenvolvimento sociocultural e valorização da pessoa. (BOTTICELLI)

Para estabelecer a ligação entre o homem e suas referências culturais, para comunicar, para dialogar com a história passada e o presente; para manutenção da memória cultural, para acrescentar experiências de conhecimento e de reconhecimento. (GOGH)

Para comunicar, estabelecer vínculos entre culturas, representar o que é valioso do ponto de vista da importância para a memória, identidade de um grupo de pessoas. (HENRI MATISSE)

Para educar de forma sensitiva, interativa e visual a comunidade para que a mesma melhore sua autoestima e passe a valorizar o lugar onde vive, como também promover trocas culturais com turistas que viajam com o intuito de conhecer novos hábitos e costumes. (JAN VAN EYCK)

Tem várias funções, dentre elas preservar a memória de nosso patrimônio cultural dentro do processo social-educativo. (KANDINSKY)

Museu é como se fosse um álbum fotográfico, que tem a função de me levar a um passado vivido ou a um passado que alguém viveu. (LEONARDO)

Para mim, o museu serve para encantar, para organizar e desorganizar as ideias. Para lembrar e para esquecer. Para libertar e para manipular. Agora, cada um pode ver e/ou fazer isso de forma positiva ou negativa. (NAVARRETE)

A instituição Museu, sobretudo deve servir para favorecer a pesquisa, a preservação, a descoberta do encantamento existente no Patrimônio Cultural. Seu grande desafio é proporcionar a sociedade em geral a compreensão de que os museus não podem

> ter portas, muralhas, cadeados, fechaduras, obstáculos. Os museus devem servir a sociedade e não aos seus carcereiros. Os museus devem ouvir as ideias inerentes a sociedade para favorecer o cumprimento de sua função. Os museus precisam "desenhar" para sociedade que ela é o PATRIMÔNIO. (OGGIONO)

> *Divulgar e informar a história ou cultura de um povo.* (MICHELANGELO)

4.3.2.4 *Subcategoria: Informações museais*

Considerado como espaço informacional, os museus são, então, apresentados quanto às suas informações. Algumas considerações relevantes foram detectadas. Quanto à forma, os usuários concebem que a informação produzida e exposta nos museus deve ser clara, prazerosa, precisa, relevante, correta.

> As informações devem ser claras, mas também não podem ser tachadas e secas, podem envolver o leitor ao ambiente que se pretende apresentar. (ARTEMISIA)

> Todas muito claras segundo a finalidade de cada museu. (EDGAR DEGAS)

> [...] *sempre informando conhecimento de forma prazerosa.* (DUCHAMP)

> *Creio que ele deve ter informações precisas, corretas e relevantes sobre todo seu acervo.* (KANDINSKY)

Para os 'usuários internos', as informações museais devem versar sobre: a missão do museu, a memória dos museus, a representação do objeto e o espaço museal.

> *O museu deve ter informações básicas sobre sua missão, os serviços ofertados e sobre os acervos sob sua guarda.* (BOTTICELLI)

> *O nome da peça, a finalidade de cada uma, se foi comprado*

> *ou doado, nome do doador, se comprou (o lugar de onde veio) material utilizado, sinalização, número de inventário, ano que foi adquirido, leitura em inglês, etc.* (FRIDA)

> *Tudo relacionado a historia do acervo, indicadores de lugares como lanchonete, banheiros adaptados, horários de funcionamento, publico alvo, o que se pode fazer ou não no local, como restrição de fotografias em certos lugares, não tocar em alguns objetos, dias e horários de eventos culturais e educacionais, panfletos ilustrativos e informativos referentes a essas informações ditas acima, entre outros.* (JAN VAN EYCK)

> *Todas as informações possíveis que facilitem a comunicação do seu projeto, do seu acervo ou do projeto de uma exposição em curso.* (HENRI MATISSE)

> *Sua área de abrangência, quem idealizou e qual o fundamento dele para a comunidade que ele se encontra.* (LEONARDO)

O surgimento da necessidade de representação da informação foi recorrente entre os usuários, o que acreditamos ser consequência da reduzida atividade nas instituições do estado. Quanto à finalidade, os usuários acreditam que as informações museais devem permitir independência dos profissionais e a promoção do desenvolvimento do usuário como cidadão.

> *As que beneficiem o desenvolvimento do cidadão e as referentes à questão que aborda* [...] (DUCHAMP)

> [...] disponibilize informações aos visitantes próximas aos objetos, para o caso dos mesmos não quererem ser acompanhados dos profissionais. (ARTEMISIA)

Assim, o museu como espaço informacional deve produzir e apresentar:

> *As informações necessárias para que ele possa cumprir a sua missão. E cada museu deve ter claro, qual é a sua missão. Se não sabe qual é, dificilmente terá as informações necessárias para seu funcionamento.* (NAVARRETE)

Desta maneira, a informação carece estar intimamente relacionada à missão do museu, cabendo a este mantê-la clara, para garantir um funcionamento vivaz, caso contrário o museu se perderá por ausência de norte.

4.3.2.5 *Subcategoria: Museu e Comunidade*

A missão do museu também deve analisar a comunidade com a qual este dialoga. É o que refletem os 'usuários internos' dos museus paraibanos, fincando as raízes do museu na comunidade. Por unanimidade, estes usuários consideraram que o museu deve ter relação com a comunidade. Dentre os respondentes, 86,66% consideram a comunidade como sendo a essência do museu.

> [...] a comunidade é o pressuposto de sua existência. (ARTEMISIA)

> *Os museus são construídos e construídos a cada dia, a partir dos sujeitos nele envolvidos. As ações dos museus só tem sentido se houver a participação da comunidade.* (BOTTICELLI)

> Porque sem ela nao existe a razao de ser do museu. (CÉZANNE)

> O museu pertence à comunidade. (EDGAR DEGAS)

> *Se não houver essa relação museu x comunidade, todo esforço que fizermos para dinamizar os museus será falso.* (FRIDA)

> Seus objetivos devem sempre priorizar a relação social existente entre o que se expõe e para quem. (INGRES)

> *Se ele esta dentro de uma comunidade deve se relacionar de uma forma que ela própria se veja e identifique-se.* (KANDINSKY)

> *Não reconheço um museu se ele não dialogar com a comunidade,*

> *que no meu entendimento e vivência é grande causa de sua existência*. (LEONARDO)

> *É a razão de ser dele. Seja qual for sua missão (evidente ou não) o museu precisa ter algum tipo de relação com a comunidade. É esse tipo de relação que determinará o que essa comunidade pensa sobre ele.* (NAVARRETE)

Em posição complementar, 13,33% dos usuários deste estudo justificaram a necessidade de haver relação entre a comunidade e os museus por serem estes, instituições públicas.

> *Em virtude de ser uma instituição aberta ao público.* (DUCHAMP)

> *Aberto às visitações, atende às solicitações no que se relaciona às dúvidas e curiosidades e principalmente atender o que se pede. O que se tem pra mostrar nem sempre é o que o usuário quer ver ou aprender ou ainda conhecer.* (MICHELANGELO)

Por ambos os motivos, o museu então, deve se relacionar com a comunidade, sendo neste espaço informacional que os usuários, 'interno' e 'externo', dialogam direta ou indiretamente.

4.3.2.6 *Subcategoria: 'Usuário interno' do museu*

O 'usuário interno' do museu deve ser visto como sujeito ativo em suas ações e capaz de estabelecer relações interativas com outros usuários, a partir de seus contextos. Como agente ativo, o 'usuário interno' informa sobre a memória e patrimônio do museu. Neste sentido, ele é usuário desta informação, tanto como elemento basilar de sua atividade profissional quanto como fonte de elemento cultural e memorialístico da comunidade na qual está inserido. Tais afecções influenciam suas (re)construções e (re)significações, alterando suas práticas informacionais. Nesse processo, os 'usuários internos' se percebem como: representantes dos museus, colaboradores, parte integrante dos museus, profissional e como

usuário da informação:

4.3.2.6.1 Como representante dos museus

Nos museus, o 'usuário interno', a pessoa que trabalha em seu interior, é também o seu representante perante a comunidade, uma vez que é diretamente com ele que os 'usuários externos' convivem e mantêm contato. Neste sentido, a representação dos museus é formulada pelo 'usuário interno'.

> *Como seu representante. É através do funcionário que o museu é conhecido, através dele o visitante poderá descobrir a beleza e o encanto que lhe é inerente, mas que se mal mediado, pode ser um castelo de horrores.* (ARTEMISIA)

A conclusão de Artemisia é ratificada pelo pensamento de Figurelli (2011, p.6), ao explicar que os funcionários dos museus "[...] na grande maioria das vezes representam a instituição, aos olhos do visitante." Desta forma, os 'usuários internos' assumem um expressivo papel quanto à imagem do museu perante a sociedade.

4.3.2.6.2 Como colaborador

À atividade de representação é acrescida a função de colaboração. Assumindo uma função ativa no desenvolvimento de suas instituições, os 'usuários internos' retratam-se como colaboradores:

> [...] *como um ator importante dentro da instituição e também como um sujeito das suas ações.* (BOTTICELLI)

> Como um colaborador integrado com toda a equipe e comprometido

> *com a função que desempenha, conhecedor de toda a dinâmica do museu e disponível à constante capacitação.* (GOGH)

> *É como um coral - a beleza que escutamos durante a apresentação de um coral é a junção dos diferentes tipos de voz. Quando o regente do coral não consegue unir as diferenças, não consegue valorizar as particularidades e encontrar a harmonia acontece a DESAFINAÇÃO.* (NAVARRETE)

A postura de colaborador surge ligada à noção de equipe. A harmonia dos usuários ilustradas nas respostas deve-se ao seu envolvimento com o museu. Para Figurelli (2011, p. 18), o "[...] processo de reconhecimento da dinâmica e organização do museu, proporciona que o funcionário perceba a importância de sua função para o coeso andamento das atividades." Desta forma, acreditamos que a função de colaborador é originada do conhecimento que estes usuários possuem acerca da importância do seu trabalho nestas instituições.

4.3.2.6.3 Como parte integrante dos museus

O museu possui vários elementos responsáveis pelo seu desempenho. Dentre estes, os 'usuários internos' posicionam-se como parte integrante, assumindo posição de destaque.

> *Como parte de seu acervo.* (OGGIONO)

> ***Como parte integrada a sua existência, museu sem funcionário é um espaço sem movimento.*** (LEONARDO)

> Como parte do processo educativo. (EDGAR DEGAS)

> Como parte integrante da sua estrutura, de crucial importância, desde o museologo ao mais simples dos zeladores. (CÉZANNE)

Falando sobre a introdução do organograma no programa educativo da Pinacoteca de

São Paulo, Figurelli realça que, quando o "[...] funcionário observa com clareza a estrutura do museu, percebe a complexidade que envolve sua instituição de trabalho e visualiza a organização da qual faz parte". (FIGURELLI, 2010, p. 82).

Neste sentido, os 'usuários internos', respondentes desta pesquisa, parecem possuir a consciência de sua integração com a estrutura organizacional do museu.

4.3.2.6.4 Como um profissional

O respeito ao trabalho exercido, sem deixar à margem suas obrigações, é reiterado através dos escritos dos 'usuários internos'.

> *Como um profissional de museu.* (DUCHAMP)
>
> *Como profissional que "deve" conhecer suas atividades e saber como melhor apresentá-lo ao visitante.* (MICHELANGELO)

Considerando que "[...] o museu, antes de ser uma coleção ou um edifício é aqui concebido como organização operada por homens e mulheres." (CHAUMIER; MAIRESSE, 2011, p. 476). Os 'usuários internos' se reconhecem, no contexto profissional, como elemento fundamental ao funcionamento eficaz do museu, auxiliando no cumprimento de sua missão na preservação da memória e da cultura.

4.3.2.6.5 Como usuário da informação

Os 'usuários internos' utilizam a informação dentro dos museus com fins profissionais. Essa utilização já os tornaria usuários, conforme a concepção de Costa *et al* (2009) e Nuñez Paula (2000). Em seu espaço profissional, estes usuários usam a informação

museística para disseminar a missão do museu, representando memórias e produzindo discursos.

> *O museu deve ver seu funcionário como alguém que está ali para aprender, adquirir experiência e aos poucos se apropriar também da sua história.* (FRIDA)

> *É um colaborador, alguém que constrói coletivamente um discurso a partir de um determinado acervo e, por isso, pode comunicar esse discurso, reconstruí-lo, significá-lo e resignificá-lo, colaborando com a significação daqueles que procuram a sua instituição.* (HENRI MATISSE)

Como usuário da informação, os 'usuários internos' absorvem a informação museística, pois também são sujeitos inseridos na sociedade que mantém relação com o museu, estabelecendo interações culturais. Deste modo, os respondentes expuseram, e nós concordamos, com o "[...] entendimento de que os funcionários dos museus são também público da instituição, já que possuem direito à memória coletiva e à identidade cultural [...]" (FIGURELLI, 2010, P.6).

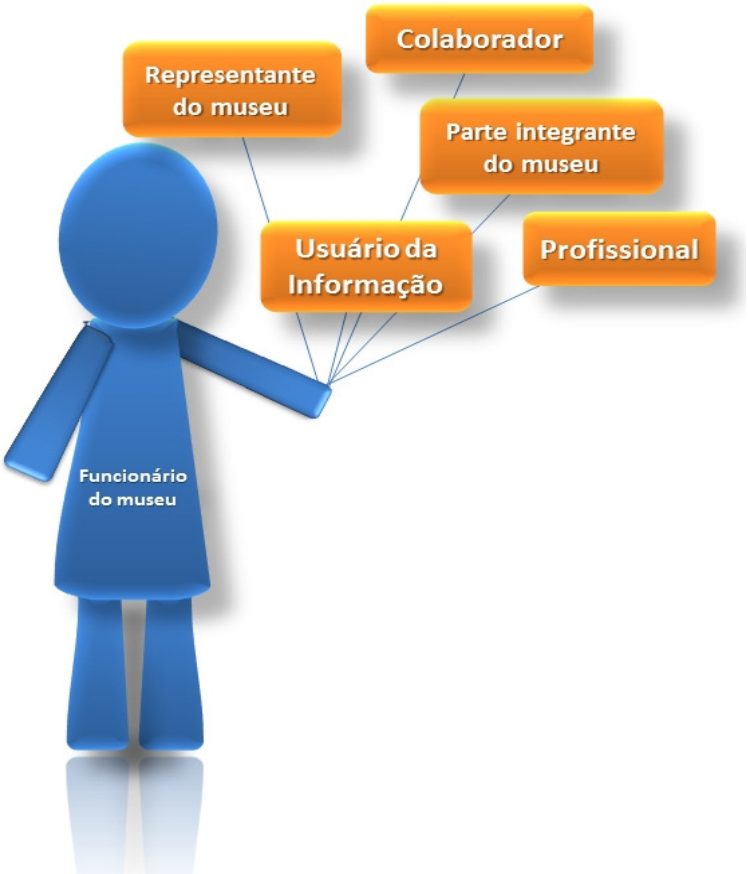


Figura 50 - Caracterização do funcionário do museu.

4.3.2.7 *Subcategoria: O que é museu?*

Reconhecendo os conceitos formais (especialistas), os informais (sociedade) e seu papel dentro dos museus, os 'usuários internos' definem o museu como espaço de memória, cultura, informação e educação, percebendo-o, desta forma, como espaço dinâmico.

Buscamos provocar o 'usuário interno' para uma definição própria de museu, tentando permitir que, ao expressar os conceitos dos especialistas e da sociedade, houvesse reflexão e fosse possível elaborar um conceito pessoal. Assim, questionamos o que seria, na visão deles, museu. Um usuário percebeu o raciocínio da pesquisa.

> *Pergunta difícil. Interessante ver que, depois de escrever tanto sobre esse universo, o dos museus, me vi sem palavras. Uma coisa é o que o governo define (para facilitar o seu controle e direcionar as suas ações), outra coisa é o que especialistas/estudiosos definem (que se dá a partir do seu recorte teórico). E certamente, em dados momentos, eu irei me apoiar em alguma definição já formalizada dependendo das minhas necessidades. Mas o que eu, cidadã, curiosa da área, tenho a dizer? Tudo é museu? Não. Mas tudo é passível de ser musealizado. Vai depender do contexto que levou a criação dessa instituição.* (NAVARRETE)

A perspectiva de Navarrete traz uma percepção importante: o contexto. Neste ponto voltamos ao paradigma social, e percebemos que a diversidade do conceito de museu variou segundo os contextos. No caso desta pesquisa, foi necessário que falássemos sobre vários aspectos - não teríamos como falar de todos - para que fosse possível entender o momento em que estes usuários estão inseridos.

Em algumas das narrativas, percebemos claramente a influência dos conceitos formais durante a construção de uma concepção pessoal, como podemos constatar nas respostas de Duchamp e Artemisia.

> ***Como o IBRAM****. Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose.* (DUCHAMP , grifo nosso)

> Diria que é um lugar de memória, além da concepção apresentada pelo Nora, é um lugar no qual podem fluir pensamentos, memórias que não são nossas, mas que nos apropriamos. Lugar que se pode viver um presentismo do passado de modo único, desindividualizando os objetos e as emoções. É um lugar, na concepção mais ampla da palavra. (ARTEMISIA)

Ao classificar o museu como espaço de memória, Artemisia demonstra conhecimento aprofundado ao citar Nora (Pierre Nora). O referido autor classifica como lugar de memória os espaços que possuem, simultaneamente, facetas material, simbólica e funcional.

Diante das respostas, agrupamos seus registros de acordo com as categorias: espaço de memória, espaço de cultura, espaço de informação e espaço de educação.

4.3.2.7.1 Espaço de memórias

Na qualidade de espaço de memória, os museus são representados como guardiões da memória e da história de determinadas comunidades, e, neste papel, tornam-se preservadores de suas identidades.

> Espaço de preservaçao da memoria e identidade de um povo. (CÉZANNE)

> Espaço destinado a salvaguardar a memória histórica de uma sociedade. (INGRES)

> Um lugar de memória socioeducativa, onde a comunidade possa se identificar preservando sua própria cultura. (KANDINSKY)

Assim, ao considerar o museu como espaço promotor da manutenção identitária, reconhece-se também seu caráter preservacionista cultural.

4.3.2.7.2 Espaço de cultura

Além da vinculação à identidade, o espaço cultural aparece principalmente relacionado à questão da preservação patrimonial. Neste sentido, os 'usuários internos' parecem compartilhar do pensamento que "O museu é uma instituição criada para colocar o patrimônio cultural à disposição do público" (GOB; DROUGUET, 2010, p. 88, tradução nossa).

> *O museu é uma instituição que visa à preservação, valorização e promoção da diversidade cultural do país, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, com vistas à valorização da dignidade da pessoa humana.* (BOTTICELLI)

> ***É lugar de toque de culturas tão diferentes e, como mesmo tempo, tão iguais, a cultura humana.*** (HENRI MATISSE)

Sendo espaço de cultura, os museus exibem o aspecto preservacionista, mas também um aspecto promotor. Afinal, estas instituições, abertas ao público, recebem uma diversidade de sujeitos, com diferentes culturas, e como a cultura é dinâmica, estes espaços não apenas conservam elementos passados, mas promovem atualizações e ressignificações com as culturas do presente, produzindo novas construções.

4.3.2.7.3 Espaço de informação

Igualmente significativa é a característica informativa do museu. Também são considerados como espaços de informação pelas construções, buscas, partilhas, atualizações e disseminações das práticas informacionais, conferindo-lhe movimento.

> *Além do mais é uma instituição resultante dos sujeitos que o estão*

construindo e reconstruindo a cada dia. (BOTTICELLI)

Instituição de informação, conhecimento e atualização da história de um povo. Nele pode-se conhecer a história e a cultura de uma "tribo". (MICHELANGELO)

A informação já foi mencionada anteriormente e seu papel para cumprimento da missão do museu foi relatado como essencial, uma vez que é através dela que estas instituições efetuam suas atividades com a finalidade de desenvolver suas funções para o cumprimento de sua missão.

4.3.2.7.4 Espaço educativo

As instituições museais são consideradas, a partir de uma relação íntima com a educação, como espaço educativo. Creditamos ao contexto profissional dos 'usuários internos' desta pesquisa, através da vinculação ou com a educação ou com o setor educativo, tal característica, sendo esta, fruto dessa relação. Neste sentido, a educação é elencada como função do museu, chegando a ser referida como 'expansão de sala de aula' (GOGH).

No meu entender o museu é um espaço público ou privado criado para preservar a memória de um povo e que está voltado para a função de educar, despertar a curiosidade nos alunos sobre o passado, com uma compreensão melhor do presente. (FRIDA)

Lugar de boas lembranças, de se reconhecer e se conhecer melhor, de troca de experiências, de aprendizagem em relação ao respeito às culturas, a historia, ao ser humano. Lugar de contemplação a beleza, a arte de viver. (JAN VAN EYCK)

Através da análise de seu perfil, percebemos que a maior parte dos usuários está vinculada ao setor educativo. Acreditamos que tal fato justifica a atribuição do aspecto

educativo ao museu, percebido como função destas instituições.

Após todas estas considerações acerca dos 'usuários internos', ponderamos o museu como espaço plural e dinâmico, resultado de processos de (re)construções e (re)significações de seus usuários, internos e externos, que preserva a identidade, memória e a cultura de um povo a partir de práticas educativas e informacionais, em um diálogo entre comunidade e patrimônio, com vistas ao desenvolvimento da cidadania.

> *Museu para mim é um espaço aberto que esta sempre em movimento e é construído com a comunidade, que contem peças e simbologia significativas à identidade e memória de um povo, que como diz as crianças é um passado, dentro de um presente que transforma o agora*. (LEONARDO)

> Espaço plural: lúdico, de memória, expansão de sala de aula, de laboratório, de expressões, de diversidade, de tipos de cultura, de busca, de curiosidade e de aprendizagem. (GOGH)



Figura 51 - Caracterização do museu.

Com a diversidade de uma paleta de cores ‘impressionista’, buscamos uma aproximação ‘realista’, dessacralizando um conceito, de modo ‘dadaísta’. Nossa pesquisa versou sobre os ‘artistas’ dessas instituições, ‘pintores’ que dão formas e cores à memória de um povo.

Em seu poema Indicações, Carlos Drummond de Andrade (2000) fala das vozes que, antes ativas, tornaram-se raras:

> [...] como seria impossível guardar todas as vozes ouvidas ao almoço, ao jantar, na pausa da noite, um ano, depois outro, e outros e outros, todas as vozes ouvidas na casa durante quinze anos.
>
> Entretanto, devem estar em alguma parte: acumularam-se, embeberam degraus, invadiram canos, informaram velhos papéis, perderam a força, o calor, existem hoje em subterrâneos, umas na memória, outras na argila do sono.
>
> (ANDRADE, 2000, p. 183)

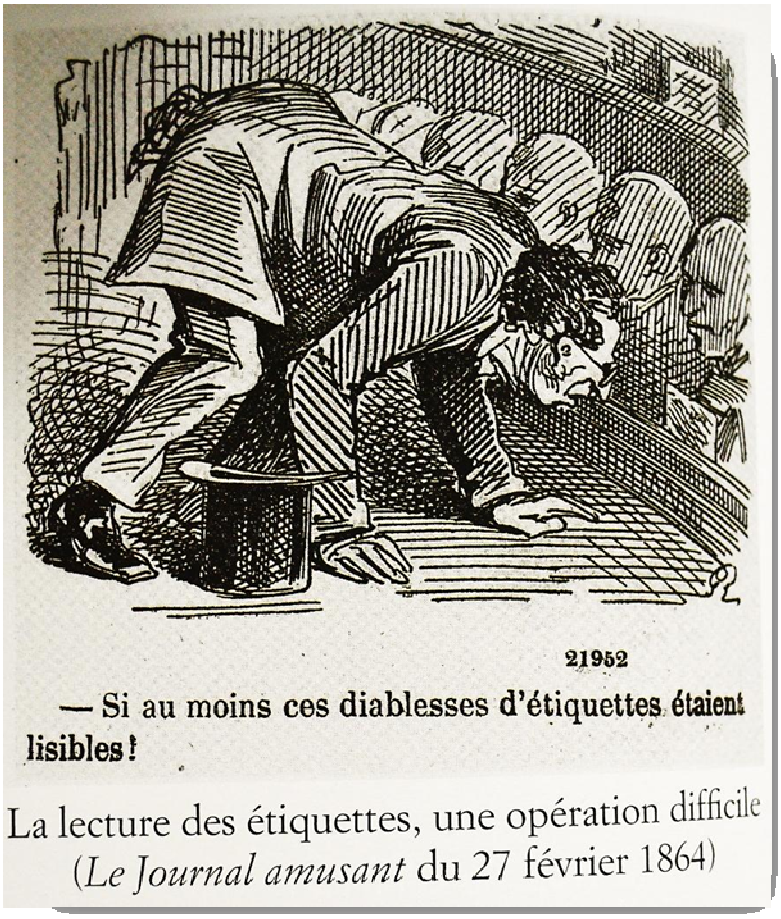
O poeta versa sobre as pessoas, membros de determinada família. Aqui consideramos as vozes ativas nos museus, de seus usuários internos. Vozes que informam, que convivem com outras vozes e que dão vida aos museus ao longo de percursos temporais. Buscamos descortiná-las, retirá-las dos ‘subterrâneos’, para que não fiquem restritas apenas às ‘memórias’ ou ‘argilas do sono’, pois as percebendo como essenciais à conceituação destas ‘casas’, almejamos que ganhem ‘força’.

5 RETICÊNCIAS ...

Posicionar o usuário no centro da discussão foi uma movimentação realizada na Ciência da Informação, através da elaboração dos paradigmas cognitivo e social; nos estudos de usuário, com os estudos cognitivistas, como por exemplo, o *sense making*; e nos estudos de museus, ao retirarem a centralidade do objeto. Neste sentido, trazer a discussão acerca do 'usuário interno' de museus em uma pesquisa científica é dialogar com esses três campos, simultaneamente.

Os estudos em museus caminharam para admitir estas instituições como espaço plural e dinâmico. Assim, reiteramos o raciocínio que "[...] o museu é um objeto complexo, multiforme e multifuncional" (GOB; DROUGUET, 2010, p. 11, tradução nossa), uma vez que nestes espaços diversos tipos de relações acontecem, intensificando sua dinamicidade. Desta forma, os sujeitos assumem um posicionamento centrípeto em relação ao objeto museal.

Neste processo, a informação museal é produzida por seus 'usuários internos', pessoas com objetivos determinados, e (re)significada/(re)construída pelos 'usuários externos'. Tal consideração corrobora o entendimento de Horta (1994, *apud* Carvalho, 2000, p. 133) ao analisar que os objetos, em si, não se comunicam. Assim Carvalho pondera que "[...] a realidade não existe em si, depende do sentido que o idealizador da exposição lhe atribui e depende de como ela é apreendida pelo visitante" (CARVALHO, 2000, p. 133). Conforme podemos visualizar na Figura 52, a informação museal construída pelo 'usuário externo' acontece de forma integrada com o 'usuário interno', onde ambos atuam conjuntamente sob influência de seus respectivos contextos.



[30]

Figura 52 - Sátira com a dificuldade de ler as informações representadas nos museus. Fonte: Dictionaire Encyclopédique de Muséologie.

Podemos perceber que há uma triangulação onde objeto, 'usuário interno' e 'usuário externo' são fundamentais para o processo informativo nos museus. Apesar disto, poucos são os estudos encontrados acerca dos 'usuários internos'. Esses sujeitos encontram-se afastados das pesquisas científicas, ainda que possuam grande importância para o setor, incentivando, muitas vezes, suas instituições a romperem situações de inércia.

A Paraíba testemunhou a força dos 'usuários internos' dos museus paraibanos, pela criação e manutenção da Rede de Educadores em Museus na Paraíba. Originada a partir do incentivo e modelo da Rede de Educadores em Museus do Rio de Janeiro, e como parte do incentivo do IBRAM para cumprimento da Política Nacional de Museus, a Rede foi idealizada com o propósito de discutir sobre as ações educativas no âmbito dos museus no estado.

[30] "Se pelo menos essas etiquetas demoníacas fossem legíveis!
A leitura das etiquetas, uma operação difícil." (Livre tradução nossa)

Poderíamos argumentar que a REM/PB, ao longo de sua caminhada foi alterando seus objetivos. No entanto, a partir da análise realizada neste trabalho entendemos que a Rede já nasceu com outro perfil. A proposta de criação era diferente da expectativa dos seus membros. A Rede tinha a intenção de discutir educação em museus, porém, devido ao contexto caótico em que os museus paraibanos estavam inseridos no respectivo período, seus membros não a perceberam conforme a finalidade proposta, mas como espaço único para discutir todos os temas possíveis relacionados ao campo museal.

No entanto, a responsabilidade da REM/PB, oriunda do seu posicionamento político, ao articular o setor, cobrando ações, apontando demandas e sugerindo caminhos, não exime o estado das suas obrigações. Ambos devem trabalhar conjuntamente e não de forma substitutiva, não havendo transferência de responsabilidades que são inerentes ao governo, afinal:

> O papel do Estado como gestor público deve ser o de agregar os diversos segmentos, possibilitando a complementação de sua ação. Vale ressaltar que falamos de complementação e não de substituição das tarefas que o Estado não pode se abster de executar, principalmente no que diz respeito à garantia de direitos do cidadão. (BRASIL, 2006, p. 27)

A Paraíba teve algumas ações direcionadas ao setor de museus, porém aconteceram sem a continuidade que as conduziriam a uma política efetivamente cultural, tornando tal setor vulnerável a 'mandos e desmandos' políticos e aumentando ainda mais a fragilidade destas instituições.

Neste contexto, a REM/PB é apresentada por seus membros ativos, 'usuários internos' dos museus paraibanos, como espaço plural, uma vez que é considerada como espaço: de memória, político, simbólico, informacional e cultural. É reconhecida pelos mesmos como fonte de busca informacional, de partilha de conhecimento, de defesa política dos museus, de representante dos mesmos e da memória paraibana.

Através das ações relacionadas à REM/PB, ratificamos os 'usuários internos' como sujeitos ativos que, nesta condição, estabelecem relações, pois influenciam e são influenciados pelos 'usuários externos'. Essa relação, no âmbito profissional, tanto se dá, no interior das atividades dos museus, como na condição de representante destas instituições. Neste sentido:

> [...] a postura do funcionário influencia na imagem que o público estabelece sobre a instituição, sendo a imagem organizacional importante para a credibilidade da Instituição e também favorável à conquista de novos

> públicos e à fidelização dos já existentes. (FIGURELLI, 2011, p.15)

Os ‘usuários internos’ reconhecem o ‘usuário externo’ como o principal foco do museu. Os museus paraibanos, ao concentrarem seus esforços para o trabalho com a comunidade parecem compactuar com Luís Alonso Fernández (2006, p.229) ao refletir que “O público, e não só o visitante, é um elemento justificador, a razão última do museu sobre todo o exercício de suas funções e serviços em nível sociocultural.” Na busca por novos ‘usuários externos’, com a finalidade de desenvolver as instituições às quais estão vinculados, os ‘usuários internos’ se dedicam a trabalhos diversos com a comunidade, recebendo inúmeras e diversas funções que, muitas vezes, extrapolam suas atribuições.

Considerando-se lutadores, os ‘usuários internos’ dos museus desejam o reconhecimento de suas instituições. Não buscam valorizar seus nomes, mas suas instituições. Neste processo de luta e pertencimento, definem o museu como um espaço dinâmico, oriundo das (re)construções e (re)significações dos ‘usuários internos’ e ‘externos’, para preservação identitária e cultural que utiliza práticas informacionais e educativas na apresentação dialógica do patrimônio cultural à sua comunidade, buscando a promoção da cidadania.

Buscamos apresentar os conceitos formulados pelos ‘usuários internos’ dos museus paraibanos procurando entender suas concepções e os contextos que os levaram para que fossem formulados desta maneira. Assim, ao refletirmos acerca dos paradigmas da Ciência da Informação (CAPURRO, 2003) ratificamos a complementariedade (ARAÚJO, 2010; ARAÚJO, 2012) do paradigma social aos paradigmas físico e cognitivo, acreditando que não devemos considerar a informação como isolada e circunscrita em apenas um deles.

Nos estudos de usuários tivemos a abordagem tradicional, com sua perspectiva objetiva e centrada em usuários ligados à ciência, seguida da abordagem alternativa, na qual o usuário é trazido à centralidade, apresentando-se como sujeito ativo na busca pela construção da informação. Outra importante contribuição desta abordagem foi permitir que outros tipos de usuários, não ligados necessariamente à ciência, fossem estudados. Ao traçar uma relação entre as abordagens relativas aos estudos de usuário e os paradigmas, Araújo (2010) acredita que os estudos de usuários movimentam-se para inserir em suas teorias o paradigma social de forma integrada com os demais paradigmas e propõe uma nova abordagem. Neste sentido, na qualidade de estudo de usuário buscamos nos aproximar da “[…] abordagem interacionista de estudos de usuários da informação” (ARAÚJO, 2012, p. 145). Tal abordagem, apesar de ainda não estar consolidada quanto aos métodos, aponta para ação conjunta entre os paradigmas.

Apesar dos usuários terem saído da margem das discussões em museus, assumindo um papel ativo ao serem percebidos como sujeitos capazes de produzir novos significados para estas instituições, nos estudos de museus ainda há uma limitação quanto ao tipo de usuário estudado, escolhendo como objeto preferencialmente, os 'usuários externos' e olvidando os 'internos'. Estas pessoas que conhecem tão bem os museus foram nosso objeto de estudo. Buscamos compreender o que definem como museus, não por considerarem sua concepção como a única correta, nem tampouco as definições já formalizadas, mas para percebermos, através de seus contextos, como ocorrem as relações entre estes usuários e suas instituições. Neste sentido, corroboramos que

> Mais do que buscar conferir a "correção" da visão de um ou outro grupo, o importante em termos científicos é analisar o que se passa entre os diferentes grupos, isto é, verificar as relações entre eles. Afinal, é no âmbito das relações que os significados são produzidos. (ARAÚJO, 2012, p. 153)

A discussão trazida nesta pesquisa não se finda. Ratificamos Araújo quando este diz que "[...] muito se há por dizer, discutir, argumentar e problematizar no campo de estudos de usuários." (ARAÚJO, 2012, p. 157). No caso dos 'usuários internos' em museus, tal fato se intensifica pela quase inexistência de estudos na área, havendo uma imensidão de possibilidades de aprofundamento.

Nos trabalhos realizados a partir de pesquisas positivistas, as 'considerações finais' buscam um encerramento. Não é este nosso caso, nem nossa intenção. Mesmo que tentássemos, não conseguiríamos diante da tamanha complexidade que é estudar seres humanos. Estudar a realidade humana não é tarefa fácil, nem objetiva. Neste sentido, concordamos que

> Não se chega ao fundo da questão, a uma resposta cabal e absoluta, quando o objeto estudado é também sujeito, dotado de vontade, historicidade e condutor do seu destino. O máximo que se pode fazer é promover novas e mais profundas incursões, encontrando sempre novos elementos explicativos, incorporando novas questões e aspectos que compõem a realidade explicada. Os usuários da informação, como seres humanos que são, compartilham dessa característica. Assim se constitui o limite e a riqueza do seu estudo científico. (ARAÚJO, 2010, p. 36)

Desta forma, perante os contextos expostos, o trabalho realizado por esta pesquisadora, dentro de seus contextos, foi escrito do modo apresentado e passa a integrar novos ciclos. Esperamos que a partir dele possamos provocar discussões e que estas sejam realizadas em um número maior de pesquisas sobre os 'usuários internos' de instituições

museais e, também, sobre os museus paraibanos. Por isto, diante de tantos elementos, e considerando que "*O Museu é VIDA*" (OGGIONO), deixamos aqui nossas provocadoras reticências...

6 APÊNDICE

Apêndice A. Tabela demonstrativa das Redes de Educadores em Museus no Brasil. A apresentação foi efetuada conforme disponível na página *online* de cada uma das redes estaduais.

UF	REM	APRESENTAÇÃO
CE	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DO CEARÁ REM-CE	A Rede de Educadores em Museus do Ceará REM-CE é uma rede, presencial e virtual, de trocas de experiências e de informações, objetivando o fomento da reflexão sobre educação em museus e outros espaços culturais e da formação e atuação política dos seus profissionais. Pretende reunir professores de ensino regular e outros educadores que queiram descobrir os museus, centros culturais, teatros, salas de ciência e outros equipamentos culturais como espaço de realização da educação em que acreditam.
ES	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DO ESPÍRITO SANTO	A iniciativa de criação da surgiu durante a *Oficina de Ação Educativa em Museus*, ministrada pela professora Bárbara Harduim, promovida pelo Ibram, em Vitória.
GO	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DE GOIÁS .REM -GOIÁS	O que é a Rede de Educadores em Museus de Goiás? A Rede de Educadores em Museus (REM) é uma associação presente em vários estados do Brasil, aberta a trabalhadores de museus, estudantes, pesquisadores e professores de ensino fundamental e médio interessados em refletir conjuntamente sobre o papel educativo dos museus. Para integrar a REM Goiás (Rede de Educadores em Museus de Goiás, filiada à REM Nacional) você deve encaminhar um email para remgoias@gmail.com.
MT	REDE DE	A Rede de Educadores em Museus e Patrimônio de Mato

	EDUCADORES EM MUSEUS E PATRIMÔNIO DE MATO GROSSO – REMP-MT	Grosso – REMP-MT surgiu em 2009 a partir de um encontro de profissionais da área da educação, de museus e acadêmicos de licenciaturas e pós-graduação; todos interessados em aprofundar discussões sobre processos educativos e de produção de conhecimento na interface com a cultura, museus e Patrimônio. Deste primeiro encontro nascia, no mesmo ano, o I Seminário de Educação em Museus e Patrimônio. Filiamo-nos a REM nacional, convictos de que o desenvolvimento social e a formação de indivíduos críticos se dá mediante processos pedagógicos capazes de unir a memória social dos grupos e as tradições do passado com bases no presente, com a história do cotidiano, através de troca reflexiva sobre o universo simbólico dessa população, ou seja: seu Patrimônio material, imaterial e ambiental.
PB	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS NA PARAÍBA . REM/PARAÍBA	A Rede de Educadores em Museus da Paraíba, REM Paraíba, é composta por um grupo de membros que buscam crescimento na área da Educação em Museus. As informações estudadas são discutidas em reuniões itinerantes, no Estado da Paraíba, com a finalidade de construir um processo de estudos em Educação em Museus. A REM Paraíba também está conectada aos acontecimentos nacionais, mantendo-se em contato com outras redes de educadores no país. Seja bem vindo a esta rede!
PE	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS EM PERNAMBUCO - REMIC	Organizar em Pernambuco uma rede de educadores de museus e instituições culturais [REMic] se faz pelo desejo de promover no estado a integração de profissionais da área, visando uma maior comunicação destes, tendo como exemplo experiências bem sucedidas como a da Rede de Educadores de Museus do Rio de Janeiro (http://rem.org.br/) que desde o ano de 2003 promove encontros para se compartilhar idéias e pensar a prática profissional em grupos de estudos sistematizados para contribuir com a formação destes sujeitos agentes da educação.
RJ	REDE DE EDUCADORES EM	A REM/RJ (Rede de Educadores em Museus e Centros

	MUSEUS E CENTROS CULTURAIS - REM/RJ	Culturais) está inaugurando seu novo Blog, Twitter e Página no Facebook. Queremos que estes sejam espaços para troca de informações e experiências dos profissionais que compõem a rede. Se você quiser divulgar ações educativas, cursos, oficinas, eventos e outras experiências envie um e-mail para: boletimremrj@gmail.com. Para postar em nosso blog, basta tornar-se um seguidor. Acompanhe nossas atualizações cadastrando seu email na caixa ao lado direito da página. Ajude-nos a fazer a REM crescer!
RS	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS/RS	Rede para estudantes, pesquisadores e profissionais compartilharem ideias e reflexões na área da educação em museus.
SC	REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DE SANTA CATARINA - REM/SC	A Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina (REM/SC) é formada por um grupo de profissionais com o propósito de estudo, reflexão e definição de diretrizes no campo teórico e prático na área museal, de modo a fundamentar, avaliar, dinamizar e potencializar ações para a área, conforme as necessidades e realidades do Estado de Santa Catarina. Criada em 13 de abril de 2010, promove encontros mensais gratuitos com educadores de museus e espaços culturais, e outros profissionais interessados.

Apêndice B. Questionário utilizado

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PESQUISADORAS: PROFª.DRª. BERNARDINA FREIRE
MESTRANDA KARLENE BRAGA

Para entender o universo do museu precisamos considerar diversos elementos, dentre eles o usuário interno, a pessoa que trabalha dentro do museu. Consideramos de extrema importância a inclusão destes usuários nas pesquisas, pois estão no dia-a-dia dentro destes espaços e são eles que preservam as memórias dos mesmos, conhecem os problemas, buscam soluções e fazem parte da relação do museu com a comunidade.

Diante disto, estamos realizando uma pesquisa que visa entender o que os trabalhadores dos museus pensam sobre os mesmos. Desta forma, sua participação é fundamental e sua colaboração, através do preenchimento deste questionário, será de extrema importância.

Nesta pesquisa, contamos com sua indispensável ajuda!

PERFIL

1) Gênero:( ) Feminino ( ) Masculino
2) Idade:_____
3) Profissão:_____
4) E-mail: _____
5) Telefone:_____
6) Escolaridade:
   ( )Ensino básico completo
   ( )Ensino básico incompleto
   ( )Ensino básico completo
   ( ) Ensino Fundamental incompleto
   ( ) Ensino Fundamental completo
   ( ) Ensino Médio completo
   ( ) Ensino Médio incompleto
   ( ) Ensino Superior incompleto

Qual curso? _____

( ) Ensino Superior completo

Qual curso?_____

7) Possui pós graduação? ( ) Sim ( ) Não

   a. Se SIM,

      i. Nível

         1. ( ) Especialização

         Qual curso?_____

         ( ) Em andamento ( ) Concluído

         2. ( ) Mestrado

         Qual curso?_____

         ( ) Em andamento ( ) Concluído

         3. ( ) Doutorado

         Qual curso?_____

         ( ) Em andamento ( ) Concluído

         4. ( ) Pós doutorado

         Qual curso?_____

         ( ) Em andamento ( ) Concluído

8) Nome da instituição em que trabalha?

   _____

9) Qual vínculo você possui com o museu no qual trabalha?

   ( ) Efetivo. Há quanto tempo? _____

   ( ) Voluntário. Há quanto tempo? _____

   ( ) Cessão. Há quanto tempo? _____

   ( ) Terceirizado. Há quanto tempo? _____

   ( ) Simpatizante. Há quanto tempo? _____

   ( ) Outros. Quais?

   _____

   Há quanto tempo? _____

10) Já trabalhou em outros museus?

( ) Sim ( ) Não

Se sim,

Em quais? _____

Por quanto tempo?_____

11) Em qual (is) setor(es) do museu você trabalha?

( ) Educativo

( ) Reserva Técnica

( ) Administrativo

( ) Limpeza

( ) Recepção

( ) Restauração

( ) Documentação

( ) Outros. Quais?

_____

_____

12) Que tipos de ações você desenvolve no seu setor?

_____

_____

_____

13) Em qual (is) área(s) já atuou, além do museu?

_____

_____

14) Por que você trabalha neste museu?

_____

_____

_____

_____

15) Você está satisfeito trabalhando em um museu? Por que?

_____

_____

_____

SOBRE O MUSEU QUE POSSUI VÍNCULO

1) Caso você não trabalhasse neste museu, você o visitaria?
    a. ( ) SIM ( ) NÃO
    b. Por que?

    _____

    _____

    _____

    _____

2) Qual é a missão do museu em que você trabalha?

    _____

    _____

    _____

    _____

3) O museu em que você trabalha cumpre sua função?

    _____

    _____

    _____

    _____

4) Que problemas você percebe dentro deste museu?

    _____

    _____

    _____

    _____

5) Como os problemas citados poderiam ser resolvidos?

    _____

    _____

    _____

    _____

6) O museu promove capacitação dos seus funcionários?
    a. Se SIM, com qual frequência?
        ( ) SEMPRE. Comente:

        _____

        _____

        _____

        ( ) ÀS VEZES . Comente:

_____

_____

_____

( ) NUNCA. Por que?

_____

_____

_____

7) O museu facilita sua liberação para participar dos encontros mensais da REM/PB?

( ) SEMPRE

( ) ÀS VEZES. Por que?

_____

_____

( ) NUNCA Por que?

_____

_____

8) Quanto à participação em exposições, o museu permite que você participe da exposição?

( ) SIM. Em qual fase?

( ) Planejamento

( ) Montagem

( ) Manutenção

( ) Todas as fases

( ) NÃO. Por que ?

_____

_____

9) O museu escuta a opinião dos seus funcionários, independente do cargo?

_____

_____

_____

10) Você conhece o acervo do museu em que trabalha?

( ) SIM. Fale um pouco sobre o acervo.

_____

_____

_____

_____

( ) NÃO. Se desejar, comente a respeito:

_____

_____

_____

_____

11) O museu no qual trabalha possui parcerias?

( ) SIM

Se SIM, de que tipo? ( ) Pública ( ) Privada

( ) NÃO

12) Como o museu se sustenta financeiramente?

_____

_____

13) Há contato da comunidade do município com o respectivo museu?

( ) SIM. De que forma este contato ocorre?

_____

_____

_____

_____

( ) NÃO. Por que?

_____

_____

_____

_____

14) Qual o setor do museu considera mais importante? Por que?

_____

_____

_____

_____

15) Como se sente trabalhando neste museu?

_____

_____

_____

_____

16) Se este museu fosse SEU o que você mudaria?

_____

_____

_____

_____

SOBRE A REM...

1) O que o levou a procurar a REM/PB?

_____

_____

_____

_____

2) O que pensa sobre ela?

_____

_____

_____

_____

3) Para que serve a REM/PB?

_____

_____

_____

_____

4) O que não gosta na REM/PB?

_____

_____

_____

_____

5) O que você percebe como positivo na REM/PB?

_____

_____

_____

_____

6) O que mudaria na REM/PB?

_____

_____

_____

_____

7) Você está satisfeito em ser membro da REM?

a. ( ) SIM. Por que?

_____

_____

b. ( ) NÃO. Por que?

_____

_____

SOBRE MUSEUS...

1) O que os especialistas dizem que é um museu?

_____

_____

_____

_____

2) O que a sociedade diz que é museu?

_____

_____

_____

_____

3) Para que serve um museu?

_____

_____

_____

_____

4) Que informações devem ter no museu?

_____

_____

_____

5) O museu deve se relacionar com a comunidade?

   a. ( ) SIM. Por que?

      _____

      _____

      _____

   b. ( ) NÃO. Por que?

      _____

      _____

      _____

      _____

6) Como o museu deve ver o seu funcionário?

   _____

   _____

   _____

7) Como VOCÊ define museu?

   _____

   _____

   _____

   _____

Agradecemos imensamente sua disponibilidade, certos que sua participação irá nos ajudar a compreender melhor o universo fascinante dos museus.

Equipe de Pesquisadores

7 ANEXOS

Anexo A. Cadastro utilizado pela Coordenação da REM/PB para inscrição dos membros.

REM – REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS NA PARAÍBA

FICHA DE CADASTRO

Nº de cadastro (preenchimento realizado pela coordenação da REM)
Nome completo
Área de Formação
E-mail
Telefone(s)
Endereço residencial

CEP
Por que se interessou em participar da REM – Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais? _____ _____ _____ _____
Qual a sua expectativa com relação a REM? _____ _____ _____ _____
Como pretende participar e contribuir com o desenvolvimento da REM e o fortalecimento do campo de estudos em museus e educação? _____ _____ _____ _____
Dados da Instituição e do setor educativo: (Não estar vinculado a uma instituição não é fator de impedimento ao cadastro da REM)
Nome completo da Instituição:

Tipo de vínculo: ( ) Funcionário ( )Terceirizado ( ) Estagiário ( ) Consultor ( ) Pesquisador ( ) Outros(s)_____
Tipo de Instituição? ( ) Museu Federal ( ) Museu Estadual ( ) Museu Municipal ( ) Museu privado ( ) Escola ( ) Universidade ( ) Arquivo ( ) Biblioteca ( ) Outra Instituição. Qual?_____
Site/E-mail da Instituição:
Endereço (completo):
Telefone (s):

Anexo B. Carta de princípios adotada pela REM/PB. Elaborada no II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais –ENREM, realizado no Rio de Janeiro no período de 02 a 04 de dezembro de 2009

II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais

Carta de Princípios - II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus
13:39 @ 28/04/2010
Prezados participantes do II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus,

Conforme acordado em nosso encontro, o grupo gestor da REM-RJ, formatou a Carta de Princípios, tendo como base os documentos produzidos nos grupos de trabalho. Solicitamos a todos que emitam suas opiniões/críticas/sugestões até o dia 28 de maio.

Lembramos que este é um processo democrático fruto de um trabalho coletivo e, portanto, sua opinião é fundamental!

Cordialmente,

Grupo Gestor

Aparecida Rangel
Bárbara Harduim
IloniSeibel

Suplentes

Magaly Cabral
Maria Rosa Correia

Durante do *II Encontro Nacional da Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do*

Rio de Janeiro, realizado entre os dias 02 e 04 de dezembro de 2009, no Palácio Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro, com a presença de, aproximadamente, 150 profissionais da área de educação em museus representando as cinco regiões brasileiras, foi elaborado o documento a seguir, denominado Carta de Princípios.

O referido encontro, intitulado *a dimensão educativa dos museus: uma forma de olhar*, teve como objetivo principal proporcionar um espaço de reflexão e de debate sobre Museus e Educação e suas variadas abordagens. Para tal, foram propostas cinco dimensões correspondentes a diferentes olhares, a saber: o olhar das políticas públicas; o olhar do educador; o olhar acadêmico; o olhar dos públicos e o olhar institucional.

Como metodologia adotada para a elaboração do documento foi sugerido as REM´s, dos diferentes estados, que discutissem previamente os temas propostos e, apresentassem suas contribuições para o documento. Durante encontro, os participantes foram convidados a se inscrever em cinco grupos de trabalho, de acordo com seu interesse, divididos conforme as temáticas, acima enunciadas. No último dia, representantes de cada grupo se reuniram para a elaboração de uma minuta que, como acordado na ocasião, seria organizada pelo Grupo Gestor, para então ser enviada aos participantes. Após as leituras e contribuições, por meio do blog da REM, o documento será finalizado e enviado aos órgãos competentes, universidades, instituições museológicas e afins.

Carta de Princípios

GT1 – o olhar do educador

Ao iniciar a reflexão sobre esta temática o grupo sentiu a necessidade de definir o termo educador em museus, concluindo tratar-se do profissional, oriundo de diferentes áreas de formação, que possa atender as especificidades da categoria institucional em que ele se encontra (museus de ciência, museus de arte, museus de história) que elabora, desenvolve, pesquisa e avalia as ações voltadas para o público com fins educativos.

Os educadores em museus apontam como necessidades primordiais que:

- toda instituição possua um Setor Educativo formado por uma equipe multidisciplinar, do seu quadro permanente, podendo contar com apoios e consultorias externas;
- seja construído e explicitado um projeto político-pedagógico que oriente a concepção, o desenvolvimento e avaliação das ações educativas, apresentando os referenciais teórico-metodológicos que o fundamentem;
- o educador em museus tenha lugar na equipe de planejamento da instituição, tendo em vista a dimensão comunicativa da educação que perpassa em todos os setores;
- se invista continuamente na formação e qualificação profissional;
- sejam implementadas Políticas Públicas, visando a legitimação do profissional – educador de museus -, por meio de formação específica, seja em cursos lato-sensu, stricto-sensu, cursos de extensão e formação continuada; o que exige o fortalecimento dos laços com a Universidade;
- contemple em suas ações os vários segmentos de público (etários e sociais), incluindo as pessoas com necessidades especiais;
- reafirme por meio das ações educativas o papel social da instituição;

GT2 – O olhar das políticas públicas
As políticas públicas devem favorecer:

- a existência de um quadro de funcionários públicos capacitados para o campo da educação em museus;
- a valorização do campo da educação em museus;
- a melhoria das condições de trabalho, garantindo dotação orçamentária e uma equipe permanente, com plano de cargos e salários;
- o fortalecimento do campo de atuação com a criação de cursos acadêmicos em diferentes níveis e programas de formação continuada;
- o aprimoramento e atualização dos profissionais incentivando e financiando a participação em cursos e em fóruns relacionados à área, no Brasil e no exterior;
- a implementação de programas de acessibilidade nas instituições garantindo o respeito aos públicos em sua diversidade e necessidades, bem como a democratização da cultura;

GT3 – o olhar institucional

Cabe à instituição museológica:

- garantir a existência de um setor educativo na estrutura organizacional equiparado, hierarquicamente, aos demais setores;
- dotar o setor com recursos humanos qualificados, materiais e financeiros necessários ao seu funcionamento;
-adotar uma política de formação e qualificação permanente dos profissionais;
- garantir a participação efetiva de um representante do setor na formulação do plano museológico e em todas as instâncias do planejamento dos programas institucionais, como por exemplo o processo de concepção e execução dos diferentes momentos das exposições;
- favorecer a articulação e comunicação entre os setores;
- viabilizar a participação dos profissionais do setor nos fóruns e encontros da área, seja no Brasil ou no exterior;
- incentivar e promover a criação de grupos de pesquisa contemplando as várias linhas existentes na instituição;
- superar o caráter eventual das suas ações, instituindo programas de médio e longo prazos;
- criar instrumentos de coleta e registro de todas as informações (relatórios; projetos; imagens etc.) relativas a concepção, desenvolvimento e avaliação das ações e programas educativos visando à construção da memória institucional;

GT4 – o olhar do público

Os profissionais responsáveis pela prática da ação educativa em museus devem propor e tentar entender como se dá a experiência dos visitantes no museu, por intermédio de pesquisas qualitativas e quantitativas que possam:

- dimensionar quem é o público da instituição e quais são suas percepções, demandas e motivações;
- mapear os diferentes segmentos sociais e etários que frequentam a instituição, bem como aqueles segmentos que não frequentam;

- buscar uma linguagem acessível que permita a compreensão da temática da instituição, pelo público, como condição para o estabelecimento efetivo do diálogo;
- incentivar o desenvolvimento de práticas/ações pautadas em metodologias que tenham no diálogo o princípio que rege a relação educador/visitante, considerando este como sujeito de sua própria história;
- permitir à instituição criar as condições necessárias relacionadas à sinalização, conforto, acessibilidade, acolhimento entre outros itens, para que o público tenha autonomia e, possa, assim se apropriar plenamente do espaço;
- manter uma comunicação sistemática com o público, por meio de questionário, livro de sugestão/crítica, enquête e outros instrumentos que permitam avaliar o trabalho que está sendo desenvolvido visando aprimora-lo constantemente;

GT5 – o olhar acadêmico

Tendo em vista a inexistência de um curso específico que forme o educador em museus, as instituições/órgãos de classe, a exemplo, da REM, deve estreitar os laços com a academia para numa articulação e ações conjuntas possibilitar:

- o incentivo e a criação de cursos de formação ou disciplinas que tratem das especificidades deste campo do conhecimento;
- a compreensão que este campo (educação em museus ou instituições culturais em geral) é necessariamente multidisciplinar, sendo fundamental o conhecimento de diferentes áreas;
- a criação de intercâmbio para o desenvolvimento de programas de estágio curricular (Cursos de Museologia; Pedagogia; Arte; Licenciaturas entre outros), estudos, monografias, dissertações e teses, favorecendo maior oxigenação às práticas, idéias e teorias;
- o desenvolvimento de linhas de pesquisas teóricas e aplicadas;
- a realização de fóruns/encontros/congressos que possibilitem o debate, a reflexão, o compartilhamento de experiências e, sobretudo o incentivo à produção de conhecimento;
- criação de publicações e/ou veículos afins, voltados para a divulgação dos resultados de estudos, pesquisas, relatos de experiências, entrevistas e outros meios.

Anexo C. Apresentação das demandas discutidas em encontro ordinário como sugestão de oficinas para o programa de formação e capacitação em Museologia a serem realizadas no ano seguinte (2010), no estado da Paraíba. Também apresenta a lista das pessoas consideradas membros da rede

Ilustríssimo Senhor
Damião Ramos Cavalcanti
Diretor Executivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP

Senhor Diretor Executivo,

Os participantes da Rede de Educadores em Museus da Paraíba – REM-PB, reunidos no dia 10 de dezembro de 2009, na Escola Viva Olho do Tempo, em Gramame, João Pessoa, debateram, entre outros assuntos, o Programa de Formação e Capacitação em Museologia do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Em meio às discussões, os participantes da REM-PB apresentaram as demandas de oficinas do Programa para o ano de 2010, listadas a seguir, as quais encaminho para o conhecimento de Vossa Senhoria:

a) Gestão e documentação de acervos
b) Elaboração de projetos e fomento para a área museológica
c) Museus e novas tecnologias de informação
d) Estudos de público
e) Plano Museológico: implantação, gestão e organização dos museus

Ademais, foi sugerido que as oficinas fossem realizadas prioritariamente nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Soledade, tendo em vista serem cidades-pólo e centrais, o

que possibilitará uma maior participação de profissionais e interessados na capacitação.

João Pessoa, 10 de dezembro de 2009.

Fabiana de Almeida Araújo
Coordenadora da REM/PB

PARTICIPANTES DA REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DA PARAÍBA

Nº	NOME	INSTITUIÇÃO/ COMUNIDADE
1.	Lindemberg Souza Gonçalves	Museu Municipal de Bananeiras
2.	Maria Botelho Lima	Casa do Artista Popular
3.	Átila Tolentino	Iphan
4.	Edilma Mota	Estação Cabo Branco
5.	Gláucia Azevedo	Estação Cabo Branco
6.	Maria Déa Limeira	Escola Viva Olho do Tempo
7.	Marcos Antônio de Souza	Escola Viva olho do Tempo
8.	Sandra Valéria Felix de Santana	Ibram/ Cadastro Nacional de Museus
9.	Maria José Silva B. de Menezes	Confraria do Museu
10.	Nilton Jorge Vieira de Souza	Sociedade Civil
11.	Jandilma Medeiro	Sociedade Civil
12.	Martha Smith	Iphaep
13.	Wertevan Silva Fernandes	Estação Cabo Branco
14.	Regina R. de Araújo Batista	Museu do Algodão
15.	Maria da Penha Teixeira	Escola Viva Olho do Tempo
16.	Carmem Leda	Iphaep
17.	Fabiana de Almeida Araújo	MAAC – Campina Grande
18.	Maria dos A. M. Gomes (Doci)	Escola Viva Olho do Tempo
19.	Miguel Ângelo F. Costa	Criativo
20.	Larissa Carla F. de Oliveira	Criativo

21.	Suelen Virgínia P. de Mélo	Criativo
22.	Ana Neiry de Moura Alves	Memorial Zé de Moura
23.	Marina M. Bichara	Casa do Artista Popular
24.	Luiziana Alberga	Casa do Artista Popular
25.	Maria Julinda R.C. Wanderley	Casa do Artista Popular
26.	Gilson Teixeira da Silva	Casa do Artista Popular
27.	Ivanilda Teixeira Lira	Casa do Artista Popular
28.	Sidney Azevedo	FUNESC
29.	Regina Mota Rocha	Sociedade Civil
30.	Janedalva Pontes Gondim	Sociedade Civil
31.	Maia Ilza M. Franco	Fundação Casa José Américo
32.	RejaneGermoglio T. de Carvalho	Fundação Casa José Américo
33.	HerryCharriery da C. Santos	Museu Histórico de Campina Grande
34.	Patricia Barbosa dos Santos	MAAC – Campina Grande
35.	Ana Fernanda G. Cunha Falcão	Casa do Artista Popular
36.	Ana Maria Klüppel Pereira	Casa do Artista Popular
37.	Iranildes Simões Chaves	Fundação Menino de Engenho
38.	Maria da Conceição C. Paulino	Sociedade Civil
39.	Geolagens de Oliveira	Casa do Artista Popular
40.	Karlene R. Braga de Medeiros	Prefeitura Municipal de Nazarezinho
41.	José Carlos Pereira	Museu de Soledade
42.	Claudia S. dos M. alves	Museu de Soledade
43.	Monalisa G. R. de Figueiredo	Pref. de Campina Grande- Educação
44.	Marcela Borges Lucas	SEDUC – Pref. Campina Grande
45.	Alana Paola L. S.S. Ferreira	Museu Histórico de Campina Grande
46.	Luzinete C. dos Santos	Museu Histórico de Campina Grande
47.	Angelina S. C. Umbelino	Museu Histórico de Campina Grande
48.	Woxson G. da Cunha	Museu Histórico de Campina Grande
49.	Fernando Moraes de Araújo	Museu Histórico de Campina Grande
50.	Isolda Lúcia A. Cardoso	Museu do Algodão
51.	Luciana Maria da Silva	Museu do Algodão
52.	Maria das Dores A. Cruz	Museu Histórico de Campina Grande
53.	Kamyla D. Porto Duarte	Museu Interativo do Semiarido (MISA)

54.	Laís A. Miguel	Museu Interativo do Semiarido (MISA)
55.	Fabiana A. de Vasconcellos	Museu do Esporte – Campina Grande
56.	José Alberto Costa (Mano)	Museu do Esporte – Campina Grande
57.	Halana A. dos Santos	Museu do Esporte – Campina Grande
58.	José Reneudo da Silva	Sociedade Civil
59.	Francisca A. de Sousa	Museu Histórico de Campina Grande
60.	Eliane de A. Lima	Escola Municipal São Clemente
61.	Márcia Maria B. de M.	Sociedade Civil
62.	Alcides Ramos de Brito	Museu de Minerais e Gemas da UFCG
63.	Maria Cristina de F. Gomes	MAAC – Campina Grande
64.	Ana Maria Barros	Sociedade Civil

Anexo D. Convocação dos membros para seleção de painéis para as atividades da rede durante a 9ª Semana Nacional de Museus

REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DA PARAÍBA - REM/PB
SELEÇÃO DE PAINÉIS

"Memória e Educação – Partilhando experiências de ações educativas realizadas nos museus e instituições culturais da Paraíba"

Caros colegas, a Rede de Educadores em Museus da Paraíba - REM/PB, participará da 9º Semana Nacional de Museus com encontro no dia 23 de maio de 2011, das 09h às 16h, no Centro Cultural São Francisco - Praça São Francisco, Centro, João Pessoa/PB. O tema será: "Memória e Educação – Partilhando experiências de ações educativas realizadas nos museus e instituições culturais da Paraíba".

A Equipe de Coordenação da REM/PB irá selecionar, para apresentação durante o encontro, 06 painéis sobre atividades de ações educativas em museus e práticas de educação patrimonial na Paraíba. Cada participante selecionado terá 15 minutos para apresentação de seu painel.

Os interessados em apresentar trabalhos deverão encaminhar sua proposta no período de 04 a 11 de maio de 2011, ao e-mail rem.paraiba@gmail.com, de acordo com as seguintes regras:

a) Cada interessado poderá apresentar apenas uma proposta;
b) Os trabalhos poderão ser individuais ou em grupo, mas apenas uma pessoa poderá apresentá-lo;
c) A proposta de painel deverá ser apresentada em uma lauda (aproximadamente 400 palavras), no formato Word, na fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5;

d) Além do resumo do trabalho, a proposta deverá apresentar as seguintes informações: participantes, título do trabalho, local onde o trabalho foi realizado e instituição a que está vinculado, se for o caso.

As propostas serão selecionadas levando em consideração os seguintes critérios:

a) Clareza do texto;
b) Pertinência da proposta;
c) Alinhamento com o tema do encontro.

A divulgação do resultado da seleção está prevista para até o dia 18 de maio de 2011.

Será disponibilizado computador e datashow para que os selecionados possam apresentar os trabalhos.

O deslocamento, a hospedagem e quaisquer outras despesas necessárias para a participação na oficina são de inteira responsabilidade do participante selecionado.

Os participantes selecionados receberão certificado de apresentação de trabalho.

Atenciosamente,

Equipe de Coordenação da Rede de Educadores em Museus da Paraíba

(83)3321.0199/8670.1742

rede de educadores em museus

Anexo E. Circular acerca da eleição para coordenação e conselho da REM/PB realizada em outubro de 2011. Estabelece os membros aptos à votação.

REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS DA PARAÍBA – REM/PB

CONVITE

A Rede de Educadores em Museus da Paraíba realizará um **Encontro Comemorativo** ao 2º ano de existência. Estaremos durante o dia 7 de outubro de 2011, na Estação Cabo Branco - Ciência, Cultura & Arte, com uma programação em que teremos a oportunidade de participar de uma Mesa Redonda com o tema: ***"Patrimônio, educação e poesia: três faces de uma mesma moeda"*** e da eleição para coordenação e conselho da Rede.

PROGRAMAÇÃO

9h – Inscrição dos candidatos para coordenação e vice-coordenação e para candidatos a membros do conselho.

OBS: Poderão se candidatar e votar os membros da REM/PB que participaram de no mínimo três encontros, no período de um ano, conforme atas de frequência.

10h – Votação

11h – Apuração da votação

12h – Almoço

14h – Mesa Redonda: ***"Patrimônio, educação e poesia: três faces de uma mesma moeda".***

ProfªDrª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – UFPB

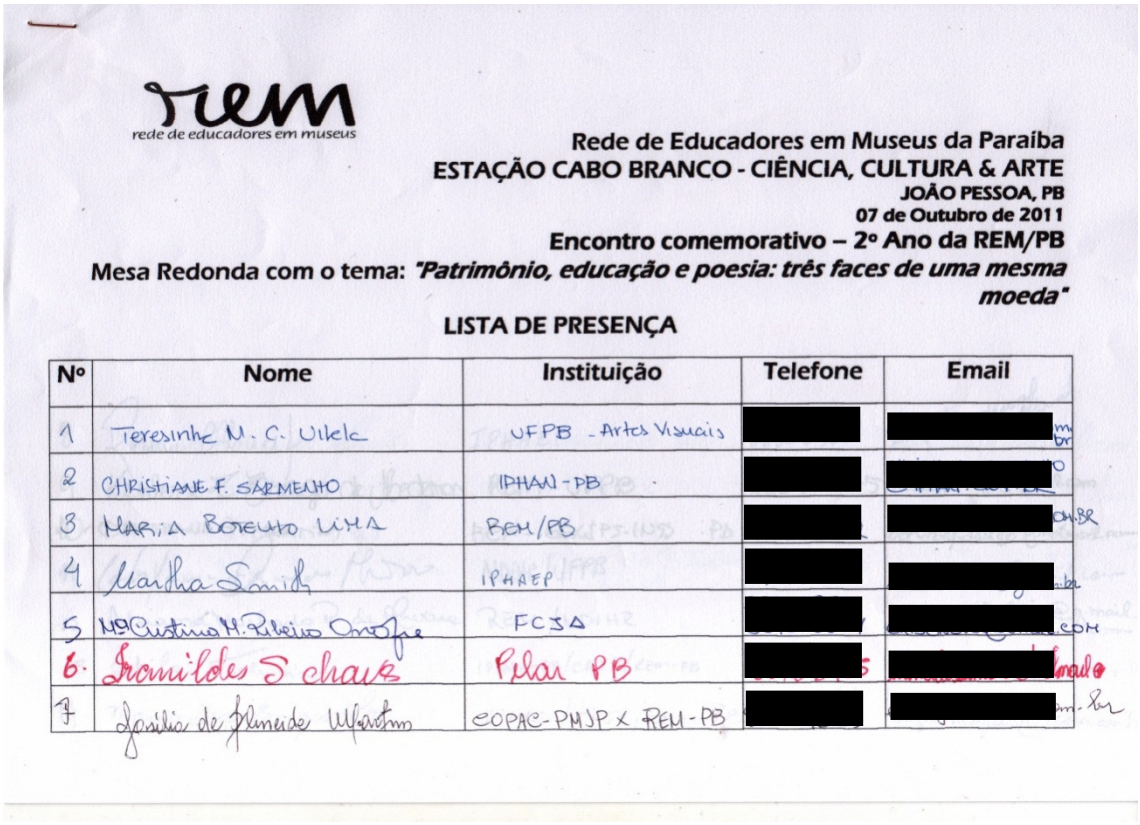
ProfªDrªJuciene Apolinário – UFCG
Pedro Soares – Poeta e Cantador

16h30 – Encerramento do Encontro

Aguardamos a sua presença nesse momento muito especial!

FABIANA DE ALMEIDA ARAÚJO
Coordenadora da REM/PB

Anexo F. Frequência de encontro da REM/PB. (07/10/2011)



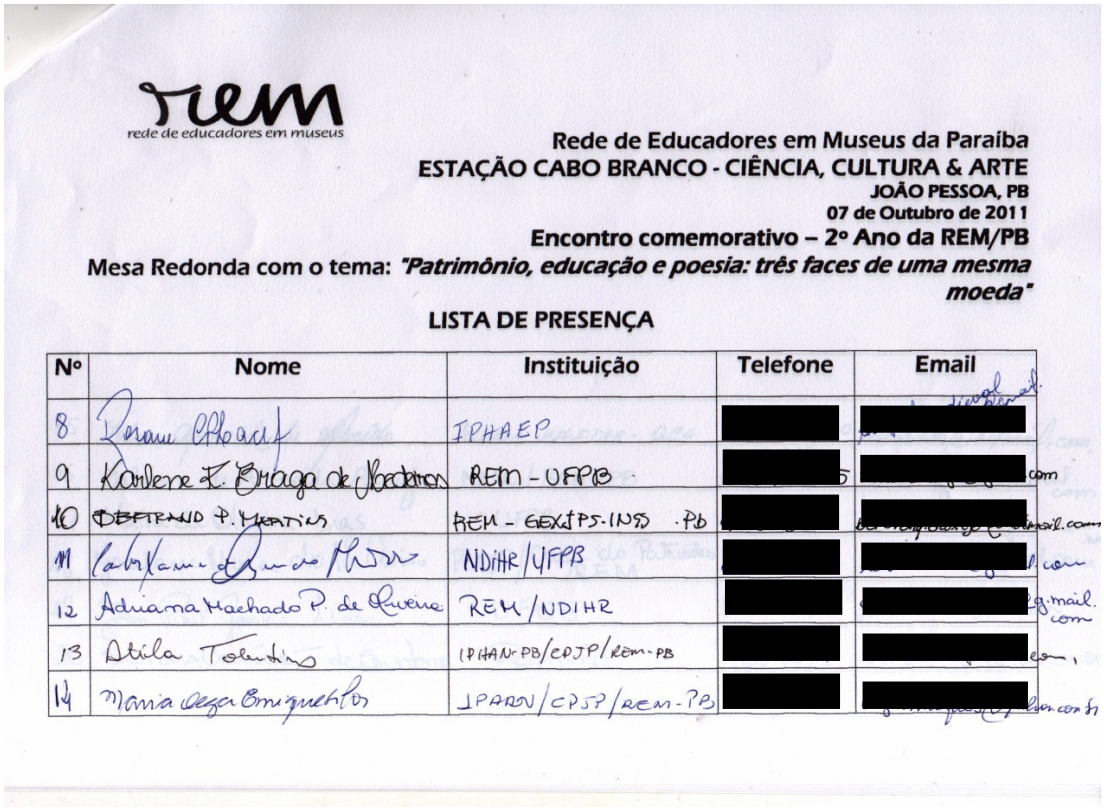
rede de educadores em museus

Rede de Educadores em Museus da Paraíba
ESTAÇÃO CABO BRANCO - CIÊNCIA, CULTURA & ARTE
JOÃO PESSOA, PB
07 de Outubro de 2011
Encontro comemorativo – 2º Ano da REM/PB
Mesa Redonda com o tema: *"Patrimônio, educação e poesia: três faces de uma mesma moeda"*

LISTA DE PRESENÇA

Nº	Nome	Instituição	Telefone	Email
1	Teresinha M. C. Ulele	UFPB - Artes Visuais	[redacted]	[redacted]
2	CHRISTIANE F. SARMENTO	IPHAN - PB	[redacted]	[redacted]
3	MARIA BONETTO LIMA	REM/PB	[redacted]	[redacted]
4	Martha Smith	IPHAEP	[redacted]	[redacted]
5	Mª Cristina M. Ribeiro Onofre	FCJA	[redacted]	[redacted]
6.	Ironildes S chaves	Pilar PB	[redacted]	[redacted]
7	Josilia de Almeida Wanderley	COPAC-PMJP x REM-PB	[redacted]	[redacted]

Fonte: Arquivo da REM/PB



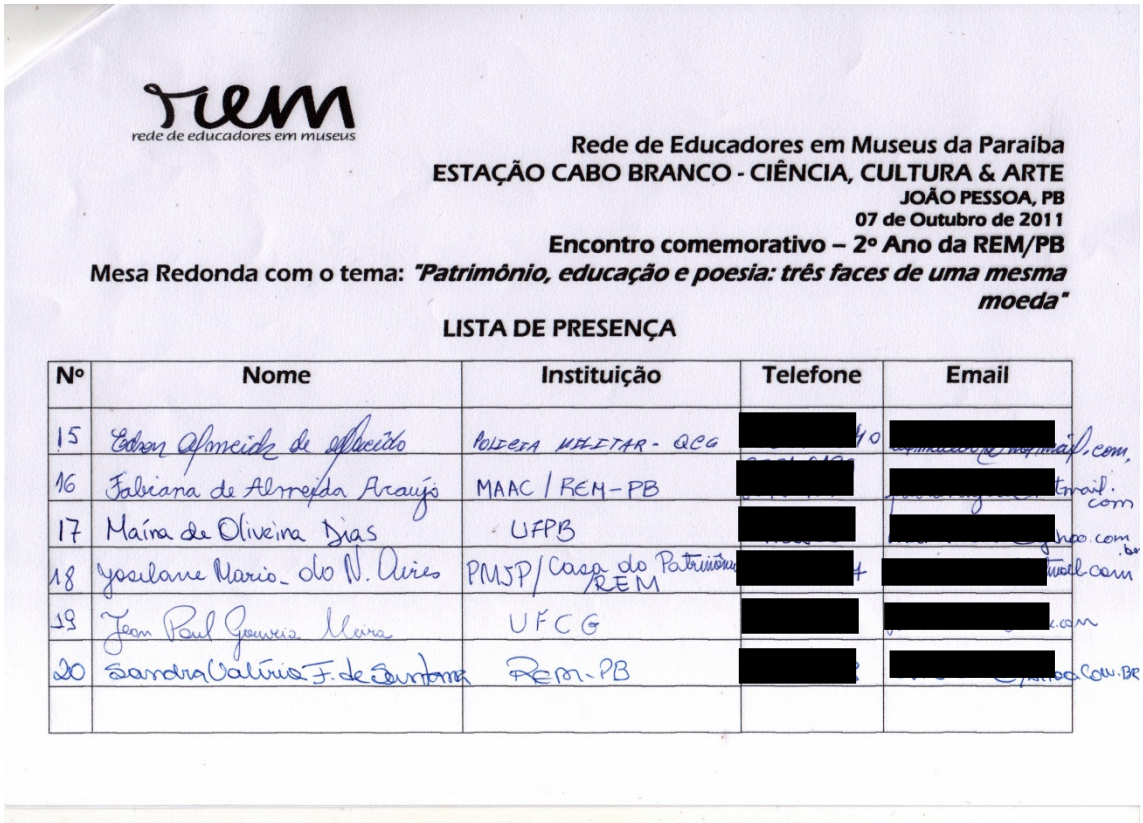
rede de educadores em museus

Rede de Educadores em Museus da Paraíba
ESTAÇÃO CABO BRANCO - CIÊNCIA, CULTURA & ARTE
JOÃO PESSOA, PB
07 de Outubro de 2011
Encontro comemorativo – 2º Ano da REM/PB
Mesa Redonda com o tema: *"Patrimônio, educação e poesia: três faces de uma mesma moeda"*

LISTA DE PRESENÇA

Nº	Nome	Instituição	Telefone	Email
8	Doraci Oliveira	IPHAEP	[redacted]	[redacted]
9	Karlene T. Braga de Medeiros	REM - UFPB	[redacted]	[redacted]
10	DEFERNO P. MATIAS	REM - GEXIPS-INSS - PB	[redacted]	[redacted]
11	[illegible]	NDIHR/UFPB	[redacted]	[redacted]
12	Adriana Machado P. de Queiroz	REM/NDIHR	[redacted]	[redacted]
13	Atila Tolentino	IPHAN-PB/CPJP/REM-PB	[redacted]	[redacted]
14	Maria Alzira Nunes	IPHAN/CPJP/REM-PB	[redacted]	[redacted]

Fonte: Arquivo da REM/PB



rede de educadores em museus

Rede de Educadores em Museus da Paraíba
ESTAÇÃO CABO BRANCO - CIÊNCIA, CULTURA & ARTE
JOÃO PESSOA, PB
07 de Outubro de 2011
Encontro comemorativo – 2º Ano da REM/PB
Mesa Redonda com o tema: *"Patrimônio, educação e poesia: três faces de uma mesma moeda"*

LISTA DE PRESENÇA

Nº	Nome	Instituição	Telefone	Email
15	Edson Almeida de Medeiros	POLÍCIA MILITAR - QCG	[redacted]	[redacted]
16	Fabiana de Almeida Araújo	MAAC / REM-PB	[redacted]	[redacted]
17	Maíra de Oliveira Dias	UFPB	[redacted]	[redacted]
18	Josilane Maria do N. Alves	PMJP/Casa do Patrimônio REM	[redacted]	[redacted]
19	Jean Paul Gouveia Meira	UFCG	[redacted]	[redacted]
20	Sandra Valéria F. de Santana	REM-PB	[redacted]	[redacted]

Fonte: Arquivo da REM/PB

Anexo G: Pré-minuta do Decreto de Criação do Sistema Estadual de Museus da Paraíba, proposta pela REM/PB e ajustada com os participantes do Projeto Conexões IBRAM, para a Secretária de Estado de Cultura da Paraíba.

Minuta do Decreto de Criação do SEM/PB

DECRETO Nº (XXX) , de (dia) de (mês) de (ano)

Dispõe sobre o Sistema Estadual de Museus da Paraíba e estabelece outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, usando da competência privativa que lhe confere o art.(...), da Constituição do Estado,
DECRETA:

Art. 1º O Sistema Estadual de Museus da Paraíba (SEM/PB) compõe a estrutura administrativa da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), cabendo-lhe elaborar e coordenar a sistematização das políticas públicas no campo museológico.
§ 1º O SEM/PB será coordenado por 1 (um) servidor indicado pelo Secretário de Estado da Cultura da Paraíba.
§ 2º O SEM/PB não interfere na autonomia administrativa, nas dotações orçamentárias e na gestão de pessoal dos órgãos que o integram.

Art. 2º Para fins deste Decreto, as instituições museológicas são consideradas práticas sociais colocadas a serviço da sociedade, de seu desenvolvimento e de sua sustentabilidade nos aspectos cultural, social, econômico e ambiental, comprometidas com a gestão democrática e participativa, e apresentam as seguintes características em sua atuação:
I – trabalho permanente com o patrimônio cultural;
II – presença de acervos museológicos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção e a reflexão crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e de novas oportunidades de educação, turismo e lazer;
III – desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social; e
IV – aplicação das ações museológicas de comunicação, investigação, interpretação, documentação e preservação de testemunhos culturais e naturais.

Art. 3º São objetivos do SEM/PB:
I – promover a articulação entre as instituições museológicas existentes no Estado, respeitada a autonomia jurídico-administrativa, cultural e técnico-científica de cada uma delas;
II – estimular e promover o desenvolvimento de programas, projetos e atividades museológicas entre as instituições integrantes do Sistema, respeitando e valorizando o patrimônio cultural de cada comunidade de acordo com as suas especificidades;
III – divulgar padrões e procedimentos técnico-científicos que sirvam de orientação às equipes responsáveis pelas instituições museológicas estabelecidas no Estado,

inclusive através de publicações e visitas técnicas;
IV – estimular e promover programas e projetos de incremento e qualificação, bem como incentivar a formação, atualização e valorização dos profissionais de instituições museológicas existentes no Estado;
V – estimular a participação de museus no Sistema, independente do tipo, porte e do segmento da sociedade do qual derivam ou fazem parte;
VI – incentivar a criação de redes e sistemas municipais e regionais de museus, bem como promover o intercâmbio com sistemas e redes nacionais e internacionais;
VII – desenvolver e atualizar periodicamente o Cadastro Estadual de Museus e o diagnóstico do campo dos museus no Estado;
VIII – propor a criação e o aperfeiçoamento de instrumentos legais, para aprimoramento de instituições museológicas;
IX – propor medidas para a política de segurança e proteção de acervos, instalações e edificações dos museus no Estado; e
X – estimular políticas de permuta, aquisição, documentação, investigação, preservação, conservação, restauração e difusão de acervos museológicos no Estado.

Art. 4º Integram o SEM/PB:
I – instituições museológicas municipais, estaduais e federais e de caráter privado, sediadas no Estado;
II – grupos étnicos e culturais, que mantenham ações museológicas continuadas no Estado;
III – escolas e universidades, oficialmente reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC) ou pela Secretaria de Estado da Educação (SEE), que mantenham museus em sua estrutura, sediadas no Estado; e
IV – outras entidades organizadas e organizações sociais, vinculadas ao setor museológico, com atuação e ações continuadas no Estado.

Art. 5º Para integrar o SEM/PB, as instituições museológicas deverão:
I – estar legalmente constituídas;
II – ter sede no Estado; e
III – firmar instrumento legal específico com a Secult.

Art. 6º O SEM/PB contará com um Fórum Estadual de Museus, de caráter consultivo e deliberativo, que atuará segundo as orientações e determinações contidas nas políticas governamentais, competindo-lhe:
I – discutir e apresentar propostas para a Política Estadual de Museus;
II – apresentar proposições e opinar sobre ações, programas e projetos para a área museológica do Estado;
III – discutir e propor resoluções; e
IV – apoiar e incentivar a participação e a conscientização dos profissionais que atuam na área de museu.
§ 1º A Presidência do Fórum caberá ao coordenador do SEM/PB.
§ 2º O Secretário da Secult será o presidente de honra do Fórum, cabendo-lhe a direção dos trabalhos quando comparecer à assembleia, sem direito a voto, não sendo computado entre os membros para todos os efeitos legais.

Art. 7º O Fórum Estadual de Museus será formado por representantes de cada instituição museológica cadastrada no SEM/PB.
§ 1º Poderão, ainda, ser convidados a integrar o Fórum representantes da sociedade civil, de órgãos e entidades do Poder Público atuantes na área temática de museus.

Art. 8º O Fórum Estadual de Museus se reunirá, ordinariamente a cada 2 (dois) anos e, extraordinariamente, mediante convocação da coordenação do SEM/PB.

Art. 9º O SEM/PB disporá de um Comitê Gestor que terá por finalidade:
I – supervisionar e acompanhar as ações para a área museológica;
II – desenvolver iniciativas que visem à consolidação e ao aprimoramento do setor, em todos os níveis; e
III – apresentar ao Secretário da Secult proposta para o regimento interno do SEM/PB, o qual, posteriormente, o submeterá ao Secretário de Estado da Cultura e à homologação do Chefe do Poder Executivo Estadual, por meio de decreto.

Art. 10. O Comitê Gestor do SEM/PB terá a seguinte composição:
I – como membro nato, o coordenador do SEM/PB, que será o seu coordenador; e
II – como membros indicados, 1 (um) representante dos seguintes órgãos do Poder Público:
(...)
III – como representantes da sociedade civil organizada, 10 (dez) membros
conforme o seguinte:
a) 1 (um) representante eleito, escolhido dentre seus pares, de organização social na área museal;
b) 1 (um) representante eleito, escolhido dentre seus pares, de escolas e universidades, oficialmente reconhecidas pelo MEC ou pela SEE, que mantenham museus em sua estrutura, escolhido dentre seus pares;
c) 1 representante eleito, escolhido dentre seus pares, de Ponto de Cultura que atue nos campos dos museus e memória;
d) 1 representante eleito, escolhido dentre seus pares, de Ponto de Memória; e
e) 6 (seis) representantes eleitos, escolhidos dentre seus pares, por instituições museológicas e de memória das 6 macro-regiões.

§ 1º Nas ausências e impedimentos do coordenador, assumirá o representante da Secult, indicado na forma do inciso II, alínea "d", deste artigo.
§ 2º Os membros indicados para compor o Comitê deverão ser formalizados ao Secretário da Secult, sendo para cada caso apresentado o nome do titular e do respectivo suplente.
§ 3º Nas ausências e impedimentos de membro titular, assumirá o suplente, indicado ou eleito na forma prevista neste Decreto.
§ 4º A eleição dos membros, a que se refere o inciso III, alíneas "a" e "b" deste artigo, deverá ser realizada pelas instituições, por ocasião de assembleia do Fórum, observado que o titular será o representante mais votado e o respectivo suplente o segundo mais votado.
§ 5º O mandato dos membros eleitos será de 2 (dois) anos, permitida uma única recondução.
§ 6º Mediante ato do secretário da Secult, poderão ser fixadas novas regiões para melhor organização do SEM/PB, com renomeação das existentes e relacionadas no inciso III, alínea "a", deste artigo, respeitado o número máximo de 10 (dez) regiões, elevando-se proporcionalmente o número de representantes do Poder Público.
§ 7º A forma de organização e funcionamento do Comitê será regulamentada no regimento interno do SEM/PB.

Art. 11. As deliberações emanadas do Fórum Estadual de Museus e do Comitê Gestor serão encaminhadas ao secretário da Secult, pelo coordenador do SEM/PB, para

demandar as ações cabíveis.

Art. 12. Os representantes que compõem a estrutura do SEM/PB, do Fórum Estadual de Museus e do Comitê Gestor não receberão qualquer tipo de remuneração por sua atuação, sendo o exercício de suas atividades considerado de relevante interesse público.

Art. 13. À Secult cabe prover o apoio técnico, operacional, financeiro e administrativo e outros meios indispensáveis ao pleno cumprimento deste Decreto, na forma da Lei.

Art. 14. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

João Pessoa, (dia) de (mês) de (ano).

Anexo H: Carta da Delegação Setorial da Paraíba para o campo dos Museus e Memórias, reivindicando a criação de políticas públicas para museus na Paraíba.

Ilmo. Sr. Francisco César Gonçalves
Secretário de Estado da Cultura da Paraíba

C/c Sr. José do Nascimento Junior
Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Sr. Secretário,

A delegação setorial da Paraíba para o campo dos Museus e Memórias, eleita na Assembleia Setorial de Museus e Memórias, ocorrida no dia 14 de janeiro de 2010, em João Pessoa, a Rede de Educadores em Museus da Paraíba e os participantes do Conexões Ibram + Paraíba vêm discorrer e requerer o que se segue:

Após amplo debate com a comunidade museal, o Ministério da Cultura lançou, em maio de 2003, a **Política Nacional de Museus – PNM**, que tem como objetivo o desenvolvimento e o aprimoramento das instituições museológicas existentes e o fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país.

Uma das premissas dessa Política é a constituição de uma ampla e diversificada rede de parceiros que, somando esforços, contribuam para a valorização, a preservação e o gerenciamento do patrimônio cultural brasileiro.

Em função disso e para cumprir uma das metas da PNM, foi criado o **Sistema Brasileiro de Museus - SBM**, por meio de Decreto nº 5.264/2004. A criação do SBM veio atender uma demanda do setor museal, pois, além de articular os museus, se apresenta como uma peça fundamental tanto para o desenvolvimento do campo da gestão e configuração do setor museal brasileiro, quanto para o fomento das ações dos museus e condução de políticas públicas em nível nacional para o setor.

A criação da PNM e a atuação do SBM trouxe um novo cenário para o setor museológico no Brasil, sobretudo na abertura de linhas de fomento à qualificação dos museus, democratização do acesso a esses equipamentos culturais, formação e capacitação de profissionais do setor, democratização do processo de debate e implementação de políticas públicas para o campo museológico e criação de um aparato

07/12/2012

recebido
13.12.2012

legal de regulamentação da área, cujo marco é o **Estatuto dos Museus**, instituído pela Lei nº 11.904/2009, e a criação do **Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM**, pela Lei nº 11.906/2009.

Seguindo os passos da PNM e do SBM, muitos Estados também avançaram na implementação de políticas públicas locais voltadas para o campo dos museus, bem como no fortalecimento dos Sistemas Estaduais de Museus ou, até mesmo, na criação desse Sistema nos estados onde ele não existia. Essa iniciativa, inclusive, é amplamente incentivada e apoiada pelo IBRAM, pois é por meio dos Sistemas Estaduais de Museus que as ações da PNM são intensificadas e fortalecidas.

A Paraíba, por sua vez, precisa avançar na gestão das políticas voltadas para o setor museológico. Segundo dados do Cadastro Nacional de Museus, nosso Estado possui 63 museus (cf. IBRAM. *Museus em números*, 2011), espalhados por cidades do litoral ao sertão paraibano. Com algumas exceções, os museus paraibanos sofrem com uma grande carência de qualificação de sua infra-estrutura, com uma gestão administrativo-orçamentária precária ou inexistente e com necessidades de capacitação profissional. Além do mais, excetuando algumas iniciativas recentes, como a criação em nosso estado da Rede de Educadores em Museus da Paraíba – REM/PB, os museus do Estado atuam de forma desarticulada e sem uma orientação técnica e político-administrativa.

O debate em torno da criação de um Sistema Estadual de Museus da Paraíba já tem ocorrido em vários encontros, dentre os quais podemos destacar a oficina "Implantação de Sistemas de Museus", oferecida pelo IBRAM, em parceria com a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan/PB e com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – Iphaep, nos dias 7, 8 e 9 de outubro de 2008. Esta oficina reuniu aproximadamente 30 profissionais de diferentes cidades, quando os participantes debateram o tema e apresentaram uma proposta de criação do Sistema Estadual de Museus da Paraíba.

Cumpre frisar, ainda, que na Pré-Conferência Setorial de Museus e Memórias, ocorrida nos dias 26 a 28 de fevereiro de 2010, no Rio de Janeiro, a delegação da Paraíba apresentou para o debate, dentro do grupo de trabalho que discutiu o Eixo "Gestão e Institucionalidade da Cultura", a seguinte diretriz: "Fortalecer os Sistemas e Redes de Museus existentes nos estados e municípios, bem como incentivar a criação de outros, reconhecendo-os como instâncias definidoras de diretrizes para a área". Essa diretriz foi amplamente aceita e encaminhada como uma das três diretrizes

do referido grupo, tornando-se, posteriormente, estratégia da diretriz nº 5 - "Fortalecer as políticas públicas para museus no âmbito municipal, estadual e distrital" - do Eixo V do Plano Nacional Setorial de Museus.

Nessa perspectiva e entendendo ser de extrema importância para a gestão do campo museológico em nosso Estado e para a articulação dos museus paraibanos entre si e com o Sistema Brasileiro de Museus, a delegação setorial da Paraíba para o campo dos Museus e Memórias, representantes da REM-PB e os participantes do Conexões Ibram + Paraíba vêm **reivindicar a criação do Sistema Estadual de Museus da Paraíba**, colocando-se à disposição para debater o assunto.

Como proposta, sinalizamos a realização de um encontro específico, no âmbito do Estado da Paraíba, ainda no primeiro semestre de 2013, com vistas a debater a criação do Sistema Estadual de Museus da Paraíba e a implementação de uma política local para a área, com a participação dos profissionais de museus, pesquisadores, universidades e demais interessados no tema, com representatividade de todas as regiões do Estado.

João Pessoa, 7 de dezembro de 2012.

1) Sandra Valéria F. de Santana (Delegada Setorial de PB / Coord. da REM-PB)
2) Fabiana de Almeida Araújo (Vice-coord. da REM-PB)
3) Karlene Roberto Braga de Medeiros - Delegada Setorial da Paraíba - Suplente / Conselheira da REM-PB / Mestranda do PPGCI/UFPB
4) José WAGNER DE OLIVEIRA OCA DA PIÁ ARQUIVO
5) [illegible] Jorge Vieira de Souza { Rem-Pb / Casa de cultura Cumbraman / Artista e agente de cultura
6) José Maria Bezerra Filho - IPHAN-PB
7) Joselle Andrade Souza Gallindo (MAC)
8) (Alan Antônio [illegible] de Le.

9- Nanci Vieira Fernandes Santos - Museu do Patrimônio Núcleo de J. Pessoa / Justiça Eleitoral.

10. Marluce de Almeida - MAC-UFPB Campina Grande

11. Carla Gisele Macedo S. M. Moraes IPHAN-PB

12. Átila B. Tolentino - Delegado Setorial de Museus e Memórias, membro da REM/PB e técnico do Iphan/PB

13. Renata Lopes de Santana. Estudante do curso de Letras Portuguêsa na UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e estudante do curso de Arquivologia da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba); Estagiária do IPHAN-PB.

14- Gilliard Pereira do Nascimento (Museus do oratório Itatuba e museu de Itatuba.

15- CARLOS MILTON RODRIGUES (ENERGISA-PB)

16- Camila Geraldy Xavier Rodrigues dos Santos Secretaria de Estado da Cultura

17- Hubert Claude ARVET-THOUVET Salon d'Automne Nordeste Paraíba

18- MARIA IDA STEIN MULLER (INSTITUTO HISTÓRICO DE CAMPINA GRANDE - PRESIDENTE)

19- MARCÍLIO DE ANDRADE BARROS (AUDITORIA)

20- Maíra Dias - NAC-UFPB, membro da REM-PB, museóloga

21 - Deonira Marques do SO → Profa Hist. Pilões - Pb

22. Maria Gorete Olímpio dos Santos GT-Pilões-PB

23- Maria Baviane Celestino da Silva Batista → GT - Pilões - PB

24 - Jaciara Denise Bento de Souza pelo GT. Pilões - PB

25 - Jailson da Silva Cardoso GT-Pilões-PB.

26- Rebeca Oliveira Sousa

27- Jaulen de Andrade Silva

28- Jani Christi de F. Gomes

Anexo I: Carta de Regina Mota enumerando as ações do IPHAEP no setor museológico.

Belo Horizonte, 25 de Janeiro de 2013.

Prezada karlene,

Estou em Minas Gerais prestando consultoria técnica ao Museu de Artes e Ofícios e por isso tentei organizar algumas informações referentes á minha gestão, como Diretora Executiva, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba – IPHAEP, que ocorreu no período de 2005 a 2008.

Bom, no que se refere á riqueza e diversidade do patrimônio cultural paraibano, ele é constituído de bens naturais (reservas ambientais, rios, praias, sítios arqueológicos e paleontológicos, parques e paisagens), bens culturais móveis (manuscritos e impressos, desenhos, gravuras, pinturas, esculturas, mobiliários, objetos litúrgicos, indumentárias), bens imóveis (igrejas, conventos, engenhos, casarios), integrados (altares, tribunas, púlpitos, sanefas, forros, gradis, balaústres) e bens imateriais (festas, folguedos, danças, tecnologias rurais, culinárias, outras manifestações culturais etc.), todos de valor imensurável.

Neste contexto, o IPHAEP preocupado em manter viva a memória paraibana e brasileira vem desde a sua criação, envidando vários esforços, nos sentido de viabilizar projetos de preservação cultural que resgatem de maneira pró-ativa sua história.

Em março de 2005, quando assumimos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, elaboramos e iniciamos a implantação ***da Política de Preservação do Patrimônio Cultural Material e Imaterial do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Paraíba-IPHAEP.***

Parte relevante da referida Política era a ***Política Estadual de Preservação Museológica***, quando pela primeira vez o IPHAEP contratou uma especialista em Museologia. Os principais eixos de atuação da Política Estadual de Preservação Museológica eram:

- A Implantação do cadastro das unidades museísticas do Estado da Paraíba.
- Capacitação e Formação de quadros técnicos para atuação em museus, arquivos e bibliotecas.
- A Elaboração da proposta preliminar do Sistema Estadual de Museus Paraibanos a ser discutido com o seguimento museológico no início de 2008.

- A restruturação de museus existentes e a criação de novas instituições museísticas no Estado da Paraíba:

- A Elaboração e implantação do Museu da Cidade de João Pessoa- Parahyba, instituição gestora da referida política:

No contexto de concepção e implantação do Projeto do Museu da Cidade, realizamos uma parceria com a Universidade Federal da Paraíba - UFPB e com a Agencia Espanhola de Cooperação Internacional – AECI, sobretudo para o desenvolvimento do inventário para a formação do núcleo documental material e imaterial, bem como para a gestão cultural do museu. Para isso, a equipe técnica do Projeto foi capacitada por especialistas espanhóis do Museu da América de Madrid – ES e da Universidade Federal de Barcelona- ES. E

Como parte do Projeto de Gestão Cultural do Museu da Cidade foi concebido e implantado o observatório com a participação de instituições gestoras do patrimônio cultural e com os representantes das instituições museológicas do Estado da Paraíba.

- A elaboração do Projeto Construção da nova Sede e Reestruturação do Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC/UEPB:

Ação piloto da Política Estadual de Preservação Museológica no que se refere á reestruturação de museus existentes na Paraíba, com vistas à preservação e disseminação de um dos mais importantes museus de artes plásticas do país e significativo patrimônio artístico e cultural paraibano e brasileiro.

Finalmente ressaltamos que, em 14 de dezembro de 2007 aprovamos o ***Projeto Implantação da Política de Preservação do Patrimônio Cultural Material e Imaterial do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Paraíba-IPHAEP***, inscrito no Pronac sob o nº 061281, uma captação de recursos para o IPHAEP, nunca vista no seu curso histórico.

Oficio nº 0078/CONPEC/IPHAEP

Em 06 de setembro de 2006. Encaminhamos á Sra. Silvia Cunha Lima, Coordenadora Geral do Projeto do Museu da Cidade de João Pessoa –Parahyba informações sobre o Processo **0093/2006/IPHAEP** para conhecimento da deliberação nº. 0061/2006, do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais – CONPEC, da sessão realizada em 6/9/2006, que trata da **aprovação** do Projeto do Museu da Cidade – João Pessoa - Parahyba, situado na Praça da Independência, 92, Centro, João Pessoa/PB.

Em 25 de janeiro de 2008, encaminhei ao Senhor Átila Tolentino, Gerente de Gestão Museológica Departamento de Museus e Centros Culturais - DEMU/IPHAN a relação das oficinas de capacitação para profissionais de museus e instituições culturais paraibanas.

Implantação de Sistemas de Museus – O fato de estarmos implantando o Museu da Cidade de João Pessoa-Parayba (Projeto Piloto da Implantação do Sistema Estadual de Museus) em parceria com o Ministério da Cultura, Ministério do Turismo e Governo da Espanha através da Agencia espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento_AECID, nos fez optar pela execução da oficina para colaboração no processo de implantação do nosso Sistema Estadual de Museus.

Certos de poder contar com a compreensão de Vossa Senhoria, esclarecemos que os nossos argumentos estão amparados nas necessidades locais, preenchendo lagunas de extrema importância para que tenhamos êxito na Implantação do nosso **Sistema Estadual de Museus**.

Bom, sei que o trabalho foi muito, e nesse curto espaço de tempo não tenho condições de falar de tudo, mas se quizer pode consultar os relatórios técnicos da minha gestão no IPHAEP.

Atenciosamente,

Regina Mota Rocha

Coordenadora de Museologia do Museu de Artes e Ofícios.

Anexo J: Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências da Saúde - aprovando a pesquisa Descortinando os bastidores: o olhar dos usuários internos dos museus paraibanos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESCORTINANDO OS BASTIDORES: o olhar dos usuários internos dos museus paraibanos

Pesquisador: KARLENE ROBERTO BRAGA DE MEDEIROS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08525612.2.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciência da Saúde

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 156.681

Data da Relatoria: 27/11/2012

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, nível de mestrado, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial de qualificação. Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade - Linha de pesquisa: Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a concepção de museu sob a ótica dos 'usuários internos' dessas instituições-memórias no Estado da Paraíba, especificamente os
membros ativos da REM/PB.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não existem riscos. Benefícios: proporcionar visibilidade científica ao analisar as concepções do 'usuário interno' dos museus paraibanos, consideramos como o principal
benefício desta pesquisa o enriquecimento da construção da definição de museu com as colocações de quem os projeta, o sujeito ativo que convive

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo exploratório a ser realizado nos Museus no Estado da Paraíba

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atendidos

Recomendações:

-Requisitos atendidos

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

JOAO PESSOA, 28 de Novembro de 2012

Assinador por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Comunicação museológica: a importância dos estudos sobre os receptores visitantes. In: SEMINÁRIOS DE CAPACITAÇÃO MUSEOLÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Indicações**. In: _____. A rosa do povo. 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 179-181.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos. Comunicação Oral. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ENANCIB, 9., 2008. Disponível em: <http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1895.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

_____. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 38, n.3, p. 192-204, set./dez., 2009.

_____. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Inf. Inf.,** Londrina, v. 15, n. 2, p. 23 - 39, jul./dez. 2010.

_____. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade;** Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, jan./abr. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petropólis: Vozes, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos).

BRASIL. Ministério da Cultura. **Programa Mais Cultura**. 2007. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:DcsbDRuaN2UJ:www.cultura.gov.br/upload/Programa%2520Mais%2520Cultura_1191616644.ppt+&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESgs5mtbjVDu_QEEmhuQCG8Vd3RnlKXJJnMfX3L0fkueNjLyvcun6Gx0uiLaQjGol_8qD0drsHv6udRaIoJBc6B2TlNBfio9xoDb0R6Ar-nlJ3J5ufI90gA6A6mNx157gR2MEEvB&sig=AHIEtbR66yXZ4lB3mdDFX2NE0WABQ6gHqA&pli=1>. Acesso em: 08 mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. Departamento de Museus e Centros Culturais. **Política nacional de museus: relatório de gestão 2003-2006**. Brasília, 2006. 144 p.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011a. 2 v.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Guia dos museus brasileiros**. Brasília: IBRAM, 2011b.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte:** os museus de arte na Europa e seu público. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. São Paulo: Universitária USP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science,** [s.l.], v. 42, n. 5, p. 351–360. doi: 10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5<351::AID-ASI5>3.0.CO;2-3. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C351::AID-ASI5%3E3.0.CO;2-3/pdf> . Acesso em: 13 nov. 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **Memórias clandestinas e sua museificação:** uma prospecção sobre institucionalização e agregação. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2002.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 10 mar. 2012.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. **Exposição em museus e público: o processo de comunicação e transferência da informação.** In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida (Orgs.) Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu e Imagem. Rio de Janeiro/Brasília, IBICT/DEP/DDI, 2000.

_____. **A relação do museu com o público do seu jardim:** a contribuição dos estudos de público. 2009. Disponível em: <http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/handle/123456789/526>. Acesso em: 10 mar. 2012.

_____. **Exposição em museus e público:** o processo de comunicação e transferência da informação. 1998. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, UFRJ, ECO, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **As transformações da relação museu e público:** a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual. Rio de Janeiro: Universitária UFRJ, 2005. p. 127- 148.

CATOIRA, Thaís. **Informação e arte:** memórias e representações do acervo do Núcleo de Arte Contemporânea na Paraíba. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFPB, João Pessoa, 2012

CHAUMIER, Serge; MAIRESSE, François. Profession. In: _____.; _____. **Dictionaire Encyclopédique de Muséologie.** Paris: Armand Colin, 2011. p. 473-496.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis:

Vozes, 2008.

CHOO, ChunWei. Como ficamos sabendo: um modelo de uso da informação. In:_____. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significados, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003. Cap. 2, p.63-120.

COSTA, Luciana Ferreira da; SILVA, Alan Curcino Pedreira da; RAMALHO, Francisca Arruda. (Re)visitando os estudos de usuário: entre a "tradição" e o "alternativo. **DataGramaZero;** Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4 ago. 2009.

CRONIN, Blaise. The sociological turn in information science. **Journal of Information Science,** [s.l.], 2008. Disponível em: <http://jis.sagepub.com/cgi/content/refs/34/4/465>. Acesso em: 10 mar. 2012

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologias para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. **R. Biblioteconomia,** Brasília, v. 10, n., 2, p. 5- 19, jul./dez. 1982.

CUNHA, Murilo Bastos da; BAPTISTA, Sofia Galvão. Estudos de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação,** v. 12, n. 2, p. 168-184, maio/ago. 2007.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciências, Saúde,** Rio de Janeiro, v. 12, p. 365-80, 2005. (suplemento). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/18.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2012.

DERVIN, Brenda. Sense making theory and practice: a overview of users interests in knowledge seeking and use. **Journal of Knowledge Management.** [s.l.], v. 2, n. 2, dec, 1998.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.

FERNANDES, Wertevan. **A força do clientelismo**. João Pessoa: Universitária UFPB, 2006.

FERNÁNDEZ, Luís Alonso. **Museología y Museografía**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2006.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação,** Brasília, v. 25, n. 2, 1995.

FIGUEIREDO, Nice. **Paradigmas modernos da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis; APB, 1999.

FIGURELLI, Gabriela. **O público esquecido pelo serviço educativo:** estudo de caso sobre um programa educativo direcionado aos funcionários de museu. 2010. Dissertação (Mestrado em Museologia)–Faculdade de Arquitetura, Urbanismo, Geografia e Artes, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2010.

FIGURELLI , Gabriela. Trabalhadores de Museus: o público esquecido pelos serviços educativos. **Revista Eletrônica Educa Museu,** [s. l.], n. 1, ano 1, ago. 2011

FLICK, Uwe**. Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artemed, 2009.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa-PB. João Pessoa: UFPB, 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)–Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora Ltda, 2007.

FROHMANN, Bernd. The power of images: a discourse analysis of the cognitive viewpoint. **Journal of Documentation,** [s.l.], v. 48, n. 4, p. 365-286, 1992.

GAMA E MELO, Virginius**. Presença do Conselho**. In: PARAÍBA. Secretaria da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Paraíba cultural VII.** João Pessoa: Universitária UFPB, [20?]

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? In: _____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2010. p. 25-69.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. **La museology - histoire, développements, enjeux actuels.** 3. ed. Paris: Armand Colin, 2010.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Aprender a Cultura. In: GOMES, Ana Maria Rabelo (org.). **Seminário de Ação Educativa, Cultura e Educação:** parceria que faz história. Belo Horizonte: Mazza Edições; Instituto Cultural Flávio Gutierrez; MAO, 2007.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: _____. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicas e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice; Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HILL, Andrew. HILL, Manuela Magalhães. **A construção de um questionário**. [s. l.]: Dinâmia; FCT, 1998.

HJØRLAND, Birger. Epistemology and the Socio-Cognitive Perspective in Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology,** [s.l.], v. 53, n. 4, 257-270, 2003.

HOOPER-GREENHILL, Eilean**. Museums and their visitors.** London; New York: Routledge, 1994.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). **Como gerir um museu:** manual prático. Paris, 2004.

ICOM (Conselho Internacional de Museus - Brasil). **Código de Ética do ICOM**. 2009. [documento eletrônico]. Disponível em: <http://www.icom.org.br/sub.cfm?subicom=icom3&canal=icom>. Acesso em: 12 nov. 2012.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. **Caderno de Diretrizes Museológicas.** 2. ed. Brasília; Belo Horizonte, 2006.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão? a construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. **Museologia & Interdisciplinaridade;** Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, v. 1, n. 1, p. 209-235. jan./jul. 2012.

LARA FILHO, Durval de. Museu, objeto e informação. **TransInformação,** Campinas, v. 21, n. 2, p. 163-169, maio/ago., 2009.

LEAL, Wills**.** Instituições Culturais Paraibanas. In: PARAÍBA. Secretaria da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Paraíba Cultural.** João Pessoa: Universitária UFPB, [20?]. p 32-45.

LEAL, Wills. Os dez anos do Conselho ou a luta eterna entre o verbo e as verbas. In: PARAÍBA. Secretaria da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Paraíba cultural VII.** João Pessoa: A União Cia. Editora, [20?] . p. 5-18.

LE GOFF, Jacques. **Memória.** Enciclopédia Einaudi. v.1. Memória- História, 1984. Disponível em: <http://jmir3.no.sapo.pt/Ebook2/Jacques.Le.Goff_Memoria.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2012.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Labirinto de paradoxos: informação, museu e alienação. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida (Orgs.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu e Imagem.** Rio de Janeiro; Brasília: IBICT; DEP; DDI, 2000. p. 91-103.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. SOUZA, Daniel Maurício Viana de. Possibilidades de contribuição do olhar foucaultiano para a reflexão sobre as construções de memória a partir dos museus de ciência. In: SEMEDO, Alice; NASCIMENTO, Elisa Noronha. **Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola.** Porto: Universidade do Porto, 2009. p. 175-185.

MAIRESSE, François. Public. In: _____. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011, p.497-526.

_____. Musée. In: _____. **Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011, p. 271-320.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTELETO, Regina Maria. Cultura, Educação, Distribuição social dos bens simbólicos e Excedente lnformacional. **Informare;** Cadernos do Prog. Pós-Grad. Ci. Inf, Rio de Janeiro, v. l, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/224/1/MarteletoInformare1995.pdf>. Acesso em: 10

mar. 2012.

MEDEIROS BRAGA, Luzimar. **Cordel a Paulo Freire**. [s.l.]: [s.n.], 2010

MEDEIROS, José Washington de Morais. Política cultural na Paraíba: reveses da sorte, brochura desatada ou clivagem ad hoc: em busca do elo perdido. In: ARAÚJO, Walquíria Toledo (org.). **Cultura Local:** discursos e práticas. João Pessoa, Universitária UFPB, 2000. p. 49-72.

MINAYO, M. C. S. Quantitativo-Qualitativo ou Complementaridade? **Caderno Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, Jul./set. 1993.

_____. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Pesquisa social.** 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, M. C. S. et al (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos.** Rio de Janeiro: FIOCruz, 2005.

MURGUIA, Eduardo Ismael. **Memória:** um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta, 2010. 136 p.

MARTINS, Clerton. Patrimônio Cultural e Identidade: significado e Sentido do Lugar Turístico. In: MARTINS, Clerton (Org). **Patrimônio Cultural:** da Memória ao Sentido do Lugar. São Paulo: Roca, 2006.

NASCIMENTO JÚNIOR, José do; CHAGAS, Mário. Museus e Política: apontamentos de uma cartografia. In: BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. **Caderno de Diretrizes Museológicas.** 2. ed. Brasília; Belo Horizonte, 2006.

NEVES, Margarida de Souza. O artesanato da memória: Luís Câmara Cascudo e a narrativa autobiográfica. In: Passeggi, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (orgs.). **Narrativas de formação e saberes biográficos.** Natal: Universitária UFRN, 2008. p. 59-74.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História;** Revista do Programa de Estudos de Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Tradução de Yara Aun Khoury. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2012.

NUÑEZ PAULA, Israel A. Usos y definiciones de los términos relativos alos usuários o clientes. **Revista Interamericana,** Medellin, v. 23, p. 107-121, 2000.

OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS. **Caderno de Campo Procedimentos para a realização da pesquisa**. 2009

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Conversas sobre normalização de trabalhos acadêmicos**. João Pessoa: Universitária UFPB, 2007.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de.; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, Ingrid; SEVERO, Ione (orgs.). **Cultura Popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Universitária UFPB, 2007. p. 27-51.

OTLET, P. **Traité de documentation:** le livre sur le livre, théorie et pratique. Bruxelles: Editiones Mundaneum; Palais Mondial, 1934.

PARAÍBA. Divisão de Economia e Planejamento. Compania de Industrialização do Estado da Paraíba (CINEP). **Manual de Dados Básicos do Estado da Paraíba - 1976**. João Pessoa, 1975.

PARAÍBA. Divisão de Economia e Planejamento. Compania de Industrialização do Estado da Paraíba (CINEP). **Manual de Dados Básicos - Paraíba**. João Pessoa, 1980.

PINHEIRO, Marcos José de Araújo. **Museus, memória e esquecimento:** um projeto da modernidade. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

PIRES, Álvaro, P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean et al (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008.

PONTE, Vera Maria Rodrigues, et al. **Análise das metodologias e técnicas de pesquisas adotadas nos estudos brasileiros sobre balanced scorecard:** um estudo dos artigos publicados no período de 1999 a 2006. In: CONGRESSO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS (ANPCONT), 1., 2007. **Anais eletrônicos...** Gramado, 2007. Disponível em: <http://www.furb.br/congressocont/_files/EPC%20079.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2012.

POPPER, K.R. **Conjectures and refutations:** the growth of scientific knowledge.4. ed. rev. New York: Basic Books, 1972.

POULOT, Dominique. **Musée et muséologie**. Paris: Éditions La Découverte, 2012.

PRIMO, Judite Santos. **Pensar contenporaneamente a Museologia**. **Cadernos de Sociomuseologia;** Museologia: Teoria e Prática, [s.l.], n. 16, p. 5-38, 1999.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain François [et al.]. Campinas, SP: Universitária Unicamp, 2007.

ROCHA, Maria Rosa González. **Museus e voluntariado, desenvolvimento pessoal e comunitário**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão:** Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SCHNECKENBURGER, Manfred et al. **Arte del siglo XX.** India: Taschen GmbH, 2005. v. 2.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTANA, Sandra Valeria Félix de. **Relatório de Atividades**. Cadastro Nacional de Museus; Instituto Brasileiro de Museus; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, João Pessoa, 2010. [Relatório técnico] [Documento impresso].

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. **Cidade, habitus e Cotidiano familiar**. João Pessoa: Universitária UFPB, 2000.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **A preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil**. Rio de Janeiro: AAB; FAPERJ, 2008.

SILVA, Walberto Barbosa da. **A pedagogia dialógica de Paulo Freire e as contribuições da programação neurolinguística**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert06/Walberto%20Barbosa/Disserta%E7%E3o%20de%20Walberto%20Barbosa.pdf Acesso em 10 de janeiro de 2012>. Acesso em: 10 mar. 2012.

SOUZA, Edinilsa Ramos de et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M. C. S. et al. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos.** Rio de Janeiro: FIOCruz, 2005. (correta). Lembre-se que deve ser trocada no corpo do texto.

YANEZ, Francisco Marquez. **Notas sobre Museologia**. p. 166-176. Disponível em: <http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user/digitalizados/rev_folklore_8_1963_art12.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2012.

ZINS**,** Chaim. Conceptions of Information Science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology,** [s. l.], v. 58, n. 3, p. 335-350, 2007.

SITES

http://www.icom.org.br/

http://www.fiocruz.br/omcc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm

http://www.fundacaofurne.org.br/portal/?pg=artigo&idmenu=219

http://fnm.museus.gov.br/sobre-o-5o-fnm/

http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=35

http://www.museus.gov.br/noticias/rede-de-educadores-em-museus-se-reune-no-museu-solar-monjardim/

http://www.paraiba.pb.gov.br/42927/conselho-estadual-de-cultura-realiza-primeira-reuniao-do-ano.html

http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12810&retorno=paginaIphan

http://www.rem.org.br

http://www.rembr.blogspot.com.br/

http://remparaiba.blogspot.com.br/

http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet